

# **Jardineiros-Botânicos em Lisboa (1764-1919)**

## **Contributos para a história dos seus jardins**

**Pedro Santiago Cal**

Dissertação para a obtenção do Grau de Mestre em  
**Arquitectura Paisagista**

Orientadoras: Doutora Ana Luísa Brito dos Santos de Sousa Soares  
Doutora Teresa Dulce Portela Marques

**Júri:**

Presidente: Doutor Pedro Miguel Ramos Arsénio, Professor Auxiliar do Instituto Superior de Agronomia da Universidade de Lisboa

Vogais: Engenheira Maria Dalila Paula Silva Lourenço do Espírito Santo, Investigadora Coordenadora do Instituto Superior de Agronomia da Universidade de Lisboa  
Doutora Teresa Dulce Portela Marques, Professora Auxiliar da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto



## AGRADECIMENTOS

Esta dissertação é o culminar de um percurso que iniciei no verão de 2016 quando me decidi a ser jardineiro e encontrei no Jardim Botânico da Ajuda um lugar para começar.

Desde então são muitas as pessoas a quem não posso deixar de manifestar o meu mais sincero agradecimento.

Pelo princípio: à Eng. Dalila Espírito Santo que me proporcionou dois anos no JBA e me introduziu ao mundo da Botânica e a todos os trabalhadores do JBA em especial ao Nuno Pereira, o meu primeiro jardineiro-chefe, que me apresentou à arte da jardinagem.

Depois, aos formadores e colegas no curso de Técnico de Jardinagem e Espaços Verdes que fiz no IEFP; um especial agradecimento aos formadores e formadoras Eunice Afonso, Isabel de Matos, Maria João Goucha, Paulo Ramalho e Rute Caraça.

Agradeço também a todos os meus professores e professoras do curso de mestrado em Arquitectura Paisagista do ISA: Adriana Veríssimo Serrão, Ana Luísa Soares, Ana Maria Novais, Ana Paula Ramos, Cristina Castelo-Branco, Francisco Rego, Inês Duarte, Luís Paulo Ribeiro, Maria do Rosário Cameiro, Maria João Canadas, Maria Matos Silva, Miguel Costa, Miguel Navas Cândido, Pedro Arsénio, Selma Pena, Sónia Talhé Azambuja, Teresa Afonso do Paço e Vanda Acácio. Também a todos os meus colegas de turma um obrigado e à Laura um muito obrigado particular.

O apoio, paciência e cumplicidade de amigos muito ajudaram a este ano de 2020. Um imenso obrigado à Sara, ao Carlos, ao Francisco, ao Carlos, à Olga, ao Jaime, à Mafalda, ao Bruno, ao Luís, ao Jacob, ao Alberto e ao Cáca. Quero também agradecer a amigos que, geograficamente mais distantes, tornaram este ano mais fácil: Jinhwa Choi, Ng Chye Soon, Faiz Mohd Hassan, Khachonsak Naruehai, Scha Sama e Baron Keith Simpson.

À minha família: ao Filipe, ao João, à Eliana, à Zita, à madrinha, à Rita, ao Miguel, à Mariana, ao Dudu e à Sara; e em especial à minha mãe pela inspiração e ao meu pai pelo apoio incondicional.

Para este trabalho foram fundamentais a generosidade e partilha de saber das minhas orientadoras Professora Ana Luísa Soares e Professora Teresa Marques, cujas sugestões, comentários e correcções foram essenciais.

Dedico esta dissertação a Somphorn Boupha (1983-2019).

## RESUMO

A presente dissertação de mestrado tem como objectivo contribuir para um conhecimento mais actual sobre um conjunto de jardineiros que, entre a reconstrução de Lisboa após o terramoto de 1755 e as primeiras décadas do século XX, trabalharam nos jardins da capital contratados por privados, estabelecimentos botânicos, casa real e câmara municipal. Eram grandes conhecedores de plantas e do seu cultivo, detentores de sólidos conhecimentos botânicos e de jardinagem e foram os responsáveis pela aplicação de um novo modelo florístico, caracterizado pela introdução e aclimação de uma nova flora exótica que transformou, até aos nossos dias, a paisagem de Lisboa.

Foram estudados catorze jardineiros-botânicos, na sua maioria estrangeiros: Domenico Vandelli, Félix de Avelar Brotero, John Rosenfelder, Fernando de Saxe-Coburgo-Gotha, Jean-Baptiste Bonnard, João Francisco da Silva, Friedrich Welwitsch, Pierre Maurier, Jacob Weiss, Edmond Goeze, Jules Daveau, Ernest Pissard, Henri Cayeux e Henri Navel. Estes jardineiros-botânicos participaram na construção, plantação, renovação e conservação de quintas, parques, passeios e jardins, contribuindo de forma inequívoca para um valioso património botânico que, através de uma flora universal, transformou a imagem de Lisboa.

**PALAVRAS-CHAVE:** jardineiro-botânico, jardins históricos de Lisboa, aclimação de vegetação exótica, Botânica e horticultura, arte dos jardins.

## ABSTRACT

The present master's dissertation aims to contribute to a more current knowledge about a series of gardeners who, between the reconstruction of Lisbon after the 1755 earthquake and the first decades of the 20<sup>th</sup> century, worked at the capital's gardens, hired by private proprietors, botanical establishments, portuguese royal family and Lisbon municipality. They were expert in plants and their cultivation, holders of solid botanical and gardening acuirements and they were responsible for the application of a new floristic model, characterized by the introduction and acclimatization of a new exotic flora that has transformed, until today, the Lisbon's landscape. Fourteen botanic-gardens were studied, mostly not portuguese: Domenico Vandelli, Félix de Avelar Brotero, John Rosenfelder, Fernando de Saxe-Coburgo-Gotha, Jean-Baptiste Bonnard, João Francisco da Silva, Friedrich Welwitsch, Pierre Maurier, Jacob Weiss, Edmond Goeze, Jules Daveau, Ernest Pissard, Henri Cayeux and Henri Navel. These botanic-gardeners were engaged in the construction, plantation, renovation and conservation of farms, parks and gardens, contributing unequivocally for a valuable botanical heritage that, through an universal flora, changed the image of Lisbon.

**KEY WORDS:** botanic-gardener, Lisbon historical gardens, acclimatization of exotic vegetation, Botany and horticulture, gardening.

## ÍNDICE

Agradecimentos	3
Resumo	4
Abstract	5
Índice	6
Lista de Figuras e Quadros	8
Lista de Siglas e Abreviaturas	13
INTRODUÇÃO	14
<b>CAPÍTULO 1. OBJECTIVOS, METODOLOGIA E CASOS DE ESTUDO</b>	15
1.1. Tema e Objectivos	15
1.2. Revisão Bibliográfica	16
1.3. Âmbito da Pesquisa	17
Intervalo Temporal	17
Jardineiros Estudados	17
Terminologia	18
<b>CAPÍTULO 2. CONTEXTUALIZAÇÃO SOCIO-POLÍTICA E EVOLUÇÃO DOS JARDINS DE LISBOA</b>	19
2.1. Reconstrução de Lisboa e Reformas de Ensino (1755-1807)	19
2.2. Invasões Francesas e Guerras Liberais (1807-1834)	22
2.3. Liberalismo (1834-1851)	23
2.4. Regeneração e Fontismo (1851-1889)	26
2.5. Republicanismo e Crise da Monarquia Constitucional (1890-1910)	28

<b>CAPÍTULO 3. JARDINEIROS-BOTÂNICOS</b>	<b>31</b>
3.1. Domenico Vandelli	31
3.2. Félix de Avelar Brotero	38
3.3. John Rosenfelder	43
3.4. Fernando de Saxe-Coburgo-Gotha	46
3.5. Jean-Baptiste Bonnard	52
3.6. Friedrich Welwitsch	56
3.7. Pierre Maurier	60
3.8. Jacob Weiss	63
3.9. João Francisco da Silva	66
3.10. Edmond Goeze	69
3.11. Jules Daveau	73
3.12. Ernest Pissard	77
3.13. Henri Cayeux	80
3.14. Henri Navel	83
3.15. Quadros-Síntese sobre os Jardineiros-Botânicos	87
<b>CAPÍTULO 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>92</b>
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS . POR JARDINEIRO-BOTÂNICO	94
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS . GERAL	103
ÍNDICE REMISSIVO (PESSOAS, SÍTIOS, VEGETAÇÃO)	111

## LISTA DE FIGURAS E QUADROS

### CAPÍTULO 2. CONTEXTUALIZAÇÃO

**Figura 1: Plano Geral da Cidade de Lisboa em 1785.** Francisco D. Milcent. Gravura, dim.: 450 x 330 mm. Em Museu de Lisboa. [Internet] Disponível em <<http://www.museudelisboa.pt/pecas/detalhe/news/plano-geral-da-cidade-de-lisboa-em-1785.html>>. **p.19.**

**Figura 2: Carta topográfica de Lisboa e seus subúrbios** (pormenor da zona de Belém e Ajuda). Levantada em 1807 sob a direcção de Duarte José Fava. Em BNP. [Internet] Disponível em <<http://purl.pt/21796>>. **p.20.**

**Figura 3: Plano da Cidade de Lisboa, c. 1833.** Desenho de W. B. Clarke. Em BNP. [Internet] Disponível em <<http://catalogo.bnportugal.gov.pt/ipac20/ipac.jsp?profile=bn&source=~!bnp&view=subscriptionssummary&uri=full=3100024~!279483~!2&ri=1&aspect=subtab13&menu=search&ipp=20&spp=20&staffonly=&term=lus%C2%ADadas&index=.TW&uindex=&aspect=subtab13&menu=search&ri=1>>. **p.24.**

**Figura 4: Carta Topográfica da Cidade de Lisboa elaborada por Filipe Folque**, a partir de levantamento em 1856 a 1858. Publicada em 1871. A vermelho: “1882. Esta carta indica os melhoramentos posteriores a executar no futuro”. Em BNP. [Internet] Disponível em <<http://purl.pt/3525>>. **p.28.**

**Figura 5: Planta de Lisboa com as Novas Avenidas Construídas e Projectadas: Brinde de "O Século", c. 1909.** A Editora. Planta a cor, 58,70x79,50 cm, em folha de 64,00x82,70 cm, dobrado e inserido em capa de cartão. Em BNP. [Internet] Disponível em <<http://purl.pt/6688>>. **p.30.**

### CAPÍTULO 3. JARDINEIROS-BOTÂNICOS

VANDELLI (3.1)

**Figura 6: Planta do Jardim Botânico da Ajuda, elaborada por Teresa Chambel e Ana Luísa Soares, a partir da planta original setecentista, 1995.** Em Instituto Superior de Agronomia. [Internet] Disponível em <<https://www.isa.ulisboa.pt/jba/apresentacao/historia-do-jba>>. **p.33.**

**Figura 7: *Dracaena Draco* (L.) L., em *Dissertatio de Arbore Draconis seu Dracaena*, Vandelli, 1771.** *Dominici Vandellii Philosophi Ac Medici Regii Botanices Professoris, Regiae Scientiarum Academiae Upsalensis, Florentinae... Dissertatio De Arbore Draconis, Seu Dracaena. Accessit Dissertatio De Studio Historiae Naturalis Necessario In Medicina, Oeconomia, Agricultura, Artibus & Commercio.* Em BNP. [Internet] Disponível em <[http://catalogo.bnportugal.pt/ipac20/ipac.jsp?session=160777C9TD251.47006&profile=bn&source=~!bnp&view=subscriptionssummary&uri=full=3100024~!1239458~!30&ri=7&aspect=basic\\_search&menu=search&ipp=20&spp=20&staffonly=&term=vandelli&index=.GW&uindex=&aspect=basic\\_search&menu=search&ri=7](http://catalogo.bnportugal.pt/ipac20/ipac.jsp?session=160777C9TD251.47006&profile=bn&source=~!bnp&view=subscriptionssummary&uri=full=3100024~!1239458~!30&ri=7&aspect=basic_search&menu=search&ipp=20&spp=20&staffonly=&term=vandelli&index=.GW&uindex=&aspect=basic_search&menu=search&ri=7)>. **p.33.**

**Figura 8: 1º projecto para o Jardim Botânico de Coimbra, 1773.** Desenho, s.a. Em Jardim Botânico da Universidade de Coimbra. [Internet] Disponível em <[https://www.uc.pt/jardimbotanico/O\\_Jardim\\_Botanico\\_da\\_UC](https://www.uc.pt/jardimbotanico/O_Jardim_Botanico_da_UC)>. **p.34.**

**Figura 9: Plano do Orto Botânico de Padova, séc. XVI.** Desenho de **Girolamo Porro. 16th-century map of the Botanical garden of Padua.** [Internet] Disponível em <<https://www.atlasobscura.com/articles/world-s-oldest-botanical-gardens>>. **p.34.**

**Figura 10: Possível imagem de Vandelli em prato de cerâmica da sua fábrica, s.d.** Pensa-se ser a única imagem disponível de Vandelli. Acervo do Museu Machado Castro, Coimbra. [Internet] Disponível em <[https://novaserie.revista.triplov.com/numero\\_18/adilio\\_jorge\\_marques/index.html](https://novaserie.revista.triplov.com/numero_18/adilio_jorge_marques/index.html)>. **p.35.**

BROTERO (3.2)

**Figura 11: O Doutor Félix de Avelar Brotero (1744-1828), 1843.** Desenho de C. Legrand, Litografia p&b de Manuel Luís da Costa. 15,3x14,4 cm. Em BNP. [Internet] Disponível em <<http://catalogo.bnportugal.pt/ipac20/ipac.jsp?profile=bn&source=~!bnp&view=subscriptionssummary&uri=full=3100024~!1293724~!2&ri=1&aspect=subtab13&menu=search&ipp=20&spp=20&staffonly=&term=lus%C2%ADadas&index=.TW&uindex=&aspect=subtab13&menu=search&ri=1>>. **p.38.**

**Figura 12: *Plan du Jardin du Roi em 1788, Paris.*** [Internet] Disponível em <<http://ctgpublishing.com/jardin-des-plantas-jardin-du-roi-paris-history/>>. **p.39.**

**Figura 13: Frontispício de *Compêndio de Botânica, Brotero, 1788.*** BROTERO, Félix de Avelar (1744-1828).

*Compendio de Botanica, ou Noções Elementares Desta Sciencia, segundo os melhores Escriitores modernos, expostas na lingua Portuguesa, 2 vol.* Em Biblioteca Digital de Botânica, Universidade de Coimbra. [Internet] Disponível em <[https://digitalis-dsp.uc.pt/botanica/UCFCTBt-B-78-1-15\\_2/globalItems.html](https://digitalis-dsp.uc.pt/botanica/UCFCTBt-B-78-1-15_2/globalItems.html)>. **p.39.**

**Figura 14: Frontispício de *Flora Lusitânica, Brotero, 1804.*** Em OLIVEIRA, Nuno Gomes. 2015. *A Flore Portugaise e as viagens em Portugal de Hoffmannsegg e Link (1795-1801)*. 1.ª edição. Coleção compendium. Lisboa: Chiado Editora, p. 48. **p.40.**

**Figura 15: *Jacaranda mimosifolia* D. Don em flor no Jardim Botânico da Ajuda, 2017.** Fotografia do autor. **p.40.**

**Figura 16: Frontispício de *Phytografia Lusitaniae Selector, fascículo I, Brotero, 1801.*** *Phitographia Lusitaniae Selectior : Seu Novarum et Aliarum Minus Cognitarum Stirpium, Quae In Lusitania Sponte Veniunt, Descriptiones. Fascisc. I Us. / Auctore Felice Avellar Brotero.* Em BNP. [Internet] Disponível em <[http://catalogo.bnportugal.pt/ipac20/ipac.jsp?session=160777C9TD251.47006&profile=bn&source=~!bnp&view=subscriptionssummary&uri=full=3100024~!1212274~!15&ri=5&aspect=basic\\_search&menu=search&ipp=20&spp=20&staffonly=&term=brotero&index=.GW&uindex=&aspect=basic\\_search&menu=search&ri=5](http://catalogo.bnportugal.pt/ipac20/ipac.jsp?session=160777C9TD251.47006&profile=bn&source=~!bnp&view=subscriptionssummary&uri=full=3100024~!1212274~!15&ri=5&aspect=basic_search&menu=search&ipp=20&spp=20&staffonly=&term=brotero&index=.GW&uindex=&aspect=basic_search&menu=search&ri=5)>. **p.41.**

**Figura 17: *Erythrina indica* Willd., s.d. (late 18th, early 19th century).** Aguarela sobre papel, autor desconhecido. Em *The Board of Trustees of the Royal Botanic Gardens, Kew.* [Internet] Disponível em <<https://images.kew.org/botanical-art/erythrina-indica-willd-654437.html>>. **p.41.**

**Figura 18: *Ficus macrophylla* Desf. ex. Pers. no Jardim Botânico da Ajuda, 2017.** Fotografia do autor. **p.42.**

ROSENFELDER (3.3)

**Figura 19: Parque do Monteiro-Mor, s.d.** Fotografia, s.a. [Internet] Disponível em <<http://monteiomor.blogspot.com/2005/04/o-duque-de-palmela-confiou-direco-do.html?m=1>>. **p.43.**

**Figura 20: Palácio do Monteiro-Mor, sd.** Gravura, s.a. Em Teatro Nacional do Teatro e da Dança. [Internet] Disponível em <<http://www.museudoteatroedanca.gov.pt/pt-PT/museu/Palacio1/ContentDetail.aspx>>. **p.43.**

**Figura 21: *Araucária-de-norfolk* no Parque do Monteiro-Mor, 2019.** Fotografia de Ivo Meco. Em MECO, Ivo. 2019, *Jardins de Lisboa: histórias de espaços, plantas e pessoas*, Arte Plural Edições, p. 60. **p.44.**

**Figura 22: *Araucaria excelsa* R. Br., s.d..** Ilustração, a.s. Em *Dictionnaire images horticole – 0115 Pin de Norfolk – Araucaria excelsa* R. Br.. [Internet] Disponível em <<http://informations-documents.com/environnement/coppermine15x/displayimage.php?album=441&pid=68759>>. **p.44.**

D. FERNANDO II (3.4)

**Figura 23: S. M. El Rei D. Fernando II (com representação de Luís de Camões em fundo), c. 1840.** Desenho de Maurício Sendim. Litografia, p&b, 32,5x28 cm. Em BNP. [Internet] Disponível em <<https://purl.pt/955>>. **p.46.**

**Figura 24: Real Quinta das Necessidades, 1862.** Desenho de Barbosa Lima. Gravura de Pedrozo. Em *Archivo pittoresco: semanario ilustrado*, 5º ano, n.º 18, p. 141. [Internet] Disponível em <[http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/ArquivoP/1862/TomoV/N18/N18\\_item1/P5.html](http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/ArquivoP/1862/TomoV/N18/N18_item1/P5.html)>. **p.47.**

**Figura 25: Palácio e Parque da Pena, s.d.** Fotografia, s.a. [Internet] Disponível em <<https://lisboasecreta.co/15-sitios-imperdiveis-em-sintra/>>. **p.48.**

**Figura 26: Parque da Pena, s.d.** Fotografia, s.a. Em Parques de Sintra. [Internet] Disponível em <<https://www.parquesdesintra.pt/pt/parques-monumentos/parque-e-palacio-nacional-da-pena/>>. **p.48.**

**Figura 27: Presumível auto-representação de D. Fernando II com livros e frasco, 1885.** Sintra. Grafite sobre papel. Col. particular (PSML/Foto João Krull). Em SILVA, Raquel Henriques da, 2016. *D. Fernando: desenho e gravura, o primado da imaginação*. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. **p.51.**

BONNARD (3.5)

**Figura 28: I e II *Attalea funifera* III *Cocos coronata* IV *C. fchizophylla* V *Sabal umbraculifera*, s.d.** Ilustração, s.a. [Internet] Disponível em <<http://bibliodyssey.blogspot.com/2009/07/historia-naturalis-palmarum.html?m=1>>. **p.53.**

**Figura 29: *Phoenix dactylifera* Linn., s.d.** Ilustração, s.a. Em *Dict. Univ. D'Hist. Nat, Botanique*, monocotyledones, pl. 12. [Internet] Disponível em <<http://informations-documents.com/environnement/coppermine15x/displayimage.php?album=search&cat=0&pid=313>>. **p.53.**

**Figura 30: *Livistona humilis*, 1803.** Ilustração de Fred. Bauer. [Internet] Disponível em <<http://bibliodyssey.blogspot.com/2009/07/historia-naturalis-palmarum.html?m=1>>. **p.53.**

**Figura 31: Desenho com proposta do jardineiro francês Jean Bonnard para uma nova concepção do Passeio Público, 1848.** Inclui estufas, coretos, candeeiros, vasos ornamentais, fontes e estátuas. Em AML, PT/AMLSB/CMSB/UROB-PU/11/508, p. 1. [Internet] Disponível em <[http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2183-31762018000100009](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2183-31762018000100009)>. **p.54.**

**Figura 32: Capa do catálogo da Companhia Hortícola, 1854.** *Enumérations des Végétaux Cultivés à Lisbonne (Portugal) par la Compagnie Horticole: 1854 a 1855.* Em BNP. [Internet] Disponível em <<http://catalogo.bnportugal.gov.pt/ipac20/ipac.jsp?session=C607V71966795.46899&profile=bn&uri=full=3100024~!1215950~!65&ri=3&menu=search&source=~!bnp>>. **p.55.**

**Figura 33: Capa da 1º número de Flora e Pomona, dezembro de 1854.** *Flora e Pomona: Jornal da Agricultura, Horticultura e Jardinagem em Portugal*, ed. Francisco Duarte d'Almeida e Araújo (1816-1877). Em BNP. [Internet] Disponível em <[http://catalogo.bnportugal.pt/ipac20/ipac.jsp?session=160777C9TD251.47006&profile=bn&menu=search&aspect=basic\\_search&uri=full%3D3100024%7E%21595204%7E%210&ri=9&source=~!bnp&copykey=36638&ipp=20](http://catalogo.bnportugal.pt/ipac20/ipac.jsp?session=160777C9TD251.47006&profile=bn&menu=search&aspect=basic_search&uri=full%3D3100024%7E%21595204%7E%210&ri=9&source=~!bnp&copykey=36638&ipp=20)>. **p.55.**

WELWITSCH (3.6)

**Figura 34: Friedrich Welwitsch (1806-1872), s.d.** Fotografia, s.a. Em DOLEZAL, Helmut. 1974. *Friedrich Welwitsch, vida e obra.* Traduzido por A. W. Exell e E. J. Mendes. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar. [Internet] Disponível em <<http://catalogo.bnportugal.gov.pt/ipac20/ipac.jsp?session=C607V71966795.46899&profile=bn&uri=full=3100024~!277514~!92&ri=7&menu=search&source=~!bnp>>. **p.56.**

**Figura 35: The *Welwitschia mirabilis*, 1861-1867.** Óleo sobre tela, 76,2x61cm, de Thomas Baines (1820-1875). Em *Royal Botanic Gardens Kew*. [Internet] Disponível em <<https://images.kew.org/botanical-art/landscapes/welwitschia-mirabilis-654506.html>>. **p.58.**

**Figura 36: *Welwitschia mirabilis* Hook.f, 1863.** Litografia colorida à mão de Walter Hood Fitch (1817-1892), plate 5369. Em *Curtis's Botanical Magazine*. [Internet] Disponível em <<https://images.kew.org/botanical-art/welwitschia-mirabilis-hookf-654368.html>>. **p.58.**

MAURIER (3.7)

**Figura 37: Palácio das Laranjeiras, propriedade dos Srs. Condes de Burnay, 1928.** Em *Ilustração*. [Internet] Disponível em <<https://restosdecoleccion.blogspot.com/2011/05/palacio-das-laranjeiras.html>>. **p.60.**

**Figura 38: Teatro Thalia, Quinta das Laranjeiras, 1844.** Gravura, s.a. *Theatro das Laranjeiras proximo de Lisboa*. [Internet] Disponível em <<https://restosdecoleccion.blogspot.com/2018/06/theatro-de-thalia-ou-das-laranjeiras.html?m=1>>. **p.60.**

**Figura 39: Quinta das Laranjeiras, 1863.** Desenho de Barbosa Lima. Gravura de Coelho Pedrozo. Em *Archivo pittoresco: semanario ilustrado*, 6º ano, n.º 11, p. 81. [Internet] Disponível em <[http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/ArquivoP/1863/TomoVI/N11/N11\\_item1/P1.html](http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/ArquivoP/1863/TomoVI/N11/N11_item1/P1.html)>. **p.61.**

**Figura 40: Jardim na Quinta das Laranjeiras, s.d.** Fotografia, s.a. [Internet] Disponível em <<https://restosdecoleccion.blogspot.com/2011/05/palacio-das-laranjeiras.html?m=1>>. **p.61.**

**Figura 41: *Catalogus plantarum horti botanici medico-cirurgicae scholae olisponensis*, assinado por Pedro Maurier, 1851.** Em GOMES, Bernardino António e Caetano Maria Ferreira da SILVA BEIRÃO, *Catalogus plantarum horti botanici medico-cirurgicae scholae olisponensis anno MDCCCLII*. Lisbon, Typografia Nacional, 258 pp. Em Asher Rare Books. [Internet] Disponível em <[https://www.asherbooks.com/item/\\_gomes\\_bernardino\\_antonio\\_and\\_caetano\\_maria\\_ferreira\\_da\\_silva](https://www.asherbooks.com/item/_gomes_bernardino_antonio_and_caetano_maria_ferreira_da_silva)>

\_beirao\_catalogus\_plantarum\_horti\_botanici\_medico\_cirurgicae\_scholae.html?c=HIGHLIGHTS>. p.62.

WEISS (3.8)

**Figura 42: *Caladium humboldtii* (Raf.) Schott., 1858.** Ilustração, s.a. *Flore des serres et des jardins de l'Europe*, vol. 13. Em *Swallowtail Garden Seeds*. [Internet] Disponível em <<https://www.flickr.com/photos/swallowtailgardenseeds/14737156172/>>. p.64.

**Figura 43: *Caladium bicolor* Vent. 1. Queen Victoria. 2. Halévy. 3. Prince of Wales. 4. Meyerbeer., 1870.** Ilustração, s.a. Em *Index 1-20 – La Belgique horticole, Annales d'Horticulture. XX. - Biodiversity Heritage Library*. [Internet] Disponível em <<https://www.biodiversitylibrary.org/item/130951#page/362/mode/1up>>. p.64.

**Figura 44: *Begonia rosacea* Putz, 1857.** Ilustração, s.a. Em *Swallowtail Garden Seeds, Flore des serres et des jardins de l'Europe* v.12. [Internet] Disponível em <<https://www.swallowtailgardenseeds.com>>. p.64.

**Figura 45: *Begonias tubéreux*, 1895.** Ilustração, s.a. Em *L'illustration horticole (1854-1896)*, vol. 42, t. 45. Missouri Botanical Garden, St. Louis, USA. [Internet] Disponível em <[http://www.plantillustrations.org/illustration.php?id\\_illustration=114159](http://www.plantillustrations.org/illustration.php?id_illustration=114159)>. p.64.

**Figura 46: Jardim Zoológico e de Aclimação de Lisboa no Parque de Santa Gertrudes (1884-1894), s.d..** Gravura, s.a. Em Fundação Calouste Gulbenkian. [Internet] Disponível em <<https://gulbenkian.pt/arquivo-digital-jardim/garden-document/vista-sobre-o-lago/>>. p.65.

SILVA (3.9)

**Figura 47: *Ginkgo biloba* L., Jardim da Estrela, 2019.** Fotografia de Ivo Meco. Em MECO, Ivo. 2019, *Jardins de Lisboa: histórias de espaços, plantas e pessoas*, Arte Plural Edições, p. 83. p.66.

**Figura 48: Jardim do Príncipe Real, s.d.** Fotografia, s.a. [Internet] Disponível em <<https://sapoencia.blogs.sapo.pt/590295.html>>. p.67.

**Figura 49: *Cupressus lusitania* Miller no Jardim do Príncipe Real, 2018.** Fotografia do autor. p.67.

**Figura 50: Jardins públicos de Lisboa ajardinados na segunda metade do século XIX.** p.68.

GOEZE (3.10)

**Figura 51: Edmond Goeze (1838-1929), 2014.** Ilustração de Marta Antunes. Em *Edmund Goeze, o jardineiro que semeou o mundo no Jardim - As árvores do Jardim contam histórias sem fim*. Jardim Botânico da Universidade de Coimbra e Diário de Coimbra. [Internet] Disponível em <[https://www.uc.pt/jardimbotanico/ficheiros/artigo\\_37\\_compete](https://www.uc.pt/jardimbotanico/ficheiros/artigo_37_compete)>. p.69.

**Figura 52: Frontispício de A Ilha de São Miguel e o Jardim Botânico de Coimbra de Edmond Goeze, 1867.** Coimbra: Imprensa da Universidade. Fotografia do autor. Em BNP. [Internet] Disponível em <<http://catalogo.bnportugal.gov.pt/ipac20/ipac.jsp?session=C607V71966795.46899&profile=bn&uri=full=3100024~!1239418~!44&ri=9&menu=search&source=~!bnp>>. p.70.

**Figura 53: Mata-jardim de José do Canto, São Miguel - Açores, s.d.** Fotografia, s.a. [Internet] Disponível em <<https://revistajardins.pt/descubra-mata-jardim-jose-do-canto-nos-acoresh/>>. p.70.

**Figura 54: A “Classe” no Jardim Botânico de Lisboa, s.d.** Fotografia, s.a. Em Jardim Botânico de Lisboa. [Internet] Disponível em <<https://greentrekker.pt/agenda/jardins-de-lisboa-botanico/>>. p.71.

**Figura 55: A “Classe” no Jardim Botânico de Lisboa, 2011.** Aquarela de Rosa Alves Pereira. *Planta da classe do Jardim Botânico da Universidade de Lisboa*. Em *Dissertação de Mestrado em Ilustração Científica*, Universidade de Évora e Instituto Superior de Educação e Ciências. p.71.

DAVEAU (3.11)

**Figura 56: Jules Daveau (1852-1929), s.d.** Fotografia, s.a. Em Jardim Botânico de Lisboa. [Internet] Disponível em <<http://maisbotanico.blogspot.com/2013/07/?m=1/>>. p.73.

**Figura 57: Pormenor da carta da Cyrenaica por J. Daveau, 1875.** *Carte de la Cyrénaïque avec l'itinéraire par M. J. Daveau, 1875*. Em Bibliothèque Nationale de France. [Internet] Disponível em <<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b84419848/f1.item.zoom>>. p.74.

**Figura 58: Jardim Botânico da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, 1912.**

Fotografia de Joshua Benoiel. [Internet] Disponível em <<https://aps-ruasdelisboacomhstria.blogspot.com/2015/10/rua-da-escola-politecnica-vii.html?m=0>>. **p.74.**

**Figura 59: Alameda das Palmeiras no Jardim Botânico de Lisboa, s.d.** Fotografia, s.a. [Internet] Disponível em <<http://acervo-p11.blogspot.com/2011/06/jardim-botanico-da-universidade-de.html>>. **p.75.**

**Figura 60: Capa de Relatório da excursão às Ilhas Berlengas e Farilhões, 1884.** *Excursion aux Iles Berlengas et Farilhões por Jules Daveau avec Notice Zoologique sur ces Iles*, de Albert A. Girard. Em Biblioteca Nacional de Portugal. Fotografia do autor. [Internet] Disponível em <<http://catalogo.bnportugal.gov.pt/ipac20/ipac.jsp?session=C607V71966795.46899&profile=bn&uri=full=3100024~!1198808~!89&ri=5&menu=search&source=~!bnp>>. **p.75.**

PISSARD (3.12)

**Figura 61: Ernest Pissard (1850-1934) em Lisboa, s.d. (1887-1907).** Fotografia, s.a. [Internet] Disponível em <<https://www.helpmefind.com/gardening/l.php?l=21.275171>>. **p.77.**

**Figura 62: *Prunus cesarifera* var. *pissardii nigra*, s.d.** Fotografia, s.a. Em Dawson's Garden World. [Internet] Disponível em <<https://www.dawsonsgardenworld.com.au/product/prunus-cesarifera-nigra-common-name-flowering-plum-305mm-pot/>>. **p.78.**

**Figura 63: *Prunus cesarifera* var. *pissardii nigra*, 1992.** Desenho de Marieta Visagia. [Internet] Disponível em <<http://www.rosegathering.com/marieta/publications.htm>>. **p.78.**

**Figura 64: Ernest Pissard e família em Lourdes, França, 1926.** Fotografia, s.a. *La família Pissard el 6 de septiembre de 1926 durante una visita a Lourdes*. [Internet] Disponível em <<http://www.sobreestoyaqueello.com/2019/03/los-cerezos-de-libreros.html>>. **p.79.**

CAYEUX (3.13)

**Figura 65: *Dombeya x cayeuxii* E. André em flor no JBA, 2017.** Fotografia do autor. **p.81.**

**Figura 66: Selo "La belle Portugaise", emitido pelos Correios Suíços em 1982, série *Pro Juventute* dedicado a rosas.** [Internet] Disponível em <<https://jcura.blogs.sapo.pt/la-belle-portugaise-suica-58667>>. **p.81.**

NAVEL (3.14)

**Figura 67: Henri Navel (1878-1963), s.d.** Fotografia, s.a. Em MARQUES, Ricardo, 2014. *1914, Portugal no ano da Grande Guerra*. 1ª. edição. Alfragide: Oficina do Livro. **p.83.**

**Figura 68: Alameda das washingtonias no Jardim Botânico Tropical de Lisboa, s.d.** Fotografia, s.a. Em Jardim Botânico Tropical. [Internet] Disponível em <<http://www.sietelisboas.com/jardin-botanico-tropical/>>. **p.84.**

**Figura 69: Capa do relatório "Principais Inimigos do Cacaueiro nas Ilhas de São Tomé e Príncipe", 1921. Henri Navel.** Em BNP. [Internet] Disponível em <<http://catalogo.bnportugal.gov.pt/ipac20/ipac.jsp?session=1O07K7360E762.46939&profile=bn&uri=full=3100024~!1188989~!48&ri=1&menu=search&source=~!bnp>>. **p.85.**

**Figura 70: Fruto e folha do cacaueiro, 1921.** Ilustração de Henri Navel. Em *Principais Inimigos do Cacao na Ilha de São Tomé e Príncipe*. Em BNP. [Internet] Disponível em <<http://catalogo.bnportugal.gov.pt/ipac20/ipac.jsp?session=1O07K7360E762.46939&profile=bn&uri=full=3100024~!1188989~!48&ri=1&menu=search&source=~!bnp>>. **p.85.**

QUADROS-SÍNTESE SOBRE OS JARDINEIROS-BOTÂNICOS (3.15)

**Quadro 1: Jardineiros-Botânicos e Jardins. p.87.**

**Quadro 2: Cronologia. p.88.**

**Quadro 3: Dados Biográficos dos Jardineiros-Botânicos. p.89.**

**Quadro 4: Jardins de Lisboa 1764-1910 - principais datas. p.90.**

**Quadro 5: Jardineiros-Botânicos, Jardins, Empregadores e Competências. p.91.**

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AA.VV. Autores Vários  
AML Arquivo Municipal de Lisboa  
*Apud* citado por  
BNP Biblioteca Nacional de Portugal  
c. cerca de  
CML Câmara Municipal de Lisboa  
Ed. Editor  
EPL Escola Politécnica de Lisboa  
Fig. Figura  
ISA Instituto Superior de Agronomia  
JBA Jardim Botânico da Ajuda  
JBEPL Jardim Botânico da Escola Politécnica de Lisboa  
JBUC Jardim Botânico da Universidade de Coimbra  
m. ano de falecimento  
n. ano de nascimento  
n.º número  
PMM Parque do Monteiro-Mor  
p. página  
pp. páginas  
PPA-CML Pelouro dos Passeios e Arvoredos da CML  
r. reinado  
s.a. autor não identificado  
s.d. sem data  
séc. século  
sp. espécie  
UC Universidade de Coimbra  
var. variedade  
vol. volume

Nota: a presente dissertação está redigida segundo o antigo acordo ortográfico (Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1945).

## INTRODUÇÃO

A partir da segunda metade do século XVIII Lisboa assistiu a uma transformação na arte de jardinagem tendo sido criados o primeiro jardim público da capital e o primeiro jardim botânico português. Começou a chegar a Lisboa uma nova vegetação exótica para habitar esses jardins e rapidamente este movimento introdutório de novas espécies vindas de lugares longínquos alastrou a quintas privadas e outros jardins que entretanto foram sendo criados na capital. Com estas plantas chegou também um conjunto de jardineiros para as aclimatar.

A presente dissertação é sobre esses jardineiros, na sua maioria estrangeiros, que, detentores de sólidos conhecimentos sobre plantas e o seu cultivo, concretizaram com sucesso a aclimação desta nova vegetação. O objectivo deste estudo é contribuir para o conhecimento destas figuras que deixaram um valioso e ímpar património botânico e paisagístico na cidade de Lisboa.

A presente dissertação divide-se em quatro capítulos.

No primeiro capítulo são desenvolvidos tema e objectivos, notas sobre a revisão bibliográfica e o âmbito da pesquisa – intervalo temporal, jardineiros estudados e considerações sobre terminologia.

No segundo capítulo é feita uma contextualização histórica na qual se descreve a evolução do jardins de Lisboa no período estudado e onde são apresentados acontecimentos que terão influenciado a criação dos jardins e o percurso das nossas personagens. O intervalo temporal está dividido em cinco momentos: 1.º 1755-1807: reconstrução de Lisboa e reformas de ensino; 2.º 1807-1834: invasões francesas e guerras liberais; 3.º 1834-1851: instauração do liberalismo; 4.º 1851-1889: regeneração e fontismo; 5.º 1890-1910: republicanismo e crise da monarquia constitucional. Em cada um dos momentos históricos pretende-se enquadrar a estada em Lisboa dos jardineiros em estudo com a política, ensino da história natural, evolução da malha urbana e dos jardins e outros acontecimentos sociais relevantes.

O núcleo da dissertação é o capítulo terceiro que é composto por catorze subcapítulos, cada um dedicado a um dos jardineiros-botânicos. Cada um destes subcapítulos pretende constituir-se como nota biográfica na qual se procura sintetizar o percurso do personagem, identificando os jardins para os quais contribuiu, evidenciando o respectivo legado. Os jardineiros-botânicos são apresentados por ordem cronológica da data conhecida de início da sua atividade profissional em Lisboa.

No quarto e último capítulo são sintetizadas as principais características e legados deste conjunto de jardineiros-botânicos.

# CAPÍTULO 1. OBJECTIVOS, METODOLOGIA E CASOS DE ESTUDO

## 1.1. TEMA E OBJETIVOS

No ano de 1764 foi criado o primeiro jardim público de Lisboa – o Passeio Público, demolido em 1879 – e quatro anos depois nasceu o primeiro jardim botânico português, instalado no Alto da Ajuda. O estudo e gosto por Botânica mas também um crescente interesse pela horticultura e jardinagem reflectiram-se nas renovações que começaram a ser empreendidas por privados nas suas quintas de recreio, dos quais o Marquês de Angeja foi pioneiro, convidando Domenico Vandelli para dirigir as plantações na sua Quinta do Monteiro-Mor na década de 1760. Posteriormente, ao longo do século XIX foram criados novos jardins, ajardinadas praças e antigos campos e, simultaneamente, propriedades reais e quintas privadas de Lisboa foram plantadas, ajardinadas ou renovadas, algumas assumindo-se como verdadeiros parques botânicos pela sua diversidade e exotismo vegetal. Ainda no século XIX foi criado um segundo jardim botânico na capital – da Escola Politécnica na cerca do antigo Colégio dos Nobres – e no início do século XX foi criado o Jardim Colonial.

Este momento da arte de jardins em Portugal caracterizou-se pela introdução de espécies alóctones e pelo gosto em floricultura, fazendo com que botânica, horticultura e arte dos jardins se associassem: “por vezes estas três formas de conhecimento e de expressão encontram-se reunidas numa mesma figura” (MARQUES 2009, 42). Chegaram a Lisboa “plantas de procedencia estranha” e com elas “vieram também muitos individuos encarregados de as tratar”. Eram “horticultores e jardineiros de diversas nacionalidades que vieram exercer aqui a sua profissão, deixando vestígios da sua passagem, ora na introdução de plantas, ora nos processos de cultura (...). Alguns d’elles fôram auxiliares do ensino profissional, tendo principalmente a seu cuidado os jardins botânicos” (VITERBO 1906, 50–51).

Para o conhecimento sobre este primeiro corpo de jardins históricos de Lisboa – do Passeio Público (1764) ao Jardim Colonial (1906) – foram fundamentais os resultados do projecto LxGardens, desenvolvido entre 2011 e 2014 por investigadores e docentes do ISA, no qual foi realizada uma detalhada inventariação desses mesmos jardins (SOARES, AZAMBUJA et al. 2014). Este conjunto de jardins, nos quais a novidade era a introdução de plantas exóticas, constituíram a motivação para a presente dissertação: conhecer as pessoas que terão operado essa transformação na arte de jardinagem em Lisboa, os jardineiros-botânicos, na sua maioria estrangeiros, que, entre a reconstrução de Lisboa após 1755 e o início do século XX, participaram da construção, plantação, gestão e conservação dos jardins da capital contribuindo para um valioso património paisagístico.

O objectivo da presente dissertação é contribuir para um conhecimento actual desses jardineiros; pretende-se conhecer o percurso de cada um dos jardineiros – de onde vieram, a sua formação, as suas motivações, competências e influências, as relações entre eles e entre cada um e os jardins de Lisboa.

## 1.2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

A metodologia utilizada assentou em pesquisa bibliográfica sobre o tema.

Após mais de 100 anos de Sousa Viterbo nos ter deixado a *Jardinagem em Portugal apontamentos para a sua História*, obra seminal para o estudo dos jardineiros no nosso país, continua “escasso o conhecimento sobre as figuras que, de um modo mais ou menos decisivo, contribuíram para a reforma da paisagem urbana de Oitocentos e das primeiras décadas do século XX” (MARQUES 2009, 13).

Para o estudo e sistematização da informação sobre os jardineiros foi fundamental a leitura de monografias e outros trabalhos publicados nos séculos XX e XXI por Américo Pires de Lima, Aurora Carapinha, Carlos Neves Tavares, Cristina Castel-Branco, João Cabral e Ruy Telles Palhinha, entre outros. Para a contextualização e compreensão da época em análise foram consultadas obras historiográficas de referência, nomeadamente de Júlio de Castilho, José Augusto França, José Mattoso, João Medina, Maria Filomena Mónica, Joaquim Veríssimo Serrão e Isabel Stiwell. O estudo da história dos jardins na cidade de Lisboa foi suportado em publicações e trabalhos académicos dos quais se devem destacar os de Aurora Carapinha, Cristina Castel-Branco, Teresa Marques, Luís Paulo Ribeiro e Ana Luísa Soares.

Outras fontes utilizadas foram os periódicos da época, nomeadamente o *A Ilustração Portuguesa* (1884-1890, ed. Pedro Correia da Silva), *Archivo Pittoresco* (1857-1868, Castro Irmão e C.<sup>a</sup> Lda), *Diario Illustrado* (1872-1911, Souza Neves), *Flora e Pomona* (1854, ed. Francisco Duarte d’Almeida e Araújo), *Ilustração Portuguesa – O Século* (1903-1924, ed. J. da Silva Graça e José Joubert Chaves), *Jornal de Horticultura Prática* (1870-1892, ed. Marques Loureiro e José Duarte de Oliveira Júnior), *O Occidente* (1878-1914, ed. Francisco António das Mercês), *Revista Universal Lisbonense* (1841-1859, ed. António Feliciano de Castilho) e *The Garden* (1871-1927).

Para a compreensão da evolução dos jardins e da malha urbana de Lisboa foi essencial a leitura de cartografia histórica de J. N. Tinoco (1650), E. dos Santos e C. Mardel (1758), F. Milcent (1785), Constantino F. (1826), W. Clarke (c.1833), F. Vidal (1844), F. Folque (1856/58), J. Souza (1875), Grima (1885-1888) e Silva Pinto (1904-1911). Foi também indispensável a visualização de representações gráficas tais como desenhos, pinturas, gravuras/litografias e fotografias.

Foram utilizados os seguintes arquivos: Biblioteca digital Luso-Brasileira, Arquivo Municipal de Lisboa, Arquivo Fotográfico Municipal de Lisboa, Biblioteca do Instituto Superior de Agronomia, Biblioteca Nacional de Portugal, Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian, Hemeroteca Municipal de Lisboa, Gabinete de Estudos Olisiponenses - Palácio Beau Séjour, Herbário da Universidade de Coimbra e Museu Nacional de História Natural e da Ciência da Universidade de Lisboa.

### 1.3. ÂMBITO DA PESQUISA

#### INTERVALO TEMPORAL

O intervalo de tempo considerado situa-se entre 1764 e 1919. Inicia-se com a data de criação do primeiro jardim público em Lisboa e, coincidentemente, com a chegada a Portugal do primeiro jardineiro-botânico estudado, Domenico Vandelli, e encerra-se com a data em que o último jardineiro-botânico estudado, Henri Navel, deixou Lisboa.

#### JARDINEIROS ESTUDADOS (CASOS DE ESTUDO)

A partir do delimitação temporal constituiu-se um grupo de catorze jardineiros – os casos de estudo da presente dissertação – que pensamos terem tido um papel determinante na concretização dos jardins de Lisboa – que foram ou vieram a ser de visita pública – seja pela sua fundação e plantação, seja pela sua conservação. Os jardineiros estudados são Domenico Vandelli, Félix de Avelar Brotero, John Rosenfelder, Fernando de Saxe-Coburgo-Gotha, Jean-Baptiste Bonnard, João Francisco da Silva, Friedrich Welwitsch, Pierre Maurier, Jacob Weiss, Edmond Goeze, Jules Daveau, Ernest Pissard, Henri Cayeux e Henri Navel.

Em Viterbo (1906) estão presentes dez dos catorze jardineiros estudados. Os quatro não referidos por Viterbo são: Vandelli e Brotero, provavelmente por serem doutorados em Medicina e cujo estatuto não dever ser, na perspectiva do autor, equiparado ao de um jardineiro-chefe (apesar de elencar Welwitsch, também ele doutorado em Medicina); D. Fernando II, provavelmente pelo mesmo motivo de estatuto; e Navel, cuja chegada a Lisboa em 1909 foi posterior à publicação de *A Jardinagem em Portugal*.

Existiram durante o período estudado outros jardineiros estrangeiros em Portugal, nomeadamente Spalla e F. Nogré, elencados por Viterbo (1906), que não são incluídos neste estudo por terem trabalhado em jardins cuja visita não se tornou pública. Existiu ainda Henri Lusseau que concebeu o plano vencedor para o Parque da Liberdade (1887), mas por não ter sido concretizado, também não foi incluído no presente trabalho.

## TERMINOLOGIA

Importa clarificar a definição de *jardineiro* e o seu significado no âmbito em que é empregue nesta dissertação. O termo *jardineiro*<sup>1</sup>, derivado de *jardim*<sup>2</sup>, terá surgido em Portugal no final do século XV. O término, e a profissão a que corresponde, alcançou um estatuto social elevado durante o período barroco<sup>3</sup> por toda a Europa, de que André Le Nôtre (1613-1700) foi o expoente máximo. Com o surgimento de jardins botânicos na Europa, a partir do século XVI, o termo *jardineiro* passa a identificar aquele que cuida de plantas medicinais mas também de plantas exóticas e raras – numa aproximação aos meios científicos e académicos. O *jardineiro*, então ligado a estabelecimentos de História Natural, cresceu nas suas valências teóricas e práticas.

No século XIX horticultura e jardinagem “apresentam-se como termos muito próximos, chegando, por vezes, a confundir-se” (ANTUNES 2019, 44–45). O *jardineiro* adquiriu um amplo leque de competências e responsabilidades, nomeadamente processos e técnicas de aclimação e multiplicação de plantas, criação de híbridos e variedades, desenho e concepção de espaços verdes, definição do elenco florístico e gestão e conservação dos jardins.

No decorrer da revisão bibliográfica surgiu o termo *jardineiro-chefe* que pensamos poder afirmar que se trata do *jardineiro* mas com a função específica de dirigir os trabalhos de manutenção de um jardim: era-se *jardineiro-chefe* de um jardim<sup>4</sup>. O termo *conservador* (F. Welwitsch aparece referido em diversos textos como *conservador* do JBA) no contexto empregue parece ser semelhante a *jardineiro-chefe*, mas cujas responsabilidades poderão estar mais relacionadas com a supervisão e definição da flora presente no jardim e não tanto com a prática operacional de jardinagem.

O termo *jardineiro-botânico* evidencia a aglutinação numa mesma pessoa de conhecimentos em Horticultura, Jardinagem e Botânica e foi empregue por diversos autores nomeadamente Carita (1990) e Brigola (2008).

---

<sup>1</sup> “Só num documento assinado por Filipe I (r.1581-1598) se faz uso do termo Jardineiro. Em todos os outros, o título usado era o de hortelão, podendo apenas surgir a expressão *tinha a cargo*. (...) José Pedro Machado situa a entrada deste vocábulo, em Portugal, no século XVII. Sendo assim, será provável que este termo tenha sido vulgarizado no tempo dos Filipes” (CARAPINHA 1995, 102–3). “O século XVI marca de facto o ressurgimento ou renascimento da arte dos antigos *topiarii* romanos, (...) e foi sobretudo nas quintas de recreio e nas cercas de alguns conventos, que se manifestou a habilidade dos nossos primeiros *topiarii*, deixando-nos algumas criações, não só de notável beleza, mas também de plena eficiência prática” (ARAÚJO 1962, 68).

<sup>2</sup> Segundo Carolina Michaëlis o vocábulo jardim, um galicismo, entrou na língua portuguesa num período tardio, entre o século XI e XII, “mas só se generalizou a partir do século XV e XVI” (CARAPINHA 1995, 31).

<sup>3</sup> “No século XVII em França a profissão de jardineiro passou por uma transformação idêntica à dos mestres-pedreiros, que se tornaram arquitetos, cinquenta anos antes. Apesar da terminologia não se ter alterado como no caso dos arquitetos, o facto de se apoiarem num corpo teórico que ultrapassava a agronomia, fá-los-á adquirirem um outro estatuto” (RODRIGUES 2012, 6).

<sup>4</sup> “O ‘Jardim’ (no seu sentido mais amplo, independentemente da sua tipologia formal, dimensão ou propriedade) é uma entidade planeada, ordenada e conservada por ‘Jardineiros’. Le Nôtre ou Capability Brown designavam-se de Jardineiros. A partir do século XVIII, a moda do jardim paisagista vem adicionar, a partir de Inglaterra, um qualificativo ao termo Jardineiro” (ANTUNES 2019, 45).

## CAPÍTULO 2. CONTEXTUALIZAÇÃO SOCIO-POLÍTICA

### E EVOLUÇÃO DOS JARDINS DE LISBOA

#### 2.1. RECONSTRUÇÃO DE LISBOA E REFORMAS DE ENSINO (1755-1807)

Em 1750 morreu de D. João V (r.1706-1750) e subiu ao trono o seu filho D. José (r.1750-1777), que para o seu novo governo convidou Sebastião José de Carvalho e Melo (1699-1782), futuro Marquês de Pombal<sup>5</sup>, antigo embaixador em Londres e em Viena, a assumir o cargo de secretário de Estado dos Negócios da Guerra e dos Estrangeiros<sup>6</sup> (PALHINHA 1945, 6).

A história de Lisboa, “e com ela a do país inteiro, ficou marcada pelo terramoto que, na manhã de 1 de novembro de 1755, destruiu quase completamente a velha cidade que vivia então os restos da sua opulência” (FRANÇA 1977, 7). Ao abalo seguiu-se um incêndio e um maremoto e enquanto o caos se instalava<sup>7</sup> a destruição da cidade de Lisboa avançava: “vidas<sup>8</sup>, edifícios, tesouros e documentos devorados pelos incêndios que durante dias consumiram o centro da cidade” (CABRAL 2018, 54).

O plano de reconstrução da cidade, logo iniciado em 1755, foi liderado pelo Marquês de Pombal que incumbiu o arquitecto e engenheiro Manuel da Maia (1677-1768) de elaborar o projecto de reconstrução de Lisboa, e a ele juntaram-se Eugénio dos Santos (1711-1760) e Carlos Mardel (1695-1763). No plano proposto foi incluído o primeiro jardim público da capital: o Passeio Público, “aberto a norte do Rossio, fora dos limites da cidade velha, em terras de hortas que se estendiam pelo Valverde” (FRANÇA 1977, 38). A sua construção foi iniciada em 1764 segundo desenho de Reinaldo



Fig. 1: Plano Geral da Cidade de Lisboa em 1785, elaborado por Francisco D. Milcent.

<sup>5</sup> Apesar de Sebastião José de Carvalho e Melo só ter recebido o título de marquês em 1770, iremos utilizar o nome Marquês de Pombal sempre que a ele nos referirmos.

<sup>6</sup> “Convidado para integrar o governo como Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros, acabou por ganhar a confiança do Rei, vindo a ser nomeado Secretário do Estado e Ministro do Reino. Toda a acção do Primeiro-Ministro visou o fortalecimento do poder real, afastando quantos se opunham aos seus interesses e ao mesmo tempo tentando recuperar o atraso que o país levava, em muitos sectores, em relação a outros países da Europa” (ROSA e GOMES 2014, 45).

<sup>7</sup> “Dois terços das ruas ficaram inabitáveis, só restaram três mil casas das vinte mil existentes, após o incêndio. Das quarenta igrejas paroquiais, trinta e cinco desmoronaram-se, arderam, ou ficaram em ruínas, só onze conventos dos sessenta e cinco existentes ficaram habitáveis, embora com danos, nenhum dos seis hospitais se salvaram do fogo e trinta e três residências das principais famílias da corte ficaram destruídas” (FRANÇA 1977, 9–10). Também o Paço Real da Ribeira, a Biblioteca Régia e a recém inaugurada Ópera do Tejo sucumbiram à tragédia (CABRAL 2018, 54).

<sup>8</sup> Terão morrido entre 5 e 10% da população de Lisboa, que na época seria de cerca de 200.000 (CABRAL 2018, 54).

dos Santos<sup>9</sup> (1731-1791) “que o rodeou de muros, como uma quinta monacal. A sua alameda de cerca de trezentos metros de comprimento, plantada de freixos, enterrada no fundo dum vale, seria frequentada pela burguesia citadina, mas não pela arraia miúda, mendigos ou vagabundos, que não tinham entrada. Pouca gente, porém, lá se encontrava: os Portugueses não eram grandes passeantes, observavam viajantes” (FRANÇA 1977, 38).

Paralelamente à reconstrução da capital, e no espírito iluminista da época, Pombal mandou construir, em 1768, um jardim botânico – o primeiro em Portugal. Para tal, escolheu o terreno que era então a horta do Paço Velho no Alto da Ajuda (CASTEL-BRANCO 1999) e que integrava um conjunto de quintas que D. João V havia comprado décadas antes<sup>10</sup>. Para criar o jardim botânico, Pombal convidou Domenico Vandelli<sup>11</sup> que já se encontrava em Lisboa fazia quatro anos. O primeiro jardim botânico português, “desfasado no tempo em relação à criação dos primeiros jardins botânicos na Europa”, tinha os objectivos dos jardins botânicos do século XVI – cultivo e estudo de plantas medicinais – mas agora, e por influência do iluminismo (PEREIRA 2015, 101), nele se deviam também “cultivar e estudar as plantas de uso alimentar e industrial, de além-mar e de alto valor económico” (CABRAL 2010, 265). Carvalho



Fig. 2: Carta topográfica de Lisboa e seus subúrbios (pormenor da zona de Belém e Ajuda), levantada em 1807 sob a direcção de Duarte José Fava.

(1987, 65–66) acrescenta: “o interesse do Real Jardim Botânico (da Ajuda) não se limitava a torná-lo em lugar aprazível para os soberanos e meio de instrução e de educação científica para os infantes. Servia também, e em larga escala, para nele se efectuarem experiências sobre cultura de plantas das quais se pudessem vir a retirar benefícios de interesse económico para a nação”.

O segundo importante legado do governo de Pombal foi a reforma do ensino. Em 1759 Pombal expulsou a Companhia de Jesus<sup>12</sup> de Portugal e dos seus domínios ultramarinos (PEREIRA 2015): “os colégios e residências foram encerradas, os bens confiscados, e os padres jesuítas presos” (CABRAL 2018, 64).

<sup>9</sup> Reinaldo dos Santos (1731-1791) foi um arquitecto e engenheiro militar português. Trabalhou na construção do Palácio e Convento de Mafra como aprendiz de canteiro, tendo posteriormente colaborado com Machado de Castro na estátua equestre de D. José I na Praça do Comércio em Lisboa. Foi responsável pelo projecto do Passeio Público e colaborou nos projectos da Basílica da Estrela e de diversas igrejas e chafarizes em Lisboa (VITERBO 1922, 20–24).

<sup>10</sup> Em 1726 D. João V adquiriu um conjunto de quintas em Belém e Ajuda: a Quinta dos Condes de Aveiras, a Quinta dos Condes de Óbidos, a Quinta dos Condes da Calheta, entre outras (CASTEL-BRANCO 1999, 29–32).

<sup>11</sup> “No seu «Diccionario dos Termos Technicos de Historia Natural» publicado em 1788, Vandelli faz incluir uma «Memoria sobre a utilidade dos Jardins Botânicos a respeito da Agricultura, e principalmente da cultura das chamecas». O texto é importante para a compreensão da interpretação dada aos Jardins Botânicos, pelo Iluminismo do século XVIII” (CABRAL 2010, 266).

<sup>12</sup> “O poderio jesuítico tornara-se, com o decorrer do tempo, um elemento nocivo à saúde do Estado em todas as suas esferas, reduzindo a acção do rei e abalando principalmente os recursos do Erário Real” (ASSUNÇÃO 2016, 78).

Até então, o ensino era maioritariamente ministrado por Jesuítas (ROSA e GOMES 2014, 45) e Pombal, que “entendia que o Estado deveria ser o responsável pela formação dos jovens”, defendia a secularização do sistema educativo (ASSUNÇÃO 2016, 79). Confrontado com a falta de estabelecimentos de ensino que pudessem acolher os estudantes dos colégios jesuítas entretanto fechados, ordenou a criação de aulas régias gratuitas<sup>13</sup> (ROSA e GOMES 2014, 40). Em 1761 foi criado em Lisboa o Real Colégio dos Nobres<sup>14</sup>, instalado no Colégio Jesuíta de Santo Antão no Alto da Cotovia, e onde a maioria dos professores eram estrangeiros<sup>15</sup> (CABRAL 2018, 65).

A reforma pombalina do ensino teve grande impacto na Universidade de Coimbra, à época o único estabelecimento de ensino universitário em Portugal. Os novos estatutos de 1772 introduziram o ensino das ciências naturais, físicas e químicas, integrando o curso filosófico (PEREIRA 2015, 102). Foi também com os novos estatutos que o corpo docente foi renovado (CABRAL 2018, 67). Foi neste quadro reformista que foram criados, em Coimbra, o observatório, o gabinete de física experimental, o laboratório de química prático, o teatro anatómico, o dispensatório farmacêutico, o museu da Universidade e o jardim botânico (PALHINHA 1945, 7–8). Foi também neste contexto que foram pensadas e realizadas as viagens exploratórias às colónias portuguesas ultramarinas, e que ficaram conhecidas por *viagens filosóficas*. Foi então que a História Natural atingiu grandes avanços, a partir das reformas em Coimbra e da criação dos museus e jardins botânicos da Ajuda em 1768 e de Coimbra em 1772 e da Academia Real das Ciências de Lisboa em 1779 (FIGUEIRÔA, SILVA, e PATACA 2004).

Em 1777 morreu D. José I e sucedeu-lhe D. Maria I (1734-1816), que afastou Pombal. A monarca, profundamente religiosa, promoveu um regresso ao barroco<sup>16</sup> que no tempo de Pombal tinha sido abandonado. D. Maria I empreendeu obras na Quinta de Belém<sup>17</sup>, uma propriedade com origem no século XVI pertencente ao terceiro Conde de Aveiras que D. João V tinha adquirido em 1726 e ordenado construir o *Regius Hortus Suburbanus*, a horta do rei<sup>18</sup> (LEITE 1988, 137). Mas foi sobretudo na Quinta de Queluz que o barroco tardio e o rococó<sup>19</sup>, característicos do tempo de D. Maria I, se afirmaram. Em 1746, o infante D. Pedro, “mais tarde príncipe consorte por casamento com D. Maria I, sua sobrinha”,

---

<sup>13</sup> Entre 1759 e 1772 foram criadas 837 escolas para formar professores de ensino elementar (CABRAL 2018, 64).

<sup>14</sup> O Real Colégio dos Nobres era uma instituição pré-universitária e destinava-se a jovens de origem nobre; eram leccionadas classes de latim, grego, retórica, lógica, poética e história, línguas, matemática, física, arquitectura, desenho, equitação, esgrima e dança. Só entrou em efectivo funcionamento em 1766 (CABRAL 2018, 65).

<sup>15</sup> Foi neste contexto que Domenico Vandelli foi convidado a vir para Lisboa.

<sup>16</sup> Foi construída a Basílica da Estrela, “fundada em 1779 e consagrada no ano de 1789, como reflexos concretos da mudança política proporcionada pela transição impulsionada” por D. Maria I, num “desejado retorno à concepção simbolicamente tradicionalista do Barroco (...) agora internacionalmente desajustado e anacrónico da realidade social e cultural do seu momento específico” (LEITE 2009, 222).

<sup>17</sup> D. Maria I introduziu na Quinta de Belém estatuária, elementos de água e azulejaria (LEITE 1988, 138). “Os jardins do palácio embelezavam-se – ganhavam um gosto feminino. (...) E aos jardins, às suas estátuas e aos seus lagos, se resumia praticamente neste altura o interesse da rainha pelo palácio de Belém” (SARAIVA 1985, 48–49).

<sup>18</sup> D. João V parece também aqui inspirar-se no monarca francês Luís XIV que entre 1678 e 1683 mandou construir em Versalhes o *Potager du Roi*.

<sup>19</sup> “Pode afirmar-se que Queluz segue o ornamento e o aparato de Versalhes, mas falha na composição, preferindo seguir um traçado e uma proporção mais humana, mais portuguesa, mais discreta, que só a faz ganhar em charme e em conforto” (CASTELBRANCO 2014a, 185).

iniciou as obras em Queluz<sup>20</sup>, propriedade que pertencia à Casa do Infantado<sup>21</sup> (CASTEL-BRANCO 2014a, 183). Em 1760, com o casamento de D. Maria I com o seu tio D. Pedro, a Quinta de Queluz “adquiriu carácter de residência real” (CARITA 1990, 173) e os seus jardins ganharam a “notoriedade que os tornaram um dos mais interessantes e complexos conjuntos arquitectónicos e paisagísticos do século XVIII em Portugal” (CARITA 1990, 173). Foi durante o reinado de D. Maria I, sob o signo do Barroco, que a obra escultórica do Jardim Botânico da Ajuda foi realizada.

No âmbito privado das quintas de recreio<sup>22</sup> nos arrendores de Lisboa importa destacar a Quinta do Monteiro-Mor cuja origem remonta a 1750 quando o 3º Marquês de Angeja (1716-1788), estadista português próximo de D. Pedro III e “grande estudioso da História Natural, refez o palácio e criou o jardim<sup>23</sup> valorizando-o com uma grande colecção de plantas” (CASTEL-BRANCO 2014a, 177) “sob a orientação do jardineiro e botânico Domenico Vandelli” (RIBEIRO 1992, 102).

Deste período devem ainda ser referidas as plantações realizadas no Campo Grande em 1801 (RÊGO 1996, 19), dirigidas por D. Rodrigo de Sousa Coutinho (1755-1812), Conde de Linhares, sob ordens do príncipe regente D. João<sup>24</sup> (MAGALHÃES 1998, 30)

## 2.2. INVASÕES FRANCESAS E GUERRAS LIBERAIS (1807-1834)

Concretizadas a partir de 1807 em território português, as invasões francesas foram levadas a cabo por tropas franco-espanholas sobre o pretexto da “defesa e protecção da maligna influência inglesa” (LEITE 2009, 214). Em 27 de novembro de 1807 a família real e a corte portuguesas embarcaram com destino ao Brasil, transferindo a capital do reino para o Rio de Janeiro<sup>25</sup> (SERRÃO 1986a, 18).

Em 1808, o general Junot (1771-1813), comandante das tropas napoleónicas durante a primeira invasão, “ordenou a Vandelli que entregasse a Geoffroy Saint-Hilaire (1772-1844) tudo o que este sábio naturalista escolhesse” no Real Jardim da Ajuda; “mais de mil e quinhentos exemplares de mineralogia, zoologia e botânica” foram enviados para o *Jardin des Plantes* em Paris (CASTEL-BRANCO, SOARES, e CHAMBEL 1999, 86). Seguiram-se outras duas invasões: uma chefiada por general Nicolas Sout

---

<sup>20</sup> “As grandes obras do palácio iniciaram-se em 1747-48”, e no início da década de 1750 foi ordenado o espaço exterior” (CARITA 1990, 173). D. Pedro contratou Jean Baptist Robillon em meados do século XVIII e no final do século XVIII, em cerca de 1795, o palácio foi ampliado pelo traço de Mateus Vicente de Oliveira (CASTEL-BRANCO 2014a, 183).

<sup>21</sup> Conjunto de propriedades que asseguravam financiamento ao segundo filho do rei. “A Casa do Infantado, criada em 1654 pelo rei D. João IV, tornou-se uma poderosa instituição patrimonial dos filhos segundos dos monarcas, com domínios territoriais espalhados por Portugal” (FRANCO 2017, 169).

<sup>22</sup> “Pelo carácter promiscuo que apresentam as quintas, ao associarem no mesmo espaço o ócio e o negócio, ganham o epíteto de recreio. Quintas de recreio que se oferecem, juntamente com as hortas, como o paradigma de espaço de recreio no seio da Natureza na cultura portuguesa” (CARAPINHA 2009, 11).

<sup>23</sup> No século XVIII foram introduzidos “elementos barrocos e geométricos legados pela iniciativa do marquês de Angeja” (CASTEL-BRANCO 2014a, 178).

<sup>24</sup> A partir de 1792 a rainha D. Maria I foi considerada incapacitada por demência e o seu filho D. João assumiu a regência do reino até 1816, ano da morte da monarca.

<sup>25</sup> Poucos meses após a chegada ao Brasil, em 1808, o Príncipe Regente D. João criou o Real Horto, que foi instalado junto à Lagoa Rodrigo de Freitas no Rio de Janeiro. Em 1822, com a independência do Brasil, passou a estar aberto ao público e foi nomeado Imperial Jardim Botânico. Com a proclamação da república brasileira em 1889 passou a ser denominado Jardim Botânico do Rio de Janeiro.

(1769-1851), “que percorreu o norte do País entre maio e março de 1809” e uma outra, a terceira invasão, iniciada no verão de 1810 sob o comando do general Massena (1758-1817), que “à frente de um poderoso exército tomou as cidades de Almeida e Coimbra não conseguindo no entanto forçar o desejado acesso à capital portuguesa” (LEITE 2009, 216). Em 1814 Napoleão foi derrotado e a paz regressou ao continente europeu. Em Portugal, no entanto, a paz foi pouco duradoura.

Após o domínio francês e muitos recursos nacionais esgotados – pelo desgaste económico provocado pelas ocupações e pelos compromissos externos exigidos pelos ingleses –, aliado ao facto da corte permanecer no Brasil, secundarizando a metrópole em relação à colónia, em 24 de Agosto de 1820 um grupo de militares, no Porto, fez a revolução liberal (LEITE 2009, 216).

A corte e toda a família real, à excepção de D. Pedro<sup>26</sup> (1798-1834), que ficou na regência do Brasil, regressaram à Europa em 1821 (LEITE 2009, 217) e no ano seguinte foi outorgada a primeira constituição portuguesa, e logo um ano depois deu-se a “Vilafrancada”, um golpe de estado chefiado por D. Miguel e de clara matriz absolutista<sup>27</sup> (LEITE 2009, 217). Estava iniciada a luta entre liberais e absolutistas, que perduraria até 1834. Durante este período de profundas divergências políticas, morreu D. João VI, em 1826. D. Pedro abdicou do trono brasileiro em favor do seu filho D. Pedro II (1825-1891) e regressou a Portugal em 1831 para lutar pela coroa portuguesa e pelo movimento liberal. A partir da cidade do Porto combateu as forças do seu irmão D. Miguel<sup>28</sup> (1801-1866) e ganhou a guerra em 1834. Entregou o trono à sua filha Maria da Glória, então D. Maria II, e reinstaurou o liberalismo em Portugal. (LEITE 2009, 219). Ainda em 1834, D. Pedro, o rei-soldado, morreu em Queluz.

Não foram muitos os investimentos no ensino público neste conturbado período da história de Portugal. Foram excepções as aulas regulares de cirurgia em Lisboa e no Porto<sup>29</sup> criadas em 1825 (GOMES 1990, 269) e a Escola Veterinária Militar<sup>30</sup> criada em 1830 por D. Miguel (SERRÃO 1986a, 328).

Deste período importa destacar a aquisição da Quinta do Monteiro-Mor em 1830 pelo 1º Duque de Palmela, Pedro de Sousa Holstein (1781-1850), ao Marquês de Angeja. A partir desta quinta, Palmela inaugurou um movimento de contratação de jardineiros estrangeiros que, no Lumiar, experimentaram novas espécies, traçados e técnicas de aclimação e jardinagem. Os jardins da Quinta do Monteiro-Mor foram dirigidos, no século XIX, por Rosenfelder, Welwitsch e Weiss, jardineiros-botânicos estudados nesta dissertação.

---

<sup>26</sup> D. Pedro (1798-1834), filho primogénito de D. João VI, era em 1821 o príncipe herdeiro do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves. No ano seguinte, em 1822, com a independência do Brasil, foi proclamado imperador Pedro I do Brasil.

<sup>27</sup> O regime absolutista miguelista desencadeou um exódo de jovens liberais, como Garrett ou Herculano, que assim tomaram contacto com correntes românticas europeias (LEITE 2009, 219).

<sup>28</sup> “D. Miguel conseguiu ser proclamado Rei em 11 de Julho de 1828, reiniciando e reafirmando a concepção absolutista do poder real, embora agora matizada por um forte sentido nacionalista assumidamente antibritânico” (LEITE 2009, 218).

<sup>29</sup> Em 1836 foram estabelecidas as Escolas Médico-Cirúrgicas de Lisboa e do Porto que retiraram o exclusivo do ensino da medicina na Universidade de Coimbra (SERRÃO 1986a, 340).

<sup>30</sup> “Viviam-se as horas cruciais da guerra civil, pelo que a Escola se transformou numa espécie de enfermaria geral e ambulante” (SERRÃO 1986a, 328).

### 2.3. LIBERALISMO (1834-1851)

Após a vitória das tropas de D. Pedro o país entrou num novo capítulo da sua história: o liberalismo<sup>31</sup>. Em 1834 D. Maria viajou para Portugal e, reposta no trono<sup>32</sup>, casou no ano seguinte em segundas núpcias<sup>33</sup> com D. Fernando (LEITE 2009, 220), o príncipe alemão que se tornaria a “*personagem chave da cultura artística portuguesa do romantismo*” (FRANÇA 1993, 213). O casal real foi morar para o Tapada das Necessidades<sup>34</sup>, construída por D. João V sobre uma antiga Cerca conventual. As Necessidades ocuparam um lugar central no movimento dos jardins românticos portugueses; foi a partir de lá que D. Fernando e Bonnard se lançaram em experimentações na arte de jardinagem que se repercutiram por toda a cidade e país ao longo do século XIX.



Fig. 3: Plano da Cidade de Lisboa, c. 1833, elaborado por W. B. Clarke (a verde: Passeio Público; linha a vermelho: cerca fernandina).

Não obstante a vitória e implantação do liberalismo, a monarquia constitucional não trouxe, no imediato, paz e estabilidade política ou social. Primeiro porque o país estava devastado financeiramente, consequência directa da guerra mas também da independência do Brasil<sup>35</sup>. Depois, porque o parlamentarismo<sup>36</sup> expôs profundas divergências entre as duas facções liberais: os setembristas e os cartistas<sup>37</sup>. Estes confrontos concretizaram-se não apenas nas funções executivas e legislativas – com

<sup>31</sup> Apesar da revolução liberal ter ocorrido em 1820, só em 1834 o novo regime foi de facto implantado, após a contra-revolução miguelista (MEDINA 1997a, 201).

<sup>32</sup> D. Maria II já tinha sido rainha de Portugal entre 1826 e 1828.

<sup>33</sup> Em 1835, a rainha D. Maria II casou-se o Príncipe Augusto de Leuchtenberg (1810-1835), mas passados dois meses enviuvou. D. Fernando foi o escolhido para o segundo casamento.

<sup>34</sup> D. João V comprou os terrenos da cerca do convento de Nossa Senhora das Necessidades em 1742; o terramoto de 1755 destruiu o convento (MAGALHÃES 1998, 51). “Os jardins, a horta e o ordenamento da mata, que em 1756 já estariam concluídos, foram modificados durante o século XIX, no tempo de D. Fernando e por D. Carlos, que lhe acrescenta novas construções, como a Casa do Regalo, atelier da rainha D. Amélia” (LEITE 1988, 132).

<sup>35</sup> A independência do Brasil teve como consequência imediata o fim das remessas de ouro que apesar de em menor quantidade continuaram a chegar a Portugal até 1822.

<sup>36</sup> “A existência de duas câmaras, uma de nomeação régia e a outra electiva, garantia o desejado equilíbrio dos poderes e o normal funcionamento das instituições. Com a voz dos deputados escolhidos por eleição, haveria também, à boa maneira inglesa, um corpo de pares do Reino” (SERRÃO 1986a, 187).

<sup>37</sup> *Setembrismo* designa a corrente mais à esquerda dentro do movimento liberal, que derivava directamente do *shintismo*, doutrina liberal que esteve na génese da revolução de 1820. *Cartismo* é a corrente mais conservadora do liberalismo, centrada na Carta Constitucional de 1826, menos radicalizante que a Constituição de 1822.

sucessivas alterações de governo e deputados – mas também em sucessivas acções políticas, intervenções militares e revoltas populares<sup>38</sup> (MEDINA 1997a, 202).

Na convenção de Évora Monte em 1834 – que encerrou a guerra civil – foi decretada a extinção das ordens religiosas masculinas, e foram declarados extintos todos os conventos, mosteiros, colégios e hospícios. Os bens foram nacionalizados<sup>39</sup> e muitos foram vendidos<sup>40</sup> em hasta pública no processo que ficou conhecido por *devorismo* (MEDINA 1997a, 203). Exemplos das nacionalizações e do *devorismo* são a Cerca do Convento dos Beneditinos onde se veio a construir o Jardim da Estrela (CASTEL-BRANCO 2014a, 157) e o Convento da Pena da Ordem de São Jerónimo em Sintra adquirido adquirido por D. Fernando II (QUINTAS 2001, 122) e que se tornou, após intervenção do rei-artista, “o exemplo mais significativo do jardim romântico em Portugal” (CASTEL-BRANCO 2002, 166).

Com a reinstauração do liberalismo, a classe burguesa, cada vez mais numerosa e influente, tirou partido do devorismo e adquiriu, muitas vezes por valores deflacionados, propriedades por todo o país (MEDINA 1997a, 203). Para este estudo, interessam-nos as casa Palmela, Burnay, Quintela/Farrobe e Almeida: as suas propriedades de Lisboa e os seus jardins em particular foram, durante o século XIX, lugares de experimentação e sobretudo de definição de gosto que se expandiu e influenciou a sociedade portuguesa.

Portugal, após décadas de invasões, revoluções e lutas armadas, empreendeu esforços em melhorar as condições de vida da população, para o qual o ensino público era fundamental. Em 1836 foi criada a Academia Nacional de Belas-Artes impulsionada por D. Fernando II e em 1837 nasciam a Escola Politécnica de Lisboa<sup>41</sup> e a Academia Politécnica do Porto<sup>42</sup> (CABRAL 2007, 9). A lei que instituiu a Escola Politécnica de Lisboa determinava a construção de um jardim botânico, que apenas foi inaugurado quatro décadas mais tarde (TAVARES 1967, 20). Em 1839 o Jardim Botânico da Ajuda<sup>43</sup> foi incorporado na Escola Politécnica de Lisboa<sup>44</sup> que “embora afastado (...), seria de muito auxílio enquanto

---

<sup>38</sup> Revolução de Setembro (1836), Belenzada (1836), revolta dos Marechais (1837), Constituição de 1838, restauração da Carta Constitucional (1842), revolução da Maria da Fonte (1846) e guerra da Patuleia (1846-1847) (SERRÃO 1986a).

<sup>39</sup> O jardim da Estrela veio a ser construído nos terrenos do extinto Convento Beneditino da Estrela. Também as cortes passaram a reunir-se no extinto Convento de São Bento da Saúde, lugar onde hoje funciona a Assembleia da República.

<sup>40</sup> O parque da Pena em Sintra foi comprado por D. Fernando II em 1838 no contexto do devorismo (QUINTAS 2001, 122).

<sup>41</sup> A Escola Politécnica de Lisboa fundada em 1837 foi instalada no edifício do Colégio dos Nobres extinto no mesmo ano. “O Colégio dos Nobres sofria de uma grave crise administrativa, que se acentuou com a instauração do segundo liberalismo. A sua orgânica de instituição destinada à educação dos filhos da aristocracia não correspondia aos princípios liberais da igualdade de todos os cidadãos perante a lei” (SERRÃO 1986a, 324).

<sup>42</sup> “A Academia Politécnica do Porto foi fundada em 1837 por transformação da Academia Real da Marinha e Comércio do Porto” (CABRAL 2007, 11).

<sup>43</sup> “Ainda em vida de D. Pedro, nomeou-se o doutor José de Sá Ferreira Santos Vale (1772-1851), professor de Botânica Agrícola, para dirigir o jardim botânico (da Ajuda)”. O novo director “podia abrir uma aula pública para difundir os ensinamentos da Agricultura e da Botânica, e foi-lhe concedida uma parte da cerca do antigo Mosteiro de Santa Maria de Belém” (SERRÃO 1986a, 330).

<sup>44</sup> “O facto de já existir em Lisboa uma instituição compreendendo estes dois sectores, o Real Museu e Jardim Botânico da Ajuda (inicialmente denominado Real Jardim Botânico, Laboratório Químico, Museu e Casa de Risco), que por decreto de 27 de Agosto de 1837 fora confiado à administração da Academia das Ciências, (...) levou o Conselho da Escola (...) a solicitar superiormente que os dois estabelecimentos da citada instituição passassem a ser administrados e, portanto, incorporados na Escola Politécnica” (TAVARES 1967, 20).

não fosse possível criar um outro jardim na cerca anexa ao antigo Colégio dos Nobres” (TAVARES 1967, 20).

O século XIX foi o século das grandes pandemias. Para além das habituais epidemias de peste negra, febre amarela, varíola e das endémicas tuberculose, sífilis, tifo, febre tifoide, malária e sarampo, “somaram-se as agressivas e devastadoras epidemias de cólera”<sup>45</sup> (ALMEIDA 2011). Era urgente tornar as cidades mais limpas; tal como hoje, os espaços verdes tinham um importante papel na higienização do espaço urbano e para tal foram renovados os já existentes e criados outros.

O Pelouro dos Passeios e Arvoredos da CML criado em 1836 e dirigido pelo arquitecto Malaquias Ferreira Leal (1787-1859) iniciou a renovação do Passeio Público<sup>46</sup> em 1837 e passou também a administrar o Campo Grande (RÊGO 1996, 19), que “por ocasião das invasões francesas (...) degradou-se devido a ser campo de exercícios militares” (RÊGO 1996, 15). Também o Passeio de São Pedro de Alcântara<sup>47</sup> foi objecto de melhoramentos.

Em 1842, foi iniciada a construção de um novo jardim público em Lisboa – o Jardim da Estrela – que foi mandado delinear pelo ministro do Reino, Costa Cabral (1803-1889), 1º Conde de Tomar. Foi construído ao longo da década de 1840 e, devido a convulsões sociais e militares, viu adiada a sua inauguração para 1852 (QUINTAS 2001, 101).

#### 2.4. REGENERAÇÃO E FONTISMO (1851-1889)

O ano de 1851 foi marcado por um golpe de militar liderado pelo 1º Duque de Saldanha (1790-1876) no qual Costa Cabral foi afastado do governo, dando início a um novo momento da História portuguesa: a Regeneração<sup>48</sup> (SERRÃO 1986b). O novo governo integrava vários elementos do setembrismo e Fontes Pereira de Melo (1819-1887), ministro da Marinha, da Fazenda e da Indústria “seria o seu dinamizador, procurando imprimir novos rumos à vida nacional”. O crescimento industrial e comercial “revelava um País a ultrapassar as dificuldades provocadas pela queda das estruturas do Antigo Regime e pela independência do Brasil” (MATTOSO 2002, 130). Este momento foi particularmente importante na

---

<sup>45</sup> A primeira vaga da epidemia de cólera chegou a Portugal em 1833, mais precisamente ao Porto. “Durante o Cerco do Porto e depois, quando se espalhou pelo país, a epidemia de cólera acabou por causar mais de quarenta mil mortos, um número mais elevado do que o da própria guerra. Depois dessa, seguiram-se mais oito vagas epidémicas, disseminadas por indivíduos com profissões de alta mobilidade, como soldados, marinheiros, comerciantes ou pedintes, e intensificadas pela falta de higiene nas casas e nas ruas” (ALMEIDA 2011).

<sup>46</sup> Para a renovação do Passeio Público foi determinante a acção do rei-consorte D. Fernando II “que o lançou em moda depois de obras que o modernizaram com cascatas, lagos, repuxos, cortinadas gradeadas, coreto” (FRANÇA 2005, 53).

<sup>47</sup> O Jardim de São Pedro de Alcântara foi construído em socacos, utilizando o muro de suporte construído em 1752 para um reservatório de água que com o terramoto fendilhou. Em 1830 fizeram-se as primeiras arborizações no tabuleiro superior, na altura conhecido por *Horta do Corpo da Polícia*. Com a criação do Pelouro dos Passeios e Arvoredos da CML em 1836, foi ajardinado o plano inferior, construindo-se as duas escadas laterais. “O tabuleiro superior foi transformado em alameda, com densa vegetação, bancos seguidos e, entre árvores, um tanque trazido dos jardins do Palácio da Bemposta. Em 1864 foi colocado o gradeamento no patamar inferior, devido à ocorrência de vários suicídios. Em 1882 foram transferidos os espectáculos do passeio público para aqui, devido ao início das obras para a construção da nova avenida” (MAGALHÃES 1998, 27).

<sup>48</sup> Não sendo possível fixar no tempo com exactidão a extensão da Regeneração, esta prolongou-se pela segunda metade do século XIX e confunde-se com o período seguinte, o Fontismo, sendo a figura central de ambos a mesma: Fontes Pereira de Melo. Veríssimo Serrão chamou a este período o terceiro liberalismo (SERRÃO 1986b).

história do liberalismo português porque, pela primeira vez no século XIX, viveram-se anos de alguma estabilidade: a *paz regeneradora*. Fontes Pereira de Melo, o protagonista da Regeneração, empreendeu políticas de investimento em obras públicas<sup>49</sup> e durante várias décadas foi impulsionador do desenvolvimento e progresso de Portugal<sup>50</sup>. Pereira de Melo, um “jovem engenheiro e militar”, apoiado pelos monarcas D. Pedro V (1837-1861) e D. Luís I (1838-1889), filhos de D. Maria II e D. Fernando II (LEITÃO 1974, 45–52), “compreendeu a necessidade de satisfazer as mais urgentes carências materiais da sociedade portuguesa” (SERRÃO 1986b, 20).

Finalmente Portugal desenvolvia-se e foram construídas infraestruturas de comunicação, como estradas e ferrovias; obras de arquitectura e de engenharia foram nascendo um pouco por toda a parte. O país, em pleno desenvolvimento, ia acompanhando o que se fazia na Europa, para o que as Exposições Universais, em particular as de Paris e Londres<sup>51</sup>, tiveram um papel importante e influente. Em 1865 foi organizada na cidade do Porto uma exposição internacional para a qual foi construído o Palácio de Cristal<sup>52</sup>, “símbolo de progresso arquitectónico e económico” (SERRÃO 1986b, 231).

Esta visão do estado como impulsionador de desenvolvimento social, urbano e tecnológico também se traduziu num incremento do ensino público, tendo sido criados o Instituto Agrícola de Lisboa e a Escola Regional de Lisboa em 1853 e o Curso Superior de Letras de Lisboa na Academia Real das Ciências em 1859. Coimbra começava a perder a exclusividade do ensino superior em Portugal (SERRÃO 1986b, 338–44).

Na sequência de políticas de saúde pública já iniciadas na década de 1830, e no intuito de qualificar o espaço público, quer por políticas de higienização – que as crises pandémicas do século XIX assim exigiam – quer pela democratização do uso desse espaço público, foram criados novos jardins. Instalados um pouco por toda a cidade, foram plantados em pequenas praças e largos que sobravam na malha urbana. Foram ajardinados o Campo de Santa Clara (1862), a Praça do Príncipe Real (1869), o Largo de Santos (1873), a Rocha do Conde de Óbidos (1880), a Praça da Alegria (1881), o Alto de Santa Catarina (1883), a Praça Dom Luís (1884) e a Praça das Flores (SOARES e CASTEL-BRANCO 2007, 306–7). Foi ainda construído o Jardim Constantino em 1889 e foram requalificados os jardins do Campo Grande<sup>53</sup> e de São Pedro de Alcântara ao longo de todo o século XIX.

Em 1878 foi inaugurado o Jardim Botânico da Politécnica de Lisboa na antiga cerca do Colégio dos Nobres, na antiga Quinta do Monte Olivete (MAGALHÃES 1998, 15). “A plantação do jardim começou

---

<sup>49</sup> De destacar o empreendimento realizado na rede de estradas e de caminhos-de-ferro, e também na ampliação de redes de comunicação (telégrafo) e na renovação do sistema bancário.

<sup>50</sup> Os investimentos públicos foram possíveis por via de empréstimos obtidos no estrangeiro, sobretudo em Inglaterra, originando um acumular de dívida pública, facto que valeu a Fontes Pereira de Melo grande contestação.

<sup>51</sup> Exposições Universais de Paris: 1855, 1867, 1878, 1889 e Exposições Universais de Londres: 1851, 1862.

<sup>52</sup> Construído entre 1861 e 1865, o Palácio de Cristal do Porto foi desenhado pelo arquitecto inglês Thomas Dillen Jones. Foi demolido em 1951 e no seu lugar foi construído o Pavilhão dos Desportos, hoje Pavilhão Rosa Mota (MATTOSO 2002, 141).

<sup>53</sup> Nos anos de 1860 o Passeio do Campo Grande teve obras de melhoramentos entre os quais a construção dos lagos. “Nele se inserem viveiros municipais que fornecem à Câmara Municipal árvores para os jardins, praças e avenidas da cidade” (RÊGO 1996, 20).

gradualmente, a partir de 1858”, um projecto idealizado por Andrade Corvo<sup>54</sup> (1824-1890) e o Conde de Ficalho<sup>55</sup> (1837-1903) (PALHINHA 1945, 1–2). Com a criação do segundo jardim botânico em Lisboa, chegaram vários jardineiros estrangeiros para o dirigir: Goeze, Daveau, Cayeux e Navel.

Os grandes proprietários portugueses continuaram as aquisições e transformações das suas quintas. O espaço rural suburbano envolvente da malha urbana pombalina foi-se preenchendo e adensando. A Quinta das Laranjeiras do Conde de Farrobo, a Quinta de Santa Gertrudes de Eugénio de Almeida e a Quinta do Monteiro-Mor do Duque de Palmela, que mais tarde já no século XX passaram a ser de utilização pública, foram durante todo o século XIX objecto de renovações paisagísticas.



Fig. 4: Carta Topográfica da Cidade de Lisboa. A partir de levantamento de Filipe Folque entre 1856 a 1858. Publicada em 1871. (A vermelho: “1882. Esta carta indica os melhoramentos posteriores a executar no futuro”).

Em 1874 Pedro Pézerat<sup>56</sup> (1801-1872) foi substituído por Ressano de Garcia (1847-1911) no departamento técnico da Câmara Municipal de Lisboa e, assessorado pelo Engenheiro António Maria de Avellar e pelo Arquitecto José Luís Monteiro, projectou a expansão urbanística de Lisboa a norte retomando o tema do *boulevard* como expressão de “progresso da sociedade burguesa” (QUINTAS

<sup>54</sup> João de Andrade Corvo (1824-1890) foi um político e escritor português. Foi ministro dos Negócios Estrangeiros e ministro da Marinha e Ultramar entre 1871 e 1878 em governos de Fontes Pereira de Melo. “Foi o grande estrategista português para África. Foi ele que, no começo da corrida ao continente negro, definiu as linhas mestras da política externa a seguir e os modelos da ocupação que foram adoptados nos anos 90” (MEDINA 1997b, 202). Foi director da Escola Politécnica de Lisboa, conselheiro e par do reino (TAVARES 1967, 33).

<sup>55</sup> Francisco Manuel de Mello Breyner (1837-1903), 4º Conde de Ficalho, foi um naturalista português. “Em 1861 tomou posse do lugar de lente substituto da cadeira de Botânica, exercendo cumulativamente as duas funções de Naturalista e de Professor o que lhe permitiu activar as obras do Jardim, aumentar os herbários, adquirir alguns livros, relacionar-se com directores de outros jardins, especialmente com o de Kew, promover a organização do Museu Nacional de Lisboa, e, ao mesmo tempo, acompanhar a luta, durante mais de dois anos – desde fins de 1872 até inícios de 1875 –, de defesa dos direitos que o nosso país tinha às colecções africanas que Welwitsch coligira na África Ocidental portuguesa” (PALHINHA 1945, 1–2).

<sup>56</sup> Pedro José Pézerat (1801-1872) foi um arquitecto e engenheiro francês. Em 1828 foi contratado no Brasil por D. Pedro I como arquitecto imperial, ganhando estatuto como um dos grandes nomes da arquitectura neoclássica imperial brasileira. Entre outras obras, trabalhou na remodelação neoclássica do Paço de São Cristóvão, projecto com similitudes ao Palácio da Ajuda em Lisboa. Em 1831, com a abdicação de D. Pedro I, regressou à Europa, sendo professor de D. Maria II. Em Lisboa começou a colaborar com a Câmara Municipal a partir de 1841 e em 1852 foi contratado como engenheiro municipal.

2001, 104). Para a concretização deste projecto foi necessária a demolição do Passeio Público<sup>57</sup>, o primeiro jardim público de Lisboa. Os trabalhos de demolição<sup>58</sup> começaram em 1879 e em 1886 a nova avenida<sup>59</sup> foi inaugurada (MAGALHÃES 1998, 21). “A proposta do traçado da Avenida da Liberdade remata numa rotunda encimada pelo Parque Central da cidade – semelhante aos *Champs Elysées* ou o *Bois de Boulogne* – o qual viria a constituir o Parque da Liberdade<sup>60</sup>, mais tarde designado por Parque Eduardo VII” (SOARES e CASTEL-BRANCO 2007, 308–9).

Ainda neste período foi criado o Jardim Zoológico e de Aclimação de Lisboa, instalado no Parque de Santa Gertrudes em 1884 e transferido em 1894 para a Palhavã e em 1905 para o Parque das Laranjeiras, a sua actual localização (MAGALHÃES 1998, 39–40).

## 2.5. REPUBLICANISMO E CRISE DA MONARQUIA CONSTITUCIONAL (1890-1910)

A meio do século XIX as potências europeias viraram-se para África e lançaram-se na sua divisão (MEDINA 1997b, 199). Nos anos de 1880, uma disputa sobre os territórios do Congo levou à realização da Conferência de Berlim<sup>61</sup> que veio a desencadear, em 1890, o Ultimato Britânico a Portugal, no qual era exigido que os portugueses se retirassem dos territórios entre Angola e Moçambique – actuais Zimbabwe e Zâmbia. A crise do Ultimato “provocou uma chaga profunda na alma portuguesa, como se a Nação se encontrasse de repente à beira do abismo. Uns traduziam a dignidade ferida perante a brutal ameaça da Inglaterra, outros criticavam a fraqueza das instituições que não haviam sabido defender-se do vilipêndio imposto pela velha aliada”. Considerado uma humilhação e responsabilizado o Rei D. Carlos I, estava aberto caminho ao crescimento e afirmação do Partido Republicano que em duas décadas conduziu o país à República (SERRÃO 1986c, 13). O ano de 1890 “correspondeu ao deflagar de uma corrente de pessimismo nacional que, não obstante algumas clareiras de regozijo público, veio acentuar-se nos anos seguinte” (SERRÃO 1986c, 14). Em 1891 foi feita, na cidade do Porto, a Revolução de 31 de janeiro, a “primeira tentativa armada dos republicanos para derrubar a Monarquia” (SERRÃO 1986c, 34).

Enquanto o republicanismo se consolidava nas esferas políticas e na sociedade portuguesa, a capital do reino continuava a crescer, quer em população quer em território que se expandia em todas as direcções. Nos últimos anos da monarquia “prosseguiu-se na conquista de um novo espaço para a

---

<sup>57</sup> A ideia de uma avenida entre o Passeio Público e São Sebastião da Pedreira remonta a 1859 e foi apresentada por Júlio Máximo d’Oliveira então presidente da Câmara Municipal de Lisboa (CUNFF 2000, 158).

<sup>58</sup> “Os trabalhos começaram em 24 de Agosto de 1879, sob protestos, abaixo-assinados e críticas” (MAGALHÃES 1998, 20). “Não foi fácil suprimi-lo da vida lisboeta. Era frequentado e apreciado por grande parte da população” (MARQUES 1974, 200).

<sup>59</sup> Ainda existem vestígios do Passeio Público na actual Avenida da Liberdade, como os “dois lagos alongados com estátuas do Tejo e do Douro, que neles vertem água através de um pote, de autoria de Alexandre Gomes (1835)” (MAGALHÃES 1998, 21).

<sup>60</sup> Em 1887 foi lançado um concurso público para o projecto de um parque a construir a norte da Praça Marquês de Pombal. O concurso teve muitos participantes, quase uma centena de paisagistas de diferentes nacionalidades, dos quais foi escolhido Henri Lusseau, arquitecto e paisagista parisiense. A crise do Ultimato Britânico de 1890 afectou a economia e as finanças do país, tendo sido suspenso o projecto para o Parque da Liberdade (CUNFF 2000, 161–250).

<sup>61</sup> A Conferência de Berlim, realizada em 1884/85, teve como objectivo a partição do continente Africano, em particular para ser discutida a questão do Congo. Portugal apresentou uma proposta de ligar a costa oeste à costa este de África, unindo Angola a Moçambique – o famoso mapa cor-de-rosa (MEDINA 1997b, 208).

transformação urbana de Lisboa. O crescimento subia em flecha dos Restauradores para o Saldanha, a ocidente de Xabregas para o Alto do Pina, a leste do Largo do Rato para o Campo de Ourique e, à beira-rio, de Alcântara para Pedrouços” (SERRÃO 1986c, 338). Na última década do século XIX “a expansão da cidade de Lisboa foi feita através de planos articulados entre si, onde cada plano corresponde à configuração de um novo bairro. As bases de intervenção apoiaram-se na «avenida», inspirada no *haussmanismo*, e nos quarteirões regulares, que se adaptavam bem quer à configuração topográfica quer à escala de Lisboa” (SOARES e CASTEL-BRANCO 2007, 308).



Fig. 5: Planta de Lisboa com as novas avenidas construídas e projectadas: Brinde de "O Século", c. 1909.

No início do século XX foi ajardinado o Campo Santana<sup>62</sup> e o projecto do Parque da Liberdade ficou suspenso, entretanto rebaptizado Parque Eduardo VII após a visita do monarca inglês a Lisboa em abril de 1903. O plano de Lusseau começou a ser contestado e foram elaboradas novas propostas<sup>63</sup>, tendo sido definitivamente abandonada a seleccionada no concurso de 1887.

Em 1906 foi criado o Jardim Colonial de Lisboa, possivelmente o último projecto paisagístico na cidade de Lisboa durante a monarquia, e foi instalado no Parque das Laranjeiras. O Jardim Colonial foi o corolário da importância que Portugal, a par de todas as potências europeias, colocou no continente africano – nas suas culturas e proveitos económicos. Funcionava simultaneamente de campo de treino para os agrónomos antes de viajarem para África e de campo de experimentação de novas culturas chegadas das colónias. Posteriormente foi transferido para o Jardim Botânico da Ajuda e depois para a Quinta de Belém, respectivamente em 1910 e 1912 («Jardim Botânico Tropical» 2015).

<sup>62</sup> O Campo Santana, ou Campo Mártires da Pátria como foi nomeado em 1879, “trata-se de uma ampla praça ajardinada, com desníveis que proporcionam a existência de gradeamentos de ferro fundido, criando belos recantos. Veio substituir um campo sem vegetação onde existira uma conhecida praça de touros” (MAGALHÃES 1998).

<sup>63</sup> Após o concurso de 1887 o projecto de H. Lusseau foi sendo adaptado pelo Pelouro dos Passeios e Arvoredos da CML durante a década de 1890. Em 1913 o arquitecto e vereador republicano Miguel Ventura Terra (1866-1919) propôs um novo plano para o parque, e o seu desenho actual, de 1945, foi elaborado por Francisco Keil do Amaral (1910-1975) (CUNFF 2000, 259–72).

## CAPÍTULO 3. JARDINEIROS-BOTÂNICOS

Neste capítulo são apresentados os catorze jardineiros estudados. Para cada um pretendeu-se sintetizar informação sobre o seu percurso: de onde vieram, onde se formaram, as suas motivações, em quais jardins trabalharam, competências e influências, as relações que poderão ter estabelecido entre eles e as respectivas realizações nos jardins de Lisboa. São apresentados por ordem cronológica da data conhecida de início da sua actividade profissional em Lisboa. No final deste capítulo (pp. 87-91) são apresentados cinco quadros-síntese.

### 3.1. DOMENICO VANDELLI (1735-1816)

Domenico Agostino Vandelli nasceu em Pádua em 8 de julho de 1735. Filho de Girolamo Vandelli, médico cirurgião e professor universitário, Domenico seguiu os passos do pai doutorando-se em Medicina na Universidade de Pádua e, entre 1756 e 1763, desenvolveu trabalhos de investigação em fisiologia humana e em ciências naturais, particularmente em mineralogia e botânica (PALHINHA 1945, 8). Realizou viagens nas regiões centro e norte da Itália onde recolheu amostras para a sua colecção particular, que haveria de vender à Universidade de Coimbra em 1772. Estas viagens terão sido fundamentais para a sua formação e a sua actividade futura em Portugal” (PATACA 2006, 34).

No início da carreira correspondeu-se com Carl Lineu<sup>64</sup> (1707-1778) e o seu nome começou a ser conhecido nos meios académicos (PALHINHA 1945, 9). Em 1763 recebeu dois convites de fora de Itália. O primeiro foi para ensinar História Natural em S. Petersburgo, que recusou<sup>65</sup>. O segundo surgiu de Lisboa, na pessoa do Marquês de Pombal (1699-1782), para vir ensinar no recém criado Colégio do Nobres<sup>66</sup> (SINNER 2011, 7) pela carência que este estabelecimento tinha de professores<sup>67</sup>. Portugal era um local apelativo a naturalistas como porta de acesso a outras paragens e explorações, e Vandelli aceitou este convite e embarcou em Génova, rumo a Lisboa, em 1764 (PALHINHA 1945, 9). João Carlos Brigola descreveu assim o interesse de Vandelli pelo nosso país:

“A natureza imperial de Portugal, aliada a um tradicional desconhecimento dos seus recursos naturais metropolitanos e coloniais, concitara uma geral curiosidade e expectativa internacional face à criação e condução de estabelecimentos museológicos lusitanos a cargo de um naturalista italiano de reconhecido jaez e com uma aurea de prestígio e respeitabilidade que lhe advinha da condição de correspondente de Lineu.” (BRIGOLA 2008, 48).

---

<sup>64</sup> Correspondência publicada em *Florae Lusitanicae et Brasiliensis Specimen*, Coimbra, 1788. Lineu dedicou a Vandelli, em 1767, o género *Vandellia* da família das *Scrophulariaceae*.

<sup>65</sup> Foi dissuadido por Anton von Haen (1704-1776), médico e professor na Universidade de Viena (PALHINHA 1945, 9).

<sup>66</sup> O Real Colégio dos Nobres foi uma instituição de ensino pré-universitária para jovens aristocratas, criada em 1761 e instalada no extinto colégio e noviciado jesuíta da Cotovia em Lisboa, tendo sido extinta em 1837. No edifício do Colégio dos Nobres foram posteriormente instalados a Escola Politécnica de Lisboa, a Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa e presentemente o Museu Nacional de História Natural e da Ciência da Universidade de Lisboa.

<sup>67</sup> Não existiam no século XVIII docentes portugueses suficientemente habilitados para preencher as necessidades das instituições de ensino e Pombal, consciente disto, chamou estrangeiros, para colmatar esta carência e fazer avançar com o seu processo de transformação académica.

Domingos<sup>68</sup> Vandelli, chegado a Portugal em 1764, trouxe de Itália uma colecção natural, uma biblioteca de clássicos e um alicerçado conhecimento da obra de Lineu. Não tendo ido avante a docência no Colégio dos Nobres, os primeiros anos em Lisboa foram dedicados à recolha de espécimes para a sua colecção, aprofundando o conhecimento nos três reinos da natureza (CABRAL 2018, 5). Entre 1764 e 1772 o naturalista residiu em Lisboa, “ponto inicial e final destas viagens” (PATACA 2006, 37), e, sem grandes obrigações profissionais até 1768, Vandelli desenvolveu e ampliou o seu projecto museológico, cuja empenho se deverá à “disponibilidade intelectual de um jovem apaixonado pelos *studi naturalistici* e naturalmente motivado a prolongar a conceptualização e a metodologia das suas viagens filosóficas italianas” (BRIGOLA 2008, 48). O entusiasmo, dinâmica e energia de Vandelli nos primeiros tempos em Lisboa, onde chegou com 29 anos de idade, foi assim descrito por Eduardo Proença-Mamede:

“Inserido numa sociedade de grupos e arcádias, Vandelli não só é membro activo e dinâmico, como, com o génio do seu saber, inaugura outros grupos, inicia outras pesquisas, incrementa outras excursões ao “Mundo Novo”, procurando novas plantas, novos minerais, “novidades” do novo e do velho mundo vistos à luz dos olhos do Homem do Iluminismo.” (PROENÇA-MAMEDE 2008, 1).

Foi durante estes primeiros anos em Lisboa que Vandelli dirigiu as plantações na Quinta do Monteiro-Mor<sup>69</sup> a convite do 3º Marquês de Angeja<sup>70</sup> (1716-1788). Os jardins desta quinta no Lumiar assumiam a categoria de jardim botânico na segunda metade do século XVIII, pela mão dos Marquês de Angeja e de Domenico Vandelli, e vieram a rivalizar “com os Reais Jardins Botânicos da Ajuda ou de Coimbra na raridade das suas árvores e em particular pela sua preciosa colecção de palmeiras” (CARITA 1990, 299).

Após as plantações na Quinta do Monteiro-Mor, Vandelli recebeu, em 1768, o desafio da criação do primeiro jardim botânico português (PROENÇA-MAMEDE 2008, 1–2). Desde a fundação do Jardim Botânico da Ajuda que nele se incluía o Real Gabinete de História Natural, o Laboratório Químico, a Casa do Risco, uma livraria especializada e o Gabinete de Física Experimental. As colecções desde complexo museológico tornaram o Real Museu da Ajuda numa das mais ricas instituições científicas europeias, em muito enriquecido com as contribuições das *Viagens Philosophicas* aos domínios ultramarinos portugueses, que se desenvolveram posteriormente a partir da década de 1780. Durante os seus primeiros de anos de vida, foram plantadas no jardim milhares de plantas oriundas de todos os continentes (CABRAL 2018, 5). Deste início encontraram-se registos de 5000 espécies<sup>71</sup>. No tabuleiro

---

<sup>68</sup> Até ao século XIX era comum os estrangeiros que imigravam para Portugal traduzirem o nome próprio. Assim aconteceu com vários jardineiros estrangeiros estudados neste trabalho: Domenico/Domingos, Giulio/Júlio, John/João, Jean-Baptiste/João-Baptista, Pierre/Pedro.

<sup>69</sup> “Os terrenos da quinta do Lumiar resultaram da fusão de várias quintas compradas, paredes meias com a Quinta do Monteiro-Mor. Além dos bens imóveis, o marquês podia dar asas à sua paixão e excentricidade: uma biblioteca, cerâmicas, fósseis e minerais, objectos de origem indígena do Brasil, espécimes vegetais e animais a até uma múmia” (MECO 2019: 57).

<sup>70</sup> D. Pedro José de Noronha Camões Albuquerque Moniz e Sousa (1716-1788), 3º Marquês de Angeja, foi um estadista português com grande influência na política nacional. Próximo de D. Pedro III, foi nomeado presidente do Erário Real após o afastamento de Pombal. Entre muitos cargos públicos, foi deputado da Junta dos Três Estados, tenente-general dos exércitos, ministro adjunto do reino, e inspector geral das Obras Públicas e do plano de reedificação da cidade (AMARAL 2012). É mencionado nas cartas escritas por Domingos Vandelli a Carlos Lineu, que em 1771, no *Fasciculum Plantarum* 13, lhe dedica um novo género botânico, *Angeja*, cuja amostra ainda hoje se conserva no herbário Lineano (MECO 2019: 56).

<sup>71</sup> Ainda em Lisboa, pouco antes de partir para Coimbra, Vandelli concluiu, em janeiro de 1771, uma listagem das plantas vivas existentes no Jardim Botânico da Ajuda assim como das espécies dos três reinos que havia observado nas suas explorações

superior do jardim pode-se encontrar “algumas que acreditamos terem pertencido à colecção original de Vandelli como é o caso da *Dracaena draco* (dragoeiro) e da *Ocotea foetens* (til)” (SOARES e ESPÍRITO-SANTO 2008, 264).

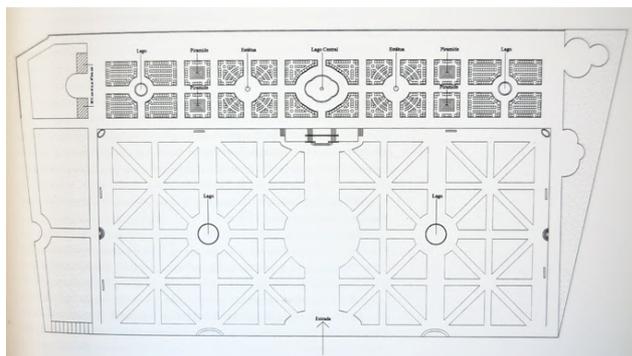


Fig. 6: Planta do Jardim Botânico da Ajuda, elaborada por Teresa Chambel e Ana Luísa Soares, a partir da planta original setecentista, 1995.

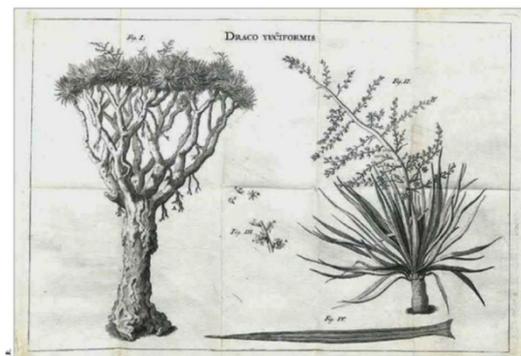


Fig. 7: *Dracaena Draco* (L.) L., em *Dissertatio de Arbore Draconis seu Dracaena*, Vandelli, 1771.

No mesmo ano que se iniciaram os trabalhos no jardim da Ajuda, 1768, Vandelli publicou *Dissertatio de Arbore Draconis seu Dracaena*. Para além do entusiasmo que mostrou por esta espécie pelas suas qualidades ornamentais, outros resultados advieram desta publicação. Lineu, que recebera de Lisboa amostras de raízes e flores de dragoeiro, introduziu na 12ª edição do *Systema Naturae* um género novo: *Dracaena*<sup>72</sup>, resultado das diferenças identificadas entre flores do género *Asparagus* e as do dragoeiro (MECO 2019, 46–47). O Jardim Botânico da Ajuda ficou assim ligado, para sempre, à descrição científica desta espécie. Nele mantém-se vivo um dragoeiro que se pensa ter cerca de 400 anos, e que ali terá sido plantado aquando da criação do jardim há 250 anos<sup>73</sup> pelas mãos de Domingos Vandelli. Ainda em 1768, Vandelli chamou de Itália Giulio Mattiazzi<sup>74</sup> (m. 1794), jardineiro-chefe no *Orto Botanico di*

---

naturais. Esta lista de Vandelli pode ser consultada na Biblioteca Nacional de Portugal: VANDELLI, D. (1771), *Dominici Vandelli Philosophi Ac Medici Regii Botanices Professoris, Regiae Scientiarum Academiae Upsaliensis, Florentinae, Physiocraticorum Senensis, Litterariae Ravennatis, Patavinae, Lusatiensis eco. Socii Hortus Olisiponensis Exhibens Plantas Exoticas Horti Regii Specimenque Historiae Naturalis Lusitaniae Cum novis generibus et Specibus* [Manuscrito].

<sup>72</sup> Actualmente na nomenclatura botânica do género encontra-se “*Dracaena* Vand. Ex. L.”, que significa que o género *Dracaena* foi sugerido por Vandelli, e cuja descrição é da responsabilidade de Lineu.

<sup>73</sup> Em 2018 a Imprensa Nacional Casa da Moeda cunhou uma moeda de dois euros comemorativa dos 250 anos do Jardim Botânico da Ajuda, em cuja face está gravada o dragoeiro da Ajuda.

<sup>74</sup> Giulio Mattiazzi foi jardineiro-chefe do *Orto Botanico di Padova* (PALHINHA 1945, 10) e trabalhou no Museu de História Natural na mesma cidade. Entre 1761 e 1762 acompanhou Vandelli nas suas explorações no ducado de Milão (PATACA 2006, 34). Durante o período em que Vandelli esteve a dirigir o Jardim Botânico de Coimbra e a leccionar na Universidade, entre 1772 e 1791, a administração financeira do JBA foi delegada a Mattiazzi (CARVALHO 1987, 67–68). Em 1773, Vandelli, passando grande parte do ano em Coimbra, decidiu nomear Mattiazzi, “homem de sua confiança e da futura rainha”, como responsável pelo Real Gabinete da Ajuda, oficializando, assim, o estatuto de gestor financeiro de Mattiazzi do JBA (MUNTEAL FILHO 2006, 14). No ano de 1774, já as obras do Jardim Botânico de Coimbra avançavam, Mattiazzi foi chamado a Coimbra para auxiliar nas plantações (CARVALHO 1987, 64–65). Com o projecto das viagens filosóficas a decorrer, foi ao JBA, e sob a administração de Mattiazzi, que as remessas enviadas das colónias chegaram e onde foram avaliadas economicamente. Era ali que se aferiam as riquezas naturais ultramarinas do reino (E. RODRIGUES 2009, 212). Quando, em 1791, Vandelli regressou a Lisboa, referiu-se ao mau trato que Mattiazzi havia dado ao jardim (VITERBO 1909, 102). “A presença de Vandelli repartida cá e lá não podia dar bons resultados, e disso ele próprio se queixa: «O jardineiro-administrador na minha ausência, tomando gosto ao governo independente pela proteção que tinha adquirido, chegou a pouco e pouco a não querer executar o que eu determinava em benefício do mesmo Jardim e Museu.» Desinteressou-se completamente da cultura de plantas, dando toda a atenção ao Museu. Naqueles primeiros anos, diz

Padova<sup>75</sup> e seu colaborador em explorações no norte de Itália, para o auxiliar nas plantações no novo e primeiro jardim botânico português.

Com a reforma da Universidade de Coimbra<sup>76</sup> empreendida por Pombal foram criadas novas cadeiras e foi necessária a contratação de docentes. Foi neste contexto de carência de professores que Vandelli foi contratado pela Universidade, em 1772, onde assumiu o cargo de lente de química experimental e de história natural<sup>77</sup> (PALHINHA 1945, 10). Em Coimbra, fundou o Laboratório Químico e o Gabinete de História Natural e participou na criação do Jardim Botânico, o terceiro jardim a que esteve ligado em Portugal.

Vandelli, Dalla-Bella<sup>78</sup> (1730-c.1823) e Elsden<sup>79</sup> (c. 1756-1778) elaboraram um primeiro projecto para o segundo jardim botânico português, este como extensão de ensino de uma universidade, o que não acontecia com o da Ajuda. Este primeiro projecto, pela sua grandiosidade e elevados custos de construção, foi rejeitado por Pombal em 1773: “e se calcule por um justo orçamento o que há-de custar o tal jardim de estudo de rapazes, e não de ostentação de príncipes” (PALHINHA 1945, 11). Após esta

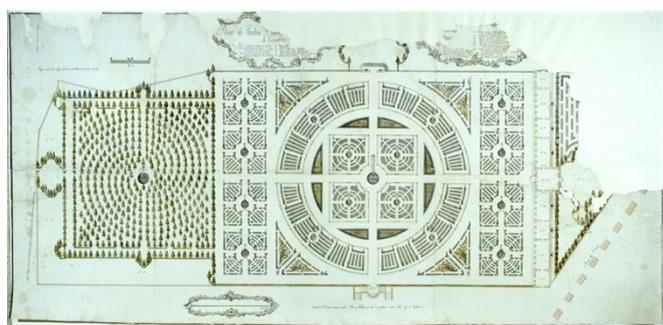


Fig. 8: 1º projecto para o Jardim Botânico de Coimbra, 1773.

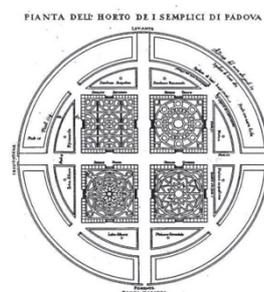


Fig. 9: Plano do Orto Botanico di Padova, séc. XVI.

Vandelli, as plantas do Jardim Botânico da Ajuda passavam de cinco mil espécies. Com o desinteresse de Mattiazzi perderam-se em grande parte e, à data do documento, talvez de 1795, que estamos analisando, havia somente mil e duzentas espécies” (CARVALHO 1987, 68). Não foi apenas a dramática redução da colecção botânica que terá desagradado Vandelli. O programa arquitectónico e sobretudo o programa escultórico foram aumentados, muito diferentes dos do plano original de Vandelli da década de 1760. O maior exemplo terá sido a construção da fonte das quarenta bicas: “o grande desproporcionado tanque que contra o meu parecer com tal antigo risco foi construído, está quase acabado; nelle, não obstante os seus defeitos se admira a grande habilidade dos escultores portugueses” (VITERBO 1909, 103). De facto, foi durante a período de administração de Mattiazzi que parte significativa de toda a arquitectura e escultura que hoje apreciamos no jardim da Ajuda foi construída, em oposição ao plano original de Vandelli, bem mais sóbrio na ornamentação.

<sup>75</sup> O *Orto Botanico di Padova* (Jardim Botânico de Pádua) foi fundado em 1545, sendo o mais antigo jardim botânico universitário existente no mundo. “O senado da República de Veneza aprovou a sua fundação para o cultivo de plantas medicinais, que depois constituiria a maior parte das chamadas *semplici*, os medicamentos de origem natural; por isto os jardins botânicos terem tido a denominação de *horti simplicium*” («Orto Botanico Università di Padova» 2014).

<sup>76</sup> No século XVIII a Universidade de Coimbra era a única instituição de ensino superior em Portugal, situação que se manteve até 1837 aquando da criação da Escola Politécnica de Lisboa.

<sup>77</sup> Vandelli leccionou nos seus três ramos: botânica, zoologia e mineralogia, “embora na *Dissertatio de Arbore Draconis* se tenha apelidado de *Botanicae professor*” (PALHINHA 1945, 10).

<sup>78</sup> Giovanni Antonio Dalla-Bella (1730-c.1823) teve um percurso em muito semelhante ao de Vandelli. Natural de Pádua e doutorado em medicina, foi convidado pelo Marquês de Pombal para vir para Portugal leccionar no Real Colégio dos Nobres. Chegou a Portugal em 1766 e em 1772 foi leccionar Física Experimental na Universidade de Coimbra. Foi-lhe concedido o grau de Doutor em 1773, tendo leccionado na Universidade de Coimbra até à sua jubilação, em 1790 (REIS 2003).

<sup>79</sup> William Elsden (c. 1756-1778) foi arquitecto e engenheiro na reconstrução de Lisboa. Aquando da Reforma de Pombalina, foi autor de um importante conjunto de desenhos para a Universidade de Coimbra.

recusa foi proposto um projecto mais modesto e menos dispendioso (PALHINHA 1945, 12). O núcleo inaugural do Gabinete de História Natural em Coimbra era constituído pelas colecções de Vandelli e Van-Deck<sup>80</sup> (PALHINHA 1945, 11). Vandelli vendeu o acervo que reuniu durante as suas expedições em Itália (1757-1763) e nos primeiros anos em Portugal (1764-1772), “negociado com Pombal por dez mil cruzados” (BRIGOLA 2008, 45).

Criados os jardins botânicos da Ajuda e de Coimbra, Vandelli dedicou-se ao planeamento das viagens filosóficas, nome dado às expedições realizadas às então colónias portuguesas e chefiadas no terreno por alunos de Vandelli: Joaquim José da Silva em Ângola (1783 a 1796), Alexandre Rodrigues Ferreira no Brasil (1783 a 1795), Manuel Galvão da Silva em Goa e Moçambique (1783 a 1795) e João da Silva Feijó em Cabo Verde (1783 a 1797) (PATACA 2006). Os objectivos destas viagens foram aumentar as colecções e desenvolver o estudo das ciências naturais. Sobre o Brasil e desejo de Vandelli de o conhecer, Proença-Mamede conta-nos:

“Aquele Brasil imenso e por descobrir fascinava-o! Vai daí prepara um grupo de alunos seus mais abalizados para uma “Viagem Filosófica”, capitaneados por Alexandre Rodrigues Ferreira, em várias capitanias da Amazónia e Cuiábá. Partem aquelas almas para a Amazónia, desenhando animais novos, gente diferente, seleccionando plantas novas do Novo Mundo.” (PROENÇA-MAMEDE 2008, 3).

Sem conseguir viajar para o Brasil, Vandelli expressou as suas frustrações ao Marquês de Angeja numa carta datada de 1777:

“Desejava eu não estar tão cansado, nem tão debilitado na minha saúde, para poder ir descobrir ao novo mundo as imensas riquezas que ignoramos, e que são invejadas pelos estrangeiros. Porém esta minha impossibilidade pode ser suprida por alguns dos meus discipulos, que cursando há seis annos a faculdade, podem ser utilmente empregados n'esta nova expedição tão gloriosa para Portugal.” *Jornal de Coimbra*, 1818, vol. XIII, parte I, p. 47-50. *Apud*: (PATACA 2006, 75).

Durante a sua estada em Coimbra, Vandelli fundou, em 1780, uma fábrica de cerâmica<sup>81</sup> (PALHINHA 1945, 11): “a Universidade de Coimbra cobre-se com azulejos da Fábrica Vandelli circula em forma de pratos, jarros, areeiros, coisas utilitárias para o dia a dia, com *design* peculiar e decoração que é uma mistura de tudo<sup>82</sup>. E rompe-se com o azul e branco; usa-se o verde, o sépia, o amarelo.” Em 1810 um incêndio destruiu a fábrica. Ficou conhecida por *louça de Bandelli / Vandelles* (PROENÇA-MAMEDE 2008, 3–4).



Fig. 10: Possível imagem de Vandelli em prato de cerâmica da sua fábrica, s.d.

Em Janeiro de 1791, ano em que se jubilou pela Universidade de Coimbra, Vandelli voltou a Lisboa e ao seu jardim da Ajuda (PALHINHA 1945, 10). Durante o tempo que permaneceu em Coimbra, 1772-1791,

<sup>80</sup> Joseph Rollen Van-Deck foi um militar francês e embaixador ao serviço de Portugal durante o governo de Pombal. Em 1774 deixou a sua coleção ao museu de história natural da Universidade de Coimbra.

<sup>81</sup> Comprou terrenos no Rossio de Santa Clara e foi aconselhado por Manuel da Costa Brioso, seu amigo e director da Real Fábrica do Rato em Lisboa.

<sup>82</sup> Peças produzidas pela fábrica de Vandelli estão hoje expostas no Museu Nacional Machado de Castro em Coimbra.

o JBA sofreu grandes transformações. O seu jardineiro Mattiazzi descurou a colecção de plantas vivas e o número de espécies diminuiu drasticamente: as 5000 espécies do elenco original foram “reduzidas a somente mil e duzentas” (CARVALHO 1987, 68). Também durante a sua ausência, e após o afastamento de Pombal em 1777, o programa arquitectónico e escultório foi aumentado, algo que não integrava o plano original para o JBA e que muito terá desagradado a Vandelli.

Neste final de século, Vandelli começou a ser pouco saudado pelos seus pares que lhe teceram duras críticas. Brotero nutria por ele forte antipatia, acusando-o de falta de rigor. O naturalista alemão Link<sup>83</sup>, apesar dos elogios ao Jardim Botânico da Ajuda, considerava Vandelli ignorante e ridicularizou-o na sua *Viagem a Portugal*, descrevendo-o “dócil e tolerante para as pessoas que sabiam mais do que êle” (PALHINHA 1945, 13–14). A grandiosidade do seu primeiro projecto para o Jardim Botânico de Coimbra foi um dos principais motivos das críticas, mas também a propaganda que fez ao dragoeiro como planta ornamental e a falta de valor científico das suas publicações (PALHINHA 1945, 14).

Em 1807 as tropas de Napoleão, comandadas pelo General Junot (1771-1813), entraram em Portugal e invadiram Lisboa. A família real partiu para o Brasil, assim como uma extensa corte na qual os alunos que Vandelli havia preparado para as expedições ultramarinas. A Vandelli, que não embarcou para o Brasil, foi ordenado que entregasse um vasto conjunto de peças das colecções dos gabinetes e do jardim. Foi com Geoffroy Saint-Hilaire<sup>84</sup> (1772-1844) que Vandelli acordou as entregas, tendo por isto sido acusado de facilitador. Ruy Telles Palhinha questiona as alternativas a esta cooperação:

“Há quem censure Vandelli por esta entrega, mas seria possível nas circunstâncias daquela época deixar de cumprir ou mesmo hesitar? 1583 exemplares zoológicos, 59 mineralógicos e geológicos, 10 herbários com 2855 exemplares, entre êles os da Cochinchina de Loureiro, o de Thunberg, os de Alexandre Rodrigues Ferreira e os de Velosos, 5 manuscritos, tal foi o material enviado para Paris. Feita a paz, em 1814, os manuscritos regressam à pátria; os outros materiais não. Êste insólito procedimento, que fez vibrar de indignação os portugueses, foi, aos olhos de um naturalista, benefício para a ciência que é universal.” (PALHINHA 1945, 12).

O Jardim Botânico da Ajuda, dirigido posteriormente por Félix Brotero, nunca recuperou o seu elenco inicial. Muitas das espécies do tempo de Vandelli desapareceram (MECO 2019, 42). Vandelli, acusado de facilitar estas transferências, jamais conseguirá repor o seu nome para boa memória:

“Esquecido de todos, não tem uma placa no jardim que delineou e que é, ainda hoje, um dos mais belos da Europa; não há qualquer coisa que em Lisboa ou Coimbra lembre aos modernos a sua existência e os seus trabalhos; é conhecido somente de raros portugueses.” (PALHINHA 1945, 15).

Apesar das críticas e oposições, Vandelli construiu uma obra fundamental para as ciências naturais em Portugal e estudou a flora portuguesa: em 1767 mandou proceder a herborizações, em 1784 mandou

---

<sup>83</sup> Johann Heinrich Friedrich Link (1767-1851) foi um médico e naturalista alemão que entre 1795 e 1801 realizou viagens a Portugal, com Hoffmannsegg (1766-1849), a fim de estudar a flora portuguesa. Juntos editaram *Flore Portugaise* distribuída em 22 fascículos entre 1809 e 1840 (OLIVEIRA 2015).

<sup>84</sup> Geoffroy Saint-Hilaire (1772-1844) foi um naturalista e zoólogo francês. Participou da exploração de Napoleão ao Egipto em 1798 e em 1808 foi nomeado por Napoleão para viajar a Lisboa para recolher bens dos museus e jardins da Capital portuguesa.

explorar a Serra da Estrela e preconizou, no Jardim Botânico da Universidade de Coimbra, o cultivo de plantas autóctones (PALHINHA 1945, 15).

Vandelli foi sócio fundador da Academia das Ciências de Lisboa em 1779, classe das Ciências de Observação (PALHINHA 1945, 12), e é considerado como um dos principais mentores da acção da Academia do domínio económico. O seu contributo nas linguagens especializadas, tal como a terminologia, em diversas áreas das ciências naturais, é considerado de grande importância, como é exemplo o seu *Diccionario dos termos technicos de Historia Natural*, de 1788 (SINNER 2011, 7). Considerado um fisiocrata<sup>85</sup>, deixou uma vasta obra escrita, parte dela publicada nas Memórias da Academia das Ciências. Deu um grande contributo na “sistematização de inventários e descrição dos recursos naturais de Portugal e suas colónias, nas quais o autor tinha em vista sempre a sua utilização produtiva ou a comercialização” (SINNER 2011, 8). Tendo sido um dos naturalistas que mais contribuiu para o conhecimento das ciências naturais nos territórios ultramarinos portugueses, termina a sua vida longe da glória dos primeiros anos:

“Vandelli, que sofrera a influência do enciclopedismo francês, que, naturalmente, simpatizava com Bonaparte pelo seu papel político em Itália, que se deixava entusiasmar pela propaganda da liberdade de pensamento trazida pelas hostes napoleónicas, não escondeu a sua simpatia pelo invasor; é denunciado como jacobino<sup>86</sup>, e não obstante a sua velhice, 75 anos, e os seus achaques, que o faziam parecer mais velho, torna-se suspeito à polícia portuguesa, a qual se esquece dos seus serviços, da sua posição, o encarcera e o deporta, a 15 de Setembro de 1810, por ocasião da chamada *Setembrizada*<sup>87</sup>, para a Terceira a bordo da fragata *Amazona*.” (PALHINHA 1945, 13).

Exilado nos Açores com o seu filho Alexandre Vandelli<sup>88</sup>, conseguiu, com o empenho do naturalista inglês Joseph Banks<sup>89</sup> (1743-1820), autorização para viajar para Londres de onde só regressou a Portugal em 1815 após a derrota de Napoleão e da paz de Viena. Morreu poucos meses depois de chegar a Lisboa, em 27 de junho de 1816, aos 80 anos de idade. Deixou-nos, entre tudo o já mencionado, dois magníficos jardins botânicos.

---

<sup>85</sup> *Fisiocracia* é uma doutrina económica segundo a qual a riqueza de um determinado local vem da terra, no sentido agrícola; é a base do liberalismo económico, opondo-se ao mercantilismo.

<sup>86</sup> *Jacobino* é um termo originário da Revolução Francesa, usado de forma pejorativa, e refere-se a quem defende ideias radicais revolucionárias de esquerda, em apoio à república e ao estado laico.

<sup>87</sup> *Setembrizada* refere-se a um conjunto de detenções feitas no contexto da terceira invasão francesa, comandada pelo marechal Massena, quando a 26 de Setembro de 1810 “a fragata *Amazona* aportou em Angra, na Terceira, trazendo a bordo os «Setembrizados», umas dezenas de presos que, sem culpa formalizada, haviam sido deportados pela regência do reino, acusados de serem conspiradores e “jacobinos” e de perfilharem ideias liberais. Entre os prisioneiros contavam-se letrados como Domingos Vandelli ou o desembargador Vicente José Ferreira Cardoso da Costa, este natural da Baía, o pintor italiano Domenico Pellegrini, professores, médicos, juizes, advogados, militares, sacerdotes, frades e homens de negócio” (RODRIGUES 2010).

<sup>88</sup> Alexandre António Vandelli (1784-1862), filho de Domenico Vandelli, natural de Coimbra, foi um naturalista luso-brasileiro. A partir de 1813 tornou-se assistente de José Bonifácio de Andrada e Silva (1763-1838) no Laboratório Químico da Casa da Moeda de Lisboa e na Intendência Real das Minas e Metais do Reino. Desenvolveu investigação em diversas áreas nomeadamente zoologia portuguesa e mineralogia. Foi professor de Botânica e Princípios de Ciências Naturais do jovem Imperador D. Pedro II e de outros membros da família imperial entre 1839 e 1862 (A. J. MARQUES e FILGUEIRAS 2009, 2492–95).

<sup>89</sup> Sir Joseph Banks (1743-1820) foi um botânico inglês, director honorário dos *Royal Botanic Gardens* em Kew e presidente da *Royal Society of London* entre 1778 e 1820.

### 3.2. FÉLIX DE AVELAR BROTERO (1744-1828)

Em 25 de novembro de 1744 nasceu Félix da Silva e Avelar em Pero Viegas, na freguesia de Santo Antão do Tojal, concelho de Loures. O seu pai morreu quando Félix tinha dois anos de idade, e a mãe, pela mesma altura, adoeceu com problemas mentais; foi então entregue à avó paterna, que também morreu pouco depois, e em 1748, Félix seguiu para Mafra para ser educado pelo avô materno, o arquitecto José Rodrigues Carreira Frazão, mestre na construção do Convento e Palácio de Mafra, onde frequentou a Escola dos Religiosos Conventuais (VEIGA 1944, 7). Do tempo de Mafra ficou o contacto com a biblioteca do convento, a aprendizagem de música e o estudo de plantas na botica e no jardim de frades (CASTEL-BRANCO 2007, 59).

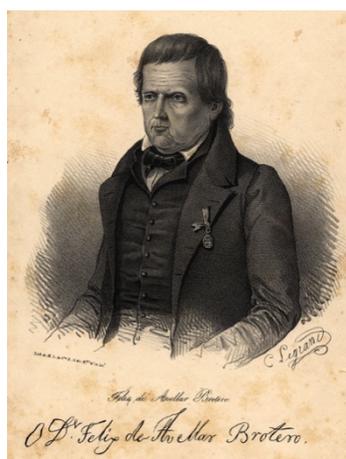


Fig. 11: Félix de Avelar Brotero (1744-1828), 1843. Desenho de C. Legrand.

Tudo se encaminhava para uma vida eclesiástica. Em 1763, aos dezanove anos, veio para Lisboa para ser capelão-cantor na Basílica da Patriarcal e em 1768 foi ordenado diácono (PINTO 1963, 3). Em 1770 foi cursar direito canónico em Coimbra. Com a Reforma de 1772, os estudantes da Universidade de Coimbra tinham de residir na cidade, e Félix que era cantor na Patriarcal em Lisboa foi obrigado a desistir (LIMA 1948). Em 1778, o então padre Félix Avelar decidiu-se a alterar drasticamente o rumo da sua vida, acompanhando um amigo seu, o padre Francisco Manuel do Nascimento (1734-1819), mais tarde conhecido por *Filinto Elísio*<sup>90</sup>, numa fuga para França. Félix não terá apenas embarcado por solidariedade ao seu amigo. As ideias iluministas “anti-católicas da maioria dos intelectuais franceses e ingleses” que *Filinto* lhe deu a conhecer tê-lo-ão atraído (VEIGA 1944,

8). Também as lembranças dos fólios de Paris, com as suas ruas e catedrais, que o avô Frazão lhe mostrou na biblioteca de Mafra, o terão feito pensar *por que não?* (CASTEL-BRANCO 2007, 67).

Chegado a Paris com 34 anos, Félix adoptou o nome Brotero<sup>91</sup>. Para sobreviver fez traduções e colaborou em jornais. Uma influente rede de conhecidos e amigos abriu-lhe as portas do *Jardin des Plantes*<sup>92</sup>, lugar maior no estudo e ensino da Botânica, necessária para o curso de Medicina que Brotero desejava ingressar. Foi ali no *Jardin des Plantes* que Brotero, ainda a pensar no curso de Medicina, se apaixonou por plantas (CASTEL-BRANCO 2007, 68). Assistiu a aulas dos mais reputados naturalistas, com quem foi criando relações de amizade (PINTO 1963, 4):

<sup>90</sup> Filinto Elísio é o pseudónimo do padre Francisco Manuel do Nascimento (1734-1819) que lhe foi atribuído pela Marquesa de Alorna, de quem foi professor de latim. Nutria simpatia pelos valores liberais e pelos ideais da revolução francesa, o que o levou a ser denunciado e procurado pela inquisição.

<sup>91</sup> Seguindo a moda no meio intelectual da época, e baseando-se nos conhecimentos da língua grega que possuía, adoptou o apelido Brotero, um neologismo que resultava da aglutinação de dois termos gregos, βροτός (brotós, Homem, Mortal) e έρως (éros, amor) significando *amante dos mortais* ou *amante da Humanidade* (PALHINHA 1944a, 8).

<sup>92</sup> O *Jardin des Plantes*, em Paris, foi durante os séculos XVII, XVIII e XIX um dos lugares mais importantes em toda a Europa para o estudo das ciências naturais. Denominado *Jardin du Roi* durante o absolutismo francês, foi lugar de encontro de grandes sábios e intelectuais, como Antoine de Jussieu, Bernard de Jussieu, Antoine-Laurent de Jussieu, Buffon, Lacépède, Cuvier, Saint-Hilaire, Lamarck, Rousseau, De Condolle, Vicq d’Azir e Fourcroy (CASTEL-BRANCO 2007, 15–36).

“Brotero assistiu às aulas e deliciava-se com os conhecimentos botânicos. Teve acesso ao mundo das plantas porque o ensino era gratuito, não dependendo de inscrições, e dentro deste tinha fácil acesso aos conteúdos, porque dominava plenamente o latim e o grego. (...) Vemo-lo na biblioteca preenchendo o saber que lhe falta, acompanhando as aulas práticas no jardim, trocando informações com Thouin<sup>93</sup>, o jardineiro, de quem ficou amigo, e acompanhando as saídas de campo com os botânicos.” (CASTEL-BRANCO 2007, 69).

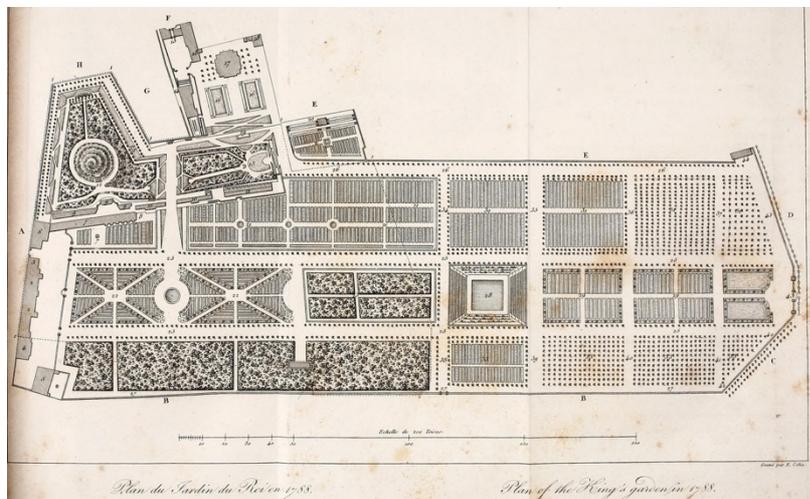


Fig. 12: Plan du Jardin du Roi (Jardin des Plantes), Paris, 1788.

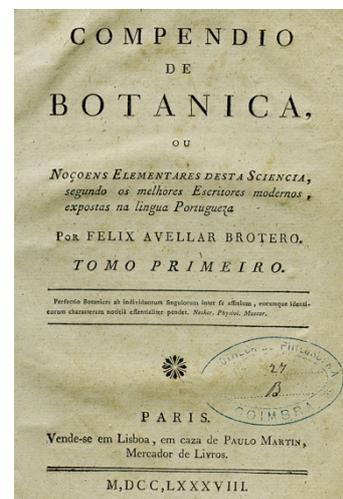


Fig. 13: Frontispício de *Compêndio de Botânica*, Brotero, 1788.

Estudou Medicina em Reims, onde se doutorou, mas pouco feliz com a profissão, “tal a repugnância física pelo espectáculo de sofrimento alheio” (LIMA 1944, 12), regressou a Paris, abandonou a carreira de médico e dedicou-se ao estudo da Botânica, a sua paixão.

Após dez anos da sua chegada a Paris, Brotero empreendeu um enorme esforço de síntese de tudo o que tinha aprendido até então sobre Botânica e publicou o seu *Compêndio de Botânica*<sup>94</sup>. Esta sua primeira obra, nas palavras de Castel-Branco as “fundações do edifício Brotero”, foi publicada em português, à semelhança do que ia acontecendo em diversos países europeus, “para que os que desconhecem o latim não ficassem privados de adquirir noções daquela ciência”, escreveu no prólogo. Em *Compêndio* Brotero enriqueceu com muitas palavras o vocabulário botânico em português (PALHINHA 1944b, 7) e alcançou de imediato o “prestígio de verdadeiro botânico” (LIMA 1944, 12).

As convulsões da Revolução Francesa fizeram Brotero regressar a Portugal; “na bagagem científica traz o primeiro compêndio de botânica escrito em língua portuguesa” (PALHINHA 1944a, 6), obra que lhe abrirá portas nesta nova fase da sua vida. A par do *Compêndio*, as herborizações feitas em 1790 e 1791 nos arredores de Lisboa a convite de Vandelli, valeram-lhe o reconhecimento da Rainha:

“O Governo de D. Maria I, empenhado em aperfeiçoar e elevar os estudos, fez publicar em 1791 uma carta régia em que Brotero era gratuitamente graduado doutor na Faculdade de Filosofia, e encarregado da regência duma cadeira de botânica, propositadamente separada da cadeira de

<sup>93</sup> André Thouin (1747-1824), jardineiro francês, foi aluno de Bernard de Jussieu e de Buffon. Trabalhou toda a sua vida no *Jardin des Plantes* de Paris do qual foi jardineiro-chefe.

<sup>94</sup> Para Joaquim da Silva Tavares, fundador e primeiro director da *Brotéria*, o *Compêndio* foi uma obra primordial da botânica porque “fixa e em parte cria de novo a terminologia portuguesa d’esta sciencia” (ROMEIRAS 2020, 72).

Ciências Naturais e Química existente, e de dirigir as obras do Jardim Botânico, apenas começado por Vandelli.” (PINTO 1963, 4).

Poucos meses após o seu regresso foi nomeado 4º lente de Botânica e Agricultura, cadeira recém criada na Faculdade de Filosofia (VEIGA 1944, 12). Em Coimbra entre 1791 e 1811, Brotero empenhou-se no aumento do jardim filosófico criado por Vandelli, aquele “quadrado onde se plantavam uma centena de plantas”, para passar a acolher milhares, organizadas por famílias segundo o sistema de Lineu, ocupando os terrenos vagos da cerca de S. Bento. Brotero inspirou-se no seu colega Lamarck<sup>95</sup> (1744-1829) e no trabalho que este desenvolveu no *Jardin des Plantes* (CASTEL-BRANCO 2007, 104). Foi Brotero o responsável pela localização e cálculo dos canteiros do vários tabuleiros do Jardim Botânico da Universidade de Coimbra, assim como do sistema de rega e drenagem (CASTEL-BRANCO 2007, 106). Brotero introduziu no jardim conceitos de microclima, potenciando a aclimação de exóticas ao escolher cada local com características adequadas a determinada espécie, conciliando sombras naturais e construídas, pela edificação, por exemplo, de muros (CASTEL-BRANCO 2007, 108).

Desde o seu regresso de Paris, Brotero percorreu grande parte do país em trabalhos de herborização (PINTO 1963, 6), recolhendo e identificando a flora local. “O que Vandelli<sup>96</sup> não quizera, ou melhor, não pudera nem soubera fazer, não obstante os estímulos e pedidos de Lineu, quis fazê-lo Brotero.” Classificou 1885 espécies de plantas, muitas das quais desconhecidas (LIMA 1944, 14). Em 1804 publicou *Flora Lusitânica*, a primeira flora portuguesa, obra que o próprio Brotero considerou incompleta, imperfeita e publicada à pressa.<sup>97</sup>

Foi eleito membro da Real Academia das Ciências de Lisboa em 1810 e no ano seguinte foi jubilado pela Universidade de Coimbra. O período durante o qual Brotero viveu em Portugal foi de grande instabilidade política e social. Fugido da Revolução Francesa,

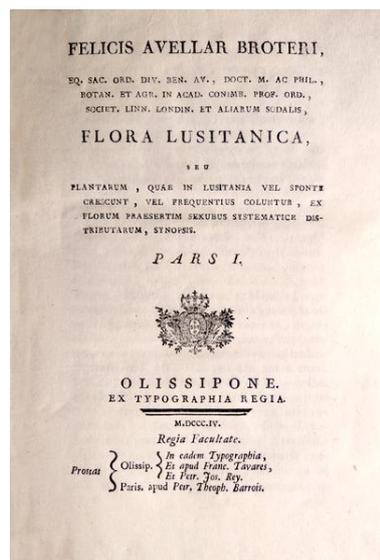


Fig. 14: Frontispício de *Flora Lusitânica*, Brotero, 1804.



Fig. 15: *Jacaranda mimosifolia* D. Don em flor no Jardim Botânico da Ajuda, 2017.

<sup>95</sup> Jean-Baptiste Pierre Antoine de Monet, *Chevalier* de Lamarck (1744-1829), foi um naturalista francês e autor da teoria dos caracteres adquiridos (ideias pré-darwinistas sobre a evolução das espécies), entretanto desacreditada.

<sup>96</sup> Brotero foi muito crítico de Vandelli considerando que o naturalista italiano apenas tinha “visto de longe e de passagem” a Beira Baixa e a Extremadura, referindo-se ao seu fraco conhecimento da flora portuguesa (LIMA 1944, 7).

<sup>97</sup> Biógrafos de Brotero consideram que a publicação de *Flora Lusitânica* foi apressada pelo estado português para se antecipar à publicação da *Flore Portugaise* que Hoffmannsegg e Link estavam a preparar e que viriam a publicar em fascículos entre 1809 e 1840 (OLIVEIRA 2015, 113). Brotero e Link foram bons amigos, e o alemão não lhe poupou em elogios na sua *Voyage en Portugal* (1803): “posso com razão enfileirá-lo entre os melhores botânicos de todos os países que tenho percorrido” (LIMA 1944, 18).

manteve-se em Coimbra durante a primeira invasão napoleónica, mas durante a terceira<sup>98</sup>, que atingiu Coimbra, decidiu-se deixar a Universidade e rumar a Lisboa.

Foi nomeado director do Real Museu e Jardim Botânico da Ajuda em 27 de Abril de 1811<sup>99</sup>, procedeu à classificação das plantas existentes no jardim e à elaboração de um herbário<sup>100</sup> e manteve-se no cargo até morrer em 1828, com 83 anos de idade (CASTEL-BRANCO 2007, 183). Brotero conseguiu repor parte da colecção entretanto perdida para os franceses, havendo registo de 1370 espécies<sup>101</sup> no seu tempo (SOARES e ESPÍRITO-SANTO 2008, 264). As boas relações que estabeleceu em Paris tê-lo-ão ajudado na troca de sementes, nomeadamente com Lamarck e Thouin. O Jardim Botânico da Ajuda que dirigiu depois de jubilado em Coimbra “também lhe ficou devendo assinalados serviços. Deixou uma valiosa e numerosa bibliografia, principalmente botânica, parte impressa e parte manuscrita” (LIMA 1944, 16). Destaca-se, para além do já referido *Compêndio* e da sua *Flora Lusitanica*, a *Phytophografia Lusitaniae Selector*<sup>102</sup>. Brotero foi notável na forma rigorosa que descreveu a morfologia externa das plantas e na “necessidade de conjugar a aquisição de conhecimentos recebidos do livro com a observação das plantas no campo, no jardim, no herbário” (PALHINHA 1944a, 10).

Brotero teve um papel muito importante na aclimação de novas espécies que entretanto iam chegando a Portugal. Do Jardim Botânico da Ajuda saíram novas espécies para arborizar Lisboa. Segundo Castel-Branco, após o sucesso na aclimação, *Jacaranda mimosifolia*, *Ficus* sp., *Brachychiton* sp., *Podocarpus* sp., *Erythrina* sp., *Ceiba* sp., *Tipuana tipu* e *Lagestroemia* sp. foram plantadas pela

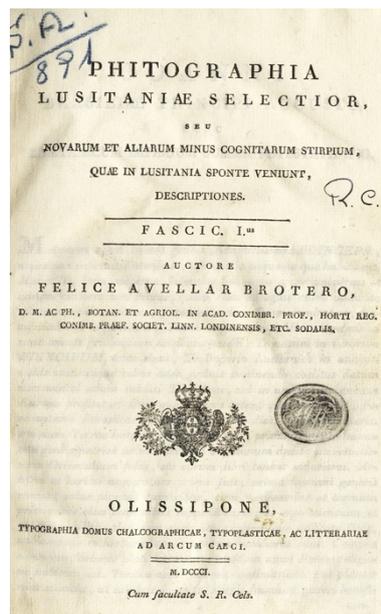


Fig. 16: Frontispício de *Phytophografia Lusitaniae Selector*, Brotero, 1801.



Fig. 17: *Erythrina indica* Willd., s.d.

<sup>98</sup> A terceira invasão francesa, chefiada pelo Marechal André Massena (1758-1817), ocorreu entre julho de 1810 e abril de 1811. Por altura da batalha do Buçaco, Coimbra foi evacuada preventivamente pelos aliados e depois saqueada pelos franceses.

<sup>99</sup> Brotero foi nomeado provisoriamente director do Real Museu e Jardim Botânico da Ajuda, que estava entregue a Alexandre Rodrigues Ferreira (1756-1815); Vandelli já estava por esta altura exiliado na Ilha Terceira (VEIGA 1944, 13).

<sup>100</sup> Os herbários elaborados por Brotero terão sofrido maus tratos, “se observarmos as condições em que essas plantas se encontram (e já assim estavam quando Welwitsch as trouxe do Real Jardim Botânico da Ajuda para a Escola Polytechnica, pouco antes formada)” (PALHINHA 1944b, 5–6).

<sup>101</sup> BROTERO, F. A. (1827). *Catálogo geral das plantas do Real Jardim Botânico d’Ajuda, distribuídas segundo o systema de Linneu*. Lisboa: J. da Soc. Pharm. (Biblioteca do Instituto Superior de Agronomia).

<sup>102</sup> *Phytophografia Lusitaniae Selector*, cujo primeiro volume saiu em 1816 e o segundo em 1827, contém estampas de enorme qualidade artística; Brotero não descuidou o rigor dos desenhos nem a escolha dos desenhadores, suprimindo assim a falta de imagens, fundamentais para o conhecimento botânico, da sua *Flora* publicada em 1804 (CASTEL-BRANCO 2007, 140). No seu conjunto, a obra incluía 181 estampas em 548 páginas (ROMEIRAS 2020, 73).

cidade, “aumentando o leque de espécies novas e de cores vibrantes, capazes de viver e florir em Lisboa” (CASTEL-BRANCO 2007, 145). Algumas destas plantas originais mantêm-se vivas no jardim da Ajuda, como a *Ficus benjamina*, a *Ficus macrophylla*, a *Phytolacca dioica* (bela-sombra) e a *Phoenix dactylifera* (tamareira) (SOARES e ESPÍRITO-SANTO 2008, 265). Estava assim aberto o caminho a jardineiros, muitos deles estrangeiros e prestes a chegar a Lisboa, continuarem os processos de aclimação e expandirem o elenco florístico de Lisboa:

“A partir destes lugares públicos, a moda alastrou, e os jardins privados de Lisboa, os arruamentos novos, as praças e pracetas receberam a novidade da cor e da beleza numa renda de copas e cores que marcará para sempre a imagem de Lisboa. Brotero, entusiasta e estudioso da aclimação de árvores exóticas, para ela contribuiu.” (CASTEL-BRANCO 2007, 146).

A utilização de plantas exóticas chegadas dos jardins botânicos e das então colónias portuguesas passou a ser prática dos jardineiros que, até ao princípio do século XX, dirigiram os jardins de Lisboa.



Fig. 18: *Ficus macrophylla* Desf. ex. Pers. no Jardim Botânico da Ajuda, 2017.

Brotero deu também um importante contributo para a agricultura em Portugal ao escrever *Reflexões sobre a Representação* entre 1815 e 1820 (PALHINHA 1949, 3). Neste texto propôs a criação de uma sociedade de agricultura e indústria e uma escola filosófica de agricultura, salientando a “necessidade de animar a nossa agricultura, de modo a fazê-la florescer, tornando-nos independentes dos estrangeiros” (PALHINHA 1949, 9). Só em 1852, cerca de 40 anos após a publicação de *Representação*, foi criado o Instituto Geral da Agricultura (PALHINHA 1949, 5).

Nas palavras de Ruy Telles Palhinha Avelar Brotero foi o “maior génio botânico português” cujo nome foi e é conhecido e muito respeitado dentro e fora de Portugal<sup>103</sup> (PALHINHA 1944a, 5) e que nas suas descrições botânicas foi mais exigente e mais rigoroso que Lineu” (PALHINHA 1944a, 11). Foi eleito membro de diversas sociedades científicas e foi deputado às Cortes Gerais em 1821 (CASTEL-BRANCO 2007, 183–85). A Brotero foram dedicadas várias espécies da flora portuguesa<sup>104</sup>. Américo Pires de Lima sintetiza assim uma vida e obra:

“Brotero foi o resultado da mais feliz aliança entre a Ciência e o Humanismo. Êle constitue um marco miliário imponente, não só na Botânica, mas também na história da Ciência Portuguesa. Com Brotero, ou sem Brotero, Portugal seria diferente.” (LIMA 1944, 20).

<sup>103</sup> Brotero é lembrado e celebrado em Portugal, como são exemplos a estátua de Soares dos Reis no Jardim Botânico de Coimbra (1887) e a de António Duarte em Belém (1984), a edição de selos evocativos do 2º centenário do seu nascimento (1944) e por diversa toponímia em cidades portuguesas (ruas de Coimbra e Lisboa, escola secundária em Coimbra e jardim em Lisboa).

<sup>104</sup> No portal da internet *flora-on* estão elencadas as seguintes plantas autóctones de Portugal continental: *Quercus faginea* subsp. *broteroi* (Cout.) A.Camus; *Galium broterianum* Boiss. & Reut.; *Paeonia brother* Boiss. & Rent.; *Ornithogalum broteroi* M.Laínz; *Dianthus broteri* Boiss. & Reut.; *Carduus lusitanicus* subsp. *broteroi* (Welw. ex Mariz) Devesa; *Ononis broteriana* DC.; *Thymelaea broteriana* Cout.; *Selinum broteri* Hoffmanns. & Link.

### 3.3. JOHN ROSENFELDER (1803/4-1844)

John Rosenfelder, natural da Suíça, foi contratado em Paris pelo 1º Duque de Palmela<sup>105</sup> para dirigir os seus jardins<sup>106</sup>, entre os quais os do Lumiar no qual Domenico Vandelli havia dirigido as plantações cerca de 60 anos antes (VITERBO 1906, 102).

Em 1830 o 1º Duque de Palmela adquiriu os jardins do Paço do Lumiar (SILVA 2015, 30) e nos anos seguintes foi ampliando esta propriedade<sup>107</sup>, resultado da união de duas quintas, a do Monteiro-Mor<sup>108</sup> e a dos Marqueses de Angeja (FORTES, MARQUES, e BASTO 2015). Rosenfelder veio para Lisboa dirigir os jardins dos Palmela nos anos de 1820 (CARITA 1990, 299), pouco tempo depois da Revolução Liberal. Chegado a Portugal ainda antes de D. Fernando de Saxe-Coburgo-Gotha, Rosenfelder encetou a transformação desta Quinta do Monteiro-Mor e inaugurou um movimento de chegada de jardineiros estrangeiros a Lisboa que se prolongou por todo o século XIX.



Fig. 19: Parque do Monteiro-Mor, s.d.

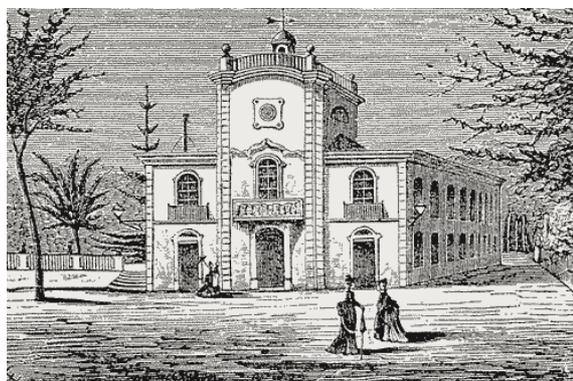


Fig. 20: Palácio do Monteiro-Mor, s.d. (séc. XIX).

Edmond Goeze, primeiro jardineiro-chefe do Jardim Botânico da Escola Politécnica de Lisboa, publicou em 1875 um texto no *Jornal Prático de Horticultura* sobre a Quinta do Monteiro-Mor:

“Poucas milhas distante de Lisboa, para o interior, está situada a povoação do Lumiar, que passaria talvez despercebida aos habitantes da capital se não fosse o palácio do duque de Palmella com os seus bellos jardins (...). Há uns quarenta anos [na década de 1830] que o avô da actual duqueza lançou os fundamentos d'esta adoravel vivenda. N'aquelle tempo os jardins em Portugal estavam na sua infancia, e não é de admirar que dentro em pouco o do Lumiar, occupasse o logar de honra, e que passo a passo se tornasse o modêlo do bom gosto na escolha e arranjo das plantas exoticas. O

<sup>105</sup> D. Pedro de Sousa Holstein (1781-1850) foi 1º e único Conde, Marquês e 1º Duque de Palmela e Conde de Sanfré no Piemonte. Foi embaixador de Portugal em Roma (onde iniciou a carreira diplomática em 1802), Londres e Viena. Em 1815 representou Portugal no Congresso de Viena. Foi ministro dos Negócios Estrangeiros, presidente da Câmara dos Pares e do Conselho de Ministros do 1º ministério do reinado de D. Maria II («Casa Palmela - Arquivo Nacional da Torre do Tombo» 2014).

<sup>106</sup> A casa de Palmela, no século XIX, era constituída por um numeroso conjunto de propriedades localizadas pelo país: Santarém, Sesimbra, Torres Novas, Alcobaça, Lisboa, Cascais, Sintra, Palmela e Setúbal. Destacam-se as palácios em Lisboa e Cascais, e inúmeras quintas, tais como a do Calhariz e a do Lumiar («Casa Palmela - Arquivo Nacional da Torre do Tombo» 2014).

<sup>107</sup> Dez anos depois, em 1840, o Duque de Palmela comprou o palácio existente na quinta, que ficou conhecido por Palácio Angeja /Palmela. A Quinta do Monteiro-Mor e os respectivos palácios do Monteiro-Mor e Angeja/Palmela, bem como um terceiro palácio, actualmente abandonado, pertenceram os três à família dos Duques de Palmela (SILVA 2015, 30).

<sup>108</sup> Monteiro-Mor era um oficial da casa real encarregado de dirigir as tapadas e coutadas de caça. O nome vem do tempo em que foi residência do Monteiro-Mor D. Henrique de Noronha. A partir de então, nesta quinta passaram a residir os Monteiros-Mores do Reino ou seus familiares (AREZ 2004).

exemplo foi seguido e não tardou que se creassem por diversas partes excellentes jardins debaixo de todas as condições necessárias. O Lumiar, todavia, conservou-se sempre no seu plano superior.” (GOEZE 1875, 230–31).

Com o progressivo gosto por plantas exóticas (SILVA 2015, 30), o jardim foi objecto de uma grande transformação, e da qual John Rosenfelder foi o primeiro jardineiro-chefe, cargo que manteve até 1844. Foram construídos “lagos naturalizados, relvados, repuxos e uma coleção de plantas raras, vasos e estátuas em mármore, terraços, viveiros de aves (...) – um jardim paisagista, pitoresco, com um lago irregular, uma cascata, caminhos ondulantes, estátuas, grandes vistas sobre a paisagem e uma magnífica coleção



Fig. 21: Araucária-de-Norfolk no Parque do Monteiro-Mor, 2019.



Fig. 22: *Araucaria excelsa* R. Br., s.d.

de plantas” (CASTEL-BRANCO 2014b). O estilo francês impresso no século XVIII passou a coabitar com o estilo inglês. “Ainda que o jardim, frente ao antigo Palácio do Monteiro-Mor, conservasse a influência francesa, com sebes de buxo, o resto começou a ser desenhado segundo um novo traçado: o romantismo dos jardins ingleses chegava, finalmente, aos jardins de Lisboa” (MECO 2019, 58). A intervenção operada em Oitocentos consistiu na “modelação suave do terreno, na construção naturalizada de riachos, cascatas e grandes lagos, no traçado de caminhos sinuosos, ensombrados por exóticas, e na definição de canteiros relvados, delimitados por bordaduras de herbáceas de estação ou vivazes” (FORTES, MARQUES, e BASTO 2015).

Em 1863, Vilhena Barbosa publicou um artigo sobre a Quinta do Monteiro-Mor no *Archivo Pittoresco*:

“Um vastíssimo terreno em quebradas, assombrado por arvoredos seculares, e artisticamente aproveitado para o mais lindo effeito de paisagem; tanques de marmore, e lagos como naturaes, expraiando-se a agura sobre a relva sempre viçosa; mil repuxos saíndo mysteriosamente d’entre os repuxos de verdura e flores, numa copiosa collecção de plantas exóticas e raras, ostentando em estufas, ou em pleno ar, a belleza de suas flores, ou a forma graciosa da folhagem; muitos vasos e estatuas de marmore ornando jardins, ou coroando terrados; viveiros de aves formosas, oriundas de regiões diferentes; ruas de bosque plantadas no gosto moderno, em que os arbustos se entrelaçam com as arvores.” (BARBOSA 1863, 306).

Não nos é possível afirmar tudo o que foi realizado durante o período em que Rosenfelder dirigiu os jardins da Quinta dos Palmela no Lumiar, e o que foi posterior a ele. No entanto, a partir de um texto de Edmond Goeze sobre as araucárias, publicado no *Jornal Prático de Horticultura* em 1875, podemos saber que a célebre *Araucaria excelsa*<sup>109</sup>, a primeira em Portugal, e que “custou avultada quantia” (BARBOSA 1863, 306), hoje com quase 45 metros de altura (MECO 2019, 59), terá sido plantada sob a direcção de Rosenfelder:

<sup>109</sup> *Araucaria excelsa* é uma sinonímia de *Araucaria heterophylla* (Salisb.) Franco.

“Lançando uma vista pela tribu das Coníferas, nota-se que o Pinheiro Norfolk<sup>110</sup>, *Araucaria excelcea*, se tornou uma arvore predilecta n’este paiz, onde foi introduzida há 35 anos. É no Lumiar onde existem os mais antigos e fortes individuos. Em 1841 foram plantados dois exemplares novos e em pouco tempo atingiram enormes dimensões. Um tem 78 pés; o outro tem mais de 80 pés de altura. Há cerca de 10 annos que deram as primeiras pinhas, mas sómente desde 1873 é que produziram boas sementes.” (GOEZE 1875, 233).

Goeze indica ainda outras espécies do género *Araucaria* existentes no Parque do Monteiro-Mor: *Araucaria brasiliensis*, *A. imbricata*, *A. bidwillii*, *A. rulei*, *A. cookii* e *A. cunninghamii* (GOEZE 1875, 233), completando um notável conjunto de araucárias presumivelmente do tempo de Rosenfelder. Também os dois grandes plátanos (*Platanus hybrida* Brot.) que hoje lá podemos ver, terão sido plantados nesta altura (FORTES, MARQUES, e BASTO 2015).

Não sabemos em que escola se formou, em que jardins praticou ou quais os seus mestres. Mas parece-nos seguro afirmar que Rosenfelder tinha sólidos conhecimentos e competências na aclimação de plantas exóticas, afinal o propósito da sua contratação e da sua vinda para Lisboa.

Morreu jovem, aos 40 anos de idade, em 1844 no Lumiar<sup>111</sup>. É lembrado como “tão sabedor do seu officio como virtuoso” e conquistou o carinho e amizade de todos, “incluindo os trabalhadores do campo, que o adoravam como mestre e amigo” (VITERBO 1906, 102–3). António Feliciano de Castilho escreveu o obituário de João Rosenfelder, publicado na Revista Universal Lisbonense:

“João Rosenfelder, suiso, era uma excellente pessoa e um excelente jardineiro. A casa Palmella o havia mandado vir de França para a sua quinta do Lumiar, que elle, em poucos annos, transformára n’um palmito. Seus amos lhe queriam como a servidor zeloso e intelligente: os trabalhadores, seus dependentes, e os visinhos, captivados da sua beneficencia e da amenidade do seu tracto, não viam n’elle um estrangeiro, mas um amigo, quasi um parente. Sua mulher e suas tres filhas, uma de cinco annos, outra de tres, e a mais pequenina de dez mezes, – sua mulher e suas filhas eram tão felizes com elle e por elle, como as suas flores. A sua casa era, em diverso genero, um quadro tão bello como o seu jardim. (...) Veio a grande missionaria a enfermidade grave bater-lhe à porta. A graça havia sido repellida por 40 annos.<sup>112</sup> (...) João Rosenfelder, saindo do baptismo, que não tardou em se lhe administrar, parecia ressuscitado à vida e à alegria, como qualquer das suas plantas mais preciosas, para quem uma chuva benefica tivesse sobrevivendo aos abrasamentos de um estio porfiado. Nos poucos dias que ainda amanheceram para elle, depois de recebidos os sacramentos ultimos, repetiu por vezes o da penitencia, confessando sempre que as horas mais alvas e alegres da sua vida eram estas derradeiras. A 25 de fevereiro, com lagrimas de esposa e filhas corriam sobre um homem, que sorria depois de morto, as de muitos trabalhadores e camponezes, cada um dos quaes commemorava um beneficio, um serviço ou uma virtude.” (CASTILHO 1844, 404).

---

<sup>110</sup> A araucária-de-Norfolk foi descoberta em 1774 na ilha de Nortfolk, entre a Nova Caledónia e a Nova Zelândia, pelo explorador inglês James Cook. Foi primeiramente descrita em 1807 por Richard Anthony Salisbury como *Eutassa heterophylla*. Depois de várias nomenclaturas, a proposta actual é de 1952: *Araucaria heterophylla* (Salisb.) Franco.

<sup>111</sup> Após a morte de Rosenfelder o cargo de director dos jardins da Quinta do Monteiro-Mor, dos Palmela, foi ocupado pelo austríaco Friedrich Welwitsch e posteriormente pelo também suíço Jacob Weiss.

<sup>112</sup> A partir desta informação pode-se depreender que John Rosenfelder terá nascido em 1803 ou 1804.

### 3.4. FERNANDO DE SAXE-COBURGO-GOTHA (1816-1885)

Ferdinand August Franz Anton Saxe Coburgo Saalfeld nasceu em 28 de outubro de 1816 em Viena, no ano seguinte ao Congresso de Viena e da formação da Confederação Germânica<sup>113</sup>. Este facto teve grande importância no início da vida deste príncipe alemão<sup>114</sup> ao unir politicamente terras dos duquados da família paterna, Coburgo e Gotha situados na Turíngia, e propriedades da família materna a sul, permitindo ao jovem Ferdinand circular dentro desse vasto território germânico. Em Coburgo e em Gotha,



Fig. 23: S. M. El Rei D. Fernando II (com representação de Luís de Camões em fundo), c. 1840. Desenho de Maurício Sendim.

Ferdinand conheceu a natureza no seu estado selvagem, a Floresta Negra; em Viena conheceu a vida cortesã e o estudo sistemático das ciências e das artes – pintura, música, poesia (LOPES 2014, 259).

Era neto pelo lado materno do príncipe Francisco Koháry (1767-1826), proprietário detentor de uma grande fortuna (LOPES 2014, 259), e, pelo lado paterno, era neto de Francisco Duque de Saxe-Coburgo Saalfeld (1750-1806), antepassado dos atuais monarcas do Reino Unido, Bélgica, Suécia, Dinamarca, Noruega, Espanha e Luxemburgo. Ferdinand nasceu no seio de uma poderosa rede familiar: era “filho, irmão, sobrinho, primo, cunhado, tio, «compadre» e sogro de arquiducos soberanos, reis e príncipes em países tão diversos como a Áustria, Hungria, Saxónia ducal, Bélgica, Inglaterra, Brasil, França, Saxónia real, Prússia e Itália” (LOPES 2016, 14).

Teve uma educação muito completa: artes e literatura, línguas, arquitectura, ciências e conhecimento da natureza, e foi influenciado pelo romantismo alemão que então despoletava e se expandia no espaço europeu: na sua biblioteca “encontrava-se a obra de Pucker<sup>115</sup> e de Goethe<sup>116</sup>, escritores e construtores de jardins” (CASTEL-BRANCO 2001, 81).

<sup>113</sup> O Congresso de Viena, realizado entre setembro de 1814 e junho de 1815, redesenhou a Europa depois da derrota da França napoleónica. Foi então formada a Confederação Germânica, uma união política de 38 estados alemães, entre eles o Império Austríaco, o Reino da Prússia e vários outros reinos, grão-ducados, principados, cidades-livres e ducados, entre os quais o de Saxe-Coburgo-Saalfeld (só a partir de 1826 se designou Saxe-Coburgo-Gotha). Portugal foi representado nesta reunião diplomática por D. Pedro de Sousa Hostein (1781-1850), Conde de Palmela (futuro Duque de Palmela), figura de relevo na política portuguesa e na história de arte dos jardins de Lisboa na primeira metade do século XIX.

<sup>114</sup> “A Alemanha não existiu enquanto país antes de 1871 e quando Fernando nasceu, em 1816, o vocábulo designava todo o espaço de língua alemã. A partir de 1815, este coincidia com a Confederação Germânica. (...) No *terminus* do seu processo de unificação, a Alemanha adotou como seu o nome de uma vasta região de que esse país era uma parte — abusivamente, tal como a Espanha o fizera ao arrogar-se um nome que era o de toda a península ibérica. Portanto, só se pode dizer que D. Fernando II era alemão depois de se explicitar a evolução semântica das palavras «Alemanha» e «alemão»” (LOPES 2016, 16).

<sup>115</sup> Hermann Ludwig Heinrich von Pückler-Muskau (1785-1871) foi um príncipe e paisagista alemão. Notabilizou-se pelo projecto do Parque de Muskau (1815), localizado na fronteira entre a Alemanha e a Polónia. Publicou diversos livros de viagens que realizou na Europa e em África. Em 1834 publicou *Andeutungen über Landschaftsgärtnerei* (Tratado de Jardinagem).

<sup>116</sup> Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832) foi um pensador e escritor alemão, um dos mais importantes da literatura alemã e do movimento romântico. “A primeira edição de *Fausto* de Goethe, publicada em 1827, inflamou o romantismo francês, com ilustrações de Eugène Delacroix” (QUINTAS 2001, 148).

Viajou para Portugal com 19 anos<sup>117</sup>, em 1836, para se casar com a rainha de Portugal, D. Maria II<sup>118</sup> (1819-1853) (QUINTAS 2001, 57). Era um jovem muito bem preparado, poliglota<sup>119</sup>, com um “raro pendor para as artes”. Chegou a Lisboa e encontrou um país envolto numa enorme instabilidade social e política – no seu primeiro ano em Portugal assistiu “a uma revolução e um golpe palaciano: a Revolução de Setembro e a Belenzada” (SANTOS 2017, 1–2).

Em 11 de Novembro de 1841, cinco anos após a chegada de D. Fernando a Portugal, foi publicado na Revista Universal Lisbonense um artigo de António Feliciano de Castilho intitulado *O Rei-Artista*:

“Ja lá vão os dias de estúpida memoria, em que a ignorancia era para a nobreza um fôro essencial; e as letras, as sciencias, as artes, profissão desprezível de villões e populares. (...) O filho do plebeu aprende para legislador, para magistrado, para general, para conselheiro, para ministro; o filho dos reis para naturalista, para poeta, musico, pintos, cidadão, e homem. Bem fazem e bem hajão uns e outros! Que assim lucrámos todos nesta revolução. (...) Honesto, fiel, religioso; bom parente, bom marido, bom pai; sabio, e estudioso; incançavel no anear o bem, simples nos gostos e costumes; soccorredor de infelizes, esforçador de engenhos; completo Alemão e completo Portuguez n’um só individuo.” (CASTILHO 1841, 78–79).

D. Fernando recebia assim, em vida e recém chegado a Portugal, o seu cognome. Foi-lhe reconhecido, desde cedo, um especial gosto pelas artes. Muito interessado em música – particularmente bel-canto – e belas artes – produziu uma vasta obra de desenho, gravura e cerâmica –, foi também um apaixonado por literatura e história (nomeou Alexandre Herculano, um dos nomes maiores do romantismo português, como seu bibliotecário particular no Palácio da Ajuda) (QUINTAS 2001, 58).

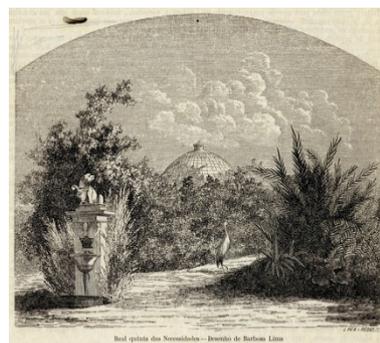


Figura 24: Real Quinta das Necessidades, em *Archivo Pittoresco*, 1862.

A sua admiração pela natureza e jardins levou-o a executar três grandes obras de arte de paisagismo em Portugal: Necessidades, Pena e Mafra. As Necessidades foram o seu “terreno de experimentação” na arte paisagística, a Pena a sua obra-prima romântica, e em Mafra retomou soluções de pequenos jardins envolvendo pavilhões de caça que lembram a sua terra natal (CASTEL-BRANCO 2001, 82–83). D. Fernando mandou vir de França um jardineiro, Bonnard, e com ele transformou as Necessidades<sup>120</sup>, residência real, e ali fez nascer um novo jardim, um viveiro de plantas e uma escola de jardinagem. “A importação de plantas

<sup>117</sup> “Na sua viagem para Portugal, em 1836, já casado com D. Maria II por procuração, D. Fernando, o pai e o irmão Augusto passaram um mês em Bruxelas com o tio e irmão Leopoldo, visitaram a corte de Paris (...) e seguiram depois para Londres. Foi então que os jovens conheceram a prima Vitória, herdeira do trono inglês” (LOPES 2014, 265).

<sup>118</sup> Este foi o segundo casamento de D. Maria II. Em 1835, casou e enviuvou de Augusto Beauharnais (1810-1835).

<sup>119</sup> “O alemão era aprendido por todos, tal como o francês, obviamente, a língua internacional da época. Assim, a correspondência e as conversas de D. Fernando com a sua família tanto podiam ser em alemão, como francês, português ou ainda húngaro, idioma que a sua parentela materna usava a par do alemão. D. Fernando era fluente em todas e entendia e falava razoavelmente inglês, castelhano e italiano” (LOPES 2014, 263).

<sup>120</sup> Nas Necessidades, D. Fernando procurou sempre articular a nova linguagem e estética que então introduzia com as pré-existências, deixando intactos alguns dos elementos da período barroco, de D. João V, como os terraços, o moinho e o sistema hidráulico (CASTEL-BRANCO 2001, 84).

destinadas aos jardins das Necessidades e da Pena é talvez a parte mais bem documentada da contribuição do rei para o incremento da arte de construir jardins” (SOARES 2018). Entre 1836 e 1860 D. Fernando introduziu nas Necessidades cerca de 562 espécies de arbustos e herbáceas, 43 espécies de árvores, 74 espécies de estufa, margens de lagos e trepadeiras (SOARES e CASTEL-BRANCO 2007, 321). Para tal, mandou vir plantas e sementes de França e do Brasil<sup>121</sup>.

No final de 1838 D. Fernando comprou o Convento da Pena em Sintra (QUINTAS 2001, 122):

“Em 1838, recordando a Baviera da sua infância, D. Fernando começou a planear a reconstrução de um palácio no topo da serra de Sintra... Com o auxílio do barão de Eschwege<sup>122</sup>, montara uma paisagem austríaca. O rei visitava as obras no seu cavalo inglês e as damas da corte seguiam-no de burro. Em Sintra, os príncipes davam passeios montados em póneis, visitavam algumas quintas com os professores e, no fim, refastelavam-se com um piquenique. Os natais passaram a ser diferentes: foi então que se introduziu a árvore. Em alguns desenhos, feitos por D. Fernando, o rei aparece vestido de Santa Claus, com uma sacola cheia de presentes. A rainha D. Maria achava encantador este «costume alemão»<sup>123</sup>.” (MÓNICA 2007, 19).

Era assim introduzida em Portugal, em 1844, o costume de ornamentar a chamada árvore de Natal, e que se tornou tradição. A ideia foi trazida por D. Fernando II para recordar a tradição de Natal da sua infância<sup>124</sup>. Naquele ano, o Rei colocou no Paço Real das Necessidades uma árvore e enfeitou-a para festejar o Natal com os seus sete filhos e com a rainha, D. Maria II (MÓNICA 2007).



Fig. 25: Palácio e Parque da Pena, s.d.



Fig. 26: Parque da Pena, s.d.

<sup>121</sup> D. Maria II pediu por carta ao imperador Pedro II do Brasil, seu irmão, que este lhe enviasse ,para Lisboa, sementes e espécimes vivos (STIWELL 2019).

<sup>122</sup> Wilhelm Ludwig von Eschwege (1777-1858), natural de Hesse (condado independente do Sacro Império Romano Germânico, hoje um dos 16 estados da Alemanha), foi um geólogo, geógrafo e arquitecto. Em 1803 veio para Portugal para dirigir as minas de ferro de Foz de Alge em Figueiró dos Vinhos. Em 1807 acompanhou a corte portuguesa na transferência da capital para o Rio de Janeiro. Entre 1839 e 1853 dirigiu a construção do Palácio da Pena e obras no Palácio da Vila de Sintra (QUINTAS 2001, 124–25).

<sup>123</sup> “Durante a época do Natal, os reis e os filhos estavam no Palácio das Necessidades, em Lisboa. A tradição dos presentes não existia. Esta associação dos presentes que são trazidos pelos Reis Magos para oferecer ao Menino Jesus não existe antes. Pôr as crianças no centro das festividades do Natal é obra do século XIX” (COELHO 2010).

<sup>124</sup> Também por volta daquela data, em Inglaterra, a Rainha Vitória e o Príncipe Alberto, primos de D. Fernando II, surgem na revista *Illustrated London News* junto dos seus filhos contemplando a sua árvore de Natal. A publicação dessa imagem fez com que no ano seguinte começasse a ser hábito aquele enfeite de Natal, originário da Alemanha.

O conjunto palácio-parque da Pena constituiem a “obra símbolo da corrente romântica em Portugal – e única nas dimensões que atingiu – caracterizadora de uma época culturalmente refugiada do gosto pelo passado medieval idealizado, pelo mito de um regresso a uma natureza selvagem e pura” (FERNANDES 1991, 67). Para o auxiliar nas plantações do Parque da Pena, D. Fernando convidou o agrónomo Wenceslau Cifka<sup>125</sup> (QUINTAS 2001, 63). “D. Fernando escolheu para a Pena uma vegetação menos exuberante que para as Necessidades, onde as palmeiras eram a grande novidade. Para Sintra foram as camélias, os rododendros e as grandes árvores resinosas de origem americana ou asiática” (SOARES 2018).

Para além do legado material inscrito nos lugares Necessidades, Pena e Mafra, D. Fernando introduziu um outro bem: ideias e uma nova forma de pensar a sociedade. “D. Fernando II encarnou o homem romântico por excelência, o homem liberal que conquistou o seu direito ao individualismo, à ideia de uma personalidade e que se vê envolvido num conjunto de ideias e de imaginações produtivas” (QUINTAS 2001, 65). O liberalismo, idealizado e conquistado por D. Pedro IV (1798-1834), dava os primeiros passos e D. Fernando foi um grande entusiasta do novo regime. Estas ideias foram expressas e transmitidas em duas diferentes instâncias: social e familiar.

Desde cedo que se relacionou com a sociedade portuguesa – políticos, professores, escritores, artistas, etc. – assim como com o espaço público. Desde a sua chegada a Lisboa passou a frequentar, com a rainha e os príncipes, o Passeio Público:

“A ideia de vivificar este espaço público com a sua presença e a da família real, passeando-se para ver e ser visto por todos, é extraordinária, sobretudo numa cidade em que as pessoas por hábito, por tradição ou por moral pouco saíam de casa. Assim ao frequentar o Passeio Público, D. Fernando cria uma moda em Lisboa, reflexo dos hábitos que se haviam criado nas capitais europeias que antes de casar havia visitado.” (SOARES e CASTEL-BRANCO 2007, 303).

O Passeio Público que desde o afastamento de Pombal e até à chegada de D. Fernando quase não tinha função (SOARES e CASTEL-BRANCO 2007, 303) passou a ser lugar a frequentar: “o jardim tomou um aspecto mais romântico e tornou-se famoso. D. Fernando II e D. Maria II fizeram dele recinto de moda, onde se passeava, namorava, se davam espectáculos, concertos e bailes. Bastante diferente do passeio pombalino<sup>126</sup>, foi embelezado com um coreto, cascatas, lagos e estátuas. No final do jardim estava uma cascata romântica, encimada por um mirante” (MAGALHÃES 1998, 21). Para lá do sucesso

---

<sup>125</sup> Wenceslau Cifka (1811-1883), natural da Boémia e formado em agronomia, foi administrador das matas de *Reichstadt* em Berlim. Chegou a Portugal por volta de 1836. Foi também pintor, desenhador, litógrafo, fotógrafo da Casa Real (teve um estúdio de fotografia na Rua das Necessidades e foi mestre dos fotógrafos Carlos Relvas (1838-1894) e João Paulo Cordeiro Júnior), conselheiro artístico de D. Fernando (tinha conhecimentos em arqueologia e obras de arte, tendo auxiliado o rei a adquirir peças para as coleções da galeia do Rei) e ceramista (cozeu a maior parte das peças pintadas pelo rei, na Companhia Fabril de Louça, nas Janelas Verdes). Morreu em Lisboa.

<sup>126</sup> O Passeio Público foi construído em 1764 segundo projecto do Arquitecto Reinaldo Manuel dos Santos (1731-1791). “Mandado criar pelo Marquês de Pombal, revela a marca da estadia de Sebastião José em Londres e o sucesso já confirmado de *St. James Park* e *Hyde Park* como locais de encontro que o Marquês terá reconhecido” (SOARES e CASTEL-BRANCO 2007, 303). Inicialmente era rodeado por um muro com grandes janelas de grade e portões de acesso; mais tarde deitaram o muro abaixo e substituíram-no por um gradeamento de ferro” (MAGALHÃES 1998, 21). O jardim foi demolido em 1879 para em seu lugar ser construída a Avenida da Liberdade, inserida no projecto de Ressano Garcia para a expansão da cidade a norte.

sociabilizante<sup>127</sup>, os parques públicos bem projectados e arborizados passaram a ser encarados como potenciadores de valorização imobiliária (SOARES e CASTEL-BRANCO 2007, 303). D. Fernando interessou-se muito pelo espaço público da capital, tendo *cedido* o seu jardineiro, Bonnard, à Câmara Municipal de Lisboa. Foi desta forma que o jardineiro francês desenhou planos para São Pedro de Alcântara, para o Passeio Público e para o Passeio da Estrela.

Logo no ano de 1836, quando chegou a Portugal, foi eleito presidente da Academia Real das Ciências e protector da Academia de Belas Artes de Lisboa (QUINTAS 2001, 58). Deu assim início ao projecto de mecenato que protagonizou durante toda a sua vida.<sup>128</sup> “A curiosidade pela botânica e por todo o movimento de introdução de novas plantas foi vivida pelo rei e pelos seus amigos botânicos com todo o entusiasmo e concretizado tanto na obtenção de novas espécies como no seu estudo botânico e na forma de as cultivar e aclimatar em solo português.” Foi sócio fundador da Sociedade Flora e Pomona<sup>129</sup> (CASTEL-BRANCO 2001, 83) e presidente da Real Associação Central de Agricultura Portuguesa (AZAMBUJA 2001, 147). D. Fernando rodeou-se de pessoas que, além de partilharem com ele uma profunda admiração e respeito pela natureza, o puderam auxiliar na concretização dos seus sonhos paisagísticos: agrónomos, silvicultores, arquitectos, artistas e, claro, jardineiros.

Foi um dos fundadores do “romantismo e do revivalismo português de Oitocentos, tanto na sua vertente criadora, como na de colecionador, protetor, restaurador e mecenas” (LOPES 2016, 12). Deu especial atenção à protecção do património arquitectónico português, empreendendo esforços na recuperação dos Mosteiros da Batalha e Jerónimos, dos Conventos de Mafra e Tomar, da Abadia de Alcobaça, da Sé de Lisboa e da Torre de Belém (QUINTAS 2001, 60).

A segunda instância onde a influência das ideias de D. Fernando se repercutiu foi a família. Desde logo a relação que estabeleceu com a rainha: conheceram-se em Lisboa já casados por procuração, e cedo estabeleceram uma forte empatia de certo alimentada por gostos comuns mas de geografias tão distintas: Fernando, príncipe alemão, Maria da Glória, princesa portuguesa nascida no Rio de Janeiro<sup>130</sup>.

---

<sup>127</sup> “O passeio público foi lançado como local de moda por D. Fernando II aos domingos até às quatro da tarde, depois da missa do Loreto, onde se deslocava com a Rainha e os infantes.” Após 1847, o Passeio Público foi palco de grandes e célebres festas (QUINTAS 2001, 94–96). “Frequentado pela melhor sociedade da capital, todas as tardes dos dias santos aí se tocavam bandas de música. A partir de 1851, no Verão era iluminado a gás e havia música todas as noites. Também existia um café e loja de bebidas (MAGALHÃES 1998, 20).

<sup>128</sup> D. Fernando II concedeu inúmeras bolsas de estudo ao longo da sua vida. Adquiriu também uma vasta colecção de obras de arte, tendo inaugurado a primeira Galeria Nacional de Pintura em Lisboa (QUINTAS 2001, 58).

<sup>129</sup> “A 12 de Junho de 1854, nasce a Sociedade de Flora e Pomona, sob o patrocínio de el-rei regente D. Fernando II e de el-rei D. Pedro V. A ideia desta Sociedade surge inspirada no título de uma revista publicada, durante a década de 40, em Paris, *Annales de Flore et de Pomone* editada por M. Rousillon. Esta Sociedade é responsável por um dos primeiros jornais de horticultura e jardinagem português de publicação periódica – Flora e Pomona: Jornal de agricultura, horticultura e jardinagem em Portugal” (ROSA 2013, 12–13).

<sup>130</sup> Maria da Glória (1819-1853), futura D. Maria II, a educadora, nasceu no Palácio da Boavista, Quinta de São Cristóvão no Rio de Janeiro. Era filha de D. Pedro I do Brasil (posteriormente D. Pedro IV de Portugal) e de D. Maria Leopoldina de Áustria (filha de Francisco II, último imperador do Sacro Império Romano-Germânico). Em 1828 parte para Viena para ser educada na corte dos avós maternos. Com o casamento com seu tio Miguel anulado, por traição deste, Maria da Glória foi para Londres onde conheceu e se tornou muito próxima de Vitória, herdeira do trono inglês. Esta relação teve repercussões por todo o século XIX, durante o qual a família real portuguesa esteve sempre muito próxima da família real inglesa assim como da cultura inglesa. D. Maria II

Moraram no Paço das Necessidades e tiveram 11 filhos (STIWELL 2012). O espectro familiar e os seus lugares de vivência foram, para o monarca, da maior importância. De alguma forma, D. Fernando deu eco às palavras de D. Pedro IV (1808-1834), seu sogro, quando este dizia que seria o último rei de Portugal desprovido de uma boa educação (STIWELL 2012). D. Fernando foi o mentor da educação dos vários reis que se seguiram: “pretendia dar aos filhos a formação mais completa e actualizada possível, o que não era comum entre a nobreza portuguesa de então. Com D. Pedro V (1837-1861) e seu irmão D. Luís (1838-1889) essa aprendizagem foi muito cuidada e incluiu o cultivo de talhões de terra na Real Quinta das Necessidades, onde criavam lindas flores e excelentes hortaliças” (BURNAY e PORTUGAL 2010, 11).

Em 1853 morreu a rainha<sup>131</sup> e D. Fernando assumiu, por dois anos, a regência do reino até à maioridade do filho D. Pedro V em 1855, quando D. Fernando retomou os seus vários projectos artísticos e paisagísticos (MATOS 2000, 66).



Fig. 27: Presumível auto-representação de D. Fernando II com livros e frasco, 1885.

O ano de 1861 foi para D. Fernando de má memória: morreram três dos seus filhos, D. Pedro V<sup>132</sup> e os infantes D. João (1842-1861) e D. Fernando (1846-1861), todos de febre tifóide. No mesmo ano morreram também o seu jardineiro francês Jean-Baptiste Bonnard e Alberto do Reino Unido (1819-1861), príncipe consorte de Vitória (1819-1901), seu primo direito, um Saxe-Coburgo-Gotha, e frequente correspondente. A partir de então D. Fernando passou cada vez mais tempo em Sintra, acompanhado pela sua nova companheira, Elise Friederick Hensler<sup>133</sup>. Depois de 1869, quando se casaram, as plantações em Sintra aumentaram de ritmo, e que para tal mandaram vir espécies arbóreas da América do Norte (terra para onde Elise tinha emigrado em criança) (SOARES 2018).

Nos jardins que criou – Necessidade, Pena e Mafra – D. Fernando assumiu a autoria das paisagens: “é o proprietário que assina a obra e o mérito de recriar o paraíso; aqui não há um paisagista de serviço como Le Nôtre junto do rei Luís XIV” (CASTEL-BRANCO 2001, 73). D. Fernando II foi rei-artista, rei-paisagista e rei-jardineiro.

---

sentir-se-ia muito confortável na presença de vegetação exótica nas Necessidades e em Sintra, que lhe lembrariam a sua infância (STIWELL 2012).

<sup>131</sup> Na sequência do 11º parto, D. Maria II faleceu em 15 de novembro de 1853 no Palácio das Necessidades em Lisboa.

<sup>132</sup> “A morte prematura do jovem rei D. Pedro V, no dia 11 de Novembro de 1861, com apenas 25 anos de idade, levou seu irmão, o infante D. Luís, a assumir a coroa portuguesa. D. Luís I foi então aconselhado a deixar o Palácio das Necessidades, local de tristes recordações” (BURNAY e PORTUGAL 2010, 4).

<sup>133</sup> Elise Friederick Hensler (1836-1929), Condessa de Ebla a partir de 1869, foi a segunda esposa de D. Fernando II. Natural da Suíça, foi cantora e atriz, mas também escultora, ceramista, pintora, arquitecta e floricultora. Chegou a Portugal em 1860 para actuar no Teatro São João no Porto e no Teatro de São Carlos em Lisboa, onde conheceu D. Fernando II. Após a morte do rei em 1885, Elise abandona Sintra e foi viver para Lisboa com a filha Alice Hensler, casada com Manuel de Azevedo Gomes. Foi avó do agrónomo e silvicultor Mário de Azevedo Gomes (1885-1965) (SOARES 2018).

### 3.5. JEAN-BAPTISTE BONNARD (1797-1861)

Jean-Baptiste Desiré Bonnard, jardineiro francês, nasceu em 1797. Pouco sabemos da sua formação, apenas que terá trabalhado em França e na Toscana, Itália (AZAMBUJA 2001, 129). Veio para Portugal a pedido de D. Fernando II (1816-1885) para dirigir os jardins reais (CARREIRAS 2001, 100), tendo-se tornado em pouco tempo “figura de referência da jardinagem em Portugal” (AZAMBUJA 2001, 129).

O seu primeiro jardim em Lisboa, e principal razão da sua vinda para Portugal, foi a Tapada das Necessidades, local então escolhido para residência real. Em 1841 foi realizada a primeira grande alteração nas Necessidades. Bonnard, com D. Fernando, transformou o antigo pomar de frades, a poente do jardim de buxo, num jardim de estilo paisagista (CARREIRAS 2001, 100). Nascia assim o primeiro jardim inglês da casa real portuguesa. O novo jardim criado era “marcado por uma rede de caminhos serpenteados que limitam inúmeros canteiros irregulares” (CARREIRAS 2001, 101). Mas não só no traçado se efectivou a mudança. A vegetação plantada era também novidade; foram introduzidas plantas exóticas e raras, ao gosto do coleccionismo que então se tornava moda, e em que os processos de aclimação eram fundamentais. Bonnard tinha sido chamado de França exactamente pelo conhecimento que possuía sobre aclimação, baseado do modelo empírico tentativa-erro (AZAMBUJA 2001, 147), sendo esta a “sua especialidade” (AZAMBUJA 2001, 129).

Foi director da Real Quinta das Necessidades pelo menos a partir de 1841, data do primeiro registo encontrado, quando publicou umas notas sobre o trabalho realizado: *Horticulture et Arboriculture. Végétaux introduits dans les cultures du Jardin Royal das Necessidades depuis as restauration* em 1841 (AZAMBUJA 2001, 129). Nesse mesmo ano o rei mandou que se criasse na Real Quinta das Necessidades uma escola de horticultura pela “falta de formação da maioria dos jardineiros portugueses”, dirigida por Bonnard: “*cette semaine nous avons ouvert notre petite école avec trois élèves, um de Belém, le neveu du jardinier Jérôme<sup>134</sup> et um petit garçon employé dans les jardins qui m’a paru très intelligent et rempli de bonnes volontés*”<sup>135</sup> (AZAMBUJA 2001, 130).

Edmond Goeze publicou em 1874 no periódico inglês *The Garden* um artigo intitulado *The Royal Gardens at Lisbon*, onde descreveu a enorme variedade florística nas Necessidades: palmeiras (*Jubaea spectabilis*, *Livistona Sinensis*, *Sabal Adansonii*, *Livistona australis*, *Seaforthia elegans*, *Chamaerops humilis*, *C. excelsa*, *C. Fortunei*, *C. palmetto*, *Cocos australis*, *Phoenix dactylifera*, *Phoenix reclinata*, *Rhapis flabelliformis*), cicadas (*Dioon edule*, *Cycas revoluta*, *Cycas circinalis*, *Encephalartos horridus*, *Zamia*), bambus (*Bambus nigra* “grown at the margins of lakes with Papyrus and Hedychium”), *Strelitzia augusta*, *Strelitzia reginae*, *Dracaena draco*, *Dracaena heliconiaefolia*, *Yucca* sp., *Cordyline australis*, *Testudinaria elephantipes*, araucárias (*Araucari excelsa*, *A. columnaris*, *A. brasiliensis*, *A. Cooki*, *A. Cunninghamii*), *Adhatoda vasica*, *Podocarpus* sp., *Thuja pendula*, *Sclerostylis* sp., *Mangifer indica*, *Aralias* sp., *Ficus* sp., *Pittosporum* sp., *Myoporum* sp., *Salvia involucrata*, *Lantana* sp., *Plumbago*

---

<sup>134</sup> Provavelmente Jerónimo do Rosário Maia, jardineiro na Quinta das Necessidades sob a direcção de Bonnard.

<sup>135</sup> “Esta semana abrimos a nossa pequena escola com três alunos, um de Belém, o sobrinho do jardineiro Jérôme e um menino empregado nos jardins que me pareceu muito inteligente e cheio de boa vontade.”

*capensis*, *Sparmannia africana*, *Rosa* sp., *Musa ensete* e trepadeiras *Solandra* sp., *Rosa banksiae*, *Martyrio* sp., *Tacsonia* sp. e *Bougainvillea* sp. (GOEZE 1874, 292).

A Tapada das Necessidades foi assim transformada num campo de experimentação onde um considerável número de espécies alóctones foram testadas em Lisboa, muitas pela primeira vez. “Percorrendo o jardim podíamos encontrar espécimens de *Dracaena draco*, *Ficus macrophylla*, *Cedrus libani*, *Platanus* sp., *Ginkgo biloba* ou *Chorizia especiosa* e nas zonas mais húmidas *Clivia minata*, *Aucuba japonica*, *Ophiopogon* ou azáleas.” Em 1843 a horta grande do convento encontrava-se já transformada num jardim paisagista (CARREIRAS 2015, 38).



Fig. 28: I e II *Attalea funifera* III *Cocos coronata* IV *C. fchizophylla* V *Sabal umbraculifera*, s.d.

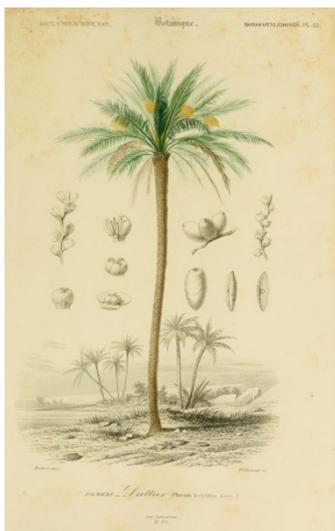


Fig. 29: *Phoenix dactilifera*, s.d.



Fig. 30: *Livistona humilis*, 1803.

Bonnard teve também um importante papel no ensino de horticultura e botânica aos príncipes e futuros reis, D. Pedro e D. Luís, que se “ocupavam cada um do seu talhão, que cultivavam com as próprias mãos e com a ajuda de Bonnard, aplicando os seus conhecimentos teóricos de botânica” (CARREIRAS 2001, 107). Bonnard manteve-se à frente da Real Quinta das Necessidades até ao fim da sua vida em 1861.

É difícil dissociar Bonnard de D. Fernando nos primeiros anos nas Necessidades; funcionavam em conjunto, em simbiose e partilha de conhecimentos, testando soluções e técnicas. Juntos fizeram das Necessidades um laboratório de experimentação para outros espaços: D. Fernando continuou o seu projecto romântico em Sintra e Bonnard “ganhou experiência para poder divulgar e usar todas estas novidades no Jardim da Estrela, no Passeio Público, no Jardim de S. Pedro de Alcântara” (CASTELBRANCO 2007, 145–46).

As experiências bem sucedidas nas Necessidades e a vontade de melhorar o espaço público de Lisboa terão levado o rei a *emprestar* o seu jardineiro à Câmara Municipal de Lisboa, passando este a acumular as funções de mestre jardineiro da casa real e inspector de jardins e passeios públicos do município<sup>136</sup>.

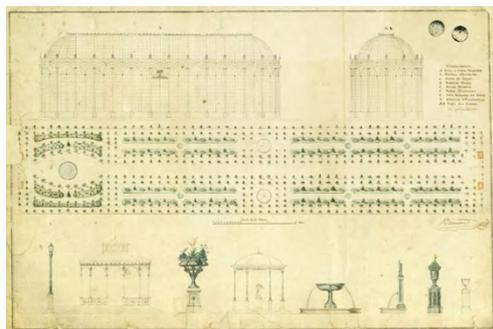


Fig. 31: Desenho com proposta de Jean-Baptiste Bonnard para uma nova concepção do Passeio Público, 1848.

Em 1848 Bonnard elaborou um projecto para a renovação do setecentista Passeio Público<sup>137</sup>, no qual era proposto um “novo arranjo da plantação, rasgando alamedas laterais e dispendo os desenhados canteiros a enquadrar diverso mobiliário urbano” (BRAGA 1995, 122–24), e compreendia a inclusão de diversas estruturas: estufas de plantas tropicais, pavilhões *d’harmonie*, tendas de *repos*, tanques ornamentados, fontanários, vasos ornamentais, vasos das fachadas das estufas e acessórios de iluminação. O traçado “parece seguir no essencial o existente, sem grandes

alterações que permitam encontrar ecos do novo estilo que vinha a ser inserido nos jardins das Necessidades. A estrutura formal e os alinhamentos de árvores são típicos de um jardim clássico, ao estilo francês do século XVIII, sendo que ao nível das estruturas e ornamentos Bonnard imprime um cunho dos novos tempos, introduzindo estufas para aclimatar plantas tropicais e pavilhões e quiosques em ferro bem característicos do século XIX” (CARREIRAS 2015, 33–34). Este projecto não se chegou a construir.<sup>138</sup>

Bonnard contribuiu também com planos de plantação para o Passeio de São Pedro de Alcântara e colaborou no grande e novo projecto paisagístico de Lisboa: o Passeio da Estrela<sup>139</sup>. Num artigo publicado no *Archivo Pittoresco* no ano de 1858 são mencionados os “habilísimos jardineiros Bonnard e João Francisco” como os responsáveis pelas plantações da Estrela. Bonnard deu continuidade às experimentações das Necessidades, e utilizou na Estrela um vasto conjunto de espécies, muitas delas

<sup>136</sup> No catálogo *Énumération des végétaux cultivés a Lisbonne (Portugal) par La Compagnie Horticole de 1854-1855*, Bonnard aparece como *maître-jardinier de la maison royale, inspecteur des Jardins et Promenades publiques de la Chambre municipale de Lisbonne*.

<sup>137</sup> Em 1836, D. Maria II passou a administração do Passeio Público para a Câmara Municipal de Lisboa (AZAMBUJA 2001, 138). “Na importância dada pela câmara municipal a este espaço terá tido papel fundamental o vereador Ayres de Sá Nogueira, que tomou a responsabilidade pelo Passeio Público e que com o apoio do jardineiro João Francisco foi responsável pela remodelação e manutenção. O projecto de Bonnard, bem como as suas posteriores contribuições, terão no final ficado por uma consultoria, não tendo o seu projecto sido construído” (CARREIRAS 2015, 34).

<sup>138</sup> Dez anos depois, em 1858, Bonnard voltaria a ser chamado a colaborar para o Passeio Público, quando o vereador Levy Maria Jordão (1831-1875), na sequência de um vendaval, pede a seis técnicos pareceres sobre o estado do jardim; Bonnard foi um dos chamados (AZAMBUJA 2001, 141).

<sup>139</sup> O Jardim da Estrela, actualmente também designado Jardim Guerra Junqueiro, foi inicialmente chamado de *Passeio da Estrela*. Construído entre 1842 e 1852 por iniciativa de António Bernardo da Costa Cabral (1803-1889), 1º Marquês de Tomar, tomou como modelo a concepção romântica dos parques ingleses, com projecto do arquitecto Pierre-Joseph Pézerat (1800-1872) (LESSA 2014). Era “considerado o mais elegante da capital, embora menos frequentado que o Passeio Público” (MAGALHÃES 1998, 21). “É um jardim muito bem equipado, com um parque de merendas, um miradouro, uma biblioteca pública e diversos lagos com peixes e cisnes, árvores frondosas, recantos sossegados, uma montanha e uma gruta artificiais, ruas de arvoredo, largos e assentos, esculturas, estufas, um pavilhão chinês, além de ter uma das mais agradáveis esplanadas de Lisboa” (MAGALHÃES 1998, 22–23).

exóticas, como araucárias, dragoeiros, plátanos, jacarandás e árvores-da-borracha, cactos e palmeiras (MAGALHÃES 1998, 22). Apesar da construção do jardim ter começado em 1842 as plantações só se realizaram em finais de 1850 derivado das convulsões políticas e sociais que o país atravessou entre 1844 e 1850. Foi inaugurado em 1852.

Bonnard, que colaborou para a Sociedade Flora e Pomona, foi ainda horticultor, tendo sido proprietário em sociedade com Bento António Alves<sup>140</sup> da Companhia Horticola<sup>141</sup>. Encontrámos também referência a este estabelecimento sob o nome de “Bento António Alves, Bonnard Pay e Filho” (AZAMBUJA 2001, 140). Em relação a um filho, na capa do nº 1 do jornal Flora e Pomona, de dezembro de 1854, na lista de “colaboradores efectivos”<sup>142</sup> aparece um Emilio Bonnard, que terá sido muito provavelmente filho de Jean-Baptiste Bonnard.

A vida profissional de Bonnard extrapolou a esfera real<sup>143</sup> e municipal, tendo trabalhado para privados nomeadamente para o Conde de Farrobo (1801-1869) na sua Quinta das Laranjeiras<sup>144</sup> (SILVESTRE 2012, 93) e para o Conde de Alcochete no seu jardim Daupias em Alcântara (CASTEL-BRANCO 2007, 145–46).

Jean-Baptiste Bonnard manteve-se sempre ligado às Necessidades e à casa real. Já perto do final de vida, em 1858, desenhou o Jardim da Rainha<sup>145</sup> localizado no Pátio do Imperador – um claustro no interior do Palácio das Necessidades – que foi um presente do rei para D. Estefânia (1837-1859) que chegava a Portugal para se casar com D. Pedro V (1837-1861) (CARREIRAS 2001, 114). Morreu três anos depois, em 1861, no mesmo ano em que morreu D. Pedro V e em que o Paço das Necessidades deixou de ser residência real.<sup>146</sup>

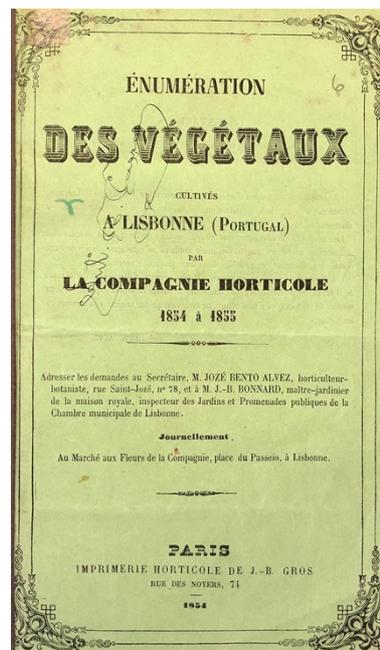


Fig. 32: Capa do catálogo da Companhia Horticola, 1854.

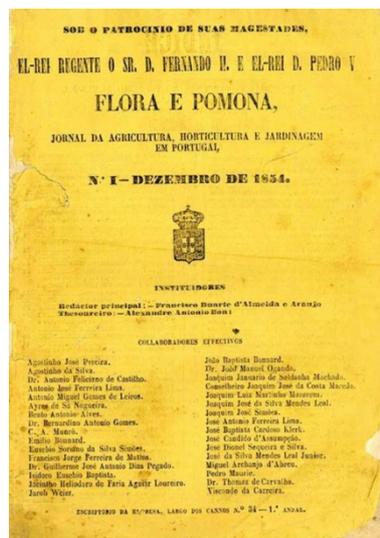


Fig. 33: Capa do 1º número de Flora e Pomona, dezembro de 1854.

<sup>140</sup> Bento António Alves foi um horticultor português do século XIX. Friedrich Welwitsch dedicou-lhe um género botânico, a *Alvesia* Welw. (publicado em 1869).

<sup>141</sup> No século XIX existiram em Lisboa dois estabelecimentos viveiristas concorrentes: a Companhia Horticola de Bento António Alves e Bonnard e o estabelecimento de Júlio Leroy Waigel (ROSA 2013, 52).

<sup>142</sup> Nesta lista de colaboradores de 1854 aparecem, entre outros, Bento António Alves, João Baptista Bonnard, Jacob Weiss e Pedro Maurier.

<sup>143</sup> Bonnard colaborou também na renovação de jardins do Convento e Palácio de Mafra e em plantações no parque da Pena.

<sup>144</sup> Bonnard e Pierre Maurier são contemporâneos em Lisboa (e nas Laranjeiras) mas desconhece-se qual a relação profissional que estabeleceram entre eles.

<sup>145</sup> “O jardim incluía um caramanchão de madeira de castanho, espaldadeiras, festões e grinaldas. A sua colecção de plantas era impressionante – mais de duzentas espécies – com as mais belas e delicadas flores importadas de vários países. (...) Este jardim tirava o melhor partido da localização do palácio pois dali se via o mar e toda a beleza do poente” (CARREIRAS 2001, 114–15).

<sup>146</sup> O Palácio das Necessidades foi morada da família real entre 1835 e 1861, durante os reinados de D. Maria II (1819-1853) e de D. Pedro V (1837-1861); D. Luís I (1838-1889) passou a habitar o Palácio da Ajuda após a morte do irmão em 1861.

### 3.6. FRIEDRICH WELWITSCH (1806-1872)

Friedrich Martin Joseph Welwitsch nasceu em 25 de Fevereiro de 1806 em *Maria Saal*, uma pequena povoação no estado austríaco de Caríntia (DOLEZAL 1974, 23). Orfão de mãe aos cinco anos, foi educado pelo pai que, interessado em agricultura, “iniciou o rapaz nos segredos da natureza” explicando-lhe nomes e propriedades de plantas. O seu gosto por Botânica fê-lo ingressar em Medicina na Universidade de Viena em 1824, tendo-se doutorado nesta escola em 1836 (VICENTE 2001, 26).

Em 1839 trabalhava para uma sociedade de história natural, a *Unio Itineraria de Wurtemberg*<sup>147</sup>, quando foi encarregado de recolher plantas nos Açores e em Cabo Verde (VICENTE 2001, 26). Nesse ano de 1839 iniciou a viagem para Lisboa, tendo passado por Paris onde visitou o *Jardin des Plantes*. Nunca mais haveria de voltar à sua terra natal. Em 1866, Welwitsch escrevia sobre esta sua estada:

“Ao fim de três semanas deixei Paris com a firme convicção de ter visto, ali acumulado, tudo o que de belo e de magnífico existe no mundo. Não suspeitei, nessa altura, que tal opinião fosse tão errada, e disso muito me admirei alguns dias depois de chegar à outra margem do canal, por verificar o contrário!” (DOLEZAL 1974, 39).



Fig. 34: Friedrich Welwitsch (1806-1872), s.d.

Depois de Paris e de uma curta passagem por Londres chegou a Lisboa em Julho de 1839. Devido ao mau tempo a ligação marítima para os Açores foi adiada e uma estada temporária tornou-se permanente. Welwitsch aproveitou a interrupção: “parecendo-me imprescindível, com vista às investigações fitogeográficas daquelas ilhas, um melhor conhecimento da costa ocidental da Europa, e particularmente de Portugal, permaneci na Estremadura mais tempo, a fim de conhecer melhor a sua flora, bem como para aprender com certa profundidade a língua portuguesa” (DOLEZAL 1974, 40). Durante os 14 anos que esteve em Portugal percorreu grande parte do território nacional recolhendo exemplares para um herbário da flora lusitana. Cedo se tornou um “reconhecido naturalista português”<sup>148</sup> (VICENTE 2001, 27). A rápida aprendizagem da língua portuguesa e a proximidade à família real e à comunidade científica em Portugal fizeram com que Welwitsch se integrasse, estabelecendo relações com entidades oficiais e científicas (DOLEZAL 1974, 41). Propos-se então à recém criada Escola Politécnica de Lisboa como preparador de Botânica:

“Encontrava-se em Lisboa, desde 13 de Julho de 1839, o Dr. Friedrich Welwitsch, que se deslocara a Portugal em viagem de estudo com destino às ilhas dos Açores, das Canárias e de Cabo Verde (...).

<sup>147</sup> *Unio Itineraria* foi uma associação fundada em 1825 em Wurtemberg (na actual Alemanha) cujo objectivo era “possibilitar, por subscrição, a realização de viagens para colheitas científicas, sendo o material assim obtido ou distribuído pelos subscritores, ou posto à venda” (DOLEZAL 1974, 38).

<sup>148</sup> “Realizou numerosas explorações botânicas no nosso país, coligindo também insectos (mais de 10000 exemplares), aracnídeos, moluscos, batráquios, etc. Entre 1853 e 1860 trabalhou em Angola, subsidiado pelo governo português para proceder ao conhecimento tão completo quanto possível dos produtos naturais desse território” (ALMAÇA 1989, 336–37).

Esta viagem não prosseguiu além de Lisboa, e, em 9 de Outubro de 1840, era lido em Conselho um memorial deste botânico austríaco em que pedia fosse favoravelmente considerada uma pretensão que apresentara na Secretaria de Estado dos Negócios da Guerra para ser nomeado preparador de Botânica na Escola Politécnica. Não pode deixar de se atentar na modéstia da solicitação por parte de quem possuía habilitações muito superiores às exigidas a um preparador ou demonstrador. Sucedia, porém, não estar previsto o cargo de demonstrador para a 9ª cadeira<sup>149</sup>, o que mais perto correspondia ao solicitado, e dado o falecimento do mestre do jardim da Ajuda foi resolvido, no Conselho de 24 de Outubro de 1840, que se contratasse o Dr. F. Welwitsch para este lugar, mas com a designação de conservador dos estabelecimentos botânicos da Escola. O vencimento deste cargo foi, portanto, o que correspondia a mestre jardineiro.” (TAVARES 1967, 21–22).

Em 1840 foi nomeado conservador do Jardim Botânico da Ajuda (VITERBO 1906, 114) que na época estava integrado na Escola Politécnica de Lisboa. A posição que ocupava e o respectivo vencimento não lhe agradaram e após o incêndio na Escola Politécnica em 1843 abandonou o cargo aceitando o convite do duque de Palmela para dirigir os seus jardins da Quinta do Monteiro-Mor e “superintender outros jardins que o duque possuía dispersos por diversos pontos do país” (DOLEZAL 1974, 42). Welwitsch substituiu John Rosenfelder, o jardineiro que Palmela havia contratado em Paris e que morreu em 1844: “d’aqui se conclue que elle era não só um homem de sciencia, um botanico e naturalista distincto, mas tambem um habil jardineiro” (VITERBO 1906, 114). Num intervalo de quatro anos, Welwitsch, médico doutorado e botânico reconhecido, assumiu o cargo de conservador e jardineiro de dois importantes jardins de Lisboa: Botânico da Ajuda e Quinta do Monteiro-Mor:

“O dr. Welwitsch esteve por algum tempo ao serviço do primeiro duque antes de partir para Africa, e foi com o maior interesse que eu, vendo n’outro dia uma herbario de plantas cultivadas no Lumiar, notei o resultado da sua estada n’estes jardins.” (GOEZE 1875, 231).

Em Portugal entre 1839 e 1853, Friedrich Welwitsch colheu, preparou, ordenou e classificou um herbário e que constitui “uma das pedras fundamentais sobre que assenta a investigação florística e fitogeográfica do Portugal europeu” (MENDES 1973, 1). Reuniu, com perfeito conhecimento prático e teórico, materiais de todos os grupos de plantas. As colecções portuguesas de Welwitsch, que eram até à data das mais “vastas e perfeitas de quantas foram organizadas entre nós, são também das mais antigas que se podem consultar, sabido, como é, que as colecções primitivas foram em grande escala pilhadas durante as invasões francesas, e que as partes que lhes escaparam sofreram, depois, no anos instáveis que se seguiram, de incúria quase total que muito as arruinou” (MENDES 1973, 1).

No entanto, no entender de Neves Tavares “foram pouco numerosas as novidades para a Ciência encontradas por Welwitsch em Portugal, não se podendo dizer o mesmo em relação ao encontrado em África” (TAVARES 1959, 337). Os resultados que alcançou na sua exploração de Angola<sup>150</sup>, “região de África até então praticamente virgem de prospecção botânica, celebrizaram-no mundialmente” (MENDES 1973, 1). Em 1850 Welwitsch encetou negociações com o estado português para a realização

---

<sup>149</sup> 9ª cadeira da Escola Politécnica de Lisboa: “Botânica e Princípios de Agricultura”.

<sup>150</sup> “Realizou riquíssimas colecções em Angola, desde Outubro de 1853 até ao fim de 1860, tendo colhido sobretudo na região litoral compreendida entre os rios Loge e Cuanza, e ao longo do percurso desde Luanda até ao Pungo Andongo” (MENDES 1973, 1).

de uma expedição a Angola<sup>151</sup>, e em 1852 recebeu de D. Maria II, autorizada pelo governo português, a nomeação oficial para essa missão. Welwitsch ficou encarregado de colectar e identificar a vegetação de Angola, sendo o objetivo oficial estudar de forma abrangente os seus recursos naturais e melhorar a exploração económica e comercial da colónia portuguesa (VICENTE 2001, 20). Era necessário obter um conhecimento completo e sistemático dos recursos da então colónia; a missão era de História Natural mas os objetivos eram claramente económicos, comerciais e políticos<sup>152</sup>. Esta não era uma prática nova para Portugal: muitos foram os naturalistas que, por “ordem do seu soberano português, recolheram informações sobre o império, e Angola não foi excepção” (VICENTE 2001, 27). A meio do século XIX a metrópole apresentava “dificuldades em lidar com as novas abordagens das colónias e essa era também uma forma de afirmar o controle sobre territórios cada vez mais cobiçados por outras potências coloniais” (VICENTE 2001, 27). Welwitsch permaneceu em Angola entre 1853 e 1861; em 3 de Setembro de 1859, quando explorava o deserto do Namibe<sup>153</sup>, encontrou aquela que seria a sua mais conhecida e célebre descoberta: a *Welwitschia mirabilis*<sup>154</sup>.



Fig. 35: The *Welwitschia mirabilis*, 1861-1867. Óleo sobre tela, 76,2x61cm. Pintura de Thomas Baines.



Fig. 36: *Welwitschia mirabilis* Hook.f, 1863. Litografia colorida de Walter Hood Fitch.

<sup>151</sup> “Os primeiros espécimes botânicos de Angola foram colectados por britânicos, no final do século XVII e início do século XVIII, sendo constituídos por quatro pequenas colecções que se encontram integradas no herbário do Museu Britânico de Londres. A primeira colecção foi organizada por Mason, em 1669, e consta de 36 exemplares, a segunda colecção foi feita por Kirkwood e a terceira por Gladman. A quarta colecção é a maior, tendo sido realizada por Brown, por volta de 1706-1707. Em 1783, Joaquim José da Silva realiza a primeira exploração científica portuguesa que foi concluída em 1808. Segundo Simon (1983) os exemplares colhidos durante esse período foram enviados para o Jardim da Ajuda em Lisboa, embora essa colecção tenha sido levada por Saint-Hilaire para Paris em 1808” (ROMEIRAS et al. 2006).

<sup>152</sup> “Portugal esforçava-se conscientemente por classificar o mundo numa época em que a história natural tinha o seu papel reforçado como disciplina de poder. Mas logo ficou claro que as tentativas fracassariam” (VICENTE 2001, 27–28).

<sup>153</sup> A missão de Welwitsch ao deserto do Namibe decorreu no âmbito do seu estudo botânico de Angola, entre 1853 e 1860, com apoio do governo português, tendo percorrido os antigos distritos de Luanda, Cuanza Norte, Malanje, Benguela, Moçâmedes (Namibe) e Huíla (CAMPOS 2013, 35).

<sup>154</sup> “É de salientar que uma das primeiras missões científicas a esta região (deserto do Namibe), teve por objectivo a botânica. Tratou-se da expedição realizada em 1859 pelo eminente investigador austríaco Friedrich Welwitsch que identificou e estudou a enigmática planta que receberia o seu nome (*Welwitschia mirabilis*), por ele chamada *Tumboa*. Já no século XX, um outro botânico, o Prof. Luís W. Carrisso (1886-1937), numa missão académica realizada em 1937, viria a falecer em pleno deserto do Namibe” (CAMPOS 2013, 35).

Após oito anos em África voltou a Lisboa e, “mantendo as colecções encaixotadas” (VICENTE 2001, 20), não ficou muito tempo. Welwitsch acreditava que apenas Londres possuía os museus, cientistas e colecções necessários para o estudo adequado das suas descobertas africanas. O “potencial museu” foi apenas desvendado em Londres e nunca totalmente devolvido a Portugal (VICENTE 2001, 20). Depois do seu regresso de Angola e de uma curta passagem por Lisboa, Welwitsch viveu em Londres até ao final da vida, em 1872, “para onde se deslocou também a expensas do governo português a fim de aí estudar, distribuir por especialistas e publicar as colecções realizadas em Angola” (ALMAÇA 1989, 337). Londres era, no século XIX, o centro mundial de estudos das Ciências Naturais e onde se concentravam estruturas científicas imprescindíveis.

A frágil saúde de Welwitsch atrasou os trabalhos em Londres e, três dias antes de morrer (DOLEZAL 1974, 219), assinou um testamento que abriu portas a um difícil caso jurídico entre Portugal e o Reino Unido<sup>155</sup> (ALMAÇA 1989, 337). As colecções que estavam em Londres eram reclamadas pelo Estado português, que havia patrocinado a expedição (ROMEIRAS et al. 2006). O caso arrastou-se nos anos seguintes e a sua resolução<sup>156</sup> foi em muito devida ao empenho de Edmond Goeze, primeiro jardineiro-chefe do Jardim Botânico da Escola Politécnica de Lisboa. Actualmente as colecções botânicas de Welwitsch encontram-se depositadas nos Herbário da Faculdade de Ciências de Lisboa (LISU) e no *British Museum* em Londres. Por testamento executado pela Academia de Ciências de Lisboa foram entregues duplicados de plantas aos herbários de Berlim, Coimbra, Kew, Paris, S. Petersburgo e Viena (ROMEIRAS et al. 2006).

No período que passou em Portugal, 1839-1853, Welwitsch conheceu e relacionou-se com horticultores e jardineiros em Lisboa tendo homenageado alguns deles em nomes botânicos que publicou. Nas actas da Sociedade Linneana de Londres, impressas em 1869, encontram-se alguns novos géneros e espécies dedicados a portugueses: *Machadoa* (dedicado a Joaquim Machado, horticultor lisbonense), *Faroa* (dedicado a Lapa Faro, parceiro de Welwitsch em excursões botânicas), *Alvesia* (dedicado a Bento António Alves, horticultor lisbonense), *Paivaense* (dedicado ao Barão de Castelo de Paiva, botânico e naturalista português), *Pachypodium lealii* (dedicada a Fernando da Costa Leal, militar e governador em África) e *Polygala gomesiana* (dedicada a Bernardino António Gomes, professor de medicina e botânica) (VITERBO 1906, 115). Welwitsch, “o primeiro verdadeiro explorador botânico de Angola” (MENDES 1973, 2) e que também visitou a Madeira, Cabo Verde, Serra Leoa e S. Tomé, morreu em Londres em 20 de Outubro de 1872 (TAVARES 1967, 25). A sua “influência na cultura portuguesa nos deve merecer elevado apreço. Não foi por simples cortesia que G. Sampaio<sup>157</sup> o considerou como «o botânico estrangeiro que mais sábia e criteriosamente se ocupou das plantas portuguesas»” (TAVARES 1959, 335).

---

<sup>155</sup> O caso jurídico opôs Portugal, representado pelo seu rei D. Luís I (1838-1889), ao *British Museum*, onde se guardava com segurança o conhecimento da colónia portuguesa cobiçada pelo Reino Unido (VICENTE 2001, 20).

<sup>156</sup> “As colecções vieram de Londres para a Escola Politécnica por intermédio do Ministério da Marinha e do Ultramar. As primeiras remessas chegaram a Lisboa em meados de 1876, e as últimas em 1879” (TAVARES 1959, 340).

<sup>157</sup> Gonçalo António da Silva Ferreira Sampaio (1865-1937) foi um naturalista português, investigador e professor de Botânica na Faculdade de Ciências da Universidade do Porto. Publicou o *Manual da Flora Portuguesa* entre 1909 e 1914, obra fundamental da sua investigação.

### 3.7. PIERRE MAURIER (1808-1883)

Pierre Maurier nasceu em Angers, França, em 1808. Foi contratado em França pelo Conde de Farrobo<sup>158</sup> (1801-1869) para vir para Lisboa dirigir os jardins da sua Quinta das Laranjeiras. Chegou a Portugal em 1840/41 (VITERBO 1906, 94).

A Quinta das Laranjeiras foi construída dos anos de 1780 em Sete Rios, onde hoje está instalado o Jardim Zoológico de Lisboa (CARITA 1990, 295). O desenho do palácio e planta da quinta e jardins foram realizados pelo padre Bartholomeu Quintella, tio do 1º Barão de Quintela (1748-1817). No entanto, “as obras mais grandiosas d’esta quinta e seus principaes aformoseamentos” são devidas a Joaquim Pedro Quintella, 2º Barão de Quintela e 1º Conde de Farrobo (BARBOSA 1863, 82). Foi uma das muitas quintas de recreio que existiram no arredores de Lisboa, esta com a particularidade de ter sido cenário de célebres festas no século XIX, tendo sido um dos “mais animados pontos de encontro dos arredores da capital” (MAGALHÃES 1998, 40). O Conde de Farrobo fez-lhe muitos “melhoramentos e mandou ali construir em 1820 um teatro<sup>159</sup> onde se deram grandes festas a que, por vezes, assistiram as pessoas reais. Havia ali também um salão de baile todo forrado de espelhos. Nesta edificação foi introduzida a iluminação a gás em 1830, o que era de grande novidade para o tempo” (CHAVES 1928). Em 1863 Vilhena Barbosa publicou um artigo no *Archivo Pittoresco* sobre a Quinta das Laranjeiras:

“Na quinta há diversos jardins, mui lindas estufas, um labyrintho, lagos de diferentes feitios e grandeza, diversos jogos, um amphitheatro de animaes ferozes, um viveiro de aves de recreio, uma casa ou *chalet suisse* no meio de uma mattasinha, varias estatuas, bustos, e vasos de marmore, e mirantes e casas de regalo de invenções variadissimas.” (BARBOSA 1863, 82).

Sobre esta quinta, Joaquim Faro escreveu no *Jornal de Horticultura Prática* em 1872:

<sup>158</sup> Joaquim Pedro Quintela (1801-1869), 2º Barão de Quintela e 1º Conde de Farrobo, foi um aristocrata, capitalista e mecenas português. “Foi o fidalgo mais opulento e cavalheiresco que Portugal tem possuido. Foi tambem um protector das bellas artes e um dedicado amigo dos artistas. (...) Mandou construir na sua quinta das Laranjeiras o mais bello e confortavel theatro de Portugal” (BASTOS 1994, 347).

<sup>159</sup> O Teatro das Laranjeiras, ou Teatro Thalia, como era conhecido, foi construído em 1825 e renovado em 1842 segundo projecto de Fortunato Lodi (1805-1883). Em 1862 foi destruído por um incêndio, tendo ficado em ruínas durante 150 anos. Foi restaurado em 2012 pelo arquitecto Gonçalo Byrne (n.1941).



Fig. 37: Palácio das Laranjeiras, propriedade dos Srs. Condes de Burnay, 1928. Em *Ilustração*.



Fig. 38: Teatro Thalia, Quinta das Laranjeiras, 1844.

“Esta soberba quinta, que era propriedade do Conde de Farrobo, é na minha opinião a primeira em magnificencia de ornamentação. (...) no centro d’esta rua principal, guarnecida de altas paredes de *Buxo*, admiram-se uma elegante pyramide de marmore de cores, e um soberbo lago, e varias estufas com vidros coloridos, e porticos de marmore de architectura gothica. São de uma belleza notavel o pequeno rio com a sua ponte pensil, cujos pilares são de marmore; a ilha copada por um magnifico *Freixo*, e o pavilhão chinês com sua elegante cupula, rodeada de campainhas de crystal de cores, são obras muito notaveis, que provam o bom gosto de quem as mandou construir. Os jardins em frente do palacio não são plantados ao gosto moderno, apresentando as regulares symetrias dos antigos, porem são magnificos, e povoados de variadissimas plantas, e ornados de ricos vasos de marmore.” (FARO 1872, 126).



Figura 39: Quinta das Laranjeiras, em *Archivo Pittoresco*, 1863.



Fig. 40: Jardim na Quinta das Laranjeiras, s.d.

O jardim do palácio, formal e desenhado segundo a tradição francesa na sua “clara simetria, seus canteiros e ruas irradiando do lago central com seus vasos de mármore e figuras de buxo, espraia-se com grandeza à frente do palácio e é guardado ao fundo por esplêndido maciço de plátanos e ulmeiros – seculares alguns, cujo aspecto frondoso muito é de admirar nesta cidade inimiga das velhas árvores.” Durante o período em que Farrobo habitou a quinta e em que Pierre Maurier dirigiu os jardins foram realizadas grandes obras, tendo sido construída “a casa de fresco, forrada de azulejos antigos, uma extensa latada sobre colunas e a magnífica piscina que na sua grandeza, e no encanto da sua decoração, lembra as obras do romanos” (CHAVES 1928). Na alameda central foi erguido um obelisco, “peça decorativa que se tornou frequente em muitos parques e praças públicas depois da campanha napoleónica no Egipto” (MAGALHÃES 1998, 40).

Pedro Maurier foi jardineiro-chefe nas Laranjeiras até à morte do seu proprietário, o Conde de Farrobo, em 1869, data em que quinta e palácio foram a hasta pública e vendidos<sup>160</sup> (MAGALHÃES 1998, 40). Após quase 30 anos nas Laranjeiras, Maurier manteve-se em Portugal, tendo trabalhado para diversos jardins e quintas nos arredores de Lisboa, dos quais Sousa Viterbo indica o jardim velho, na Quinta de Santo António em Torres Vedras (VITERBO 1906, 94).

<sup>160</sup> Em 1874, cinco anos após a morte do Conde de Farrobo, o Palácio e Quinta das Laranjeiras foram adquiridos em hasta pública pelo Duque de Abrantes e Linhares a quem pertenceu também o Palácio da Junqueira (CHAVES 1928). Em 1904 eram propriedade de Henrique Burnay (1838-1909), 1º Conde de Burnay, que arrenda a quinta ao Jardim Zoológico e d’ Aclimação de Lisboa que ali se instalou e que inaugurou a sua definitiva e actual localização a 28 de Maio de 1905 (MAGALHÃES 1998, 40). A meio do século XX este parque era “um dos mais frequentados pois além do seu magnífico arvoredo, das suas alamedas bem traçadas, do famoso roseiral, da sua numerosa fauna, que conta alguns exemplares raros, está cheio de curiosidades que atraem os visitantes, especialmente as crianças” (CASTRO 1959, 16). A instalação do zoológico transformou o seu aspecto nobre, sendo “o Jardim Zoológico de Lisboa considerado um dos mais bonitos da Europa” (MAGALHÃES 1998, 40).

Viterbo refere que Maurier procurou “introduzir na nossa horticultura e jardinagem os mais aperfeiçoados instrumentos e técnicas, tornando-se notável na cultura especial de certas plantas, pelo que obteve galardão em diversas exposições agrícolas” (VITERBO 1906, 94).

Para além das informações fornecidas por Viterbo na sua *Jardinagem em Portugal*, encontrámos na revista *O Occidente* um artigo de Matos Sequeira, publicado em 1909, no qual destaca “em Lisboa, a Quinta das Laranjeiras, delineada por Pedro Maurier, francês de origem” (SEQUEIRA 1909, 182).

Da pesquisa efectuada, o nome Pedro Maurier surgiu ainda em dois resultados. Um é um anúncio de uma imobiliária inglesa, a *Bekshire Hathaway – Portugal Property*, onde está à venda uma propriedade anunciada como “A Palace With Heritage Of Unparalleled Value”. Trata-se da Quinta da Torre de Santo António das Gateiras, também conhecida por Torre do Marquês<sup>161</sup>, localizada em Torres Novas, e já referida por Sousa Viterbo. No longo descritivo do anúncio pode-se ler: “*The entire outdoor garden was greatly modified, having one of the gardens, called Jardim Velho (Old Garden), the signature of the famous french gardener Pedro Maurier.*”<sup>162</sup>

O segundo resultado surgiu num alfarrabista *online* dos Países Baixos, *Asher Rare Books*, onde está à venda o *Catalogus plantarum horti botanici medico-cirurgicae scholae olisponensis anno MDCCCLII*<sup>163</sup> e cuja primeira página está assinada por Pedro Maurier. No descritivo *online* pode ler-se: “*rare first and only edition of the first printed nursery catalogue of the botanical gardens at the Escola Medico-Cirurgica of Lisbon (established 1825). (...) From the library of the famous french gardener Pedro Maurier, who worked in Lisbon, with his name in ink on title page, and a private library shelf label on a front endleaf.*”<sup>164</sup>

Conhecido por *Pedro das Laranjeiras*, morreu em Lisboa, em 1883, com 75 anos de idade (VITERBO 1906, 94).

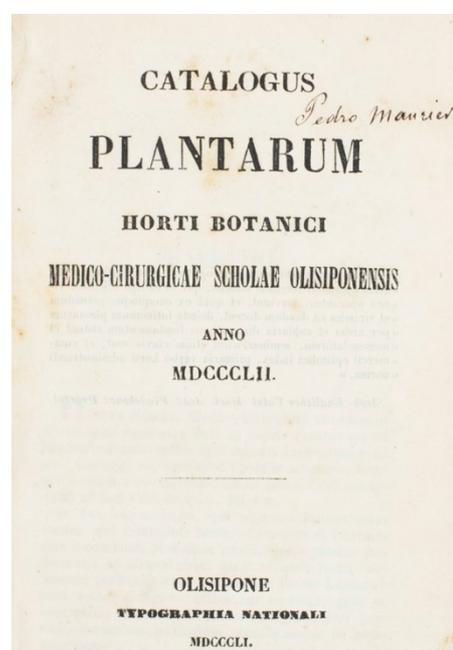


Fig. 41: *Catalogus plantarum horti botanici medico-cirurgicae scholae olisponensis*, assinado por Pedro Maurier, 1851.

<sup>161</sup> A Quinta de Santo António pertenceu a Tristão Guedes de Queirós Correia Castelo Branco (1849-1917), 1º Marquês da Foz, também proprietário do conhecido palácio lisboeta cito na Praça dos Restauradores, e conhecido pelo seu gosto e conhecimento pelo que melhor se produzia na Europa nas artes plásticas e decorativas. O palacete da Quinta de Santo António foi projectado em estilo neomanuelino pelo arquitecto Luigi Pietro Manini (1848-1936), autor dos palácios do Buçaco e da Regaleira (LOUREIRO 2019, 53).

<sup>162</sup> Ver <https://www.portugalproperty.com/property/170514> (consultado em 01/10/20).

<sup>163</sup> GOMES, Bernardino António and Caetano Maria Ferreira da Silva Beirão BEIRÃO. Lisbon, Typografia Nacional, 1851. 8º v.

<sup>164</sup> Ver

[https://www.asherbooks.com/item/\\_gomes\\_bernardino\\_antonio\\_and\\_caetano\\_maria\\_ferreira\\_da\\_silva\\_beirao\\_\\_catalogus\\_plantarum\\_horti\\_botanici\\_medico\\_cirurgicae\\_scholae.html?c=HIGHLIGHTS](https://www.asherbooks.com/item/_gomes_bernardino_antonio_and_caetano_maria_ferreira_da_silva_beirao__catalogus_plantarum_horti_botanici_medico_cirurgicae_scholae.html?c=HIGHLIGHTS) (consultado em 01/10/20).

### 3.8. JACOB WEISS (1815-1898)

Jacob Weiss, suíço, nasceu em *Elsau*, cantão de Zurique, em 22 de julho de 1815. Formou-se no *Jardin de Plantes* em Paris e trabalhou, segundo Sousa Viterbo, em diferentes partes de França. Tal como John Rosenfelder nos anos de 1820, também Weiss foi contratado em Paris pelo Duque de Palmela para vir para Lisboa trabalhar nos seus jardins. Chegou a Portugal em 1847, com 32 anos de idade, e casou-se no ano seguinte<sup>165</sup>. Permaneceu até ao final da sua vida à frente dos jardins da Quinta do Monteiro-Mor no Lumiar (VITERBO 1906, 113–14).

Em 1853, com a partida de Frederich Welwitsch para África, o Duque de Palmela recorreu a um outro jardineiro-botânico, Jacob Weiss, que já trabalhava para a família fazia seis anos e que assumiu o cargo de director dos jardins no Lumiar (CARITA 1990, 296).

Em 1875, Edmond Goeze publicou um texto no *Jornal Prático de Horticultura* sobre a Quinta do Monteiro-Mor e Jacob Weiss:

“Não há duvida que para este resultado se deve immenso ao gosto que os actuaes duques teem pelas cousas horticolas, mas é um acto de justiça da minha parte não esquecer o louvor que merece o snr. Jacob Weiss, que durante mais de trinta annos tem sido o jardineiro em chefe, e em todo esse periodo mostrou sempre grande zêlo e profundos conhecimentos, o que tudo tem concorrido para o florescimento em que as cousas presentemente se acham. Não se passa nenhum anno em que elle não introduza alguma planta nova ou rara, ou deixe de fazer alguns melhoramentos importantes no Lumiar, e nos outros jardins ducaes. Não me é possivel deixar de o considerar como o primeiro entre os jardineiros portuguezes.” (GOEZE 1875, 231).

Goeze dá-nos ainda informações sobre plantações realizadas no Lumiar, já depois da partida de Welwitsch para Angola, ou seja, sob a direcção de Weiss:

“Passando em revista a rica e luxuriante vegetação do Lumiar, principiarei pela collecção sem rival das *Palmeiras*. Posso afiançar que estas não teem rival, quer se considere o numero das especies, quer a beleza dos *specimens*. A maior parte d’ellas foram plantadas em 1856, e bastaram apenas 19 anos para as tornar, se pequenas que eram, em robustos exemplares.” (GOEZE 1875, 231–32).

Segundo Goeze (1875) foram plantadas na Quinta do Monteiro-Mor palmeiras *Jubaea spectabilis*, *Copernicia* sp., *Chamaerops ghiesbreghtii*, *Chamaerops excelsa* (“este individuo produz todos os annos grande numero de sementes ferteis e podemo-lo considerar como o antecessor de centenares de exemplares em variados estados de crescimento, que adornam actualmente muitos jardins portuguezes, tanto publicos como particulares”), *Chamaerops fortunei*, *Chamaerops humilis*, *Chamaerops tomentosa*, *Livistona sinensis*, *Livistona australis*, *Phoenix leonensis* (*P. spinosa*), *Phoenix dactylifera*, *Rhapis flabelliformis*, *Rhapis aspera*, *Seaforthia elegans* e *Sabal umbraculifera*. “As espécies mencionadas

---

<sup>165</sup> “Casou em Lisboa a 18 de dezembro de 1848, com Barbara Plehu, de nação ingleza” (VITERBO 1906, 113–14).



Fig. 42: *Caladium humboldtii* (Raf.) Schott., 1858.



Fig. 43: *Caladium bicolor* Vent. 1. Queen Victoria. 2. Halévy. 3. Prince of Walles. 4. Meyerbeer., 1870.



Fig. 44: *Begonia rosacea* Putz, 1857



Fig. 45: *Begonia tubéreux*, 1895.

formam um grande grupo, e estão plantadas com tal arte, que se podem admirar no seu conjunto, ou contemplar em particular a beleza de cada uma.” E o elenco florístico continua: *Dracaena indivisa*, *Dracaena draco*, *Dracaena australis*, *Dracaena heliconioefolia*, *Cordyline cannoefolia*, *Cannoefolia fragrans*, *Cannoefolia brasiliensis*, *Strelitzia augusta*, *Strelitzia reginae*, *Bonaparteas juncea*, *Bonapartea longifolia*, *Bonapartea gracilis*, *Bonapartea glauca*, *Pincenectitia tuberculata*. “Lembra-me da bella collecção que existe na estufa das plantas gordas, em Kew, mas para se admirarem em toda a sua bellez e valor, é preciso ve-las no Lumiar, onde crescem ao ar livre como se estivessem no seu proprio paiz” (GOEZE 1875, 231–33). E continua: *Taxodium sempervirens*, *Wellingtonia gigantea*, *Abies pinsapo*, *Dammarras robusta*, *Podocarpus elongatus*, *Quercus insignis*, *Acacia heterophylla*, *Jacaranda mimosifolia*, *Fagus asplenifloia*, *Franciscea latifolia*, *Aesculus hippocastanum*, *Fagus sylvatica*, *F. purpurea*, *Ulmus latifolia*, *Sterculia planifloia*, *Grevilia robusta* e *Casuaria* sp.. Também foram elencados por Goeze os arbustos *Camellia* sp., *Rhododendron* sp., *Gardenia* sp. e *Bougainvillea brasiliensis* (e a variedade *Bougainvillea palmella*) (GOEZE 1875, 234).

A Quinta do Monteiro-Mor era um conjunto de “terraços com bellas vistas, cheios de tableiros de flores” que se alternavam com “doces valles e pittorescas ladeiras” (GOEZE 1875, 234). Weiss foi um jardineiro experiente com herbáceas ornamentais; um “ilustrado horticultor, notabilizando-se na obtenção de novas cultivares de plantas, nomeadamente *Caladiums*, muitas vezes anunciadas no Jornal de Horticultura Prática<sup>166</sup>” (MARQUES 2009, 199). Goeze descreveu os “excellentes resultados que Mr. Weiss alcançou pelo cruzamento das *Begonias* e *Caladiums*” e chegou a propor a Weiss que este comercializasse com viveiristas ingleses as variedade e híbridos que estava a desenvolver no Lumiar (GOEZE 1875, 234). Concorreu a diversas exposições hortícolas onde alcançou prémios e fez parte de alguns dos respectivos júris (VITERBO 1906, 113).

<sup>166</sup> Em 1875, José Duarte de Oliveira Junior (1848-1927), horticultor portuense e redactor do Jornal de Horticultura Prática entre 1870 a 1887, refere-se aos *Caladium* sp. obtidos por Jacob Weiss que Marques Loureiro anunciava nos seus catálogos: «o incansável horticultor portuense, o snr. José Marques Loureiro, enviou-nos há dias alguns exemplares do suplemento ao seu catalogo n.º 11 (1875-1876). Contem numerosas novidades e algumas d'ellas com o duplo merecimento de serem nacionaes, como por exemplo uma serie de seis *Caladiums* obtidos pelo snr. Jacob Weiss, director dos jardins do snr. duque de Palmella» (em Oliveira Junior (1875). *Chronica Horticolo-Agricola. Jornal de Horticultura Prática*, VI (9), pp. 175-180) (MARQUES 2009, 59).

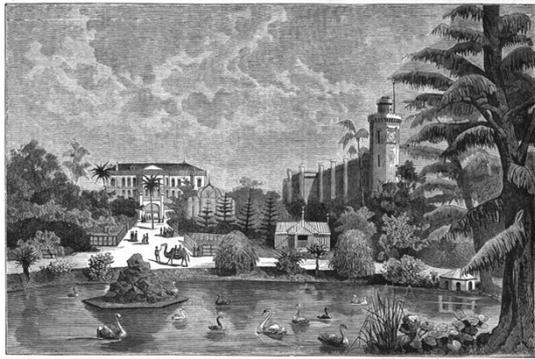


Fig. 46: Jardim Zoológico e de Aclimação de Lisboa no Parque de Santa Gertrudes (1884-1894), s.d.

Para além da Quinta do Monteiro-Mor, o nome de Weiss está ligado a um outro parque de Lisboa, o de Santa Gertrudes<sup>167</sup>. Este parque, onde hoje está implantado o jardim da Fundação Calouste Gulbenkian, foi adquirido por José Maria Eugénio de Almeida<sup>168</sup> em 1861 aos descendentes do arquitecto Fernando Larre, um francês que trabalhou para D. João V (CARITA 1990, 296). Weiss tomou a cargo a direcção da construção do parque, cujas obras se iniciaram em 10 de Novembro de 1866 e se prolongaram até 1870 (CARAPINHA 2006, 22–23). As plantações decorreram em 1867 e 1868 e foram utilizadas árvores importadas de França, do estabelecimento de horticultura Cordier – Pepinieriste à Berney: 200 acácias, 100 olaias, 100 bérberis, 100 madressilvas, 50 cotoneásteres, 100 dêutzias, 200 freixos, 50 azevinhos, 50 jasmíns, 100 castanheiros-da-índia, 100 aveleiras, 200 ulmeiros, 100 sóforas-do-japão, 100 sempre-noivas, 100 lilaseiros, 100 áceres-do-Japão, 100 cedros-do-líbano, 100 cedros-da-virgínia, 15 abetos, 12 tuias, 12 cedros-do-atlas, 18 cedros-do-himalaia e 12 sequóias gigantes. Chegaram ainda acácias, folhados, pascoinhas, giestas, faias e medronheiros vindos do Campo Grande, do Lumiar, de Queluz, de Belas e de Assumar. Simultaneamente foi construído o lago, no qual foram usadas pedras oriundas de Monsanto para a construção de um rochedo (CARAPINHA 2006, 23). Em 1883, D. Maria das Dores Pinto, viúva de José Eugénio de Almeida, que falecera em 1872, cedeu o parque para a instalação do Jardim Zoológico e de Aclimação de Lisboa<sup>169</sup> pelo período de dez anos (CARAPINHA 2006, 25).

Weiss colaborou com a Sociedade Flora e Pomona. Foi contratado pela Câmara Municipal de Lisboa para dirigir os viveiros municipais e por diversas vezes foi convidado a integrar comissões de peritos para a elaboração de pareceres sobre o estado dos jardins e arvoredo da cidade – em 1851 fez parte da comissão para melhoramentos no Passeio Público e em 1882 fez parte da comissão encarregada de estudar a arborização da Avenida da Liberdade (CUNFF 2000, 185). Morreu em 30 de março de 1898, no Lumiar<sup>170</sup>, com 83 anos de idade<sup>171</sup> (VITERBO 1906, 113–14).

<sup>167</sup> A antiga Quinta do Provedor dos Armazéns passou a denominar-se Parque de Santa Gertrudes em 8 de Janeiro de 1870 (CARAPINHA 2006, 22). O nome foi uma homenagem que o proprietário, José Maria Eugénio de Almeida, fez à sua mãe, Gertrudes Magna de Nascimento Jesus (m.1839) (FONSECA e REIS 1987).

<sup>168</sup> José Maria Eugénio de Almeida (1811-1872) foi um capitalista português do século XIX, “um exemplar da grande burguesia que emergiu em Portugal durante o liberalismo oitocentista”, considerado o terceiro maior proprietário de Portugal, depois do duque de Palmela e do duque de Cadaval. Foi deputado, par do Reino e provedor da Casa Pia de Lisboa (FONSECA e REIS 1987).

<sup>169</sup> O Jardim Zoológico e de Aclimação de Lisboa esteve instalado no Parque de Santa Gertrudes entre 1883 e 1895; foi criado por Pedro Van-der-Laan e José Tomás de Sousa Martins em 1884 e teve o apoio de dois dos seus sócios fundadores, o rei D. Luís I e D. Fernando de Saxe-Coburgo-Gotha, primeiro Presidente de Honra do Zoo. Criado em 1883, foi inaugurado a 28 de Maio de 1884 na sua primeira localização, o Parque de São Sebastião da Pedreira, ou Parque de Santa Gertrudes. Em 1894 foi transferido para o Parque da Palhavã (MAGALHÃES 1998, 39–40). Nos anos de 1940 a Feira Popular de Lisboa esteve instalada no Parque de Santa Gertrudes.

<sup>170</sup> Após a morte de Jacob Weiss, os jardins da Quinta do Monteiro-Mor, dos Duques de Palmela, ficaram sob a direcção de João Batista Possidónio, jardineiro português e discípulo de Weiss, até 1912 (CORDEIRO 2017).

<sup>171</sup> Foi enterrado no cemitério dos alemães e deixou duas filhas (VITERBO 1906, 113–14).

### 3.9. JOÃO FRANCISCO DA SILVA

João Francisco da Silva foi um jardineiro português que trabalhou para a Câmara Municipal de Lisboa e tem o seu nome ligado a alguns dos mais belos jardins oitocentistas de Lisboa: Estrela e Príncipe Real.

As informações disponíveis sobre a vida de João Francisco são parcas. Não sabemos quando nasceu nem quando morreu. Em outubro de 1858 foi publicado um artigo no *Archivo Pittoresco* sobre o novo Passeio da Estrela, “merecendo o maior elogio pela maneira como effectuaram os seus trabalhos” (VITERBO 1906, 57):

“Só em 30 de setembro de 1850 é que começaram definitivamente as obras de engradamento e plantação, sendo dirigidas aquellas pelos architectos da repartição das obras publicas, e estas pelos habilissimos jardineiros Bonard e João Francisco. Merecem estes alto louvor pelo modo por que desempenharam tão melindroso trabalho. Afastando-se do methodo seguido no passeio mandado plantar pelo marquez de Pombal, aproveitaram habilmente os accidentes do terreno, conseguindo levantar um traçado que satisfaz a todas as condições, e que não apresenta a monotonia dos antigos jardins e matas de recreio.” (*Archivo Pittoresco: semanário ilustrado* 1858, 130).

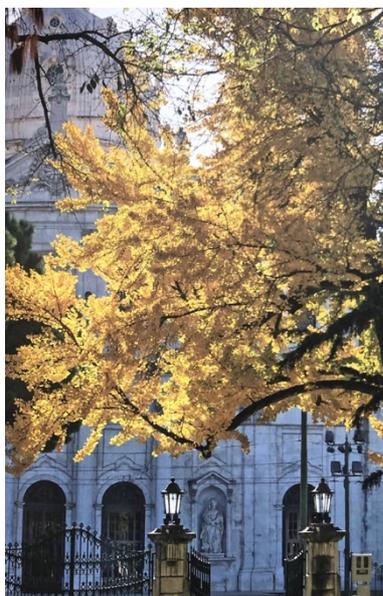


Fig. 47: *Ginkgo biloba* L., Jardim da Estrela, 2019.

No mesmo ano de 1858, encontramos o nome de João Francisco da Silva em *Lisboa Antiga Bairros Orientais*, de Júlio de Castilho, sobre o estado de conservação do arvoredo do Passeio Público:

“Dois anos depois, em 2 de Dezembro de 1858, como o estado do arvoredo não fôsse satisfatório, apresentou o talentoso vereador Levi Maria Jordão a sua informação, com o parecer dos peritos. Havia dois alvites: o primeiro, fundado na opinião do chefe dos trabalhadores no Instituto Agrícola, Diogo Miguel Ribeiro de Araújo, era decotar por igual tôdas as árvores velhas, e nos intervalos plantar arvoredo novo; o segundo, fundado na opinião do jardineiro do município, Silva, na de Jules Leroy Waigel, conhecido horticultor, na de Bernard<sup>172</sup>, jardineiro de el-Rei, Mourier<sup>173</sup>, jardineiro do duque de Palmela, era abater sem dó tôdas as árvores velhas, surribar o terreno todo, e fazer plantação completa.” (CASTILHO 1937, 162).

Dos cinco técnicos chamados pelo vereador Levi Jordão a dar um parecer sobre o estado do arvoredo, um deles foi o jardineiro municipal Silva. Isto faz-nos crer que João Francisco da Silva poderia ter um cargo de relevo no panorama dos jardins públicos da cidade de Lisboa.

Na bibliografia consultada sobre jardins de Lisboa, o nome de João Francisco da Silva surge como o autor das plantações de um outro jardim: o da Praça do Príncipe Real<sup>174</sup>. Em julho de 1861 o desenho

<sup>172</sup> Cremos tratar-se de Jean-Baptiste Bonnard.

<sup>173</sup> Pierre Maurier.

<sup>174</sup> O lugar onde foi construído o Jardim do Príncipe Real era conhecido no século XV por Alto da Cotovia. Posteriormente no século XVIII foram ali feitas as fundações de um palacete, tornando-se no local da lixeira do Bairro Alto. Após o terramoto, foi ali construída a nova Patriarcal, e que ardeu em 1769 (MAGALHÃES 1998, 33). Na década de 1790 foi iniciada a construção do Real Erário e interrompida por falta de verbas (o fosso entretanto aberto foi utilizado pela Companhia das Águas para a construção de

da praça foi aprovado e começaram os trabalhos de limpeza e terraplanagem. Em 1863 a Companhia das Águas termina a construção do reservatório de água (que tinha iniciado em 1858) e sobre o qual existe um lago octogonal com repuxo e em torno deste se organiza o jardim. Em 1869 foi instalada a iluminação pública e feito o ajardinamento (TRISTÕES 1994, 90). Pela iniciativa e insistência do vereador Luís de Almeida e Albuquerque (1819-1906) a praça foi ajardinada “à inglesa na liberdade ondulada dos canteiros”, tendo sido chamado o “jardineiro que trabalhara na Estrela, João Francisco da Silva” (FRANÇA 2001, 27).

Após uma “longa história de projectos falhados”, a praça-jardim consolidou-se urbanisticamente, tendo a obra sido realizada por conta de excedentes do



Fig. 48: Jardim do Príncipe Real, s.d.



Fig. 49: *Cupressus lusitania* Miller no Jardim do Príncipe Real, 2018.

orçamento da iluminação do Passeio Público, uns “cento e tal mil réis” (TRISTÕES 1994, 90). “É o seu aspecto de hoje, com as suas essências raras, de araucárias, e a que preside um colossal cipreste<sup>175</sup> que é vulgarmente tomado por um cedro – a mais famosa árvore de Lisboa, acomodada por uma armação de ferro que lhe estende e baixa a grande copa, sítio privilegiado de encontro e lazer” (FRANÇA 2001, 27), um “monumento botânico (...), que é certamente a maior, melhor e mais bela sombra de Lisboa” (TRISTÕES 1994, 92).

Em 29 de Julho de 1873 foi publicada no *Diário Ilustrado* a primeira imagem da praça, uma gravura com a legenda “Patriarchal Queimada (Lisboa)” e um pequeno texto:

“No lugar onde d’antes se via um montão de ruínas ostenta-se hoje um dos passeios mais agradáveis de Lisboa. Há apenas alguns annos que a camara municipal resolveu arborisar aquelle terreno, que era uma das vergonhas da capital, e já hoje se vê ali uma vegetação luxuriante e variada. Os pessimistas que por todos os modos clamavam contra o novo empreendimento, e que diziam que era impossivel conservar-se n’aquelle sitio uma única planta, tiveram mais tarde de applaudir a

---

um reservatório, em alternativa ao reservatório de São Pedro de Alcântara cujo projecto foi abandonado). Em 1833 o Estado entregou este terreno à Câmara Municipal para nele ser implantada um praça. O projecto foi aprovado em 1853 e recebeu o nome de Praça do Príncipe Real. Nesse mesmo ano, pela morte de D. Maria II, o nome foi alterado para Praça D. Pedro V. Em 1883 a praça voltou a ter o seu primeiro nome e entre 1911 e 1948 recebeu o nome de Praça do Rio de Janeiro (FRANÇA 2001, 25). Actualmente também é designado por Jardim França Borges. Desde 1950 existe neste jardim um busto de Francisco Marques de Sousa Viterbo (1845-1910), autor de *A Jardinagem em Portugal apontamentos para a sua história*, que vivia nas proximidades (o busto é da autoria de Francisco dos Santos) (FRANÇA 2001, 29).

<sup>175</sup> *Cupressus lusitania* Miller (nomes comuns: cedro-do-Buçaco, cipreste-do-Buçaco, cipreste-português, cedro-de-Goa) é uma conífera de folha persistente da família das *Cupressaceae*, originária do México. Introduzida em Portugal no século XVI, “o seu nome científico sugere tratar-se de uma espécie portuguesa. Na verdade estima-se que a Ordem dos Carmelitas o tenha trazido das regiões montanhosas do México, da Guatemala e da Costa Rica. Foi o naturalista Philip Miller quem descreveu a espécie em 1768 “a partir de exemplares que viu no Buçaco, quando lá esteve nessa altura. Daí o engano quanto à origem da árvore” (PORTOCARRERO 2013).

resolução da camara, aproveitando-se do bom ar, da frescura, e da excellente vista que d'ali se goza.”  
(*Diario Illustrado* 1873).

João Francisco da Silva, jardineiro municipal, foi responsável pelas plantações e manutenção do remodelado Passeio Público então a cargo do vereador Ayres de Sá Nogueira (1835-1901), e terá dirigido plantações em outros jardins da cidade. Alexandra Quintas (2001) diz-nos que os pequenos jardins românticos que na segunda metade do século XIX foram surgindo por Lisboa se deveram “em boa parte ao trabalho do jardineiro João Francisco da Silva” (QUINTAS 2001, 107). Infelizmente não dispomos de informação para afirmar quais os jardins que João Francisco da Silva plantou ou delineou. Durante a segunda metade do século XIX a Câmara Municipal de Lisboa procedeu ao ajardinamento dos seguintes espaços:

	ano de ajardinamento
Jardim do Campo de Santa Clara / Jardim Boto Machado	1862
Jardim do Príncipe Real / Jardim França Borges	1869
Jardim de Santos / Jardim Nuno Álvares	1873
Jardim da Rocha do Conde de Óbidos / Jardim 9 de abril / Jardim das albertas	1880
Jardim da Praça da Alegria / Jardim Alfredo Keil	1881
Jardim do Alto de Santa Catarina	1883
Jardim da Praça Dom Luís	1884
Jardim da Burra / Jardim 5 de outubro (lateral à Basílica da Estrela)	
Jardim da Praça das Flores / Jardim Fialho de Almeida	
Jardim Constantino <sup>176</sup>	1889
Jardim do Campo Santana / Campo dos Mártires da Pátria (a partir de 1879)	

Fig. 50: Jardins públicos de Lisboa ajardinados na segunda metade do século XIX.

Foi chamado a integrar diversas comissões criadas pela Câmara Municipal para elaboração de pareceres sobre o estado de jardins e passeios da cidade (CUNFF 2000, 185).

João Francisco da Silva não foi o único jardineiro na sua família. Sousa Viterbo (1906) referiu um primo de João Francisco e que também trabalhou para a Câmara Municipal de Lisboa: “ao zelo do sr. Antonio Fernando Silva<sup>177</sup> se deve em grande parte o estado florescente, em que se acha a jardinagem lisbonense”. António Fernando, também ele filho de jardineiro, “condutor de obras publicas de 2ª classe, sendo diplomado pela Escola de Bellas Artes, onde obteve sempre os primeiros premios”, começou a trabalhar no jardim da Estrela, no final dos anos de 1880, sob a direcção de Ernest Pissard. Teve a seu cargo a jardinagem e arboricultura da cidade de Lisboa. Reformou o jardim do Príncipe Real, cujo traçado original era de João Francisco da Silva, seu primo. Ajardinou a Campo Mártires da Pátria e dirigiu plantações no Parque Eduardo VII (VITERBO 1906, 107).

<sup>176</sup> Também é conhecido como Jardim do Florista, uma homenagem a um floricultor de Lisboa, Constantino Marques de Sampaio e Mello, tratado por *rei dos floristas portugueses* no final do séc. XIX (MAGALHÃES 1998, 20).

<sup>177</sup> Em 1909 num artigo publicado na revista *O Occidente*, Matos Sequeira referiu-se a alguns jardins que mereciam destaque: “o da Estrela, devido à pericia do jardineiro municipal Antonio Fernando Silva, que também trabalhou no lindo Jardim do Príncipe Real e no do Campo de Santana” (SEQUEIRA 1909, 182).

### 3.10. EDMOND GOEZE (1838-1929)

Edmond Goeze nasceu em 13 de Fevereiro de 1838 em Itzehoe - Holstein, no Reino da Prússia então integrado na Confederação Germânica (PALHINHA 1955, 6). Formou-se e foi jardineiro no *Jardin des Plantes* de Paris e nos *Royal Botanic Gardens* em Kew, guardando deste tempo boas relações com os

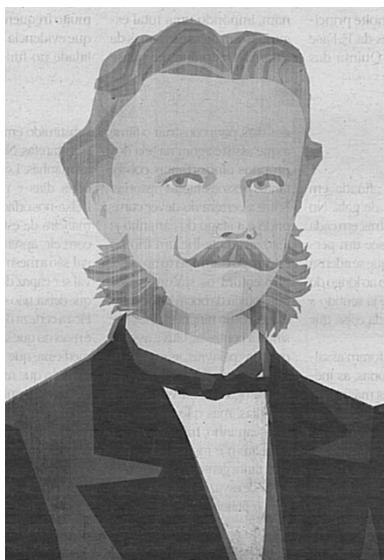


Fig. 51: Edmond Goeze (1838-1929), 2014. Ilustração de Marta Antunes.

directores destes jardins, Joseph Decaisne<sup>178</sup> (1807-1882) e Joseph Dalton Hooker<sup>179</sup> (1817-1911) (HENRIQUES 1906, 75–76).

Henrique do Couto de Almeida Vale (1807-1868), director do Jardim Botânico da Universidade de Coimbra (1865-1868), pediu a José do Canto<sup>180</sup> (1820-1898) que indicasse um nome adequado para o cargo de jardineiro-chefe para aquele jardim. José do Canto, que tinha residência em Paris, indicou Goeze, referenciado por Decaisne (PALHINHA 1955, 5), que conhecia do *Jardin des Plantes* de Paris e que por essa altura era um dos principais jardineiros em Kew. Foi contratado pela Universidade de Coimbra em junho de 1866 onde se manteve até 1873 (HENRIQUES 1906, 75–76).

Pouco depois da sua chegada a Coimbra, em 1866, Goeze viajou a São Miguel para realizar uma expedição botânica:

“Por conta da Faculdade de Philosophia e por conselhos do ex.mo sr. Antonio Borges da Camara<sup>181</sup>, aos Açores (S. Miguel) d’onde trouxe grande quantidade de plantas para as estufas de Coimbra. De Lisboa foi á Allemanha receber o grau de doutor em Philosophia e para isso escreveu a dissertação sobre o genero *Citrus* com o título *Beitrag zur kennntniss der dramgengewächse*<sup>182</sup> - Hamburg, 1874.” (HENRIQUES 1906, 75–76).

Goeze registou esta viagem em *A Ilha de S. Miguel e o Jardim Botânico de Coimbra*, editado pela Universidade de Coimbra em 1867 – umas “breves notas, escriptas em S. Miguel durante seis semanas que lá estivemos” (GOEZE 1867, 3):

<sup>178</sup> Joseph Decaisne (1807-1882) foi um botânico e agrónomo francês. Nascido em Bruxelas, entrou no *Jardin des Plantes* em 1824 como jardineiro e foi posteriormente presidente da Academia das Ciências Francesa e director do *Jardin des Plantes*.

<sup>179</sup> Joseph Dalton Hooker (1817-1911) foi um botânico inglês. Foi presidente da *Royal Society of London* (1873-1877) e director dos *Royal Botanic Gardens* em Kew (1865-1885). Foi muito próximo e colaborador de Charles Darwin (1809-1882).

<sup>180</sup> José do Canto (1820-1898) foi um intelectual e grande proprietário açoriano, amante da jardinagem e da Botânica. Concebeu diversos jardins e parques na Ilha de São Miguel. Dedicou-se à aclimação de plantas exóticas, entre as quais se destacam as camélias e as criptomérias.

<sup>181</sup> António Borges da Câmara de Medeiros (1812-1879), 2º Visconde da Praia, foi um político e grande proprietário açoriano. Muito interessado por agricultura e botânica, dedicou-se à aclimação de plantas exóticas, tendo criado em Ponta Delgada um parque botânico, hoje Jardim António Borges.

<sup>182</sup> “Contributos para o estudo do crescimento dos citrinos”.

“Chegando a Coimbra no mez de Julho do anno passado (1866), occupámos para logo o logar de jardineiro em chefe do Jardim Botanico da Universidade. A completa ignorancia da lingua do paiz tornava-nos mui difficil o bom desempenho das nossas obrigações, que, por outro lado, o calor excessivo da estação e a falta quasi completa de boas plantas simplificavam singularmente, condemnando-nos a uma inacção quasi absoluta. (...) Foi-nos então duplamente agradavel a participação que nos fez o digno Director do Jardim, o ex.mo sr. dr. Henrique d o Couto d’Almeida, de que a Faculdade de Philosophia determinara mandar-nos a S. Miguel, onde varios cavalheiros haviam offerecido generosamente ao nosso Jardim plantas de suas ricas e abundantes collecções.” (GOEZE 1867, 4).

Goeze mostrou-se impressionado com os jardins de São Miguel <sup>183</sup>, destacando o jardim de José do Canto, “inquestionavelmente o mais rico de todos, possuindo talvez mais de 3000 espécies”, e que nenhum dos jardins particulares que visitou na Europa lhe pode ser equiparado. Foi neste jardim que “podemos estudar a vegetação dos paizes estrangeiros; foi d’elle tambem que trouxemos mais de 800 especies” (GOEZE 1867, 42). Goeze fez ainda um agradecimento a Alexandre Reith, o jardineiro em chefe do jardim de José do Canto (QUINTAL 2014).

Goeze trouxe de São Miguel para Coimbra um grande conjunto de plantas pela “grande generosidade de alguns cavalheiros da ilha de S. Miguel dos quaes mencionaremos em primeiro logar os ex.mos srs. José do Canto e Antonio Borges da Camara, de devem perto de mil especies de plantas exoticas, com que o Jardim acaba de enriquecer-se” (GOEZE 1867, 7–8). Goeze referiu ainda que para além da ajuda de José do Canto ao ceder todas as plantas dos seus jardins este foi também fundamental porque incentivou outros açorianos a fazê-lo (AA.VV. 2014).

Também por influência de Goeze, devida às relações que manteve com ilustres de Paris e Londres, “o vivo interesse que estes cavalheiros mostraram pelo Jardim (Botânico) de Coimbra (...) marcará a primeira pagina dos novos annaes d’esto estabelecimento. Devemos aqui mencionar tambem o rico presente, que o illustre professor do Jardim das plantas de Pariz. Mr. J. Decaisne se dignou a fazer-nos. Em virtude de pedido nosso, recebemos do distincto sabio francez mais de duzentas especies raras e

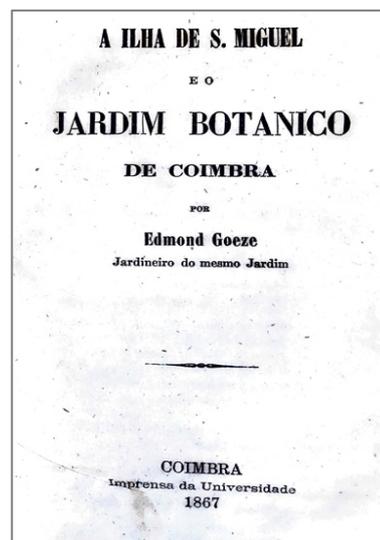


Fig. 52: Frontispício de *A Ilha de São Miguel e o Jardim Botânico de Coimbra* por Edmond Goeze, 1867.



Fig. 53: Mata-jardim de José do Canto, São Miguel - Açores, s.d.

<sup>183</sup> Em São Miguel Goeze visitou os jardins e parques de José do Canto, de António Borges, de Ernesto do Canto (irmão de José do Canto), do Barão das Laranjeiras, do Barão da Fonte Bela, de João Carlos Scholtz, do jardineiro inglês Mr. Brown e o da Sociedade de Horticultura em Ponta Delgada (GOEZE 1867, 60).

optimamente escolhidas” (GOEZE 1867, 8). Joseph Hooker, director dos jardins de Kew, enviou para Coimbra uma remessa de plantas e sementes com mais de 1500 espécies (GOEZE 1867, 8).

Em 1873 Goeze foi incumbido por João de Andrade Corvo<sup>184</sup> (1824-1890) de viajar a Londres a fim de negociar o envio para Portugal das colecções que Friedrich Welwitsch<sup>185</sup> havia recolhido nas suas missões a Angola e que tinha depositado em Kew (TAVARES 1967, 25):

“A E. Goeze coube, efectivamente, a delicada missão de coajubar o governo português na recuperação das referidas colecções e, ao mesmo tempo, foi incumbido de conseguir os planos para uma estufa no incipiente jardim da Politécnica. Nesta viagem, o futuro jardineiro chefe da Escola, visitou os jardins botânicos de várias cidades europeias, onde lhe foi possível obter sementes e plantas para o horto botânico de Lisboa.” (TAVARES 1967, 25).



Fig. 54: A “Classe” no Jardim Botânico de Lisboa, s.d.



Fig. 55: A “Classe” no Jardim Botânico de Lisboa, 2011. Aquarela de Rosa Alves Pereira.

Esta missão diplomática de Goeze falhou, não se tendo conseguido um acordo entre o estado português e William Carruthers<sup>186</sup> (1830-1922), herdeiro por testamento das colecções welwitschianas. No entanto esta viagem a Londres foi muito útil “no tocante à recolha de elementos para a fundação do jardim botânico da Politécnica e, em especial, da futura estufa” (TAVARES 1967, 26).

O Jardim Botânico da Escola Politécnica de Lisboa, inaugurado em 1878 e que há já várias décadas estava a ser pensado por Andrade Corvo e o Conde de Ficalho, teve como primeiro jardineiro-chefe Edmond Goeze que dirigiu as primeiras plantações e que esteve ao serviço deste jardim entre 1873 e 1876. Apesar de oficialmente só ter entrado ao serviço da Politécnica em 1873 já antes trabalhava para esta instituição, “tratando de estudar projectos para a construção de estufas, procurando a cessão de plantas para o *nosso* jardim, como ele lhe chamava” (PALHINHA 1955, 5). Para além do trabalho realizado para o jardim fora deste – tratou que sementes e plantas vivas fossem cedidas ao novo jardim da Politécnica vindas dos Açores, de Paris e de Londres –, Goeze elaborou, em 1873, a pedido do Conde de Ficalho, uma lista de árvores a plantar nas arborizações das avenidas de acesso ao jardim (TAVARES 1967, 27). Organizou a parte superior do jardim, conhecida por classe<sup>187</sup>, e

<sup>184</sup> João de Andrade Corvo (1824-1890) foi um político, romancista, médico e naturalista português, professor na Escola Politécnica de Lisboa e foi, com o Conde de Ficalho, grande impulsionador da criação do Jardim Botânico nessa escola.

<sup>185</sup> Welwitsch morreu no ano anterior, em 1872; Goeze conheceu Welwitsch quando foi jardineiro em Kew (TAVARES 1967, 26).

<sup>186</sup> William Carruthers (1830-1922) foi um naturalista escocês, membro da *Royal Society of London* a partir de 1871, presidente da *British Geologist's Association* (1875-1877) e presidente da *Linnean Society* (1886-1890).

<sup>187</sup> Distribuição das plantas segundo sequência do *Prodromus Systematis Naturalis Regni Vegetabilis* de Candolle (dicotiledóneas e algumas gimnospérmicas na parte superior, monocotiledóneas na parte inferior) (TAVARES 1967, 27).

dirigiu as primeiras plantações e transplantações de árvores e arbustos vindos do Jardim Botânico da Ajuda<sup>188</sup> (TAVARES 1967, 26).

Edmond Goeze voltou a Londres em 1876 para receber as colecções de Welwitsch<sup>189</sup> três anos depois do primeiro esforço para um entendimento. Nesse mesmo ano de 1876 deslocou-se à Alemanha, e nos jardins botânicos de Berlim e Hamburgo obteve plantas para instalar na estufa da Politécnica entretanto em construção (TAVARES 1967, 29). Voltou a Portugal e em dezembro do mesmo ano regressou definitivamente à Alemanha<sup>190</sup> para ocupar o cargo de jardineiro principal no Jardim Botânico de Greifswald (TAVARES 1967, 29), onde ficou até 1906 (HENRIQUES 1906, 75–76).

Goeze colaborou no *Jornal de Horticultura Pratica de Marques Loureiro* (HENRIQUES 1906, 75–76) e durante a sua estada em Lisboa publicou em *The Garden* dois trabalhos (*The Royal Gardens at Lisbon - Necessidades e Remarkable Gardens of Portugal - Lumiar, Cascaes*) e em *Linnaea* (vol. XLI) publicou *Die Pflanzenwelt Portugals*<sup>191</sup>. Já na Alemanha publicou em *Sonntags* em 1878 *Erinnerungen na Portugal*<sup>192</sup> (PALHINHA 1955, 6).

Edmond Goeze, o jardineiro-diplomata, teve um papel fundamental na criação Jardim Botânico da Politécnica de Lisboa, reunindo um vasto número de espécies para nele serem plantadas, sobretudo exóticas vindas dos Açores e dos jardins botânicos de Paris (*Jardin des Plantes*), de Londres (*Kew Gardens*), de Berlim e de Hamburgo. Morreu em Berlim em 1929 (PALHINHA 1955, 6).

---

<sup>188</sup> “Em dezembro de 1873 foi o Dr. Goeze contratado Jardineiro-chefe do Jardim Botânico da Escola Politécnica então em via de ser iniciado. Não vi documento algum que me permita afirmar que a indicação do seu nome fosse devida às suas relações amistosas com Luís de Mello Breyner, parente e amigo do Conde de Ficalho, mas creio estar na verdade, tanto mais que do Jardim da Real Associação Central de Agricultura, da qual Mello Breyner era director, vieram muitas plantas para o incipiente Jardim” (PALHINHA 1955, 5).

<sup>189</sup> Em março de 1876, perante o cônsul geral de Portugal, Goeze assinava, em nome da Escola Politécnica, o contrato para a construção da estufa: “nessa altura, após prévia anuência do Conde de Ficalho e do Dr. J. D. Hooker, foi designado John Smith, conservador dos jardins de Kew, para superintender na execução das obras. (...) A montagem seria realizada por operários ingleses; as fundações e obras de alvenaria ficariam a cargo de operários portugueses” (TAVARES 1967, 29).

<sup>190</sup> “De Itzehoe em 10 de Julho, portanto ainda de licença (75 dias pedidos para a viagem à Alemanha), voltou a escrever ao Conde de Ficalho, em termos respeitosos, referindo-se também ao *nosso* Jardim, voltando a escrever, mas então de Greifswald, a carta datada de 18 de Janeiro de 1877. Já então estava instalado no Jardim Botânico daquela cidade” (PALHINHA 1955, 6).

<sup>191</sup> “A flora de Portugal”

<sup>192</sup> “Memórias de Portugal”

### 3.11. JULES DAVEAU (1852-1929)

Foi o segundo jardineiro-chefe do Jardim Botânico da Escola Politécnica de Lisboa, sucessor do alemão Edmond Goeze que saiu do cargo em 1876. Jules Alexandre Daveau, francês, nasceu em Argenteuil, nos arredores de Paris, em 29 de fevereiro de 1852. Chegou ao *Jardin des Plantes* de Paris em 1866 onde foi jardineiro-aprendiz<sup>193</sup> (VITERBO 1906, 66–67):

“Tinha Daveau 14 anos quando entrou para o Museu de História Natural, onde trabalhava de sol a sol, apenas com duas horas de descanso (...). Alguns dos aprendizes aproveitavam a primeira hora de repouso para seguir os cursos que os professores de Botânica davam em dias indeterminados, para o que os alunos não necessitavam de despir o fato de trabalho. Foi assim que Daveau ouviu as lições de Brongniart, de Descaisne e de outros. Caída a tarde, sobrava-lhe tempo para, na Sorbonne e no Colégio de França, poder ouvir os mestres.” (PALHINHA 1932, 3–4).

Daveau ganhou grande reconhecimento e respeito quando durante o cerco de Paris de 1870-71<sup>194</sup> em conjunto com colegas se esforçaram por salvar dos bombardeamentos material científico de grandes coleções francesas; por isto, em 1871, foi nomeado sub-chefe de serviço (PALHINHA 1932, 4), e no ano seguinte novo reconhecimento:

“Em 1872, era promovido a Chefe do Laboratório de Sementes e do Jardim de Experiências, serviço delicado, exigindo muita atenção porquanto, nessa época, numerosos exploradores para ali enviavam milhares de sementes que era preciso cultivar, descobrindo as condições próprias ao seu desenvolvimento (...). Foi no desempenho das funções dêsse lugar de tamanha responsabilidade que Jules Daveau adquiriu, a par dum conhecimento profundo das sementes dos diversos grupos, a habilidade que o caracterizava como Jardineiro, para colocar as plantas no ambiente que mais lhes convinha.” (PALHINHA 1932, 4).

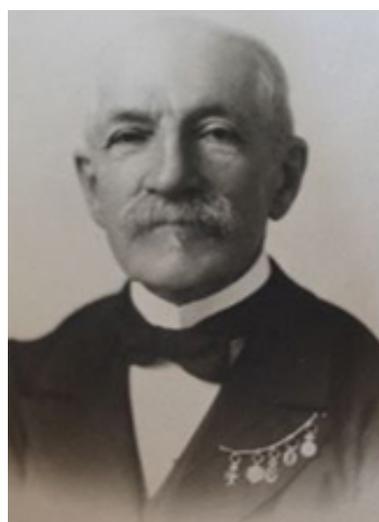


Fig. 56: Jules Daveau (1852-1929), s.d.

Em 1875 foi encarregado de dirigir uma exploração científica à Cirenaica<sup>195</sup> durante três meses a fim de encontrar uma espécie botânica, o “silphium dos antigos”<sup>196</sup> (VITERBO 1906, 66–67). Ao regressar trouxe consigo “numerosas plantas de herbário e sementes de que se originaram plantas que trouxeram

<sup>193</sup> “Entrou como Jardineiro-aprendiz no Museu de História Natural. Nessa época, como agora desgraçadamente ainda sucede entre nós, não havia em França escolas de horticultura, e o único recurso ao alcance daqueles que queriam enveredar por êsse caminho era a aprendizagem prática num horticultor ou a entrada para o Museu, onde havia sempre maior número de candidatos do que de lugares” (PALHINHA 1932, 3).

<sup>194</sup> O “Cerco de Paris de 1870/71” foi um conflito na Guerra Franco-Prussiana no qual Paris foi cercada pelo exército da Prússia, comandado por Otto von Bismarck (1815-1898), durante cerca de quatro meses de inverno, e no qual os franceses foram derrotados. Para além dos bombardeamentos, muitos jardins e parques de Paris foram cortados para produção de combustível.

<sup>195</sup> Cirenaica era uma província do Império Otomano, localizada na costa oriental da moderna Líbia.

<sup>196</sup> O silphium era uma planta muito valiosa para os egípcios, os gregos e romanos, pelas suas propriedades medicinais e cosméticas e também utilizada em culinária (FLAHAULT 1930, 132).

à florística numerosas espécies novas. A narração da sua viagem foi publicada na *Revue Horticole*, em 1875, e no *Bulletin de la Société Botanique de France*, em 1876” (PALHINHA 1932, 4).

Em 1876, Edmond Goeze deixou o recém criado e ainda não inaugurado Jardim Botânico da Politécnica. O Conde de Ficalho voltou a auscultar Descaines, director do *Jardin des Plantes*, para que aconselhasse alguém “competente para jardineiro na Politécnica.” A resposta foi Jules Daveau. (TAVARES 1967, 29). Sobre este, Decaisne escreveu: “*en un mot, je répons de Mr. Daveau comme de moi-même*”<sup>197</sup> (TAVARES 1967, 30).

Foi contratado em 16 de Dezembro de 1876 como jardineiro-chefe (PALHINHA 1932, 4), tendo ocupado o cargo até 1892. Durante quinze anos a contribuição de Daveau centrou-se em dois principais vectores. O primeiro foi a conclusão da plantação do jardim. Na parte de baixo, então despida, foi plantado o “arboreto” e no qual está a “Rua das Palmeiras”. Foi também no tempo de Daveau que foi instalado o sistema de rega e construídos riachos e cascatas (TAVARES 1967, 31). Até 1892 a área cultivada do jardim chegou a quatro hectares, praticamente a capacidade máxima de expansão do jardim (TAVARES 1967, 32).

O segundo vector foi o programa de troca de sementes e plantas com jardins botânicos estrangeiros que Daveau encetou e “já em 1877 haviam começado a chegar a este jardim os catálogos de sementes do estrangeiro” tendo sido o do Jardim Botânico de Manila um dos primeiros a ser recebido. Também em 1877 foi publicado o primeiro *Index Seminum*, organizado por Daveau, que “para este resultado muito contribuiu a actividade exercida anteriormente por E. Goeze” (TAVARES 1967, 31). O número de *taxa*, na quase totalidade espécies, mencionados no primeiro catálogo do Jardim Botânico da Politécnica foi de 1559, com predomínio de plantas cultivadas sobre plantas indígenas. Em 1880 este número era de 2346 (TAVARES 1967, 31). Este programa de sementes permitiu fazer nascer no jardim árvores para serem plantadas na cidade de Lisboa. Em 1886 o jardim já estava em “condições de poder oferecer elevado número de plantas de diferentes espécies à Câmara Municipal de Lisboa” (TAVARES 1967, 32).

O Conde de Ficalho mostrou-se muito agradado com o trabalho de Daveau<sup>198</sup> e “atendendo ao seu zelo e competência” o director propôs que o jardineiro-chefe fosse encarregado de explorações botânicas pelo país (TAVARES 1967, 31), “acompanhando alunos ou coligindo plantas para os herbários, de que

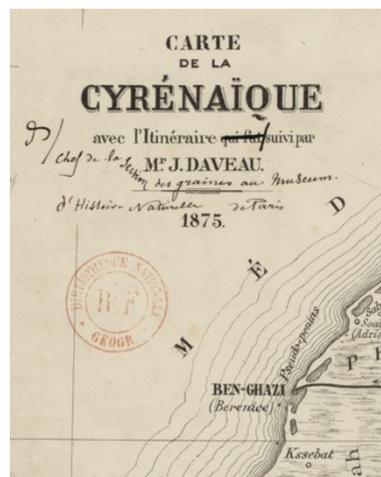


Fig. 57: Pormenor da carta da Cyrenaica por J. Daveau, 1875.



Fig. 58: Jardim Botânico da Faculdade de Ciências da UL, 1912 (actual Jardim Botânico de Lisboa).

<sup>197</sup> “Em suma, eu respondo tanto pelo Sr. Daveau como por mim.”

<sup>198</sup> O contrato de Daveau foi renovado e aumentado o seu ordenado para 800\$000 réis anuais. Até 1892, ano em que deixou o jardim, repetiram-se as renovações do seu contrato (TAVARES 1967, 31).

fora também incumbido” (VITERBO 1906, 66–67). Entre 1876 e 1892 Jules Daveau “não só fêz do Jardim Botânico de Lisboa um dos mais interessantes Jardins da Europa como trabalhou dedicada e afincadamente no estudo da Flora de Portugal” (PALHINHA 1932, 5):

*“Daveau transforma le principal jardin botanique de Lisbonne et en fit un parc scientifique, la gloire de la capitale portugaise. Pour peupler les jardins dont il avait la charge, il entreprit l'exploration du pays et en traça la Géographie botanique dans une série d'importants mémoires. Il réunissait les éléments d'une carte phytogéographique du pays.”*<sup>199</sup> (FLAHAULT 1930, 133–34).

Jules Daveau participou de diversas expedições científicas em Portugal com o objectivo do estudo da flora portuguesa. Visitou “duas vezes o archipelago das Berlengas e dos Farilhões e explorou as provincias d’Ossa, Evora, de Aljustrel a Villa Nova de Milfontes, ilha do Pecegueiro, Serra de Monchique, Serra da Arrábida até ao Cabo Espichel, Serra de Montejunto, etc., etc.” (VITERBO 1906, 66–67). Fez também parte da célebre expedição à Serra da Estrela em 1881<sup>200</sup> que Suzanne Daveau<sup>201</sup>, sua sobrinha-neta, documentou cem anos depois:

“O relatório da secção de Botânica, redigido por J. A. Henriques, é de longe o mais completo e valioso, porque constitui a síntese não só efectuada pelo autor, «professor da universidade de Coimbra» e pelo seu ajudante, J. Daveau, «jardineiro em chefe do jardim botânico da escola politécnica de Lisboa», durante os 15 dias da expedição, mas de todo o saber acumulado pelos numerosos e notáveis botânicos que



Figura 59: Alameda das Palmeiras no Jardim Botânico de Lisboa, s.d.

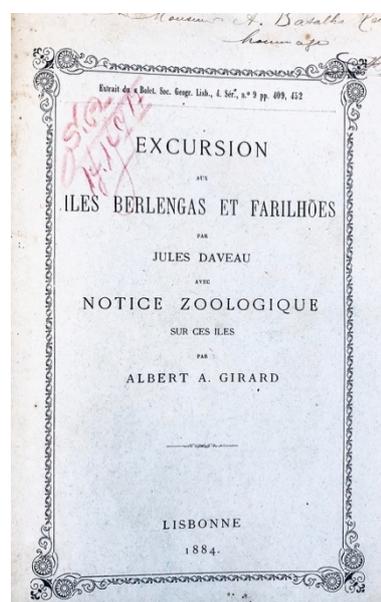


Fig. 60: Capa de *Relatório da Excursão às Ilhas Berlengas e Farilhões*, 1884.

<sup>199</sup> “Daveau transformou o principal jardim botânico de Lisboa num parque científico, a glória da capital portuguesa. Para povoar os jardins de que era responsável, empreendeu explorações no país e cartografou a geografia botânica numa série de importantes memórias. Reuniu os elementos de um mapa fitogeográfico nacional.”

<sup>200</sup> A expedição à Serra da Estrela de 1881 é considerada como um feito histórico da época, permanecendo até hoje como a maior concentração multidisciplinar de cientistas e meios no nosso país: “reuniu-se a maior concentração alpinista-cientista de que havia memória em Portugal: cem luminárias de Agronomia, Arqueologia, Química, Botânica, Hidrologia, Medicina, Meteorologia, Zoologia, Etnografia, Geologia e, novidade, Fotografia. Seriam dias para o avanço da ciência, do país, do mundo, isso teria de ser registado por todos os meios disponíveis. Portanto, um repórter, Eduardo Coelho, fundador do Diário de Notícias, integrava a expedição. E, além do sanatório, havia o projecto de criar um observatório meteorológico, dos primeiros na Europa. (...) Cada área científica tinha um coordenador. O da Botânica era Jules Daveau, tio-avô de Suzanne Daveau, futura geógrafa. Décadas depois, Suzanne poderia ser encontrada ao volante de uma Renault 4L, levando o marido, Orlando Ribeiro, que não guiava. O grande geógrafo português do século XX era criança quando Jules Daveau morreu, e de certa forma seguiu-o, a ele e a todos os integrantes da *Expedição Científica à Serra da Estrela* nessas penhas, nesses cântaros” (COELHO 2016).

<sup>201</sup> Suzanne Blanche Daveau Ribeiro (n.1925), sobrinha-neta de Jules Daveau, é uma geógrafa francesa. Estudou a geografia de Portugal tendo publicado vasta obra sobre o tema (GARCIA 1997). Estabeleceu-se em Portugal em 1965 quando se casou com Orlando Ribeiro (1911-1997) (FIRMINO e NUNES 2016).

se tinham dedicado ao estudo do maciço, muito antes deste ser «descoberto» pela expedição (Brotero, Link, Hoffmanssegg, Welwitsch, Machado, Rivoli, Barros Gomes, Boissier, Cunha e o próprio J. A. Henriques).” (DAVEAU 1981, 317).

O trabalho desenvolvido por Jules Daveau entre 1876 e 1892 foi dos mais benéficos para o jardim da Politécnica. Rui Teles Palhinha (1871-1957), director deste jardim entre 1921 e 1941, disse a respeito deste jardineiro ter sido “o mais dedicado, o mais prestante, o mais zeloso de todos os jardineiros que por ele têm passado” (TAVARES 1967, 30). Em 1892 Daveau regressou a França por motivos de natureza familiar<sup>202</sup> e foi jardineiro-chefe no Jardim Botânico da Universidade de Montpellier<sup>203</sup> entre 1893-1897 e conservador entre 1897 e 1929 (VITERBO 1906, 66–67).

Jules Daveau foi homenageado no género *Daveaua* Willk. ex Mariz e nas espécies *Erigeron daveauanus* (Sennen) Greuter, *Cistus x daveauanus* P.Silva, *Trifolium daveauanum* Thell., *Romulea daveauana* Emb. & Maire e *Armeria daveaui* (Cout.) P.Silva.

Foi reconhecido e agraciado com diversas ordens<sup>204</sup> e foi membro correspondente da Academia das Ciências de Lisboa, do Instituto de Coimbra e da Sociedade de Geografia de Lisboa. Daveau “não se limitou apenas a ser um grande Jardineiro”; publicou durante mais de cinquenta anos trabalhos e estudos seus, muitos sobre a flora portuguesa (VITERBO 1906, 66–67), em publicações científicas e de horticultura tais como na *Revue Horticole*, em *Le Jardin*, nos *Annales de la Société de Horticulture et de Histoire Naturelle de L’Herault*, no *Jornal de Horticultura Prática*, no *Dictionnaire de Horticulture de D. Bois* e no *Boletim da Sociedade Broteriana*. Morreu em Montpellier em 24 de Agosto de 1929 (PALHINHA 1932, 7).

---

<sup>202</sup> “Julgo poder atribuir a sua saída de Portugal à necessidade de manter os filhos completa e totalmente franceses. E, assim, no princípio de 1893, Daveau tomava posse do lugar de Jardineiro-chefe do Jardim Botânico da Universidade de Montpellier, então superiormente dirigido pelo Dr. Granel, de quem foi amigo e dedicado colaborador” (PALHINHA 1932, 6).

<sup>203</sup> O Jardim Botânico de Montpellier, ou *Jardin des Plantes de Montpellier*, é “um dos mais antigos que se conhecem, tendo sido fundado em 1585” (VITERBO 1906, 66–67).

<sup>204</sup> Comendador da Ordem de Cristo, oficial da Ordem de mérito agrícola, cavaleiro das Ordem de N. S. da Conceição de Vila Viçosa e o Oficialato de S. Tiago (VITERBO 1906, 66–67).

### 3.12. ERNEST PISSARD (1850-1934)

Ernest François Pissard nasceu em Sallanches, França, junto à fronteira franco-suíça, em 30 de Janeiro de 1850. Filho de um horticultor, Claude-Marin Pissard (PISSARD 2012), formou-se pela *École d'Agriculture* de Igny (arredores de Paris, não muito longe de Versalhes) em 1866 e trabalhou no *Jardin des Plantes* de Paris entre 1866 e 1878 (VITERBO 1906, 98).

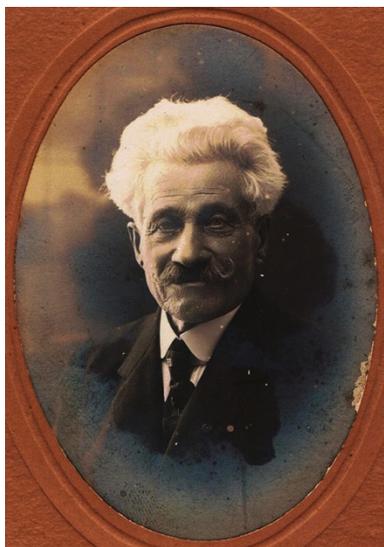


Fig. 61: Ernest Pissard (1850-1934) em Lisboa, s.d. (1887-1907).

Pissard estava no *Jardin des Plantes* quando se deu o Cerco de Paris em 1870-71 (CHARTERS 2019) e quando terá conhecido Jules Daveau. Ambos voltariam a encontrar-se anos mais tarde em Lisboa.

Em 1878 teve lugar a Exposição Universal de Paris<sup>205</sup> e foi no contexto deste grande evento internacional que Pissard foi contratado por Nasser-al-Din Shah Qajar (1831-1896), Xá da Pérsia<sup>206</sup>. Este monarca, que desde 1871 visitava a Europa – foi o primeiro Xá Persa a fazê-lo –, visitou jardins de Paris e de Versalhes e, encantado com a beleza desses lugares, decidiu contratar um jardineiro francês para transformar os seus jardins na Pérsia. Foi-lhe indicado Ernest François Pissard que no mesmo ano viajou para Teerão onde permaneceu por três anos (CHARTERS 2019).

Entre 1878 e 1881 Pissard trabalhou como jardineiro na Pérsia e de lá trouxe uma nova árvore para os jardins franceses e europeus: “*pendant mon séjour j’introduisis différent végétaux don’t plusieurs m’ont été dédiés, entre autre le Prunus pissardi bien connu em Europe*”<sup>207</sup> (VITERBO 1906, 98)<sup>208</sup>.

Nos anais e resumo do trabalho de 1881 na *Société Nantaise d'Horticulture*, Carrière<sup>209</sup> escreveu:

“A planta mais notável que foi introduzida por muito tempo é sem dúvida *Prunus pissardi*. Para além de ser nova e muito merecedora, constitui no género *Prunus* uma secção particular das mais

<sup>205</sup> A Exposição Universal de Paris de 1878 foi a terceira exposição universal organizada na capital francesa depois das de 1855 e 1867; decorreu entre 20 de Maio a 10 de Novembro de 1878 e teve como tema Agricultura, Artes e Indústria.

<sup>206</sup> Pérsia corresponde ao actual Irão, nome que se tornou oficial depois de 1935. Xá era o título de nobreza dos monarcas da Pérsia e pelo qual ficaram conhecidos nos países ocidentais.

<sup>207</sup> “Durante a minha estada (na Pérsia), introduzi diversas plantas das quais várias me foram dedicadas, entre outras o *Prunus pissardii* bem conhecido na Europa.”

<sup>208</sup> Sousa Viterbo (1906) transcreveu um texto que o próprio Ernest Pissard lhe enviou sobre o seu percurso profissional (ainda se encontrava em Lisboa aquando da publicação do mesmo).

<sup>209</sup> Élie-Abel Carrière (1818-1896) descreveu e publicou esta planta em 1881 como *Prunus pissardii* Carrière. A mesma planta foi descrita pela primeira vez por Linneu em 1753 (*Prunus domestica* var. *myrobalana* L.). Na Flora Ibérica estão indicadas as seguintes sinonímias: *Prunus cerasifera* Ehrh. (1784), *Prunus domestica* var. *cerasifera* (Ehrh.) Poir. (1804), *Prunus myrobalana* (L.) Desf. (1804), *Prunus pissardii* Carrière (1881), *Prunus domestica* subsp. *cerasifera* (Ehrh.) Arcang (1882), *Prunus cerasifera* var. *atropurpurea* H. Jaeger (1884), *Prunus cerasifera* var. *myrobalana* (L.) Savul. (1956), *Prunus cerasifera* var. *pissardii* (Carrière) C.K. Schneid. (1906), *Prunus cerasifera* subsp. *myrobalana* (L.) C.K. Schneid. (1906), *Prunus cerasifera* subsp. *pissardii* (Carrière) P. Fourn. (1936). Em Portugal é conhecida vulgarmente por abrunheiro-dos-jardins ou abrunheiro-mirobólano.

interessantes sob dois pontos de vista: como árvore frutífera e como espécie ornamental. Na verdade, não é apenas notável pela coloração de suas folhas, que é um vermelho intenso, com reflexos matizados; seus frutos, quando se formam, são também de um vermelho muito escuro, um caráter absolutamente novo. *Prunus Pissardi* cresce pouco e ramifica consideravelmente; agrada sempre aos olhos pelas folhas, flores, frutos e pela cor da casca que, sempre vermelha, negra e brilhante, constitui um perpétuo ornamento.” (PISSARD 2012).

Depois do seu regresso do médio oriente<sup>210</sup> e de uma curta estada em Espanha Pissard foi contratado pela Câmara Municipal de Lisboa, e viajou para Portugal em 1887:

*“Engagé de nouveau à Paris par une Société Franco-Espagnole pour assenir, et mettre em culture 200 hectares de terrains conquis sur la mer, la Société ayant ensuite vendu ses terrains, les Presidents des 2 comités, me remirent une attestation des plus élogieuses, que je possède encore. Rentré em France je reparti. Pour me rendre à Lisbonne ou je fus engagé par la Chambre Municipale le 22 Avril 1887. La Chambre me confia d’abord l’arrangement de plusieurs jardins; de la réforme de la taille des arbres des plantations publiques, et ensuite de transformer de jardin de l’Estrella et où je suis actuellement comme jardinier chef; elle me chargea em même temps de la transportation du grand Palmier qui se trouvait dans le jardin de la Basilique, et planté Place de l’Estrella.”*<sup>211</sup> (VITERBO 1906, 98–99).

Pissard terá sido indicado por Jules Daveau, que em 1886 tinha começado um trabalho de consultadoria para a Câmara Municipal de Lisboa para melhorias nos jardins da cidade. Em 1887, Daveau, que se encontrava sobrecarregado pois acumulava este trabalho municipal com o de jardineiro-chefe do Jardim Botânico da Politécnica, indicou Pissard que conhecia do *Jardin des Plantes* para esta função e que assumiu até 1891 (CUNFF 2000, 185).



Fig. 62: *Prunus cesarifera* var. *pissardii nigra*, s.d.



Fig. 63: *Prunus cesarifera* var. *pissardii nigra*, 1992.

<sup>210</sup> Casou-se com Marie Cécile Henry em 1884 e morou em Arcachonm, Gironde, França (CHARTERS 2019).

<sup>211</sup> “Fui contratado novamente em Paris por uma sociedade franco-espanhola para cultivar 200 hectares de terra conquistada ao mar; tendo essa Sociedade vendido suas terras, os presidentes dos 2 comitês, deram-me um certificado muito elogioso, que ainda possuo. Voltei a França, e de novo saí. Fui para Lisboa onde fui contratado pela Câmara Municipal no dia 22 de abril de 1887. Inicialmente a Câmara confiou-me a arranjo de vários jardins e da poda de árvores de arruamentos, e depois da transformação do jardim da Estrela, onde actualmente trabalho como jardineiro-chefe; simultaneamente, a Câmara deu-me a responsabilidade de transplantar a grande palmeira que estava no jardim da Basílica, e plantada na Praça da Estrela.”

Em Lisboa, contratado pela Câmara Municipal, Pissard ocupou depois o cargo de jardineiro-chefe do Jardim da Estrela<sup>212</sup> onde se manteve até 1907:

*“Ce jardin est aujourd’hui sous la direction de M. Pissard, ancien jardinier-chef su Shah de Perse et introducteur em Europe du fameux Prunus pissardi, cette charmante nouveauté que l’on trouve maintenant dans presque tous les jardins. M. Pissard est occupé, depuis son arrivée, à remanier ce jardin.”*<sup>213</sup> (BERGMAN 1906).



Fig. 64: Ernest Pissard e família em Lourdes, França, 1926.

Para além das funções que exerceu na Câmara Municipal de Lisboa, também projectou jardins na Quinta do Cabeço para o Conde de Olivais e de Penha Longa<sup>214</sup>, e dirigiu o restauro dos jardins do Palácio das Necessidades:

*“Monsieur Le Comte des Olivaes et Penha Longa me chargea de la création de son Parc du Cabeço d’une superficie de 16 hectares, composé de Parc, moisaic, culture potagères et fruitières modernes; et tout récemment Leurs Majestés m’ont chargé de la restauration du Parc Royal des Necessidades et de cultures florales.”*<sup>215</sup> (VITERBO 1906, 99).

Pissard informou ainda no texto que enviou a Sousa Viterbo que em 1905 a comissão organizadora da Exposição Internacional de Horticultura de Paris o nomeou membro do respectivo júri (VITERBO 1906, 99).

Recebeu a medalha oficial de mérito agrícola, cavaleiro de Cristo de Portugal e da ordem real de Vila Viçosa. Regressou a França em 1907 e morreu em Talence, Bordeús-Gironde, em 1934 aos 84 anos de idade (PISSARD 2012).

---

<sup>212</sup> Na equipa de jardineiros do Jardim da Estrela que Pissard teve a seu cargo encontrava-se António Fernando da Silva, primo de João Francisco da Silva (VITERBO 1906, 107).

<sup>213</sup> “Este jardim (da Estrela) está agora sob a direção do Sr. Pissard, antigo jardineiro-chefe do Xá da Pérsia e o introdutor na Europa do famoso *Prunus pissardi*, aquela novidade encantadora que agora se encontra em quase todos os jardins. Desde sua chegada, o Sr. Pissard está ocupado redesenhando este jardim.”

<sup>214</sup> José Pinto Leite (1871-1956), 2º Conde dos Olivais e 2º Conde de Penha Longa, foi um académico e desportista português, tendo-se destacado na esgrima e tiro aos pombos. Teve residência em Paris, Londres e Lausana.

<sup>215</sup> “O Sr. Conde dos Olivais e de Penha Longa confiou-me a criação da sua Quinta do Cabeço com uma área de 16 hectares, composta por parque moderno, moisaico, horta e pomar moderno; e mais recentemente Suas Majestades confiaram-me o restauro do Parque Real das Necessidades e o cultivo de flores.”

### 3.13. HENRI CAYEUX (1869-1963)

Henri Fernand Adolphe Cayeux foi o terceiro jardineiro-chefe do Jardim Botânico da Escola Politécnica de Lisboa, substituindo Jules Daveau que em 1892 regressou a França. Veio para Lisboa recomendado pelo seu antecessor (TAVARES 1967, 35).

Nasceu em 12 de fevereiro de 1869 em Bouttencourt-lès-Blangy-Somme no norte de França (VITERBO 1906, 59). Filho de Victor Cayeux, um viveirista de Bouttencourt, Henri e o seu irmão mais velho Ferdinand<sup>216</sup> foram enviados pelo pai para a *École Nationale d'Horticulture de Versailles*<sup>217</sup> e os dois irmãos Cayeux tornaram-se grandes horticultores e hibridizadores franceses («Hybridizer Cayeux Henri» 2020). Henri entrou na escola de Versalhes em 1885 e obteve o diploma de engenheiro agrícola em 1888; antes de vir para Portugal foi sub-chefe no *Jardin des Plantes* de Paris em 1888, estagiou em Inglaterra e Áustria<sup>218</sup> em 1889/90 e em 1891/92 foi director de culturas dos jardins do Castelo de Pontchartrain<sup>219</sup> (VITERBO 1906, 59).

Quando Cayeux chegou à Politécnica<sup>220</sup>, aos 23 anos de idade, o jardim já estava construído. Goeze tinha organizado a “classe” no patamar superior junto ao edifício e Daveau tinha delineado e plantado o “arboreto”. A sua actividade no Jardim Botânico da Politécnica “incidiu, em parte apreciável, no seu embelezamento” (TAVARES 1967, 36), tendo-se dedicado à introdução e cultivo de plantas ornamentais, das quais se destacaram as íris, rosas, hortênsias, crisântemos e dalias. É também disto exemplo a *Dombeya x cayeuxii* E. André<sup>221</sup> (TAVARES 1967, 36) que hoje podemos ver em muitos dos nossos

---

<sup>216</sup> Ferdinand Cayeux (1864-1948) foi um horticultor francês. Com Léon Le Clerc fundou os viveiros “Cayeux et Le Clerc” em Vitry-sur-Seine nos arredores de Paris. Criaram inúmeras cultivares de ervilhas, feijões, dalias, canas, rosas e íris. A primeira íris Cayeux do catálogo “Cayeux e Le Clerc” nasce em 1906, e será seguida por mais de 400 novas variedades durante os trinta anos seguintes. A partir de 1908, Cayeux fez 300 a 500 cruzamentos por ano. Entre 1928 e 1938 Ferdinand Cayeux recebeu dez medalhas Dykes em reconhecimento pelos seus híbridos. René Cayeux (1896-1970), filho de Ferdinand, especializou-se em sementes de hortaliças; Jean Cayeux (1926-2017), filho de René, também se dedicou ao cultivo de íris. Actualmente, a Cayeux S.A. (<https://www.iris-cayeux.com/gb/>), dirigida por Richard Cayeux, filho de Jean e sobrinho-bisneto de Henri Cayeux, produz mais de mil variedades em plantações que ocupam mais de 20 hectares («Hybridizer Cayeux Henri» 2020). (Ver <http://www.iris-bulbeuses.org/iris/obtentions-Cayeux-F.htm>)

<sup>217</sup> *L'École Nationale d'Horticulture de Versailles* foi fundada em 1874 para promover o ensino de agricultura em França. Foi instalada no *Potager du Roi* em Versalhes (“horta do rei”, construída entre 1678 e 1683 por ordem de Luís XIV), onde anteriormente tinha existido, a partir de 1848, o *Institut National Agronomique*. Em 1976 esta escola foi dividida em duas: a *École Nationale Supérieure d'Horticulture* e a *École Nationale Supérieure du Paysage*. Ambas permaneceram no *Potager du Roi* em Versalhes até 1995, quando a de horticultura foi transferida para Angers («Le Potager du Roi - École Nationale Supérieure de Paysage» 2019).

<sup>218</sup> Sousa Viterbo dá esta informação sem detalhar. Alfred Welby Tait indica no seu artigo no *The Garden* que Henri Cayeux terá sido aprendiz de jardineiro em Kew (TAIT 1907, 86).

<sup>219</sup> O *Château de Pontchartrain* é um castelo localizado na zona oeste da região francesa *Île-de-France*, que pertenceu a Paul Phélypeaux (1569-1621), um estadista francês. O seu sobrinho Louis Phélypeaux de Pontchartrain (1643-1727) tomou posse da propriedade e em 1693 contratou André Le Nôtre (1613-1700) para desenhar os jardins. Em 1801, Pontchartrain foi vendido a Claude-Xavier Carvillon des Tillières (1748-1814), um industrial francês, que contratou o paisagista Louis-Martin Berthault (1770-1823) para transformar parte dos jardins em estilo inglês. Em 1888, três anos antes da chegada de Henri Cayeux a Pontchartrain, a propriedade foi vendida ao financeiro, industrial e coleccionador Auguste Dreyfus (1827-1897), considerado à época o homem mais rico do mundo.

<sup>220</sup> Com um ordenado anual de 800\$000 réis, o jardineiro-chefe tinha ainda direito a casa para habitação (TAVARES 1967, 36).

<sup>221</sup> *Dombeya x cayeuxii* E. André, híbrido de *Dombeya mastersii* Hook. f. e *Dombeya wallichii* (Lindl.) Benth. Nomes comuns em português: dombeia, bola-rosa.



Fig. 65: *Dombeya x cayeuxii* E. André em flor no Jardim Botânico da Ajuda, 2017.



Fig. 66: Selo "La belle Portugaise", emitido pelos Correios Suíços em 1982, série *Pro Juventute* dedicado a rosas.

jardins, nomeadamente no Jardim da Estrela, no Jardim Botânico da Ajuda, no Jardim Botânico de Lisboa e na Tapada da Ajuda.

Um dos maiores legados que deixou para a horticultura ornamental portuguesa foi a sua rosa "bela-portuguesa"<sup>222</sup>, um híbrido de *Rosa gigantea*. Em 1907, Alfred Welby Tait (1847-1917), 1º Barão de Soutelinho, um botânico inglês residente no Porto, escreveu no semanário *The Garden*:

*"A few years ago my friend M. Henri Cayeux, Director of the Polytechnic Botanic Garden in Lisbon, took some cuttings in October, grafted or budded them on to Multiflora stocks, and they flowered in the following spring. He fertilised the flowers with pollen from a Reine Marie Henriette Rose, saved seed, which he raised, and when the plants were still small budded them on to strong Multiflora stocks. In June, 1895, he informed me that one was in splendid flower, so I visited the Botanic Gardens and found a very vigorous plant covering a wall and bearing from 100 to 200 flowers! These were like a glorified Gloire de Dijon, much larger, and the colour deeper and richer; in fact, a superb Rose. The leaf retained the shape of the R. gigantea, but appeared larger. (...) He is a brother of Messrs. Cayeux of Paris, the well-known horticulturists, and I believe served his apprenticeship at Kew. He was the raiser of Begonia Cayeuxi, a hybrid of B. corallina, and also of Dombeya Cayeuxi, a beautiful pink-flowering Dombeya. The flowers of R. gigantea in Lisbon are much larger than those in Oporto. — Baron de Soutelinho, Entre Quintas, Oporto, Portugal."* (TAIT 1907, 86).

Em 1894 Cayeux introduziu em Portugal os crisântemos-de-flores-grandes e em 1899 as dalias-cactos, tendo realizado exposições sobre estas plantas nas estufas do Jardim Botânico da Politécnica. A par das exposições que organizou, publicou ainda tratados sobre o cultivo destas ornamentais: *Os chrysanthemos e a sua cultura* em 1896 e *Dalias-cactus e cannas floríferas* em 1900 (VITERBO 1906, 59). "Em 1894, iniciou a cultura de crisântemos de capítulos grandes

<sup>222</sup> Conhecida por "Bela Portuguesa" ou "Belle of Portugal" foi o primeiro híbrido de *Rosa gigantea* cultivado no Ocidente. François Crépin, em 1896, enviou para Portugal uma planta da *Rosa gigantea* e quando esta floriu, apresentando belíssimas flores com cerca de 13 cm de diâmetro, Cayeux começou a efectuar hibridizações com roseiras de chá e perpétuas híbridas. A sua ambição era conseguir trepadeiras vigorosas e bonitas que resistissem ao Inverno parisiense. Do seu trabalho metucioso resultaram cinco roseiras: "Belle Portugaise" e "Étoile de Portugal" em 1903; "Amateur Lopes", "Lusitânia" e "Palmira Feijão" em 1905. Com excepção da "Belle Portugaise", todas elas desapareceram. Não sendo remontante, "Belle Portugaise" é uma das primeiras roseiras do jardim a florir, logo no início da Primavera. As suas flores, excepcionalmente grandes, podem atingir 15 cm de diâmetro, emanam um perfume ligeiro de chá. Extremamente vigorosa e resistente, esta trepadeira pode atingir alturas consideráveis, e é hoje uma roseira muito popular em quase todo o mundo, sobretudo no sul da Europa, na Califórnia, na Austrália, na Nova Zelândia e na Índia. Após mais de um século e na chamada "era da globalização" a "Belle Portugaise" continua a ser a única roseira portuguesa, cujo sucesso é indiscutivelmente universal (ALBUQUERQUE 2006).

e deu início à realização de exposições anuais destas plantas na estufa do jardim. Estas exposições foram repetidas até 1898.” (TAVARES 1967, 36).

Em 1909 Matos Sequeira escreveu num artigo publicado na revista *O Occidente*: “ultimamente tem-se avançado bastante e o gosto pelas flôres deita raízes em Lisboa. As exposições de Mr. Cayeux no Jardim da Escola (ainda há pouco houve uma de dhalias-cactos lindíssimas) são concorridíssimas e tem razão de sê-lo” (SEQUEIRA 1909, 182). Estas exposições de floricultura tiveram uma frequência regular, pelo menos anuais, até Cayeux deixar a Politécnica em 1909 quando regressou a França (TAVARES 1967, 36).

Para além das suas funções no Jardim da Politécnica, Henri Cayeux foi “encarregado de dirigir ou de superintender em culturas ou plantações importantes, não só em Lisboa como na província. Prestou serviços nas quintas e jardins do conde de Burnay, de Luís Sommer e de Henrique de Mendonça, entre outros” (TAVARES 1967, 36). Viterbo indicou que Cayeux também terá trabalhado nos parques de Monserrate em Sintra e em Cardiga, próximo de Constança, de Luís Sommer (VITERBO 1906, 60).

Publicou artigos nos seguintes periódicos: *Le Jardin*, *Revue Horticole*, *Buletin de l’association des anciens élèves de l’Ecole Nationale d’Horticulture de Versailles*, *Reveu Horticole de l’Algérie* e Boletim da Real Sociedade de Horticultura de Portugal, e foi membro das seguintes corporações científicas: *Société Nationale d’Horticulture de France*, *Association des anciens élèves de l’Ecole Nationale d’Horticulture de Versailles*, *Société des chrysanthemistes français* (de que foi um dos fundadores), *Société d’Horticulture d’Alger* e da Sociedade de Horticultura de Portugal (de que foi fundador e presidente da secção de jardinagem). Henri Cayeux foi feito Comendador da Ordem do mérito agrícola em Portugal, Cavaleiro da Ordem de Cristo e Oficial do mérito agrícola de França (VITERBO 1906, 59–60).

Henri Cayeux deixou Portugal em 1909, aos 40 anos de idade, “por motivos de carácter puramente particular” (TAVARES 1967, 36), para ir ocupar o lugar de director dos parques, jardins e passeios da cidade de Le Havre no norte de França até 1935 (LEVAIN 2017). Em 2017 Albéric Levain proferiu uma conferência no Castelo de Bénouville na Normandia intitulada “*Henri Cayeux, a lesser known horticultural figure who served the pre-war gardens of Le Havre*”:

*“Heir to an ageing department and environmental legacy, he devoted his time to renovating them and to embellishing the town thanks to his great command of flowering, whilst creating new public gardens. Concurrently, he created over 200 plant varieties, among which a range of hydrangeas, which remain his finest accomplishments, the ‘Merveille’ variety in particular.”* (LEVAIN 2017).

Henri Cayeux foi um dos principais criadores de plantas franceses durante a primeira metade do século XX, e uma figura muito considerada e querida em França e particularmente no Havre<sup>223</sup>. Morreu em 1963 com 94 anos de idade (LEVAIN 2017).

---

<sup>223</sup> Em dezembro de 1963 o conselho municipal de Le Havre deliberou atribuir o nome de uma rua da cidade a Henri Cayeux: “*les Havrais d’avant-guerre se souviennent de ce qu’ils doivent à M. Henri Cayeux: une ville fleurie et jolie, ce qui, à l’époque, était une position d’avant-garde em France*” (LEGUILLON 2011).

### 3.14. HENRI NAVEL (1878-1963)

Henri Navel nasceu em 11 de agosto de 1878 em Vandelainville, França. Em 1892, com quatorze anos de idade, deixou a sua terra natal para ingressar na *École Pratique Mathieu-de-Domabasle*<sup>224</sup>. Foi depois admitido na *École Nationale de Horticulture de Versailles* onde se diplomou com a medalha de ouro concedida pelo Ministro da Agricultura aos melhores alunos (MOREMBERT 1965, 2).

No ano em que terminou os estudos em *Versailles*, 1899, viajou para Inglaterra; primeiramente, entre 1899 e 1901, trabalhou como jardineiro no *Établissement Horticole Whiteley* em Hillingdon, Londres, e depois em 1901/02 nos *Royal Botanic Gardens* em Kew. Em 1902 regressou a França e trabalhou nas estufas do *Jardin Colonial de Nogent Sur Marne*<sup>225</sup> e entre 1902 e 1906 foi chefe de culturas da secção colonial da *École Supérieure de Commerce de Nantes* (MOREMBERT 1965, 2).

No ano de 1909 Navel foi convidado, por sugestão de Henri Cayeux, para o substituir no cargo de jardineiro-chefe do Jardim Botânico da Escola Politécnica de Lisboa:

“Com a demissão de H. Cayeux, tornou-se urgente conseguir um português habilitado para o cargo de jardineiro-chefe, porém, tal não foi possível ao Prof. Pereira Coutinho, que decidiu pedir àquele jardineiro a indicação de uma pessoa da sua confiança. H. Cayeux sugeriu o nome de Henri Navel, também francês e igualmente diplomado pela Escola Nacional de Horticultura de *Versailles*.”<sup>226</sup> (TAVARES 1967, 37–38).



Fig. 67: Henri Navel (1878-1963), s.d.

<sup>224</sup> A *École Pratique Mathieu-de-Domabasle* foi uma escola agrícola em Nancy, actualmente designada por *Lycée Agricole Mathieu de Dombasle de Meurthe-et-Moselle*.

<sup>225</sup> O *Jardin Colonial de Nogent Sur Marne* foi criado em janeiro de 1899, e a sua principal função era gerir, organizar e centralizar as acções realizadas por todos os estabelecimentos nas colónias francesas. Hoje, *Jardin d'Agronomie Tropicale*, está localizado no *Bois de Vincennes* em Paris.

<sup>226</sup> “Em junho de 1909, recebeu o Director da Escola uma carta de O. Labroy, chefe do serviço das estufas do Museu Nacional de História Natural de Paris, candidatando-se ao lugar de jardineiro-chefe, mas quando esta proposta foi recebida já fora decidido fazer o contrato com Navel, que havia adquirido apreciável prática na Grã-Bretanha, nomeadamente nos Jardins de Kew” (TAVARES 1967, 37–38).

No final de 1909 Navel viajou para Portugal onde se fixou durante dez anos como jardineiro-chefe do Jardim Botânico da Escola Politécnica<sup>227</sup> / Faculdade de Ciências de Lisboa<sup>228</sup> (MOREMBERT 1965, 3):

“O responsável pelo espaço era um jardineiro francês chamado Henri Navel, nomeado em 1909 por indicação do anterior responsável, também francês. E como ele, Navel, que usava lunetas e uma barba curta e aparada em bico, era diplomado pela Escola Nacional de Horticultura de Versalhes e vivia numa casa no interior do jardim. Além de cuidar da flora que tinha no quintal, o francês ainda tinha tempo para tirar fotografias às plantas, e algumas surgiram nas páginas da *Ilustração Portuguesa*, logo em janeiro, num artigo sobre plantas carnívoras, em que se explicava, entre outras coisas, que os botânicos odiavam que se chamasse carnívoras às plantas.” (MARQUES 2014, 55).

Em 1910 supervisionou a transferência do Jardim Colonial da Quinta das Laranjeiras (do Conde de Farrobo) para o Jardim Botânico da Ajuda, e posteriormente, em 1912, para a Cerca do Palácio de Belém, lugar onde D. João V duzentos anos antes havia instalado o *hortus regius suburbanus* («Jardim Botânico Tropical» 2015). De 1910 a 1917 foi responsável pelo curso de flora colonial do Jardim Colonial em Lisboa<sup>229</sup> (MOREMBERT 1965, 3).

Em 1914 eclodiu a Primeira Guerra Mundial e Navel, que se encontrava em Lisboa, teve de regressar a França para ingressar no exército francês. Navel voltou a Portugal no ano seguinte, em 1915, e retomou a sua posição de jardineiro-chefe no Jardim Botânico da Faculdade de Ciências. Mas haveria de voltar a ausentar-se por diversas vezes de Portugal (MOREMBERT 1965, 3): “o serviço deste jardineiro, quanto a assiduidade, foi muito prejudicado por repetidas e demoradas licenças que o mantiveram afastado do Jardim. Uma destas ausências ocorreu por motivo da guerra de 1914. Foi, então, encarregado de o substituir Luís José Fernandes



Fig. 68: Alameda das washingtonias no Jardim Botânico Tropical, s.d.

<sup>227</sup> “H. Navel foi nomeado por alvará de 31 de Julho de 1909 e as condições do respectivo contracto foram as mesmas que vigoraram em relação a Cayeux. A Escola facultou-lhe também residência, em casa pertencente ao património deste estabelecimento e que fora anteriormente ocupada por outros jardineiros-chefes. Esta residência situava-se à esquerda da entrada da actual alameda das palmeiras” (TAVARES 1967, 38).

<sup>228</sup> Em 1911, com a reforma do ensino superior após a Implantação da República, a Escola Politécnica passou a chamar-se Faculdade de Ciências, integrada na então criada Universidade de Lisboa.

<sup>229</sup> O Jardim Colonial foi criado em 25 de janeiro de 1906 por decreto régio de D. Carlos I “no contexto da organização dos serviços agrícolas coloniais e do Ensino Agronómico Colonial no Instituto de Agronomia e de Veterinária, tendo-se denominado então Jardim Colonial”. Inicialmente instalado nas Estufas do Conde de Farrobo e respetivos terrenos anexos (Quinta das Laranjeiras), o jardim foi transferido, em 1910, para o Jardim Botânico da Ajuda e em 1912 para a cerca do Palácio de Belém, onde ainda hoje se encontra. “Em 1944, o Jardim Colonial fundiu-se com o Museu Agrícola Colonial para formar o Jardim e Museu Agrícola Colonial. O Jardim deixou então de estar sob a dependência pedagógica do Instituto Superior de Agronomia. A designação evoluiu em 1951 para Jardim e Museu Agrícola do Ultramar, passando a integrar em 1974 a Junta de Investigações do Ultramar, posteriormente Instituto de Investigação Científica Tropical (IICT). Em 1983 o Jardim adotou a designação de Jardim-Museu Agrícola Tropical. Em 2015 o Jardim Botânico Tropical passou a integrar a Universidade de Lisboa” («Jardim Botânico Tropical» 2015).

que, em 16 de dezembro de 1907, havia sido assalariado para o jardim” (TAVARES 1967, 38).

Em 1918, terminada a guerra, Navel, “que se havia mantido na situação de licença com vencimento mediante despacho ministerial de 13 de agosto de 1914, regressou a Portugal, mas de novo solicitou a permissão para se ausentar para S. Tomé em missão ordenada pelo Ministério do Ultramar”<sup>230</sup> (TAVARES 1967, 38).

Para além das funções na Politécnica – entretanto Faculdade de Ciências – e no Jardim Colonial, Navel também dirigiu jardins em quintas particulares, como em Monserrate-Sintra e na Junqueira (MOREMBERT 1965, 3). Diz Tavares sobre o Jardim Botânico da Politécnica: “durante a direcção do Prof. Pereira Coutinho<sup>231</sup>, a expansão das funções do Jardim Botânico foi, em parte, prejudicada pela insuficiência das verbas e também por deficiências de pessoal, nomeadamente as que resultaram das ausências do jardineiro-chefe” (TAVARES 1967, 39).

Em 1919 Navel requereu nova licença, ilimitada, ao Ministério da Instrução; “o conselho escolar (da Faculdade de Ciências) devolveu o requerimento e decidiu não conceder qualquer licença, até porque o Director do Jardim considerou inconveniente essa concessão. Navel pretendia deslocar-se ao Ultramar português para estudar assuntos relativos à agricultura tropical” (TAVARES 1967, 38). No mesmo ano, em 1919, foi nomeado chefe da missão agrícola e fitopatológica da Sociedade de Emigração para as Ilhas de São Tomé e Príncipe onde ficou até 1922. Foi director administrativo das plantações de cacau, café, cana-de-açúcar, banana e outras plantas alimentares, e que contavam com mais de mil trabalhadores numa área de 75 quilómetros quadrados. Desta missão trouxe uma

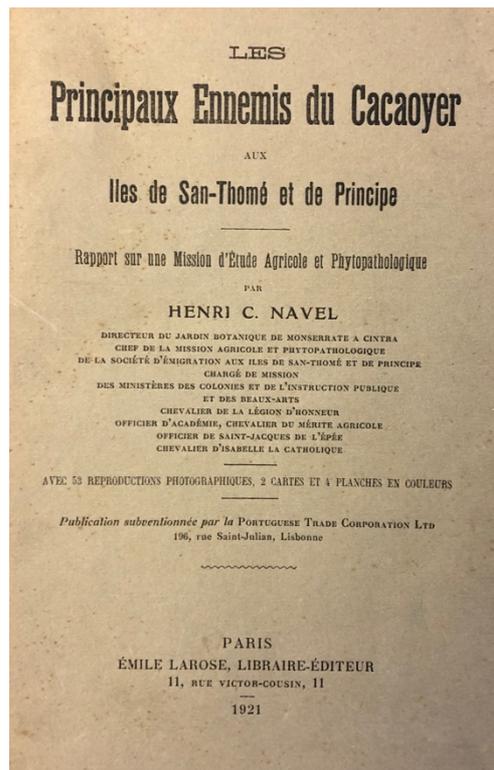


Fig. 69: Capa do relatório “Principais Inimigos do Cacaueiro nas Ilhas de São Tomé e Príncipe”, 1921. Henri Navel.



Fig. 70: Fruto e folha do cacaueiro, 1921. Ilustração de H. Navel.

<sup>230</sup> “Esta ausência demorou de 29 de Março de 1919 a 12 de Abril de 1920. Em 26 de Maio deste último ano, após novo pedido de licença, requerido em 5 do mesmo mês ao Ministério da Instrução, e rejeitado pela Faculdade de Ciências, H. Navel pediu a demissão, que lhe foi concedida em 16 de Setembro de 1921” (TAVARES 1967, 38).

<sup>231</sup> António Xavier Pereira Coutinho (1851-1939) foi um engenheiro agrónomo e professor universitário português que se destacou como botânico e fitossistemata. Formou-se na Escola Politécnica de Lisboa e leccionou no Instituto Geral de Agricultura e na Escola Politécnica / Faculdade de Ciências de Universidade de Lisboa até 1921. Foi autor de *Flora de Portugal (Plantas Vasculares): Disposta em Chaves Dicotómicas* (1913) e de muitos outros trabalhos de Botânica e Silvicultura.

importante obra, *Les Principaux Ennemis du Cacaoyer aux Iles de San-Thomé et de Principe*, publicada em Paris em 1921 (MOREMBERT 1965, 3).

Em 1921 Navel encontrava-se em São Tomé e Príncipe quando terminou o seu contrato com a Faculdade de Ciências e o Jardim Botânico ficou desprovido de um jardineiro-chefe: “por não se saber se o lugar de jardineiro-chefe seria mantido ou extinto na projectada reorganização dos serviços públicos, não fora autorizado o provimento daquele cargo<sup>232</sup> (TAVARES 1967, 39).

Após a expedição às ilhas de São Tomé e Príncipe, Henri Navel voltou a Paris em 1922:

*“En ce qui me concerne, je suis resté presque six mois et demi à la Colonie de San-Thomé et Principe. J'ai visité en détail toutes ou presque toutes les propriétés des deux îles. J'ai recuile de nombreux échantillons, ai cherché à tout voir et à tout contrôler, et surtout à me rendre compte des conditions culturales de la colonie. Je suis allé à Paris passer trois mois et faire un triage des nombreux documents que j'avais rapportés pour n'étudier que les plus intéressants.”*<sup>233</sup> (NAVEL 1921, 10).

Em 1923, com 45 anos de idade, Navel aceitou o convite para dirigir o serviço de jardins e passeios da cidade de Metz, onde ficou até 1950. Foi também jardineiro-chefe do Jardim Botânico de Metz e presidente da *Académie Nationale de Metz* em 1953/54 (MOREMBERT 1965, 5).

Navel recebeu diversas distinções dos governos francês e português. Durante toda a sua vida despenhou diversas funções em sociedades e organizações científicas e académicas<sup>234</sup> (MOREMBERT 1965, 6–8).

Em 1963, com 85 anos de idade, Navel foi internado num hospital após uma queda nas escadas da Câmara Municipal de Metz. No mês seguinte foi atropelado e morreu cinco dias depois, em 11 de novembro de 1963 (MOREMBERT 1965, 8).

---

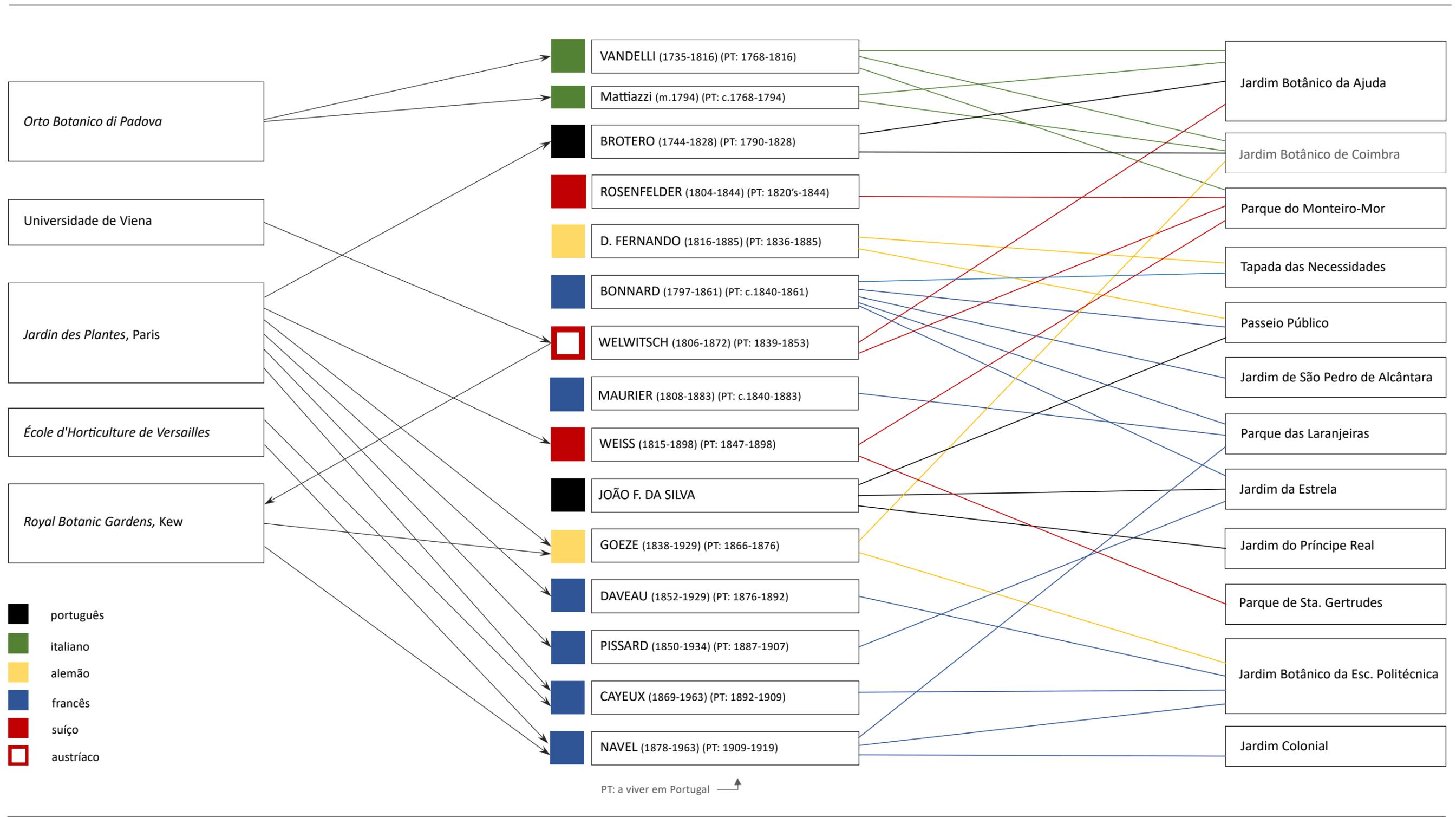
<sup>232</sup> “Dada a impossibilidade de se contratar um novo jardineiro-chefe, o novo Director (R. T. Palhinha) propôs que, sem qualquer acréscimo de vencimento, passasse a desempenhar aquelas funções o herborizador L. J. Fernandes, que havia feito o seu aprendizado de jardineiro no tempo de H. Cayeux” (TAVARES 1967, 39). O cargo de jardineiro-chefe da Politécnica ficou em risco de ser suprimido, e só em 1926 voltou a ser orçamentado. “A proposta para o preenchimento deste cargo fora aprovada no Conselho de 9 de Junho de 1923, porém só em 11 de Agosto de 1926 foi feita a nomeação do proposto, L. J. Fernandes. Este jardineiro-chefe manteve-se em exercício até 19 de Outubro de 1944, data em que, a seu pedido, passou à situação de licença ilimitada” (TAVARES 1967, 42).

<sup>233</sup> “No que me diz respeito, passei quase seis meses e meio na Colónia de São Tomé e Príncipe. Visitei detalhadamente todas ou quase todas as propriedades das duas ilhas. Colectei muitas amostras, tentei ver e controlar tudo, e principalmente perceber as condições culturais da colónia. Fui a Paris por três meses examinar os muitos documentos que trouxera para estudar os mais interessantes.”

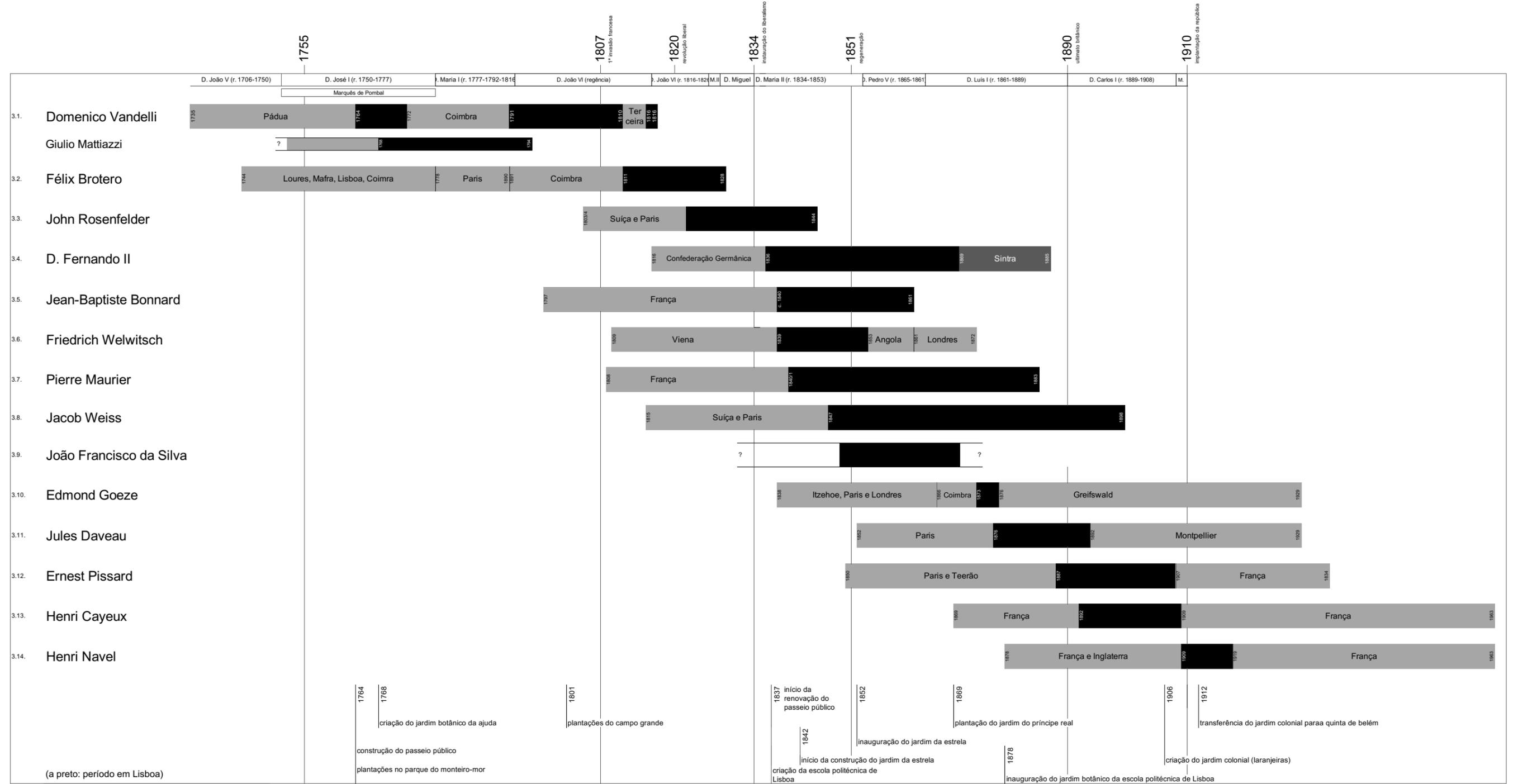
<sup>234</sup> Henri Navel foi vice-presidente da *Société française d'horticulture de Londres* (1900-1902), bibliotecário da *Société nantaise d'horticulture* (1903-1906), secretário-geral e depois vice-presidente da *Société d'horticulture de la Moselle* (desde 1923), presidente da *Société d'étude et de protection des oiseaux de la Moselle* (desde 1925), membro da *Société d'histoire naturelle de la Moselle*, membro da *Commission départementale de météorologie*, vice-presidente do *Comité consultatif de météorologie*, membro da *Commission des sites de la Moselle* (1923-1948) e da *Commission des sites de la Haute-Marne* (desde 1950) (MOREMBERT 1965, 6–7).

3.15. QUADROS-SÍNTESE SOBRE OS JARDINEIROS-BOTÂNICOS

QUADRO 1: Jardineiros-Botânicos e Jardins



QUADRO 2: Cronologia



### QUADRO 3: Dados Biográficos dos Jardineiros-Botânicos

	data de nascimento	local de nascimento	jardins <sup>(1)</sup>	período em Portugal (idade)	data de morte (idade)	local de morte
3.1.			<i>Orto Botanico di Padova</i> Parque do Monteiro-Mor (1764 - 1768) Jardim Botânico da Ajuda (1768 - 1810) Jardim Botânico de Coimbra (1772 - 1791)	1764-1816 (29 - 80)	27/06/1816 (80 anos)	Lisboa
3.2.			<i>Jardin des Plantes</i> , Paris (1778 - 1790) Jardim Botânico de Coimbra (1791 - 1811) Jardim Botânico da Ajuda (1811 - 1824)	1744 - 1778 (0 - 34) 1790 - 1828 (46 - 83)	04/08/1828 (83 anos)	Lisboa
3.3.			Parque do Monteiro-Mor (1820's - 1844)	1820's - 1844 (20's - 40)	25/02/1844 (40 anos)	Lisboa
3.4.			Tapada das Necessidades (1836 - 1861?) Parque de Sintra (1838 - 1885) Tapada de Mafra	1836 - 1885 (19 - 79)	15/12/1885 (79 anos)	Lisboa
3.5.			Tapada das Necessidades (1841 - 1861) Passeio Público (proposta, 1848) Jardim da Estrela (c.1850 - 1852) Jardim de São Pedro de Alcântara Parque das Laranjeiras Parque da Pena, Sintra Jardins do Convento e Palácio de Mafra	1840 ou 41 - 1861 (42 - 64)	1861 (63 ou 64 anos)	(2)
3.6.			Jardim Botânico da Ajuda (1840 - 1844) Parque do Monteiro-Mor (1844 - 1853) <i>Royal Botanic Gardens</i> , Kew, Londres (1861 - 1872)	1839 - 1853 (30 - 44)	20/10/1872 (66 anos)	Londres
3.7.			Parque das Laranjeiras (1840 ou 41 - 1869) Jardim Velho, Quinta da Torre do Marquês, Torres Novas	1840 ou 41 - 1883 (33 - 75)	1883 (75 anos)	Lisboa
3.8.			<i>Jardin des Plantes</i> , Paris Parque do Monteiro-Mor (1853 - 1889) Parque de Santa Gertrudes (1866 - 1870)	1847 - 1898 (32 - 83)	30/03/1898 (83 anos)	Lisboa
3.9.			Jardim da Estrela (c.1850 - 1852) Passeio Público Jardim do Príncipe Real (1869)			
3.10.			<i>Jardin des Plantes</i> , Paris <i>Royal Botanic Gardens</i> , Kew, Londres Jardim Botânico de Coimbra (1866 - 1873) Jardim Botânico da Escola Politécnica de Lisboa (1873 - 1876) Jardim Botânico de Greifswald (1876 - 1906)	1866 - 1876 (28 - 38)	1929 (91 anos)	Berlim
3.11.			<i>Jardin des Plantes</i> , Paris (1866 - 1876) Jardim Botânico da Escola Politécnica de Lisboa (1876 - 1892) Jardim Botânico de Montpellier (1893 - 1929)	1876 - 1892 (24 - 40)	24/08/1929 (77 anos)	Montpellier
3.12.			<i>École d'Agriculture de Igny</i> (? - 1866) <i>Jardin des Plantes</i> , Paris (1866 - 1878) Jardins do Xá da Pérsia, Teerão (1878-1881) Jardins e Passeios de Lisboa - C.M.L. (1887 - 1891) Jardim da Estrela (1887 - 1907)	1887 - 1907 (37 - 57)	1934 (84 anos)	Tallence
3.13.			<i>École Nationale d'Horticulture de Versailles</i> (1885 - 1888) <i>Jardin des Plantes</i> , Paris (1888) Jardim do Castelo de Pontchaïtrain, França (1891/92) Jardim Botânico da Escola Politécnica de Lisboa (1892 - 1909) Passeios de Jardins do Havre, França (1909 - 1935)	1892 - 1909 (23 - 40)	1963 (94 anos)	Havre
3.14.			<i>École Nationale d'Horticulture de Versailles</i> (? - 1899) <i>Établissement Horticole Whiteley</i> , Londres (1899 - 1901) <i>Royal Botanic Gardens</i> , Kew, Londres (1901/1902) Jardim Colonial de Nogent Sur Mame, França (1902) <i>École Supérieure de Commerce de Nantes</i> , França (1902 - 1906) Jardim Botânico da Escola Politécnica de Lisboa <sup>(3)</sup> (1909 - 1919) Jardim Colonial - Laranjeira, Ajuda e Belém (1910 - 1917) Parque de Monserrate, Sintra Jardins e Passeios de Metz, França (1923 - 1950) Jardim Botânico de Metz, França	1909 - 1919 (31 - 41)	11/11/1963 (85 anos)	Metz

(1) jardins a cinza: em Lisboa.

(2) terá morrido provavelmente em Portugal.

(3) a partir de 1911 passou a denominar-se Jardim Botânico da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa. Actualmente designa-se Jardim Botânico de Lisboa.

## QUADRO 4: Jardins de Lisboa 1764-1910 - Principais Datas

Passeio Público	1764	criação - primeiro plano de Reinaldo dos Santos
	1837	início da renovação
	1879	demolição
Parque do Monteiro-Mor	1764 - 1768	plantações de Vandelli (propriedade do Marquês de Angeja)
	1830	aquisição pelo Duque de Palmela - renovações
Jardim Botânico da Ajuda	1768	criação
	1808	saque pelos franceses
	1836	incorporação na Academia das Ciências de Lisboa
	1839	incorporação na Escola Politécnica de Lisboa
	1873 - 1910	administração pela Casa Real
Tapada das Necessidades	1743	aquisição por D. João V
	1836	início da renovação por D. Fernando II
Campo Grande	1801	ajardinamento
	1837	renovação
	1860's	renovação - construção dos lagos
Jardim de São Pedro de Alcântara	1752	construção do muro de suporte
	1830	arborizações no patamar superior
	1836	ajardinamento do patamar inferior
Jardim da Estrela	1842-1852	construção
	1850-1852	ajardinamento e engradamento
	1852	inauguração
Parque das Laranjeiras	1780's	construção da quinta por Bartholomeu Quintella
	1820 - 1869	renovação pelo 2º Barão de Quintella / 1º Conde de Farrobo
	1869	venda em hasta pública (aquirido pelo Duque de Abrantes e Linhares)
	1905	instalação do Jardim Zoológico e de Aclimação de Lisboa (localização actual)
Campo de Santa Clara	1861	ajardinamento
Jardim do Príncipe Real	1863	conclusão da construção do reservatório de água
	1869	ajardinamento
Parque de Santa Gertrudes	1861	aquisição por Eugénio de Almeida
	1866-1870	construção e plantações
	1884-1894	instalação do Jardim Zoológico e de Aclimação de Lisboa
Jardim de Santos	1873	ajardinamento
Jardim Botânico da Escola Politécnica de Lisboa	1858	início das plantações da classe (parte de cima)
	1878	inauguração
	1876-1892	plantação do arboreto (parte de baixo)
Jardim da Rocha do Conde de Óbidos	1880	ajardinamento
Jardim da Praça da Alegria	1881	ajardinamento
Jardim do Alto de Santa Catarina	1883	ajardinamento
Jardim da Praça Dom Luís	1884	ajardinamento
Jardim da Burra		ajardinamento
Jardim da Praça das Flores		ajardinamento
Jardim da Avenida da Liberdade	1879	início da construção da avenida
	1892	inauguração
Parque da Liberdade	1887	concurso
	1888	decisão da plano escolhido (de H. Lusseau - não concretizado)
	1903	renomeação em Parque Eduardo VII
Jardim Constantino	1889	ajardinamento
Campo Santana		ajardinamento
Jardim Colonial	1906	criação e instalação na Quinta das Laranjeiras
	1910	transferência das Laranjeiras para o JBA
	1912	transferência do JBA para a Quinta de Belém (localização actual)

QUADRO 5: Jardineiros-Botânicos, Jardins, Empregadores e Competências

	Jardins										Empregadores				Conhecimentos / Competências				
	Quinta do Monteiro-Mor	Jardim Botânico da Ajuda	Tapada das Necessidades	Passoio Público	Jardim de São Pedro de Alcântara	Jardim da Estrela	Jardim do Príncipe Real	Quinta das Laranjeiras	Quinta de Santa Gertrudes	Jardim Botânico da Escola Politécnica de Lisboa	Jardim Colonial	Estado / Universidade / Escola Politécnica	Casa Real	Câmara Municipal de Lisboa	Privados	Publicação de floras ou outros estudos botânicos relevantes	Conhecimento da flora portuguesa	Introdução de espécies exóticas ornamentais	Domínio da aclimação de espécies exóticas
3.1. Domenico Vandelli	●	●	--	--	--	--	--	--	--	--	●	--	--	●	●	●	●	●	--
3.2. Félix Brotero	--	●	--	--	--	--	--	--	--	--	●	--	--	--	●	●	●	●	--
3.3. John Rosenfelder	●	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	●	--	--	●	●	--
3.4. D. Fernando II	--	--	●	●	--	--	--	--	--	--	--	●	--	--	--	--	●	●	--
3.5. Jean-Baptiste Bonnard	--	--	●	●	●	●	--	●	--	--	--	●	●	●	--	--	●	●	--
3.6. Pierre Maurier	--	--	--	--	--	--	--	●	--	--	--	--	--	●	--	--	--	●	--
3.7. Friederich Welwitsch	●	●	--	--	--	--	--	--	--	--	●	--	--	●	●	●	--	●	--
3.8. Jacob Weiss	●	--	--	--	--	--	--	--	●	--	--	--	--	●	--	--	●	●	●
3.9. João Francisco da Silva	--	--	--	●	--	●	●	--	--	--	--	--	●	--	--	--	--	●	--
3.10. Edmond Goeze	--	--	--	--	--	--	--	--	--	●	●	--	--	--	●	--	●	●	--
3.11. Jules Daveau	--	--	--	--	--	--	--	--	--	●	●	--	--	--	●	●	●	●	--
3.12. Ernest Pissard	--	--	--	--	--	●	--	--	--	--	--	--	●	--	--	--	●	●	--
3.13. Henri Cayeux	--	--	--	--	--	--	--	--	--	●	●	--	--	●	--	--	--	●	●
3.14. Henri Navel	--	--	--	--	--	--	--	●	--	●	●	●	●	●	●	--	--	●	--

## CAPÍTULO 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da segunda metade do século XVIII ocorreu uma profunda transformação na arte de jardinagem em Lisboa. Os jardins criados e renovados passaram a ser repositórios vivos de uma nova vegetação exótica e de novas técnicas de cultivo e aclimação. As novidades no elenco florístico passaram a dominar os jardins de Lisboa. Para tal foi fundamental o labor de jardineiros-botânicos que antes de qualquer outra competência eram altamente conhecedores do reino vegetal nas suas várias camadas: na Botânica – sistemática, taxonomia, morfologia, fisiologia –, mas também na Horticultura e Jardinagem – estudo das condições edafo-climáticas, floricultura e métodos de propagação (melhoramentos, hibridizações, etc.), assim como processos de cultivo e de aclimação (substratos, rega, ensombramento, fertilização, condução de crescimento, fitossanidade, etc.).

O jardineiros, oriundos de geografias de climas menos temperados, encontraram em Lisboa condições particularmente favoráveis ao crescimento de plantas exóticas – de vegetação tropical a vegetação de maiores latitudes: por exemplo, num mesmo jardim foi possível fazer crescer, fora das estufas, espécies de florestas húmidas subtropicais e coníferas do norte da Europa e América. Não obstante o clima óptimo que beneficiou e privilegiou a adaptação de um grande número de plantas alóctones aos jardins de Lisboa, os jardineiros estudados foram hábeis conhecedores de práticas para o crescimento vegetal em estufas, que se tornaram elemento quase sempre presente nos jardins privados e científicos dos séculos XVIII e XIX.

Dos catorze jardineiros estudados doze eram estrangeiros: seis franceses, dois alemães, dois suíços, um italiano e um austríaco, e um dos portugueses, Brotero, estudou em França. Quanto à formação foi possível estabelecer dois grupos: os jardineiros-botânicos com estudos académicos superiores – Vandelli, Brotero e Welwitsch, doutorados respectivamente nas Universidades de Pádua, Reims e Viena – e os jardineiros-botânicos cuja formação, de carácter mais técnico-prático, foi feita em escolas-jardins de referência: o *Jardin des Plantes* em Paris, os *Royal Botanic Gardens* em Kew e nas últimas décadas de Oitocentos a *École Nationale d'Horticulture de Versailles*. Estes jardins eram simultaneamente Universidades e escolas técnicas de jardinagem onde o estudo da História Natural e a aprendizagem de Horticultura partilhavam o mesmo espaço: assim eram os jardins botânicos dos séculos XVIII e XIX e onde os nossos jardineiros-botânicos construíram os fundamentos dos seus percursos profissionais.

Adjuvados por um clima ameno propício a múltiplas exigências edafo-climáticas, estes jardineiros-botânicos foram responsáveis pelas bem-sucedidas introduções de plantas que durante o século XIX protagonizaram um novo modelo paisagístico caracterizado pelo ecletismo, diversidade, exotismo e coleccionismo vegetais.

Este movimento ocorreu na esfera privada – nas quintas de recreio –, na esfera pública – em jardins botânicos e jardins públicos da cidade – e em propriedades da família real. Assim, os nossos jardineiros foram contratados por estabelecimentos botânicos (Jardim Botânico da Ajuda, Escola Politécnica de Lisboa – agora denominado Jardim Botânico de Lisboa – e Jardim Colonial – actual Jardim Botânico Tropical), pela Câmara Municipal de Lisboa (através do então criado Pelouro dos Passeios e Arvoredos), por privados (nomeadamente o Marquês de Angeja, o Duque de Palmela, o Conde de Farrobo e Eugénio

de Almeida) e pela Casa Real. Foram frequentes as transferências entre público e privado fazendo com que situações contratuais e laborais distintas se tornassem numa mesma prática.

Este modelo de jardim no qual se destaca uma flora exótica ornamental tornou-se moda e surgiu fora dos limites da cidade de Lisboa; estes jardineiros foram também responsáveis pelo surgimento desta nova vegetação em quintas dispersas pelo território português.

Este conjunto de jardineiros deixou um valioso legado na arte dos jardins de Lisboa que se manifestou em diferentes instâncias:

a) na introdução e aclimação de espécies exóticas (ver índice onomástico - vegetação, pp. 114-115); primeiramente experimentadas em jardins de referência nomeadamente o Jardim Botânico da Ajuda e o Parque do Monteiro-Mor, foram depois plantadas por diversos jardins da cidade alterando a sua imagem e identidade. Devemos destacar as várias espécies *Auracaria* sp., *Grevilia* sp., *Cedrus* sp., *Ceiba* sp., o *Jacaranda mimosifolia* que continua no século XXI com relevante presença na cidade, e as muitas espécies da família *Arecaceae*: as palmeiras marcaram indubitavelmente a panorama da arte de jardins de Lisboa no século XIX. Também a *Prunus cerasifera* var. *pissardii*, introduzida na Europa por Ernest Pissard, merece ser referida;

b) no desenvolvimento da floricultura através da criação de híbridos e variedades; Bonnard foi proprietário de um estabelecimento hortícola em Lisboa e também Weiss e Cayeux foram hábeis horticultores, responsáveis pela criação de melhoramentos e cruzamentos sobretudo de herbáceas e arbustivas ornamentais, das quais se podem destacar os *Caladium* sp., *Begonias* sp., *Rosas* sp. e *Iris* sp.. Os jardineiros estudados colaboraram activamente em periódicos da especialidade e na organização e participação em exposições de plantas;

c) na publicação de obras de Botânica e construção de herbários, dos quais se destacam os trabalhos desenvolvidos por Vandelli, Brotero, Welwitsch, Daveau e Navel (este último mais especificamente no estudo da flora das então colónias portuguesas com potencial económico e alimentar).

A história dos jardins de Lisboa foi marcada pela presença dos jardineiros-botânicos referidos. Por vezes a sua passagem por Lisboa, capital de um império que se queria (re)afirmar globalmente, funcionou como ponto de passagem para territórios que desejavam descobrir, particularmente no Brasil e em África. Alguns deles permaneceram em Lisboa vários anos, nomeadamente Friedrich Welwitsch e Henri Navel, contribuindo para a construção de um reconhecido património botânico.

Este conjunto de jardineiros-botânicos foi responsável pela criação de muitos dos jardins de referência da capital valorizados por uma flora novidade e com os conhecimentos que detinham influenciaram um corpo mais vasto de profissionais que em Lisboa, arredores e noutras zonas do país construíram o património paisagístico e a arte dos jardins do século XIX e primeiras décadas do século XX.

As personagens estudadas detinham múltiplas competências e profundos conhecimentos em Botânica e em Horticultura; foram os grandes construtores de um novo modelo florístico e por tudo o antes descrito poderá ser apropriado apelidá-los de jardineiros-botânicos. Contribuíram de forma inequívoca para um legado colectivo visível numa nova e excitante vegetação que passou a habitar os jardins e ruas de Lisboa e que hoje compõem um valioso património botânico e paisagístico que, a partir de uma flora universal, conta a história de uma cidade e de um país.

**DOMENICO VANDELLI (3.1)**

- AMARAL, Manuel. 2012. «D. Pedro de Noronha, 3.º marquês de Angeja, Dicionário Histórico, Volume I, pags. 542-543». Portugal Dicionário Histórico. 2012. [consultado em 22/09/2020, disponível em <http://www.arqnet.pt/dicionario/angeja3m.html>].
- BRIGOLA, João Carlos. 2008. «Domenico Agostino Vandelli - um naturalista italiano a serviço de Portugal e do Brasil». Em *O gabinete de curiosidades de Domenico Vandelli*. Rio de Janeiro, Brazil: Dantes.
- CABRAL, João Paulo. 2018. *A história natural de Portugal em Domingos Vandelli*. Lisboa: Edições Colibri.
- CARITA, Helder. 1990. *Tratado da grandeza dos jardins em Portugal, ou da originalidade e desaires desta arte*. Portugal: Círculo de Leitores.
- CARVALHO, Rómulo de. 1987. *A História Natural em Portugal no Século XVIII*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa Ministério da Educação.
- MARQUES, Adílio Jorge, e Carlos A. L. FILGUEIRAS. 2009. «O químico e naturalista luso-brasileiro Alexandre Antonio Vandelli». *Quim. Nova*, 2009.
- MECO, Ivo. 2019. *Jardins de Lisboa: histórias de espaços, plantas e pessoas*. Arte Plural Edições.
- MUNTEAL FILHO, Oswaldo. 2006. «Acadêmicos e letrados na crise do Antigo Regime luso-brasileiro – Século XVIII». *Revista Intellectus*, 2006.
- OLIVEIRA, Nuno Gomes. 2015. *A Flore Portugaise e as viagens em Portugal de Hoffmannsegg e Link (1795-1801)*. 1.ª edição. Coleção compendium. Lisboa: Chiado Editora.
- «Orto Botanico Università di Padova». 2014. 2014. <https://www.ortobotanicopd.it/en/lorto-botanico-di-padova>.
- PALHINHA, Ruy Telles. 1945. «Domingos Vandelli». *Revista da Universidade de Coimbra*, 1945.
- PATACA, Ermelinda Moutinho. 2006. «Terra, água e ar nas viagens científicas portuguesas (1755-1808)». Tese apresentada ao Instituto de Geociências como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutora em Geociências, São Paulo: Universidade Estadual de Campinas.
- PROENÇA-MAMEDE, Eduardo. 2008. «Domingos Vandelli - uma luz transnatural do iluminismo». Em . Coimbra.
- REIS, Fernando. 2003. «Ciência em Portugal - Dalla Bella». Instituto Camões. 2003. [consultado em 21/09/2020, disponível em <http://cvc.instituto-camoes.pt/ciencia/p34.html>].
- RODRIGUES, Eugénia. 2009. «Nomes e serventia - Administração e História Natural em Moçambique em finais de Setecentos (c. 1781-1807)». Em *Andréa Doré e Antonio Cesar de Almeida Santos (org.), Temas setecentistas. Governos e populações no Império Português*, 211–32. Curitiba: UFPR/CSHLA-Fundação Araucária.
- RODRIGUES, José Damião. 2010. «O Atlântico Revolucionário». Em *Centro de História e Além-Mar*. Angra do Heroísmo. [consultado em 22/09/2020, disponível em <https://museu-angra.azores.gov.pt/eventos/2010/09-Coloquio-Atlantico-Revolucionario/programa.pdf>].
- SINNER, Carsten. 2011. «LÍNGUA E TERMINOLOGIA NAS MEMÓRIAS ECONÓMICAS DE DOMINGOS VANDELLI DE 1789». *Estudis Romànics [Institut d'Estudis Catalans]*, 2011.

SOARES, Ana Luísa, e Dalila ESPÍRITO-SANTO. 2008. «A colecção botânica do Jardim Botânico da Ajuda educação, conservação e recreio». Em *Actas de Horticultura no 52. Innovación y futuro en la jardinería*. Pontevedra.

VITERBO, Sousa. 1909. *A Jardinagem em Portugal: apontamentos para a sua historia, II série*. Coimbra: Imprensa da Universidade.

### **FÉLIX DE AVELAR BROTERO (3.2)**

CASTEL-BRANCO, Cristina. 2007. *Félix de Avelar Brotero Uma História Natural*. Lisboa: Livros Horizonte.

LIMA, Américo Pires de. 1944. «Brotero e a sua lição». Em *Boletim da Sociedade Broteriana*. Vol. XIX-2ª série.

———. 1948. «Brotero e o Padre Félix da Silva Avellar». Em *Anais da Faculdade de Ciências do Porto*. Extracto do tomo xxxiii. Porto: Imprensa Portuguesa.

OLIVEIRA, Nuno Gomes. 2015. *A Flore Portugaise e as viagens em Portugal de Hoffmannsegg e Link (1795-1801)*. 1.a edição. Colecção compendium. Lisboa: Chiado Editora.

PALHINHA, Ruy Telles. 1944a. «Félix de Avelar Brotero - O Mestre». Em *Boletim da Sociedade Broteriana*. Vol. XIX-2ª série.

———. 1944b. «O Sistema Sexual Broteriano». Em *Boletim da Sociedade Broteriana*. Vol. XIX-2ª série.

———. 1949. «Obra e Vida de Felix de Avelar Brotero». Em *Memórias (Classe de Ciências - Tomo V)*. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa.

PINTO, Alexandre A. de Sousa. 1963. *Quem foi Brotero*. Porto: Edição Colégio Brotero.

ROMEIRAS, Francisco Malta. 2020. «De Brotero à Brotéria: a história de uma homenagem centenária». *Brotéria 190, 2020*.

SOARES, Ana Luísa, e Dalila ESPÍRITO-SANTO. 2008. «A colecção botânica do Jardim Botânico da Ajuda educação, conservação e recreio». Em *Actas de Horticultura no 52. Innovación y futuro en la jardinería*. Pontevedra.

VEIGA, Augusto Botelho da Costa. 1944. *Félix de Avelar Brotero*. Coimbra.

### **JOHN ROSENFELDER (3.3)**

AREZ, Ana. 2004. «O Palácio e a Quinta do Monteiro-Mor no Paço do Lumiar». Em III Congresso Internacional da Associação Portuguesa de Historiadores de Arte. Porto: Universidade do Porto.

BARBOSA, I. de Vilhena. 1863. «Fragmentos de um roteiro de Lisboa (inedito), Arrabalde de Lisboa, Quinta das Laranjeiras». *Archivo Pittoresco: semanário ilustrado*, 1863, Tomo VI, nº 11 edição.

CARITA, Helder. 1990. *Tratado da grandeza dos jardins em Portugal, ou da originalidade e desaires desta arte*. Portugal: Círculo de Leitores.

«Casa Palmela - Arquivo Nacional da Torre do Tombo». 2014. 2014. <https://digitarq.arquivos.pt/details?id=4161662>.

CASTEL-BRANCO, Cristina. 2014. *Parque Monteiro-Mor - Inventário da região da Lisboa*. Institut Européen des Jardins & Paysages: Pôle du document numérique, MRS, Université de Caen Normandie. [consultado em 28/09/2020, disponível em [https://pdnprod.unicaen.fr/ptiejp/ead.html?id=PTIEJP\\_Lisboa](https://pdnprod.unicaen.fr/ptiejp/ead.html?id=PTIEJP_Lisboa)].

- CASTILHO, Antonio Feliciano de. 1844. «Conversão». *Revista Universal Lisbonense*, 1844, Tomo III edição.
- FORTES, Mário, Teresa MARQUES, e Rita BASTO. 2015. «Palácio do Monteiro-Mor, edifícios anexos, jardins, parque e terrenos anexos». Direção-Geral do Património Cultural. 2015. [consultado em 28/09/2020, disponível em <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/en/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/74720>].
- GOEZE, Edmond. 1875. «Jardins Notáveis de Portugal - Lumiar». *Jornal Prático de Horticultura*, 1875.
- MECO, Ivo. 2019. *Jardins de Lisboa: histórias de espaços, plantas e pessoas*. Arte Plural Edições.
- SILVA, Vera Maria da. 2015. «Apointamento para um enquadramento histórico e cultural da casa Júlio Castilho». *O Idiário Patrimonial - Instituto Politécnico de Tomar*, 2015.
- VITERBO, Sousa. 1906. *A Jardinagem em Portugal: apontamentos para a sua historia, I série*. Coimbra: Imprensa da Universidade.

#### **FERNANDO DE SAXE-COBURGO-GOTHA (3.4)**

- AZAMBUJA, Sónia Talhé. 2001. «Real Quinta das Necessidades: um fio condutor na arte dos jardins em Portugal». Em *Necessidades - Jardins e Cerca*. Lisboa: Jardim Botânico da Ajuda e Livros Horizonte, Lda.
- BURNAY, Maria João Botelho Moniz, e Ana Mafalda de Castro PORTUGAL. 2010. «A Família Real na Ajuda no Século XIX e o Gosto pela Natureza - 1ª parte». *Palácio Nacional da Ajuda – Artigos em Linha*, n. nº 3 (Dezembro de).
- CASTEL-BRANCO, Cristina. 2001. «D. Fernando II, o rei-paisagista». Em *Necessidades - Jardins e Cerca*, 67–95. Lisboa: Jardim Botânico da Ajuda e Livros Horizonte, Lda.
- CASTILHO, Antonio Feliciano de. 1841. «O Rei-Artista». *Revista Universal Lisbonense*, 11 de Novembro de 1841, Tomo I, nº 7.
- COELHO, Alexandra Prado. 2010. «O nosso Natal é como o dos príncipes do século XIX». *O Publico*, de Dezembro de de 2010.
- FERNANDES, José Manuel. 1991. *A Arquitectura - Sínteses da Cultura Portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- LOPES, Maria Antónia. 2014. «Sociabilidades dinásticas oitocentistas: o rei D. Fernando II (1816-1885) e a sua rede familiar europeia». *Sociabilidades na vida e na morte (séculos XVI-XX)*, CITEM, Braga, 259–80.
- . 2016. *D. Fernando II - um rei avesso à política*. Lisboa: Temas e Debates.
- MAGALHÃES, Fátima (coord.). 1998. *Jardins e Miradouros de Lisboa - Roteiro dos principais espaços verdes e miradouros de Lisboa*. Lisboa: Comissão de Coordenação da Região de Lisboa e Vale do Tejo.
- MATOS, Francisco. 2000. «A Câmara Municipal de Lisboa e a aclamação régia de D. Pedro V: reforma jurídica da indumentária protocolar». Em *Cadernos do Arquivo Municipal*, 58–87. nº 4. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.
- MÓNICA, Maria Filomena. 2007. *D. Pedro V*. Lisboa: Temas e Debates.
- QUINTAS, Maria Alexandra Salgado Ai. 2001. «Do Passeio Público à Pena, Um Percurso do Jardim Romântico». Dissertação do Mestrado de Reabilitação de Arquitectura e Núcleos Urbanos, Lisboa: Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa.

- ROSA, Mélanie Elisabeth Ferreira. 2013. «As Árvores Ornamentais Introduzidas nos Jardins de Lisboa: uma perspectiva histórica (séc. XVIII-XIX)». Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Arquitectura Paisagista, Lisboa: Instituto Superior de Agronomia - Universidade Técnica de Lisboa.
- SANTOS, Mário Beja. 2017. «Aquele Saxe-Coburgo-Gotha a quem chamamos o Rei Artista». *artciencia.com* XI (22–23).
- SOARES, Ana Luísa, e Cristina CASTEL-BRANCO. 2007. «As árvores da cidade de Lisboa». Em *Árvores e Florestas de Portugal – Nº 7. Floresta e Sociedade – Uma História em comum*, 289–334.
- SOARES, Pinto. 2018. «Gabinete Histórico e Cultural Pampulha: Relacionamento da Condessa de Edla com a Tapada das Necessidades». *Gabinete Histórico e Cultural Pampulha* (blog). 2018. [consultado em 24/10/2020, disponível em <http://gabinetehistoricoculturalpampulha.blogspot.com/2018/01/relacionameto-da-condessa-de-edla-com.html>].
- STIWELL, Isabel. 2012. *D. Maria II – Tudo por um Reino*. Lisboa: Livros Horizonte.
- . 2019. Documentário D. Maria II, do Brasil para o Trono de Portugal, realização de Dimas Oliveira Junior. [consultado em 26/10/2020, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=6YXJrMmwWk0&feature=youtu.be>].

### **JEAN-BAPTISTE BONNARD (3.5)**

- AZAMBUJA, Sónia Talhé. 2001. «Real Quinta das Necessidades: um fio condutor na arte dos jardins em Portugal». Em *Necessidades - Jardins e Cerca*. Lisboa: Jardim Botânico da Ajuda e Livros Horizonte, Lda.
- BRAGA, Pedro. 1995. «Mobiliário Urbano de Lisboa 1838-1938». Dissertação de Mestrado em História da Arte Contemporânea, Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
- CARREIRAS, João Albuquerque. 2001. «A evolução das Necessidades: do barroco ao paisagismo». Em *Necessidades - Jardins e Cerca*. Lisboa: Jardim Botânico da Ajuda e Livros Horizonte, Lda.
- . 2015. «Jardins do Liberalismo - Portugal e Brasil». Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Arquitectura Paisagista, Lisboa: Instituto Superior de Agronomia - Universidade de Lisboa.
- CASTEL-BRANCO, Cristina. 2007. *Félix de Avelar Brotero Uma História Natural*. Lisboa: Livros Horizonte.
- GOEZE, Edmond. 1874. «The Royal Gardens at Lisbon». *The Garden*, 1874.
- LESSA, Elisa. 2014. «O jardim, o coreto e a banda de música: diálogos entre cultura e natureza». *Jardins - Jardineiros - Jardinagem Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Universidade do Minho*, 28–38.
- MAGALHÃES, Fátima (coord.). 1998. *Jardins e Miradouros de Lisboa - Roteiro dos principais espaços verdes e miradouros de Lisboa*. Lisboa: Comissão de Coordenação da Região de Lisboa e Vale do Tejo.
- ROSA, Mélanie Elisabeth Ferreira. 2013. «As Árvores Ornamentais Introduzidas nos Jardins de Lisboa: uma perspectiva histórica (séc. XVIII-XIX)». Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em

Arquitectura Paisagista, Lisboa: Instituto Superior de Agronomia - Universidade Técnica de Lisboa.

SILVESTRE, Susana. 2012. «O Conde do Farrobo: a ação e o mecenato no século XIX». Tese apresentada para obtenção do grau de Doutor em História e Teoria das Ideias, Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa.

VITERBO, Sousa. 1906. *A Jardinagem em Portugal: apontamentos para a sua história, I série*. Coimbra: Imprensa da Universidade.

### **FRIEDRICH WELWITSCH (3.6)**

ALMAÇA, Carlos. 1989. «Documentos do Arquivo Histórico do Museu Bocage relativos à Exploração Histórico-Natural Angolana do Dr. Frederico Welwitsch (Agosto de 1853 - Dezembro de 1860)». *Arquivos do Museu Bocage*, 3 de Março de 1989.

CAMPOS, Nelson. 2013. «Das potencialidades arqueológicas da bacia do Curoca/Deserto do Namibe para um estudo diacrónico desde a pré-história africana ao período colonial - algumas notas». *Africana Studia - edição do Centro de Estudos Africanos da Universidade do Porto*, n. nº 20: 31–53.

DOLEZAL, Helmut. 1974. *Friedrich Welwitsch, vida e obra*. Traduzido por A. W. Exell e E. J. Mendes. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar.

GOEZE, Edmond. 1875. «Jardins Notáveis de Portugal - Lumiar». *Jornal de Horticultura Prática*, 1875.

MENDES. 1973. «A Friedrich Welwitsch». *Garcia de Orta, Sér. Bot., Lisboa*.

ROMEIRAS, Maria Manuel, Rui FIGUEIRA, João TAVARES, Luís CATARINO, e Maria Cristina DUARTE. 2006. «Colectores Botânicos e Esforço de Colheita - contribuição para o conhecimento da diversidade vegetal em Angola». *Jardim Botânico Tropical - Instituto de Investigação Científica Tropical, Lisboa*, 2006.

TAVARES, C. N. 1959. *Acerca de uma carta inédita do Dr. F. Welwitsch*. Lisboa: Instituto Botânico da Faculdade de Ciências.

———. 1967. *Jardim Botânico da Faculdade de Ciências de Lisboa. Guia*. Porto: Imprensa Portuguesa.

VICENTE, Filipa Lowndes. 2001. «Travelling Objects: The Story of Two Natural History Collections in the Nineteenth Century». Em *Travellers and Exhibitions: Representations, narratives and practices in the nineteenth and twentieth centuries*. Londres: Institute of Romance Studies, University of London.

VITERBO, Sousa. 1906. *A Jardinagem em Portugal: apontamentos para a sua história, I série*. Coimbra: Imprensa da Universidade.

### **PIERRE MAURIER (3.7)**

BARBOSA, I. de Vilhena. 1863. «Fragmentos de um roteiro de Lisboa (inedito), Arrabaldes de Lisboa, Quinta das Laranjeiras». *Archivo Pittoresco: semanário ilustrado*, 1863, Tomo VI, nº 11 edição.

BASTOS, Sousa. 1994. *Diccionario do Theatro Portuguez*. Coimbra: Minerva.

CARITA, Helder. 1990. *Tratado da grandeza dos jardins em Portugal, ou da originalidade e desaires desta arte*. Portugal: Círculo de Leitores.

CASTRO, Fernanda de. 1959. «Jardins de Lisboa». Em *Lisboa e os seus encantos*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.

- CHAVES, José Jouberto (ed.). 1928. «Quinta das Laranjeiras». *Ilustração portuguesa*, 1928.
- FARO, Joaquim de C. A. Melo e. 1872. «Revista sobre a Jardinagem». *Jornal de Horticultura Prática*, 1872, III edição.
- LOUREIRO, José João. 2019. *Quinta da Torre de Santo António: das origens à actualidade*. Lisboa: Ex-Libris.
- MAGALHÃES, Fátima (coord.). 1998. *Jardins e Miradouros de Lisboa - Roteiro dos principais espaços verdes e miradouros de Lisboa*. Lisboa: Comissão de Coordenação da Região de Lisboa e Vale do Tejo.
- SEQUEIRA, G. de Matos. 1909. «A Velha Lisboa (Memórias de um bairro), capítulo XVII». *O Occidente: Revista Ilustrada de Portugal e do Estrangeiro*, 1909, 32º Anno, XXXII Volume, nº 1103, de 20 de Agosto de 1909 edição.
- VITERBO, Sousa. 1906. *A Jardinagem em Portugal: apontamentos para a sua historia, I série*. Coimbra: Imprensa da Universidade.

### **JACOB WEISS (3.8)**

- CARAPINHA, Aurora. 2006. *O jardim: Fundação Calouste Gulbenkian*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Serviços Centrais.
- CARITA, Helder. 1990. *Tratado da grandeza dos jardins em Portugal, ou da originalidade e desaires desta arte*. Portugal: Círculo de Leitores.
- CORDEIRO, Ricardo. 2017. «The Palmela Park - One private Park in the “Portuguese Riviera”, Cascais, 1850-1910». Em *La città, il viaggio, il turismo: Percezione, produzione e trasformazione, 1893–98*. Nápoles: CIRICE.
- CUNFF, Françoise Le. 2000. «Parques e Jardins de Lisboa, 1764-1932. Do Passeio Público ao Parque Eduardo VII. Volume I». Dissertação de Mestrado em História da Arte Contemporânea, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
- FONSECA, Helder Adegar, e Jaime REIS. 1987. «José Maria Eugénio de Almeida, um capitalista da Regeneração». *Análise Social* XXIII (99): 865–904.
- GOEZE, Edmond. 1875. «Jardins Notáveis de Portugal - Lumiar». *Jornal de Horticultura Prática*, 1875.
- MAGALHÃES, Fátima (coord.). 1998. *Jardins e Miradouros de Lisboa - Roteiro dos principais espaços verdes e miradouros de Lisboa*. Lisboa: Comissão de Coordenação da Região de Lisboa e Vale do Tejo.
- MARQUES, Teresa Dulce Portela. 2009. «Dos jardineiros paisagistas do Porto de Oitocentos ao modernismo na arquitectura paisagista em Portugal». Tese para obtenção do grau de doutor em arquitectura paisagista, Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa - Instituto Superior de Agronomia.
- VITERBO, Sousa. 1906. *A Jardinagem em Portugal: apontamentos para a sua historia, I série*. Coimbra: Imprensa da Universidade.

### **JOÃO FRANCISCO DA SILVA (3.9)**

- Archivo Pittoresco: semanário ilustrado*. 1858. «Passeio da Estrela», Outubro de de 1858.
- CASTILHO, Júlio de. 1937. «Terrível desbaste no arvoredo antigo (Passeio Público). Opiniões dos técnicos». *Lisboa Antiga - bairros orientais, 2ª edição*, 1937.

- CUNFF, Françoise Le. 2000. «Parques e Jardins de Lisboa, 1764-1932. Do Passeio Público ao Parque Eduardo VII. Volume I». Dissertação de Mestrado em História da Arte Contemporânea, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
- Diário Ilustrado*. 1873. «Patriarchal Queimada (Lisboa)», 29 de Julho de 1873.
- FRANÇA, José Augusto. 2001. *Monte Olivete, minha aldeia*. Lisboa: Livros Horizonte.
- MAGALHÃES, Fátima (coord.). 1998. *Jardins e Miradouros de Lisboa - Roteiro dos principais espaços verdes e miradouros de Lisboa*. Lisboa: Comissão de Coordenação da Região de Lisboa e Vale do Tejo.
- PORTOCARRERO, Marta. 2013. «A história de um cedro que o vento levou». *O Público*, 23 de Janeiro de 2013.
- QUINTAS, Maria Alexandra Salgado Ai. 2001. «Do Passeio Público à Pena, Um Percurso do Jardim Romântico». Dissertação do Mestrado de Reabilitação de Arquitectura e Núcleos Urbanos, Lisboa: Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa.
- SEQUEIRA, G. de Matos. 1909. «A Velha Lisboa (Memórias de um bairro), capítulo XVII». *O Occidente: Revista Ilustrada de Portugal e do Estrangeiro*, 1909, 32º Anno, XXXII Volume, nº 1103, de 20 de Agosto de 1909 edição.
- TRISTÕES, ANA CRISTINA. 1994. «Praça do Príncipe Real». Em *A Sétima Colina: roteiro histórico-artístico*. Lisboa: Sociedade Lisboa 94 e Livros Horizonte.
- VITERBO, Sousa. 1906. *A Jardinagem em Portugal: apontamentos para a sua historia, I série*. Coimbra: Imprensa da Universidade.

### **EDMOND GOEZE (3.10)**

- AA.VV. 2014. «Edmund Goeze, o jardineiro que semeou o mundo no Jardim». Em *As árvores do Jardim contam histórias sem fim*. Coimbra: Jardim Botânico da Universidade de Coimbra e Diário de Coimbra. [consultado em 14/05/2020, disponível em <https://www.uc.pt/jardimbotanico/media/competete>].
- GOEZE, Edmond. 1867. *A Ilha de S. Miguel e o Jardim Botânico de Coimbra*. Coimbra: Imprensa da Universidade.
- HENRIQUES, Júlio. 1906. em VITERBO, Sousa *A Jardinagem em Portugal: apontamentos para a sua historia, I série*. Coimbra: Imprensa da Universidade.
- PALHINHA, Ruy Telles. 1955. *As Estufas do Jardim Botânico de Lisboa: Cartas do Dr. Goeze ao Conde de Ficalho, Separata da Revista Brotéria, Série Ciências Naturais*. Vol. XXIV (LI), fascículo I. Lisboa.
- QUINTAL, Raimundo. 2014. «José do Canto Botanical Garden». 2014. [consultado em 13/05/2020, disponível em <http://www.josedocanto.com/sobre-about/>].
- TAVARES, C. N. 1967. *Jardim Botânico da Faculdade de Ciências de Lisboa. Guia*. Porto: Imprensa Portuguesa.
- VITERBO, Sousa. 1906. *A Jardinagem em Portugal: apontamentos para a sua historia, I série*. Coimbra: Imprensa da Universidade.

### **JULES DAVEAU (3.11)**

- COELHO, Alexandra Lucas. 2016. «Fantasmas portugueses, 1881-2016». *O Público*, 2016.
- DAVEAU, Suzanne. 1981. «A expedição científica à Serra da Estrela, organizada pela Sociedade de Geografia de Lisboa em Agosto de 1881». *Finisterra*, XVI, 32, 1981.
- FIRMINO, Ana, e Elisabeth Évora NUNES. 2016. «Suzanne Daveau». *Faces de Eva. Estudos sobre a Mulher*. nº 35, 2016.
- FLAHAULT, Ch. 1930. «Jules Daveau». Em *Bulletin de la Société Botanique de France*. [consultado em 07/10/2020, disponível em <https://doi.org/10.1080/00378941.1930.10833705>].
- GARCIA, João Carlos. 1997. «Suzanne Daveau, vida e obra geográfica». *Finisterra*, XXII, 67, 1997.
- PALHINHA, Ruy Telles. 1932. «Jules Daveau». Em *Boletim da Sociedade Broteriana*. Vol. VI (II série). Coimbra: Imprensa da Universidade.
- TAVARES, C. N. 1967. *Jardim Botânico da Faculdade de Ciências de Lisboa. Guia*. Porto: Imprensa Portuguesa.
- VITERBO, Sousa. 1906. *A Jardinagem em Portugal: apontamentos para a sua história, I série*. Coimbra: Imprensa da Universidade.

### **ERNEST PISSARD (3.12)**

- BERGMAN. 1906. *Em Viterbo, A Jardinagem em Portugal: apontamentos para a sua história, I série*. Coimbra: Imprensa da Universidade.
- CHARTERS, Michael L. 2019. «A Dictionary of Botanical and Biographical Etymology». California Plant Names: Latin and Greek Meanings and Derivations. 2019. [consultado em 29/10/2020, disponível em <http://www.calflora.net/botanicalnames/pagePI-PY.html>].
- CUNFF, Françoise Le. 2000. «Parques e Jardins de Lisboa, 1764-1932. Do Passeio Público ao Parque Eduardo VII. Volume I». Dissertação de Mestrado em História da Arte Contemporânea, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
- PISSARD, Sébastien. 2012. «La Pissarderie: Le mystère du Prunier de Pissard». 2012. [consultado em 30/10/2020, disponível em <http://la-pissarderie.blogspot.com/2012/03/le-mystere-du-prunier-de-pissard.html?m=1>].
- VITERBO, Sousa. 1906. *A Jardinagem em Portugal: apontamentos para a sua história, I série*. Coimbra: Imprensa da Universidade.

### **HENRI CAYEUX (3.13)**

- ALBUQUERQUE, Miguel. 2006. «Belle Portugaise - Roseira Híbrido de Gigantea». *Madeira Rose Garden* (blog). 2006. [consultado em 25/09/2020, disponível em <http://madeirarosegarden.blogspot.com/2011/05/belle-portugaise-roseira-hibrido-de.html>].
- «Hybridizer Cayeux Henri». 2020. The American Iris Society - Iris Encyclopedia. 2020. [consultado em 25/09/2020, disponível em <https://wiki.irises.org/Main/Bio/HybridizerCayeuxHenri>].
- «Le Potager du Roi - Ecole Nationale Supérieure de Paysage». 2019. 2019. [consultado em 26/09/2020, disponível em [http://www.potager-du-roi.fr/site/ecole\\_fr/potager\\_du\\_roi.htm](http://www.potager-du-roi.fr/site/ecole_fr/potager_du_roi.htm)].
- LEGUILLON, Christian. 2011. «Le Havre - Rue Henri Cayeux». Groupement Généalogique du Havre et de Seine-Maritime. 2011. [consultado em 26/09/2020, disponível em <https://gghsm.forumpro.fr/t11099-le-havre-rue-henri-cayeux>].

- LEVAIN, Albéric. 2017. «Henri Cayeux, figure méconnue de l'horticulture au service des jardins du Havre de l'avant-guerre». Em Intitut Européen des Jardins & Paysages. [consultado em 25/09/2020, disponível em <http://europeangardens.eu/en/events/event/henri-cayeux-a-lesser-known-horticultural-figure-who-served-the-pre-war-gardens-of-le-havre-by-alberic-levain-chateau-de-benouville/>].
- SEQUEIRA, G. de Matos. 1909. «A Velha Lisboa (Memórias de um bairro), capítulo XVII». *O Occidente: Revista Ilustrada de Portugal e do Estrangeiro*, 1909, 32º Anno, XXXII Volume, nº 1103, de 20 de Agosto de 1909 edição.
- TAIT, Alfred Welby. 1907. «The King of wild Roses». *The Garden*, 1907. [consultado em 26/09/2020, disponível em <https://www.biodiversitylibrary.org/item/82716#page/110/mode/1up>].
- TAVARES, C. N. 1967. *Jardim Botânico da Faculdade de Ciências de Lisboa. Guia*. Porto: Imprensa Portuguesa.
- VITERBO, Sousa. 1906. *A Jardinagem em Portugal: apontamentos para a sua historia, I série*. Coimbra: Imprensa da Universidade.

### **HENRI NAVEL (3.14)**

- «Jardim Botânico Tropical». 2015. Museu Nacional de História Natural e da Ciência. 2015. [consultado em 30/10/2020, disponível em <https://museus.ulisboa.pt/pt-pt/jardim-botanico-tropical>].
- MARQUES, Ricardo. 2014. *1914, Portugal no ano da Grande Guerra*. 1a. edição. Alfragide: Oficina do Livro.
- MOREMBERT, Tribut. 1965. «M. Henri Navel (1878-1963)». *Mémoires de l'Académie nationale de Metz*, 1965. [consultado em 10/09/2020, disponível em <http://documents.irevues.inist.fr/handle/2042/34102>].
- NAVEL, Henri C. 1921. *Les Principaux Ennemis du Cacaoyer aux Iles de San-Thomé et de Principe*. Paris: Émile Larose, Libraire-Éditeur.
- TAVARES, C. N. 1967. *Jardim Botânico da Faculdade de Ciências de Lisboa. Guia*. Porto: Imprensa Portuguesa.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS . GERAL

- AA.VV. 2014. «Edmund Goeze, o jardineiro que semeou o mundo no Jardim». Em *As árvores do Jardim contam histórias sem fim*. Coimbra: Jardim Botânico da Universidade de Coimbra e Diário de Coimbra. [consultado em 14/05/2020, disponível em [https://www.uc.pt/jardimbotanico/ficheiros/artigo\\_37\\_compete](https://www.uc.pt/jardimbotanico/ficheiros/artigo_37_compete)].
- ALBUQUERQUE, Miguel. 2006. «Belle Portugaise - Roseira Híbrido de Gigantea». *Madeira Rose Garden* (blog). 2006. [consultado em 25/09/2020, disponível em <http://madeirarosegarden.blogspot.com/2011/05/belle-portugaise-roseira-hibrido-de.html>].
- ALMAÇA, Carlos. 1989. «Documentos do Arquivo Histórico do Museu Bocage relativos à Exploração Histórico-Natural Angolana do Dr. Frederico Welwitsch (agosto de 1853 - Dezembro de 1860)». *Arquivos do Museu Bocage*, 3 de março de 1989.
- ALMEIDA, Maria Antónia Pires de. 2011. «A epidemia de cólera de 1853-1856 na imprensa portuguesa». *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, outubro/dezembro de 2011.
- AMARAL, Manuel. 2012. «D. Pedro de Noronha, 3.º marquês de Angeja, Dicionário Histórico, Volume I, pags. 542-543». Portugal Dicionário Histórico. 2012. [consultado em 22/09/2020, disponível em <http://www.arqnet.pt/dicionario/angeja3m.html>].
- ANTUNES, Ana Catarina. 2019. «A influência alemã na génese da Arquitetura Paisagista em Portugal». Tese para obtenção do grau de doutor em Arquitetura Paisagista e Ecologia Urbana, Porto: Faculdade de Ciências da Universidade do Porto.
- ARAÚJO, Ilídio Alves de. 1962. *Arte Paisagista e Arte dos Jardins em Portugal*. Lisboa: Ministério das Obras Públicas, Direcção Geral dos Serviços de Urbanização, Centro de Estudos de Urbanismo.
- Archivo Pittoresco: semanário ilustrado*. 1858. «Passeio da Estrela», outubro de 1858.
- AREZ, Ana. 2004. «O Palácio e a Quinta do Monteiro-Mor no Paço do Lumiar». Em III Congresso Internacional da Associação Portuguesa de Historiadores de Arte. Porto: Universidade do Porto.
- ASSUNÇÃO, Paulo. 2016. «O “Terramoto” na Educação provocado pelo Marquês de Pombal». *Revista de Estudos de Cultura*, janeiro de 2016.
- AZAMBUJA, Sónia Talhé. 2001. «Real Quinta das Necessidades: um fio condutor na arte dos jardins em Portugal». Em *Necessidades - Jardins e Cerca*. Lisboa: Jardim Botânico da Ajuda e Livros Horizonte, Lda.
- BARBOSA, I. de Vilhena. 1863. «Fragmentos de um roteiro de Lisboa (inedito), Arrabaldes de Lisboa, Quinta das Laranjeiras». *Archivo Pittoresco: semanário ilustrado*, 1863, Tomo VI, nº 11 edição.
- BASTOS, Sousa. 1994. *Dicionário do Teatro Português*. Coimbra: Minerva.
- BERGMAN. 1906. *Em Viterbo, A Jardinagem em Portugal: apontamentos para a sua historia, I série*. Coimbra: Imprensa da Universidade.
- BRAGA, Pedro. 1995. «Mobiliário Urbano de Lisboa 1838-1938». Dissertação de Mestrado em História da Arte Contemporânea, Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
- BRIGOLA, João Carlos. 2008. «Domenico Agostino Vandelli - um naturalista italiano a serviço de Portugal e do Brasil». Em *O gabinete de curiosidades de Domenico Vandelli*. Rio de Janeiro, Brazil: Dantes.

- BURNAY, Maria João Botelho Moniz, e Ana Mafalda de Castro PORTUGAL. 2010. «A Família Real na Ajuda no Século XIX e o Gosto pela Natureza - 1ª parte». *Palácio Nacional da Ajuda – Artigos em Linha*, n. nº 3 (Dezembro de).
- CABRAL, João Paulo. 2007. «A fundação da Botânica moderna em Portugal - Júlio Henriques, A. X. Pereira Coutinho e Gonçalo Sampaio». *Memórias da Sociedade Broteriana - Departamento de Botânica da Universidade de Coimbra*, 2007.
- . 2010. «Gonçalo Sampaio e a História da Botânica». *Memórias da Sociedade Broteriana - Departamento de Botânica da Universidade de Coimbra*, 2010.
- . 2018. *A história natural de Portugal em Domingos Vandelli*. Lisboa: Edições Colibri.
- CAMPOS, Nelson. 2013. «Das potencialidades arqueológicas da bacia do Curoca/Deserto do Namibe para um estudo diacrónico desde a pré-história africana ao período colonial - algumas notas». *Africana Studia - edição do Centro de Estudos Africanos da Universidade do Porto*, n. nº 20: 31–53.
- CARAPINHA, Aurora. 1995. «Da Essência do Jardim Português». Tese para obtenção do grau de doutor no ramo de Artes e Técnicas da Paisagem, Especialidade de Arquitectura Paisagista e Arte dos Jardins, Évora: Universidade de Évora.
- . 2006. *O jardim: Fundação Calouste Gulbenkian*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Serviços Centrais.
- . 2009. «Uma Breve Perspectiva Histórica». Em *Guia dos Parques, Jardins e Geomonumentos de Lisboa*, 10–15. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.
- CARITA, Helder. 1990. *Tratado da grandeza dos jardins em Portugal, ou da originalidade e desaires desta arte*. Portugal: Círculo de Leitores.
- CARREIRAS, João Albuquerque. 2001. «A evolução das Necessidades: do barroco ao paisagismo». Em *Necessidades - Jardins e Cerca*. Lisboa: Jardim Botânico da Ajuda e Livros Horizonte, Lda.
- . 2015. «Jardins do Liberalismo - Portugal e Brasil». Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Arquitectura Paisagista, Lisboa: Instituto Superior de Agronomia - Universidade de Lisboa.
- CARVALHO, Rómulo de. 1987. *A História Natural em Portugal no Século XVIII*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa Ministério da Educação.
- «Casa Palmela - Arquivo Nacional da Torre do Tombo». 2014. 2014. <https://digitalq.arquivos.pt/details?id=4161662>.
- CASTEL-BRANCO, Cristina. 1999. «O lugar da Ajuda». Em *Jardim Botânico da Ajuda*, 15–54. Lisboa: Associação dos Amigos do Jardim Botânico da Ajuda e Livros Horizonte.
- . 2001. «D. Fernando II, o rei-paisagista». Em *Necessidades - Jardins e Cerca*, 67–95. Lisboa: Jardim Botânico da Ajuda e Livros Horizonte, Lda.
- . 2002. *Jardins com História. Poesia Atrás de Muros*. Lisboa: Edições INAPA.
- . 2007. *Félix de Avelar Brotero Uma História Natural*. Lisboa: Livros Horizonte.
- . 2014a. *Jardins de Portugal*. Lisboa: CTT Correios de Portugal.
- . 2014b. *Parque Monteiro-Mor - Inventário da região da Lisboa*. Institut Européen des Jardins & Paysages: Pôle du document numérique, MRSH, Université de Caen Normandie. [consultado em 28/09/2020, disponível em [https://pdnprod.unicaen.fr/ptiejp//ead.html?id=PTIEJP\\_Lisboa](https://pdnprod.unicaen.fr/ptiejp//ead.html?id=PTIEJP_Lisboa)].

- CASTEL-BRANCO, Cristina, Ana Luísa SOARES, e Teresa CHAMBEL. 1999. «O aparecimento do Jardim: Domingos Vandelli». Em *Jardim Botânico da Ajuda*, 55–90. Lisboa: Associação dos Amigos do Jardim Botânico da Ajuda e Livros Horizonte.
- CASTILHO, Antonio Feliciano de. 1841. «O Rei-Artista». *Revista Universal Lisbonense*, 11 de Novembro de 1841, Tomo I, nº 7 edição.
- . 1844. «Conversão». *Revista Universal Lisbonense*, 1844, Tomo III edição.
- CASTILHO, Júlio de. 1937. «Terrível desbaste no arvoredo antigo (Passeio Público). Opiniões dos técnicos». *Lisboa Antiga - bairros orientais*, 2ª edição, 1937.
- CASTRO, Fernanda de. 1959. «Jardins de Lisboa». Em *Lisboa e os seus encantos*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.
- CHARTERS, Michael L. 2019. «A Dictionary of Botanical and Biographical Etymology». California Plant Names: Latin and Greek Meanings and Derivations. 2019. [consultado em 29/10/2020, disponível em <http://www.calflora.net/botanicalnames/pagePI-PY.html>].
- CHAVES, José Jouberto (ed.). 1928. «Quinta das Laranjeiras». *Ilustração portuguesa*, 1928.
- COELHO, Alexandra Lucas. 2016. «Fantasmas portugueses, 1881-2016». *O Público*, 22 maio 2016.
- COELHO, Alexandra Prado. 2010. «O nosso Natal é como o dos príncipes do século XIX». *O Público*, 22 dezembro 2010.
- CORDEIRO, Ricardo. 2017. «The Palmela Park - One private Park in the “Portuguese Riviera”, Cascais, 1850-1910». Em *La città, il viaggio, il turismo: Percezione, produzione e trasformazione*, 1893–98. Nápoles: CIRICE.
- CUNFF, Françoise Le. 2000. «Parques e Jardins de Lisboa, 1764-1932. Do Passeio Público ao Parque Eduardo VII. Volume I». Dissertação de Mestrado em História da Arte Contemporânea, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
- DAVEAU, Suzanne. 1981. «A expedição científica à Serra da Estrela, organizada pela Sociedade de Geografia de Lisboa em agosto de 1881». *Finisterra*, XVI, 32, 1981.
- Diário Ilustrado*. 1873. «Patriarchal Queimada (Lisboa)», 29 julho 1873.
- DOLEZAL, Helmut. 1974. *Friedrich Welwitsch, vida e obra*. Traduzido por A. W. Exell e E. J. Mendes. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar.
- FARO, Joaquim de C. A. Melo e. 1872. «Revista sobre a Jardinagem». *Jornal de Horticultura Prática*, 1872, III edição.
- FERNANDES, José Manuel. 1991. *A Arquitectura - Sínteses da Cultura Portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- FIGUEIRÔA, Sílvia F. de M., Clárete Paranhos da SILVA, e Ermelinda Moutinho PATACA. 2004. «Aspectos mineralógicos das “Viagens Filosóficas” pelo território brasileiro na transição do século XVIII para o século XIX». *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, 2004.
- FIRMINO, Ana, e Elisabeth Évora NUNES. 2016. «Suzanne Daveau». *Faces de Eva. Estudos sobre a Mulher*. nº 35, 2016.
- FLAHAULT, Ch. 1930. «Jules Daveau». Em *Bulletin de la Société Botanique de France*. [consultado em 07/10/2020, disponível em <https://doi.org/10.1080/00378941.1930.10833705>].
- FONSECA, Helder Adegar, e Jaime REIS. 1987. «José Maria Eugénio de Almeida, um capitalista da Regeneração». *Análise Social* XXIII (99): 865–904.

- FORTES, Mário, Teresa MARQUES, e Rita BASTO. 2015. «Palácio do Monteiro-Mor, edifícios anexos, jardins, parque e terrenos anexos». Direção-Geral do Património Cultural. 2015. [consultado em 28/09/2020, disponível em <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/en/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/74720>].
- FRANÇA, José Augusto. 1977. *A reconstrução de Lisboa e a arquitectura pombalina*. Biblioteca Breve - série artes visuais. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa Ministério da Educação.
- . 1993. *O Romantismo em Portugal – Estudo de factos socioculturais*. 2ª. Lisboa: Livros Horizonte.
- . 2001. *Monte Olivete, minha aldeia*. Lisboa: Livros Horizonte.
- . 2005. *Urbanismo e Arquitectura*. 5ª. Cidade de Lisboa. Lisboa: Livros Horizonte.
- FRANCO, Matilde Sousa. 2017. «Elsden: revela-se Notável Arquitecto Inglês que veio ajudar à Reedificação de Lisboa». Em *Testemunhas do Caos - As Faces do Terramoto de 1755*. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa.
- GARCIA, João Carlos. 1997. «Suzanne Daveau, vida e obra geográfica». *Finisterra*, XXII, 67, 1997.
- GOEZE, Edmond. 1867. *A Ilha de S. Miguel e o Jardim Botânico de Coimbra*. Coimbra: Imprensa da Universidade.
- . 1874. «The Royal Gardens at Lisbon». *The Garden*, 1874.
- . 1875. «Jardins Notáveis de Portugal - Lumiar». *Jornal de Horticultura Prática*, 1875.
- GOMES, Joaquim Ferreira. 1990. «A Reforma Universitária de 1911». *Revista de História das Ideias - Universidade de Coimbra*, 1990.
- HENRIQUES, Júlio. 1906. em VITERBO, Sousa *A Jardinagem em Portugal: apontamentos para a sua história, I série*. Coimbra: Imprensa da Universidade.
- «Hybridizer Cayeux Henri». 2020. The American Iris Society - Iris Encyclopedia. 2020. [consultado em 25/09/2020, disponível em <https://wiki.irises.org/Main/Bio/HybridizerCayeuxHenri>].
- «Jardim Botânico Tropical». 2015. Museu Nacional de História Natural e da Ciência. 2015. [consultado em 30/10/2020, disponível em <https://museus.ulisboa.pt/pt-pt/jardim-botanico-tropical>].
- «Le Potager du Roi - Ecole Nationale Supérieure de Paysage». 2019. 2019. [consultado em 26/09/2020, disponível em [http://www.potager-du-roi.fr/site/ecole\\_fr/potager\\_du\\_roi.htm](http://www.potager-du-roi.fr/site/ecole_fr/potager_du_roi.htm)].
- LEGUILLON, Christian. 2011. «Le Havre - Rue Henri Cayeux». Groupement Généalogique du Havre et de Seine-Maritime. 2011. [consultado em 26/09/2020, disponível em <https://gghsm.forumpro.fr/t11099-le-havre-rue-henri-cayeux>].
- LEITÃO, Ruben Andresen. 1974. «D. Pedro V e a Exposição Universal de Paris de 1855». Em *Estética do Romantismo em Portugal*. Lisboa: Centro de Estudos do Século XIX do Grémio Literário.
- LEITE, Ana Cristina Soares Turrion. 1988. «O Jardim em Portugal nos séculos XVII e XVIII – arquitecturas, programas iconográficos. Vol. III». Tese de Mestrado em História de Arte, Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
- LEITE, António Miguel Santos. 2009. «Do Iluminismo Pombalino à afirmação arquitectónica romântica em Portugal». *Artitextos*, 2009.
- LESSA, Elisa. 2014. «O jardim, o coreto e a banda de música: diálogos entre cultura e natureza». *Jardins - Jardineiros - Jardinagem Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Universidade do Minho*, 28–38.
- LEVAÏN, Albéric. 2017. «Henri Cayeux, figure méconnue de l'horticulture au service des jardins du Havre de l'avant-guerre». Em Intitut Européen des Jardins & Paysages. [consultado em 25/09/2020,

- disponível em <http://europeangardens.eu/en/events/event/henri-cayeux-a-lesser-known-horticultural-figure-who-served-the-pre-war-gardens-of-le-havre-by-alberic-levain-chateau-de-benouville/>].
- LIMA, Américo Pires de. 1944. «Brotero e a sua lição». Em *Boletim da Sociedade Broteriana*. Vol. XIX-2ª série.
- . 1948. «Brotero e o Padre Félix da Silva Avellar». Em *Anais da Faculdade de Ciências do Porto*. Extracto do tomo xxxiii. Porto: Imprensa Portuguesa.
- LOPES, Maria Antónia. 2014. «Sociabilidades dinásticas oitocentistas: o rei D. Fernando II (1816-1885) e a sua rede familiar europeia». *Sociabilidades na vida e na morte (séculos XVI-XX)*, CITEM, Braga, 259–80.
- . 2016. *D. Fernando II - um rei avesso à política*. Lisboa: Temas e Debates.
- LOUREIRO, José João. 2019. *Quinta da Torre de Santo António: das origens à actualidade*. Lisboa: Ex-Libris.
- MAGALHÃES, Fátima (coord.). 1998. *Jardins e Miradouros de Lisboa - Roteiro dos principais espaços verdes e miradouros de Lisboa*. Lisboa: Comissão de Coordenação da Região de Lisboa e Vale do Tejo.
- MARQUES, Adílio Jorge, e Carlos A. L. FILGUEIRAS. 2009. «O químico e naturalista luso-brasileiro Alexandre Antonio Vandelli». *Quim. Nova*, 2009.
- MARQUES, Maria da Conceição Oliveira. 1974. «O “Extinto” Passeio Público». Em *Estética do Romantismo em Portugal*. Lisboa: Centro de Estudos do Século XIX do Grémio Literário.
- MARQUES, Ricardo. 2014. *1914, Portugal no ano da Grande Guerra*. 1ª. edição. Alfragide: Oficina do Livro.
- MARQUES, Teresa Dulce Portela. 2009. «Dos jardineiros paisagistas do Porto de Oitocentos ao modernismo na arquitectura paisagista em Portugal». Tese para obtenção do grau de doutor em arquitectura paisagista, Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa - Instituto Superior de Agronomia.
- MATOS, Francisco. 2000. «A Câmara Municipal de Lisboa e a aclamação régia de D. Pedro V: reforma jurídica da indumentária protocolar». Em *Cadernos do Arquivo Municipal*, 58–87. nº 4. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.
- MATTOSO, José. 2002. *História de Portugal*. Vol. IX-O Liberalismo. Rio de Mouro: Lexicultural - Actividades Editoriais Lda. e Autores.
- MECO, Ivo. 2019. *Jardins de Lisboa: histórias de espaços, plantas e pessoas*. Arte Plural Edições.
- MEDINA, João. 1997a. *História de Portugal: dos tempos pré-históricos aos nossos dias*. Vol. VIII-Portugal Liberal. Amadora: Clube Internacional do Livro.
- . 1997b. *História de Portugal: dos tempos pré-históricos aos nossos dias*. Vol. IX-A Monarquia Constitucional. Amadora: Clube Internacional do Livro.
- MENDES. 1973. «A Friedrich Welwitsch». *Garcia de Orta, Sér. Bot., Lisboa*.
- MÓNICA, Maria Filomena. 2007. *D. Pedro V*. Lisboa: Temas e Debates.
- MOREMBERT, Tribut. 1965. «M. Henri Navel (1878-1963)». *Mémoires de l'Académie nationale de Metz*, 1965. [consultado em 10/09/2020, disponível em <http://documents.irevues.inist.fr/handle/2042/34102>].

- MUNTEAL FILHO, Oswaldo. 2006. «Acadêmicos e letrados na crise do Antigo Regime luso-brasileiro – Século XVIII». *Revista Intellectus*, 2006.
- NAVEL, Henri C. 1921. *Les Principaux Ennemis du Cacaoyer aux Iles de San-Thomé et de Principe*. Paris: Émile Larose, Libraire-Éditeur.
- OLIVEIRA, Nuno Gomes. 2015. *A Flore Portugaise e as viagens em Portugal de Hoffmannsegg e Link (1795-1801)*. 1.a edição. Coleção compendium. Lisboa: Chiado Editora.
- «Orto Botanico Università di Padova». 2014. 2014. <https://www.ortobotanicopd.it/en/lorto-botanico-di-padova>.
- PALHINHA, Ruy Telles. 1932. «Jules Daveau». Em *Boletim da Sociedade Broteriana*. Vol. VI (II série). Coimbra: Imprensa da Universidade.
- . 1944a. «Félix de Avelar Brotero - O Mestre». Em *Boletim da Sociedade Broteriana*. Vol. XIX-2ª série.
- . 1944b. «O Sistema Sexual Broteriano». Em *Boletim da Sociedade Broteriana*. Vol. XIX-2ª série.
- . 1945. «Domingos Vandelli». *Revista da Universidade de Coimbra*, 1945.
- . 1949. «Obra e Vida de Felix de Avelar Brotero». Em *Memórias (Classe de Ciências - Tomo V)*. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa.
- . 1955. *As Estufas do Jardim Botânico de Lisboa: Cartas do Dr. Goeze ao Conde de Ficalho, Separata da Revista Brotéria, Série Ciências Naturais*. Vol. XXIV (LI), fascículo I. Lisboa.
- PATAÇA, Ermelinda Moutinho. 2006. «Terra, água e ar nas viagens científicas portuguesas (1755-1808)». Tese apresentada ao Instituto de Geociências como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutora em Geociências, São Paulo: Universidade Estadual de Campinas.
- PEREIRA, Marcio Mota. 2015. «As Luzes se acendem em África: Viagens Filosóficas de um Naturalista Luso-Brasileiro em Angola (1783-1808)». *E-hum Revista Científica das áreas de História, Letras, Educação e Serviço Social do Centro Universitário de Belo Horizonte*, 2015.
- PINTO, Alexandre A. de Sousa. 1963. *Quem foi Brotero*. Porto: Edição Colégio Brotero.
- PISSARD, Sébastien. 2012. «La Pissarderie: Le mystère du Prunier de Pissard». 2012. [consultado em 30/10/2020, disponível em <http://la-pissarderie.blogspot.com/2012/03/le-mystere-du-prunier-de-pissard.html?m=1>].
- PORTOCARRERO, Marta. 2013. «A história de um cedro que o vento levou». *O Público*, 23 de Janeiro de 2013.
- PROENÇA-MAMEDE, Eduardo. 2008. «Domingos Vandelli - uma luz transnatural do iluminismo». Em . Coimbra.
- QUINTAL, Raimundo. 2014. «José do Canto Botanical Garden». 2014. [consultado em 13/05/2020, disponível em <http://www.josedocanto.com/sobre-about/>].
- QUINTAS, Maria Alexandra Salgado Ai. 2001. «Do Passeio Público à Pena, Um Percorso do Jardim Romântico». Dissertação do Mestrado de Reabilitação de Arquitectura e Núcleos Urbanos, Lisboa: Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa.
- RÊGO, Manuela. 1996. *Um passeio à volta do Campo Grande*. Lisboa: Contexto.
- REIS, Fernando. 2003. «Ciência em Portugal - Dalla Bella». Instituto Camões. 2003. [consultado em 21/09/2020, disponível em <http://cvc.instituto-camoes.pt/ciencia/p34.html>].

- RIBEIRO, Luís Paulo Almeida Faria. 1992. «Quintas do Concelho de Lisboa. Inventário, Caracterização e Salvaguarda». Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica, Lisboa: Instituto Superior de Agronomia - Universidade Técnica de Lisboa.
- RODRIGUES, Ana Duarte. 2012. «O que é um Jardineiro? Nomes, Privilégios e Funções de Hortelãos e Jardineiros na Idade Moderna em Portugal». *Tritão - Revista de História, Arte e Património de Sintra*, n. 1.
- RODRIGUES, Eugénia. 2009. «Nomes e serventia - Administração e História Natural em Moçambique em finais de Setecentos (c. 1781-1807)». Em *Andréa Doré e Antonio Cesar de Almeida Santos (org.), Temas setecentistas. Governos e populações no Império Português*, 211–32. Curitiba: UFPR/CSHLA-Fundação Araucária.
- RODRIGUES, José Damião. 2010. «O Atlântico Revolucionário». Em *Centro de História e Além-Mar. Angra do Heroísmo*. [consultado em 22/09/2020, disponível em <https://museu-angra.azores.gov.pt/eventos/2010/09-Coloquio-Atlantico-Revolucionario/programa.pdf>].
- ROMEIRAS, Francisco Malta. 2020. «De Brotero à Brotéria: a história de uma homenagem centenária». *Brotéria 190*, 2020.
- ROMEIRAS, Maria Manuel, Rui FIGUEIRA, João TAVARES, Luís CATARINO, e Maria Cristina DUARTE. 2006. «Colectores Botânicos e Esforço de Colheita - contribuição para o conhecimento da diversidade vegetal em Angola». *Jardim Botânico Tropical - Instituto de Investigação Científica Tropical, Lisboa*, 2006.
- ROSA, Mélanie Elisabeth Ferreira. 2013. «As Árvores Ornamentais Introduzidas nos Jardins de Lisboa: uma perspectiva histórica (séc. XVIII-XIX)». Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Arquitectura Paisagista, Lisboa: Instituto Superior de Agronomia - Universidade Técnica de Lisboa.
- ROSA, Teresa, e Patrícia GOMES. 2014. «Os Estudos Menores e as Reformas Pombalinas». *Interacções*, 2014.
- SANTOS, Mário Beja. 2017. «Aquele Saxe-Coburgo-Gotha a quem chamamos o Rei Artista». *artciencia.com XI* (22–23).
- SARAIVA, José António. 1985. *O Palácio de Belém, com os seus hóspedes os seus segredos e a sua vida quotidiana*. Lisboa: Editorial Inquérito.
- SEQUEIRA, G. de Matos. 1909. «A Velha Lisboa (Memórias de um bairro), capítulo XVII». *O Occidente: Revista Ilustrada de Portugal e do Estrangeiro*, 1909, 32º Anno, XXXII Volume, nº 1103, de 20 de Agosto de 1909 edição.
- SERRÃO, Joaquim Veríssimo. 1986a. *História de Portugal*. Vol. VII-A Instauração do Liberalismo (1807-1832). Lisboa: Editorial Verbo.
- . 1986b. *História de Portugal*. Vol. IX-O Terceiro Liberalismo (1851-1890). Lisboa: Editorial Verbo.
- . 1986c. *História de Portugal*. Vol. X-A Queda da Monarquia (1890-1910). Lisboa: Editorial Verbo.
- SILVA, Vera Maria da. 2015. «Apontamento para um enquadramento histórico e cultural da casa Júlio Castilho». *O Idiário Patrimonial - Instituto Politécnico de Tomar*, 2015.
- SILVESTRE, Susana. 2012. «O Conde do Farrobo: a ação e o mecenato no século XIX». Tese apresentada para obtenção do grau de Doutor em História e Teoria das Ideias, Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa.

- SINNER, Carsten. 2011. «LÍNGUA E TERMINOLOGIA NAS MEMÓRIAS ECONÓMICAS DE DOMINGOS VANDELLI DE 1789». *Estudis Romànics [Institut d'Estudis Catalans]*, 2011.
- SOARES, Ana Luísa, Sónia Talhé AZAMBUJA et al. 2014. «Historic Gardens of Lisbon - A Landscape Heritage Inventory Model». Em SILVA, Isabel Martinho da, MARQUES, Teresa Portela e ANDRADE, Gonçalo (ed.) – *A Place of Cultivation. ECLAS Conference Porto 2014. Book of Proceedings*, 413–16. Porto: School of Sciences, University of Porto.
- SOARES, Ana Luísa e Cristina CASTEL-BRANCO. 2007. «As árvores da cidade de Lisboa». Em *Árvores e Florestas de Portugal – Nº 7. Floresta e Sociedade – Uma História em comum*, 289–334.
- SOARES, Ana Luísa e Dalila ESPÍRITO-SANTO. 2008. «A coleção botânica do Jardim Botânico da Ajuda educação, conservação e recreio». Em *Actas de Horticultura no 52. Innovación y futuro en la jardinería*. Pontevedra.
- SOARES, Pinto. 2018. «Gabinete Histórico e Cultural Pampulha: Relacionamento da Condessa de Edla com a Tapada das Necessidades». *Gabinete Histórico e Cultural Pampulha* (blog). 2018. [consultado em 24/10/2020, disponível em <http://gabinetehistoricoculturalpampulha.blogspot.com/2018/01/relacionameto-da-condessa-de-edla-com.html>].
- STIWELL, Isabel. 2012. *D. Maria II – Tudo por um Reino*. Lisboa: Livros Horizonte.
- . 2019. Documentário D. Maria II, do Brasil para o Trono de Portugal, realização de Dimas Oliveira Junior. [consultado em 26/10/2020, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=6YXJrMmwWk0&feature=youtu.be>].
- TAIT, Alfred Welby. 1907. «The King of wild Roses». *The Garden*, 1907. [consultado em 26/09/2020, disponível em <https://www.biodiversitylibrary.org/item/82716#page/110/mode/1up>].
- TAVARES, C. N. 1959. *Acerca de uma carta inédita do Dr. F. Welwitsch*. Lisboa: Instituto Botânico da Faculdade de Ciências.
- . 1967. *Jardim Botânico da Faculdade de Ciências de Lisboa. Guia*. Porto: Imprensa Portuguesa.
- TRISTÕES, ANA CRISTINA. 1994. «Praça do Príncipe Real». Em *A Sétima Colina: roteiro histórico-artístico*. Lisboa: Sociedade Lisboa 94 e Livros Horizonte.
- VEIGA, Augusto Botelho da Costa. 1944. *Félix de Avelar Brotero*. Coimbra.
- VICENTE, Filipa Lowndes. 2001. «Travelling Objects: The Story of Two Natural History Collections in the Nineteenth Century». Em *Travellers and Exhibitions: Representations, narratives and practices in the nineteenth and twentieth centuries*. Londres: Institute of Romance Studies, University of London.
- VITERBO, Sousa. 1906. *A Jardinagem em Portugal: apontamentos para a sua historia, I série*. Coimbra: Imprensa da Universidade.
- . 1909. *A Jardinagem em Portugal: apontamentos para a sua historia, II série*. Coimbra: Imprensa da Universidade.
- . 1922. *Diccionario Historico e Documental dos Architectos, Engenheiros e Constructores Portuguezes*. Vol. III. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa - Imprensa Nacional.

## ÍNDICE REMISSIVO

### PESSOAS

Albuquerque, Luís de Almeida e. p. 67.  
Alcochete, Conde de. p. 55.  
Almeida, José Maria Eugénio de. pp. 28, 65.  
Alves, Bento António. pp. 55, 59.  
Angeja, 3º Marquês de. pp. 15, 22, 23, 32, 35, 43, 90, 92.  
Araújo, Diogo Ribeiro de. p. 66.  
Aveiras, Conde de. pp. 20, 21.  
Avellar, António Maria de. p. 28.

Banks, Sir Joseph. p. 37.  
Berthault, Louis-Martin. p. 80.  
Bismarck, Otto von. p. 73.  
Boissier, Pierre. p. 76.  
Bonaparte, Napoleão. pp. 23, 36, 37,  
Bonnard, Emilio. p. 55.  
**BONNARD, JEAN-BAPTISTE.** pp. 4, 17, 24, 47, 50, 51, **52-55**, 66, 87, 88, 89, 91, 93.  
Breyner, Luís de Mello. p. 72.  
Brioso, Manuel da Costa. p. 35.  
**BROTERO, FÉLIX.** pp. 4, 17, 35, 36, **38-42**, 76, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93.  
Buffon, conde de. pp. 38, 39.  
Burnay, 1º Conde de (Henrique Burnay). pp. 25, 60, 61, 82.  
Byrne, Gonçalo. p. 60.

Cabral, António Bernardo da Costa. pp. 26, 54.  
Câmara, António Borges da. pp. 69, 70.  
Canto, José do. pp. 69, 70.  
Canto, Ernesto do. p. 70.  
Carrière, Èlie-Abel. p. 77.  
Carruthers, William. p. 71.  
Castilho, António Feliciano de. pp. 45, 47.  
Castro, Machado de. pp. 20, 35.  
Cayeux, Ferdinand. p. 80.  
**CAYEUX, HENRI.** pp. 4, 17, 28, **80-82**, 83, 84, 87, 88, 89, 91, 93.  
Cayeux, Jean. p. 80.  
Cayeux, René. p. 80.  
Cayeux, Richard. p. 80.  
Cayeux, Victor. p. 80.  
Cifka, Wenceslau. p. 49.  
Coelho, Eduardo. p. 75.  
Condolle, Augustin de. p. 38.  
Cook, James. p. 45.  
Corvo, João de Andrade. pp. 28, 71.  
Costa, Vicente José Ferreira Cardoso da. p. 37.  
Coutinho, D. Rodrigo de Sousa. p. 22.

Coutinho, Pereira António Xavier. pp. 83, 85.  
Cuvier, Georges

D. Carlos I, pp. 29, 84.  
D. Estefânia. p. 55.  
**D. FERNANDO II.** pp. 4, 17, 24-27, 43, **46-51**, 52, 53, 87, 88, 89, 90, 91.  
D. João IV. p. 22.  
D. João V. pp. 19-21, 24, 47, 65, 84, 90.  
D. João VI. pp. 22, 23.  
D. José I. pp. 19-21.  
D. Luís I. pp. 27, 51, 55, 59, 65.  
D. Maria I. pp. 21, 22, 39,  
D. Maria II. pp. 23, 24, 27, 43, 47-51, 54, 55, 58, 67.  
D. Maria Leopoldina. p. 50.  
D. Miguel. pp. 23, 50.  
D. Pedro II do Brasil. pp. 23, 37, 48.  
D. Pedro III. pp. 21, 22,  
D. Pedro IV (Pedro I do Brasil). pp. 23, 24, 25, 49, 51.  
D. Pedro V. pp. 27, 50, 51, 53, 55, 67.  
Dalla-Bella, Giovanni Antonio. p. 34.  
**DAVEAU, JULES.** pp. 4, 17, 28, **73-76**, 77, 78, 80, 87, 88, 89, 91, 93.  
Daveau, Suzanne. p. 75.  
Decaisne, Joseph. pp. 69, 70, 74.  
Dreyfus, Auguste. p. 80.  
Duarte, António. p. 42.

Elsden, William. p. 34.  
Eschwege, Wilhelm Ludwig von. p. 48.

Faro, Lapa. p. 59.  
Farrobo, 1º Conde de (Joaquim Pedro Quintela). pp. 25, 28, 55, 60, 61, 84, 93.  
Ferreira, Alexandre Rodrigues. pp. 35, 36, 41.  
Feijó, João da Silva. p. 35.  
Ficalho, Conde de (Francisco Manuel de Mello Breyner). pp. 28, 71, 72, 74.  
Fonte Bela, Barão da. p. 70.  
Fourcroy, Antoine-François. p. 38.  
Foz, 1º Marquês da (Tristão Queirós Correia Castelo Branco). p. 62.  
Francisco, Duque de Saxe-Coburgo Saalfeld. p. 46.  
Frazão, José Rodrigues Carreira. p. 38.

Garcia, Ressano de. pp. 28, 49.  
Goethe, Johann von. p. 46.

**GOEZE, EDMOND.** pp. 4, 17, 28, 43-45, 52, 59, 63, 64, **69-72**, 73, 74, 80, 87, 88, 89, 91, 93.  
Gomes, Barros. p. 76.  
Gomes, Bernardino António. pp. 59, 62.  
Gomes, Manuel de Azevedo. p. 51.  
Gomes, Mário de Azevedo. p. 51.  
Granel, Maurice. p. 76.

Haen, Anton von. p. 31.  
Henriques, Júlio Augusto. p. 75, 76.  
Henry, Marie Cécile. p. 78.  
Hensler, Alice. p. 51.  
Hensler, Elise Friederick (Condessa de Ebla). p. 51.  
Herculano, Alexandre. pp. 23, 47.  
Hoffmannsegg, Johann. p. 36,  
Hooker, Joseph Dalton. pp. 69, 71, 72.

Jesus, Gertrudes. p. 65.  
Jones, Thomas Dillen. p. 27.  
Jordão, Levy Maria. pp. 54, 66.  
Junot, General. pp. 22, 36.  
Jussieu, Antoine de. p. 38.  
Jussieu, Antoine-Laurent de. p. 38.  
Jussieu, Bernard de. pp. 38, 39.

Koháry, Francisco. p. 46.

Lacépède, Bernard-Germain. p. 38.  
Lamarck, *Chevalier* de (Jean-Baptiste Pierre Antoine de Monet). pp. 38, 40, 41.  
Laranjeiras, Barão das. p. 70.  
Larre, Fernando. p. 65.  
Le Nôtre, André. pp. 18, 51.  
Leal, Fernando da Costa. p. 59.  
Leal, Malaquias Ferreira. p. 26  
Lineu, Carl. pp. 31, 32, 33, 40, 42.  
Link, Johann Heinrich Friedrich. pp. 36, 40, 76.  
Lodi, Fortunato. p. 60.  
Loureiro, Marques José. pp. 64, 72.  
Luís XIV de França. pp. 21, 51, 80.  
Lusseau, Henri. pp. 17, 29, 30, 90.

Maia, Jerónimo do Rosário. p. 52.  
Maia, Manuel da. p. 19.  
Mardel, Carlos. p. 19.  
Martins, José Tomás de Sousa. p. 65.  
Massena, Marechal André. pp. 23, 37, 41.  
Mattiazzi, Giulio. pp. 33, 34, 36.  
**MAURIER, PIERRE.** pp. 4, 17, 55, **60-62**, 66, 87, 88, 89, 91.  
Melo, Fontes Pereira de. pp. 26, 27, 28.  
Mendonça, Henrique de. p. 82.

Miller, Philip. p. 67.

Nascimento, Francisco Manuel do (*Filinto Elísio*). p. 38.  
Nasser-al-Din Shah Qajar, Xá da Pérsia. pp. 77, 79, 89.  
**NAVEL, HENRI.** pp. 4, 17, 28, **83-86**, 87, 88, 89, 91, 93.  
Nogueira, Ayres de Sá. pp. 54, 68.  
Noronha, D. Henrique de. p. 43.

Olivais e de Penha Longa, Conde de. p. 79.  
Oliveira, Júlio Máximo d'. p. 29.  
Oliveira Junior, José Duarte de. p. 64,  
Oliveira, Mateus Vicente de. p. 22.

Paiva, Barão de Castelo de. p. 59.  
Palmela, 1º Duque de. pp. 23, 25, 28, 43-46, 57, 63, 65, 66, 90, 92.  
Pellegrini, Domenico. p. 37.  
Pézerat, Pierre-Joseph. pp. 28, 54.  
Pinto, Maria das Dores. p. 65.  
Pissard, Claude-Marin. p. 77.  
**PISSARD, ERNEST.** pp. 4, 17, 68, **77-79**, 87, 88, 89, 91.  
Plehu, Barbara. p. 63.  
Pombal, Marquês de. pp. 19-21, 29, 31, 32, 34-36, 49, 66.  
Pontchartrain, Louis Phélypeaux de. p. 80.  
Possidónio, João Batista. p. 65.  
Pückler-Muskau, Hermann Ludwig Heinrich von. p. 46.

Quintela, 1º Barão de. pp. 25, 60.  
Quintela, 2º Barão de – ver 1º Conde de Farrobo.  
Quintella, padre Bartholomeu. p. 60, 90.

Reis, Soares dos. p. 42.  
Reith, Alexandre. p. 70.  
Ribeiro, Orlando. p. 75.  
Robillon, Jean Baptist. p. 22.  
**ROSENFELDER, JOHN.** pp. 4, 17, 23, **43-45**, 57, 63, 87, 88, 89, 91.

Saint-Hilaire, Geoffroy. pp. 22, 36, 38, 58.  
Saldanha, 1º Duque de. p. 26.  
Salisbury, Richard Anthony. p. 45.  
Sampaio, Gonçalo. p. 59.  
Santos, Eugénio dos. p. 19  
Santos, Reinaldo Manuel dos. pp. 20, 49.  
Saxe-Coburgo Gotha, Alberto. pp. 48, 51.  
Scholtz, João Carlos. p. 70.  
Silva, António Fernando. pp. 68, 79

**SILVA, JOÃO FRANCISCO DA.** pp. 4, 17, 66-68, 79, 87, 88, 89, 91.

Silva, José Bonifácio de Andrade e . p. 37

Silva, Joaquim José da. p. 35, 58

Silva, Manuel Galvão da. p. 35

Sommer, Luís. p. 82.

Soult, Nicolas. p. 22.

Tait, Alfred Welby. pp. 81, 82.

Tavares, Joaquim da Silva. p. 39.

Thouin, André. pp. 39, 41.

Tillières, Claude-Xavier Carvillon des. p. 80.

Vale, Henrique do Couto de Almeida. p. 69.

Vale, José de Sá Ferreira Santos. p. 25.

Van-Deck, Joseph Rollen. p. 35.

Van-der-Laan, Pedro. p. 65.

Vandelli, Alexandre António. p. 37.

**VANDELLI, DOMENICO.** pp. 4, 15, 17, 20-22, 31-37, 39-41, 43, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93.

Vandelli, Girolamo. p. 31.

Vicq d'Azir, Félix. p. 38.

Vitória de Inglaterra. pp. 47, 48, 50.

Waigel, Júlio Leroy. pp. 55, 66.

**WEISS, JACOB.** pp. 4, 17, 23, 45, 55, 63-65, 87, 88, 89, 91, 93.

**WELWITSCH, FRIEDRICH.** pp. 4, 17, 18, 23, 28, 41, 45, 55, 56-59, 63, 71, 72, 76, 87, 88, 89, 91, 92, 93.

## SÍTIOS

Academia de Belas Artes de Lisboa. pp. 25, 50.

Academia Real das Ciências. pp. 21, 25, 27, 37, 40, 50, 59, 90.

Avenida da Liberdade. pp. 29, 30, 49, 65, 90.

Campo Grande. pp. 22, 26, 27, 65, 89, 90.

Campo de Santa Clara. pp. 27, 68, 90.

Campo Santana. pp. 30, 68, 90.

Coimbra (cidade). pp. 21, 23, 27, 32, 34-38, 40-42, 59, 69-71.

Colégio dos Nobres. pp. 15, 21, 25-27, 31, 32, 34.

*École Nationale de Horticulture de Versailles.* pp. 80, 82, 83, 87, 89, 92.

Escola Politécnica de Lisboa. pp. 25, 28, 31, 34, 56, 57, 84

Jardim Botânico da Ajuda. pp. 15, 20-22, 25, 30, 32-36, 40-42, 57, 58, 72, 81, 84, 87-92.

Jardim Botânico da Escola Politécnica de Lisboa. pp. 15, 27, 43, 59, 71-76, 78-87, 89-92.

Jardim Botânico da Universidade de Coimbra. pp. 21, 33-35, 37, 40, 69, 70, 87, 89.

Jardim Colonial. pp. 15, 30, 84, 85, 87, 89-92.

Jardim Constantino. pp. 27, 68, 90.

Jardim do Alto de Santa Catarina. pp. 27, 68, 90.

Jardim da Estrela. pp. 25, 26, 50, 53, 54, 66-68, 78, 79, 81, 87-92.

Jardim da Praça da Alegria. pp. 27, 68, 90.

Jardim da Praça D. Luís I. pp. 27, 68, 90.

Jardim da Praça das Flores. pp. 27, 68, 90.

Jardim do Príncipe Real. pp. 27, 66-68, 87, 89, 90, 91.

Jardim de Santos. pp. 27, 68, 90.

Jardim de São Pedro de Alcântara. pp. 26, 27, 50, 53-55, 67, 87, 89, 90, 91.

Jardim Zoológico e de Aclimação de Lisboa. pp. 29, 60, 61, 65, 90.

*Jardin des Plantes* (Paris). pp. 22, 38-40, 56, 69, 72-74, 77, 78, 80, 87, 89, 92.

*Orto Botanico di Padova.* pp. 33, 34, 87, 89.

Quinta de Belém. pp. 20, 21, 30, 84, 89, 90.

Quinta das Laranjeiras. pp. 28-30, 55, 60-62, 84, 87, 89-91.

Quinta do Lumiar - ver Parque do Monteiro-Mor

Quinta de Queluz. pp. 21-23, 65.

Palácio e Convento de Mafra. pp. 20, 38, 50, 55, 89.

Parque da Liberdade / Parque Eduardo VII. pp. 17, 29, 30, 68, 90.

Parque (quinta) de Santa Gertrudes. pp. 28, 29, 65, 87, 89, 90, 91.

Parque do Monteiro-Mor. pp. 15, 22, 23, 28, 32, 43-45, 57, 63-65, 87-91.

Parque e Palácio da Pena. pp. 25, 47-49, 51, 55, 89.

Passeio da Estrela - ver Jardim da Estrela.

Passeio Público. pp. 15, 19, 20, 24, 26, 29, 49, 50, 53, 54, 65-68, 87-91.

Pelouro dos Passeios e Arvoredos da CML. pp. 26, 30, 92.

Porto (cidade). pp. 23, 25-27, 29, 51, 59, 81.

Rio de Janeiro. pp. 22, 48, 60.

Real Associação Central de Agricultura Portuguesa. p. 50.

*Royal Botanic Gardens, Kew.* pp. 28, 37, 59, 64, 69, 71, 72, 80, 81, 83, 87, 89, 92.

São Miguel, Ilha de. pp. 69, 70.

Serra da Estrela. pp. 37, 75.

Tapada das Necessidades. pp. 24, 47-49, 51-55, 72, 79, 87, 89-91.

Tapada de Maфра. pp. 47, 49, 51, 89.

Universidade de Coimbra. pp. 21, 23, 31, 34, 35, 38, 40, 69, 75.

Universidade de Pádua. pp. 31, 92.

Universidade de Viena. pp. 31, 56, 87, 92.

## VEGETAÇÃO

*Abies* sp. (abetos). p. 64.

*Abies pinsapo*. p. 64.

*Acacia* sp. pp. 64, 65.

*Acacia heterophylla*. p. 64.

*Acer palmatum* (ácer-do-Japão). p. 65.

*Adhatoda vasica*. p. 52.

*Aesculus hippocastanum* (castanheiro-da-índia). pp. 64, 65.

*Alvesia* sp. pp. 55, 59.

*Aralias* sp. p. 52.

*Araucaria bidwillii*. p. 45.

*Araucaria brasiliensis*. pp. 45, 52.

*Araucaria columnaris*. p. 52.

*Araucaria cookii*. p. 45.

*Araucaria cunninghamii*. pp. 45, 52.

*Araucaria excelsa*. pp. 44, 52.

*Araucaria imbricata*. p. 45.

*Araucaria rulei*. p. 45.

*Arbutus unedo* (medronheiro). p. 65.

*Armeria daveaui*. p. 76.

*Aucuba japonica*. p. 53.

*Bambus nigra*. p. 52.

*Begonia* sp. pp. 64, 81.

*Berberis* sp. p. 65.

*Bonapartea glauca*. p. 64.

*Bonapartea gracilis*. p. 64.

*Bonaparteas juncea*. p. 64.

*Bonapartea longifolia*. p. 64.

*Bougainvillea* sp. pp. 53, 64.

*Bougainvillea brasiliensis*. p. 64.

*Bougainvillea palmella*. p. 64.

*Brachychiton* sp. p. 41.

*Buxus sempervirens*. pp. 44, 52, 61.

*Caladium* sp. p. 64.

*Camellia* sp. pp. 49, 64.

*Cannoefolia fragans*. p. 64.

*Cannoefolia brasiliensis*. p. 64.

*Carduus lusitanicus* subsp. *broteroi*. p. 42.

*Casuaria* sp. p. 64.

*Cedrus atlantica* (cedro-do-atlas). p. 65.

*Cedrus deodara* (cedro-do-himalaia). p. 65.

*Cedrus libani* (cedro-do-líbano). p. 65.

*Ceiba* sp. p. 41.

*Cercis siliquastrum* (olaia). p. 65.

*Chamaerops excelsa*. pp. 52, 63.

*Chamaerops fortunei*. pp. 52, 63.

*Chamaerops ghiesbreghtii*. p. 63.

*Chamaerops humilis*. pp. 52, 63.

*Chamaerops palmetto*. p. 52.

*Chamaerops tomentosa*. p. 63.

*Chorizia especiosa*. p. 53.

*Chrysanthemum* sp. (crisântemos). pp. 80, 81.

*Cistus x daveauanus*. p. 76.

*Citrus* sp. p. 69.

*Clivia minata*. p. 53.

*Cocos* sp. pp. 52, 53.

*Coffea* sp. (cafeeiro). p. 85.

*Copernicia* sp. p. 63.

*Cordyline australis*. p. 52.

*Cordyline cannoefolia*. p. 64.

*Coronilla glauca* (pascoinha). p. 65.

*Corylus avellana* (aveleira). p. 65.

*Cotoneaster* sp. p. 65.

*Cupressus lusitanica*. p. 67.

*Cycas circinalis*. p. 52.

*Cycas revoluta*. p. 52.

*Dahlia* sp. (dálías). pp. 80, 81.

*Dammara robusta*. p. 64.

*Daveaua* sp. p. 76

*Deutzia* sp. p. 65.

*Dianthus broteri*. p. 42.

*Dioon edule*. p. 52.

*Dombeya x cayeuxii*. pp. 80, 81.

*Dracaena australis*. p. 64.

*Dracaena draco*. pp. 33, 36, 52, 53, 54, 64.

*Dracaena indivisa*. p. 64.

*Dracaena heliconiaefolia*. p. 52.

*Encephalartos horridus*. p. 52.

*Erigeron daveauanus*. p. 76.

*Erythrina* sp. p. 41.

*Faroa* sp. p. 59.

*Ficus* sp. pp. 41, 42, 52, 53, 54.

*Ficus benjamina*. p. 42.

*Ficus macrophylla*. p. 42.

*Fagus* sp. (faia). pp. 64, 65.

*Fagus asplenifolia*. p. 64.

*Fagus purpurea*. p. 64.

*Fagus sylvatica*. p. 64.

- Franciscea latifolia*. p. 64.  
*Fraxinus* sp. (freixo). pp. 20, 61, 65.
- Galium broterianum*. p. 42.  
*Gardenia* sp. p. 64.  
*Ginkgo biloba*. pp. 53, 66.  
*Grevilia robusta*. p. 64.
- Hydrangea macrophylla* (hortênsia). p. 80.
- Ilex aquifolium* (azevinho). p. 65.  
*Iris* sp. p. 80.
- Jacaranda mimosifolia*. pp. 40, 41, 54, 64.  
*Jasminum* sp. (jasmim). p. 65.  
*Jubaea spectabilis*. p. 52.  
*Juniperus virginiana* (cedro-da-virgínia). p. 65.
- Lagestroemia* sp. p. 41.  
*Lantana* sp. p. 52.  
*Livistona australis*. pp. 52, 63  
*Livistona sinensis*. pp. 52, 63  
*Lonicera japonica* (madressilva). p. 65.
- Machadoa* sp. p. 59.  
*Mangifer indica*. p. 52.  
*Martyrio* sp. p. 53.  
*Musa* sp. (bananeira). pp. 53, 85.  
*Musa ensete*. p. 53.  
*Myoporum* sp. p. 52.
- Ocotea foetens* (til). p. 33.  
*Ononis broteriana*. p. 42.  
*Ophiopogon*. p. 53.  
*Ornithogalum broteroi*. p. 42.
- Paeonia brother*. p. 42.  
*Paivaense* sp. p. 59.  
*Pachypodium lealii*. p. 59.  
*Phoenix dactylifera*. pp. 42, 52, 63.  
*Phoenix leonensis*. p. 63.  
*Phoenix reclinata*. p. 52.  
*Phytolacca dioica*. p. 42.  
*Pincenectitia tuberculata*. p. 64.  
*Pittosporum* sp. p. 53  
*Platanus* sp. pp. 45, 53, 54  
*Platanus hybrida*. p. 45.  
*Plumbago capensis*. p. 52.  
*Podocarpus* sp. pp. 41, 52, 64.  
*Podocarpus elongatus*. p. 64.  
*Polygonum aviculare* (sempre-noiva). p. 65.  
*Polygala gomesiana*. p. 59.  
*Prunus cerasifera* var. *pissardii*. pp. 77, 78, 79.
- Quercus faginea* subsp. *Broteroi*. p. 42.  
*Quercus insignis*. p. 64.
- Rhapis aspera*. p. 63.  
*Rhapis flabelliformis*. p. 52.  
*Rhododendron* sp. (azáleas, rododendros). pp. 49, 53, 64  
*Romulea daveauana*. p. 76.  
*Rosa* sp. pp. 53, 80, 81.  
*Rosa banksiae*. p. 53.  
*Rosa belle portugaise* (híbrido de *Rosa gigantea*). p. 81.
- Sabal adansonii*. p. 52.  
*Sabal umbraculifera*. pp. 53, 63.  
*Saccharum* sp. (cana-de-açúcar). p. 85.  
*Salvia involucrata*. p. 52.  
*Seaforthia elegans*. pp. 52, 63.  
*Sequoiadendron gigantea* (sequóia-gigante). p. 65.  
*Selinum broteri*. p. 42.  
*Silphium* sp. p. 73.  
*Sclerostylis* sp. p. 52.  
*Solandra* sp. p. 53.  
*Sophora japonica* (sófora-do-japão). p. 65.  
*Sparmannia africana*. p. 53.  
*Sterculia planifloia*. p. 64.  
*Strelitzia augusta*. pp. 52, 64.  
*Strelitzia reginae*. pp. 52, 64.  
*Syringa vulgaris* (lilaseiro). p. 65.
- Tacsonia* sp. p. 53.  
*Taxodium sempervirens*. p. 64.  
*Testudinaria elephantipes*. p. 52.  
*Theobroma cacao* (cacaueiro). p. 85.  
*Thuja* sp.(tuias). pp. 52, 65.  
*Thuja pendula*. p. 52.  
*Thymelaea broteriana*. p. 42.  
*Tipuana tipu*. p. 41.  
*Trifolium daveauanum*. p. 76.
- Ulmus* sp. (ulmeiro). pp. 61, 64, 65.  
*Ulmus latifolia*. p. 64.
- Viburnum tinus* (folhado). p. 65.
- Washingtonia* sp. p. 84.  
*Wellingtonia gigantea*. p. 64.  
*Welwitschia mirabilis*. p. 58.
- Yucca* sp. p. 52.
- Zamia* sp. p. 52.